

Christopher Farnsworth

JURAMENTO DE SANGUE

O VAMPIRO DO PRESIDENTE



APENAS UM HOMEM PODE SALVAR O MUNDO.
E ELE JÁ ESTÁ MORTO.



Agradecimentos

As pessoas a seguir deram seu tempo e esforço para fazer este livro melhor do que eu poderia tê-lo feito sozinho. Muitos agradecimentos são devidos a:

Alexandra Machinist, minha inigualável agente, que também tem o nome mais legal do mundo literário; Rachel Kahan, tanto por suas edições precisas como pela exorbitante quantidade de fé que depositou no manuscrito; Lauren Kaplan, Ivan Held e a todo o pessoal da Putnam; Kris Engskov, ex-assistente pessoal de Bill Clinton, por sua ajuda com o interior da Casa Branca e seus procedimentos de segurança (tomei liberdades com a disposição real e, claro, o Sr. Engskov não me revelou a existência de um vampiro presidencial. Presumo que isso seja confidencial); Claire Dippel (sem relação com Konrad, até onde sei); Elizabeth Pontefract, Bryon Farnsworth, Amanda Rocque, Britt McCombs, John Rember, Ahren Heidt, Randal Eymann, William Heisel, todo o pessoal maluco da Big Action! E, lógico, minha primeira leitora e único amor verdadeiro, Jean Roosevelt Farnsworth. Deveria também agradecer a minha filha, Caroline, que tolerou seu pai digitando enquanto ela esperava com as fraldas molhadas.

A verdadeira história do perdão de Andrew Johnson a um vampiro pode ser encontrada em *The President's Vampire*, de Robert Schneck, que investiga os fatos que apareceram pela primeira vez através de Charles Hoy Fort em *Wild Talents*. A Profecia de Washington é baseada em uma história de *Oval Office Occult: True Stories of White House Weirdness*, de Brian M. Thomsen.

República do Kosovo

Após duas extensas passagens pelo Iraque, o especialista militar Wayne Denton pensou que jamais sentiria frio novamente.

Isso foi antes de ser enviado ao Kosovo. Ele pisou fora do avião e percebeu que era, de fato, possível o inferno congelar. A guerra no Kosovo, supostamente terminada há dez anos, parecia ter sido preservada debaixo de uma grossa camada de gelo.

Havia ainda crateras de bombas e escombros nas ruas onde os pacificadores da ONU patrulhavam. Bandidos armados ainda assaltavam carros à noite. A *Mafiya*¹ russa contrabandeava armas e drogas. Todo esse tempo, o exército sérvio aguardava na fronteira, andando de um lado para outro como um cão bravo atrás da cerca.

Wayne estava na janela de um prédio abandonado atrás de seu rifle de precisão M24 fazia seis horas. Ele conseguia lidar com o tédio – mas o frio estava acabando com ele. E não tinha nem permissão para usar aquecedores manuais químicos; seu sargento disse que os caras malvados tinham a capacidade de captar imagens térmicas.

Eles não parecem tão espertos, Wayne pensou. Examinou-os novamente através de sua mira telescópica, tendo o cuidado de não encostar a pele no metal gelado.

Eles aguardavam no pátio dos apartamentos bombardeados, dezesseis andares abaixo de sua posição. Um bando de grandes FDPs Cro-Magnon de sobrelhas unidas, com a linha dos cabelos quase encontrando as barbas. Todos vestiam casacos de trincheira. O frio não parecia perturbá-los de jeito nenhum.

Eram chamados de Vukodlak, o que supostamente seria uma palavra sérvia para Matilha de Lobos, ou algo assim. Ele não estava prestando atenção naquela parte da instrução.

Pareciam tão entediados quanto Wayne. Ele se perguntou, não pela primeira vez, por que sua unidade Ranger estava sendo babá de um bando de ex-assassinos de esquadrão da morte. Com certeza, o pessoal local poderia lidar com isso.

Que diabos! Wayne podia acabar com isso naquele instante, sozinho. A Matilha de Lobos estava a pouco mais de 90 metros de distância – tiro à queima-roupa para qualquer atirador de elite. Ele mataria cada um dos homens antes que eles soubessem o que estava acontecendo. Já havia feito isso antes.

Lá onde nascera, em Casper, Wyoming, Wayne fora uma criança quieta no fundo da sala de aula. Não era impopular, apenas estava ali, basicamente ocupando espaço, sendo levado pela vida.

Então o 11 de Setembro veio, e todos em sua família assumiram que ele adiaría a faculdade e se alistaria, porque estavam em guerra agora, e é isso o que os rapazes fazem na guerra, certo? Eles entram para o exército. Ele guardou seu requerimento para a faculdade técnica, inacabado, e alistou-se em um posto de recrutamento em um pequeno conjunto de lojas.

Ele se surpreendeu ao descobrir que seu talento para tornar-se invisível seria útil pela primeira vez. Foi selecionado para a Escola de Atiradores de Elite, depois se uniu aos Rangers.

Nunca pensou que se acostumaria a sangue e morte – muito menos a provocá-los. Descobriu que poderia simplesmente focar-se em um lugar tranquilo dentro de si mesmo. Ali era onde ele puxava o gatilho e empilhava os corpos. Às vezes, preocupava-se com o que iria acontecer quando chegasse em casa – se os corpos transbordariam para o resto dele ou se o lugar tranquilo apenas ficaria ali, intocado, e ele prosseguiria tão normal como sempre pelo resto de sua vida.

Não tinha certeza do que era pior, na verdade. Tentava não pensar muito sobre isso, procurava manter-se inteiro. Sobrevivia. Ao final de sua primeira incursão, os outros caras de sua unidade já o viam como um veterano. Dependiam dele.

Não era mais somente um ocupador de espaço. Na realidade, já era um sujeito um tanto durão. Após três anos, pensou ter visto de tudo.

Motivo pelo qual ficou irritado, mas não surpreso, quando sua unidade foi afastada da caçada ativa por uma célula da al-Qaeda e enviada para este gelado país das maravilhas. O exército tinha seu próprio jeito de fazer as coisas. Ordens eram ordens.

O Oficial em Comando (OC) de Wayne estivera com os lábios mais fechados do que o usual, mas os rumores chegaram até os subalternos, mesmo assim.

Quando o Kosovo declarou-se independente, isso não foi muito bem recebido pelos vizinhos sérvios. Um punhado de nacionalistas sérvios passou pelo barraco que servia de posto de fronteira e imediatamente começaram a tumultuar diante da embaixada dos EUA. Algumas construções viraram tochas e, na confusão, alguém perdeu algo importante. Algo grande. Esse algo apareceu com a Matilha de Lobos, que o ofereceu a quem pagasse mais. Os EUA o queriam de volta.

Acima de tudo, a coisa toda tinha que ser mantida em silêncio. Os Rangers eram bons em manter silêncio.

Após terem chegado ao Kosovo, gastaram um dia e meio rastreando os sérvios. Mas, quando encontraram a Matilha de Lobos, ordenaram a eles para ficarem quietos e esperar.

Tudo o que o sargento disse foi “entrem, estabeleçam um círculo e certifiquem-se de que nenhum sérvio saia dele”. Perguntas foram recebidas com o tipo de silêncio que sugeria uma corte marcial em um futuro próximo.

O OC recebeu uma mensagem vinda mais de cima da cadeia de comando. Um voo veio de Ansbach, Alemanha, e alguns Rangers foram enviados ao campo de pouso. Retornaram com um saco de campanha cheio de dinheiro.

Wayne entendeu então. Os EUA poderiam não negociar com terroristas, mas, com certeza, iriam suborná-los. Ele tinha visto muito disso em primeira mão no Iraque, com espiões da CIA liberando pilhas de notas de cem dólares que estufavam as adequadamente chamadas pastas Halliburton². Apenas uma dessas pilhas compraria uma casa nova a seus pais. Mas os recursos estavam reservados às pessoas empenhadas em atirar em seu filho.

A única outra coisa que eles trouxeram do avião foi o que o exército chamava de “caixa de transferência”. Mas todos sabiam o que era: um caixão, usado para levar os corpos dos soldados mortos para casa.

Isso arrepiou Wayne. Ele ficou feliz de assumir sua posição como atirador de elite e afastar-se disso.

Wayne decidiu que odiava essa porcaria tipo James Bond.

Mas ordens eram ordens.

O sol mergulhou por trás dos prédios vazios. Estaria completamente escuro em questão de minutos. Wayne começou a temer que seus dedos dos pés caíssem, como cubos de gelo soltos dentro de suas botas.

Então, seu rádio estalou, de volta à vida.

– Preparem-se – disse o OC para a unidade. – Vamos abrir o pacote.

O sol sumiu completamente atrás do horizonte. A escuridão caiu como uma chuva súbita.

Wayne mudou sua mira telescópica para visão noturna e verificou a Matilha de Lobos novamente – e quase pulou para trás. Um dos sérvios estava olhando para cima, diretamente para dentro da janela. Era como se pudesse vê-lo ali.

Impossível. Ele estava totalmente oculto. O sérvio teria que ser capaz de ver no escuro. Tornou a olhar pela mira telescópica.

O sérvio ainda estava olhando fixamente. Tinha que ser uma coincidência. As pessoas fixam o olhar nas coisas, olham em volta ao acaso, quando estão entediadas. Não significava coisa alguma.

Então, o homem fez um revólver com seu polegar e indicador e apontou diretamente para Wayne. E piscou.

O dedo de Wayne contraiu-se involuntariamente no gatilho, porque cada instinto que possuía tinha berrado para que matasse o homem.

Apesar do frio, Wayne começou a suar.

O homem saiu do alcance da mira. Wayne diminuiu a magnitude rapidamente, para ter uma visão de todo o pátio.

Um outro homem estava sendo arrastado por dois dos sérvios. Vestia o uniforme

todo preto das Forças Especiais, sem insígnia – o tipo que os espiões adoravam usar, mesmo em plena luz do dia no deserto, quando a temperatura chega a mais de 48 graus. Então se queixavam de como a poeira e a areia cobriam todas as elegantes dobras em suas roupas.

Algum caubói das operações secretas, e eles teriam que pagar fiança para livrar seu traseiro. Mesmo assim, Wayne se perguntou: – De onde ele teria vindo? – Tinham a área sob vigilância a uma milha de distância em todas as direções, e ele sequer tinha visto o cara chegar. Claro, poderia não ter percebido... mas teria havido alguma conversa no rádio. Alguma coisa.

Afastou os pensamentos para longe, juntamente com o frio e o medo que o dominara há pouco. Tudo sumiu quando ele preparou seus rituais pré-tiro. O mundo restringiu-se ao campo focado através de sua mira telescópica. Foi reconfortante.

Os sérvios chutaram o agente secreto ao chão. Wayne se contraiu – aquilo pareceu ter doído –, mas o homem não. Ele nem mesmo pareceu incomodado. Ou assustado.

O homem foi puxado para cima e, então, chutado ao chão novamente – forçado a se ajoelhar diante do líder da Matilha de Lobos. *O Macho Alfa*, Wayne supôs. O maior cara no grupo, um homem selvagemmente barbado com pelo menos dois metros de altura, repleto de músculos, o qual passava a impressão de que seria capaz de comer todos os outros no pátio como almoço.

Wayne ouviu uma rajada de sérvio através de seu fone de ouvido. O espião estava conectado com o seu próprio rádio, transmitindo no canal dos Rangers.

O microfone do agente pegou o som da risada do Alfa, e Wayne sentiu frio novamente.

– Por favor, não tente falar em meu idioma – o Macho Alfa disse. – É insultante.

Inglês nítido, claro.

O homem deu de ombros.

– Tudo bem – ele disse.

Wayne ficou impressionado. O cara não aparentava estar nem um pouco assustado.

– Vocês são os Vukodlak, então?

– Somos. Mas você não parece ter o que eu quero.

– Preciso confirmar se você está com o objeto.

– Por que não pergunta a seus soldados? Eles estiveram aqui o dia todo.

Foi quando o Alfa apontou para cima – diretamente para Wayne, depois para as posições de seus companheiros Rangers, por toda a volta dos apartamentos.

Impossível, Wayne pensou. *Totalmente impossível...*

Ele ligou seu rádio.

– Sargento, fomos... – pânico em sua voz, apesar de seus melhores esforços.

– Cale a boca – o sargento rosnou de volta. – Mantenha silêncio no rádio.

Por causa dessa troca, Wayne pegou somente o final do que o Macho Alfa disse:

– ...seu grande plano? Eles viriam correndo resgatá-lo? Estaremos mastigando o coração deles antes que eles puxem seus gatilhos.

O sérvio virou-se em direção a Wayne. Desta vez, não havia dúvida. O sérvio olhava fixa e diretamente para ele. E sorria, com dentes perfeitos que brilhavam na mira com visão noturna.

Wayne teve que usar de toda sua força de vontade para não se levantar e sair correndo.

Mais risadas. Todos os sérvios estavam praticamente uivando agora.

O agente falou após o tumulto ceder:

– Você receberá o dinheiro, conforme combinamos, assim que eu estiver com o item – ele soava entediado.

Bolas de aço, Wayne pensou.

O Alfa considerou isso por um momento. Aparentemente queria o dinheiro. Acenou com a cabeça, e dois de seus brutamontes entraram em uma tenda.

Emergiram um segundo depois com uma caixa de metal, marcada com estampas do Exército dos EUA. Wayne não conseguiu lê-las com a mira, mas parecia o tipo de coisa que você não iria querer abrir.

O Alfa a abriu.

Por um momento, uma luz floresceu na mira telescópica de Wayne. Fazia brincadeiras infernais com a ótica, como se a visão noturna não soubesse como se ajustar a ela. Então, lançou um brilho horripilante em volta do pátio.

Oh, Cristo!, Wayne pensou. Eles têm uma ogiva nuclear. O sigilo agora fazia muito sentido. O exército faria qualquer coisa para manter uma ogiva nuclear fora das mãos de terroristas. Até mesmo mandar uma unidade Ranger inteira para uma emboscada.

Ele conseguia ver o estranho brilho refletido no agente, que parecia jovem demais para estar sozinho na operação. Suas feições estavam perfeitamente calmas – calmas demais. Talvez eles o tivessem dopado, para ele não saber que estava para ser o cordeiro sacrificado.

Wayne espiou atentamente dentro da caixa. Parecia pequena demais para conter uma arma nuclear, mas ouvira falar que eles conseguiam encaixar essas coisas dentro de maletas agora. Talvez isso fosse exatamente a próxima geração. O brilho dificultava a visão, mas ele podia jurar que a luz arrepiante estava vindo de algo com a forma de uma mão humana...

O que quer que fosse, o agente assentiu com a cabeça, e os sérvios fecharam a tampa. O brilho apagou-se como uma lâmpada, e a ótica da mira voltou ao normal.

O agente olhou para o Macho Alfa.

– Certas coisas não deveriam ser tocadas – ele disse.

O desdém na voz do Alfa chegou pelo fone de ouvido de Wayne.

– Então vocês deveriam ter sido mais cuidadosos com isso.

– Você tem razão – o agente se levantou. – Deixe cair – disse ele em seu rádio.

Em frente a Wayne e do outro lado do pátio, cerca de dez andares abaixo, houve um movimento em uma das janelas destruídas. Viu um homem de sua unidade arremessar o saco de campanha escuro.

Caiu a poucos metros dos sérvios. Um deles foi até lá, apalpou e abriu, examinando o conteúdo.

Ele apresentou o conteúdo para o Alfa, mostrando os maços de dinheiro.

O Alfa franziu o cenho.

– Nós realmente preferimos euros – ele disse.

– Você recebe o que eu tiver.

O agente pegou a caixa pela alça e virou-se para ir embora.

Wayne não conseguiu acreditar. Não poderia ser tão simples.

Lógico que não poderia. Os sérvios cerraram fileiras, bloqueando o caminho do homem para fora do pátio.

– Eu acho que não – o Alfa disse, com sua pronúncia perfeita.

O agente não se voltou para encará-lo. Seus ombros se arquearam por um momento, como se ele estivesse muito cansado. Então se endireitou novamente.

– Não seja estúpido.

– Prometi aos meus garotos um pouco de esporte. Soldados americanos têm que ser capazes de aguentar mais do que homens comuns.

Os sérvios estavam mais perto do homem agora. Cercando-o. Wayne não sabia por que estava tão próximo de entrar em pânico novamente. Não fazia sentido. Nenhum deles tinha puxado uma arma. Eles não pareciam ter quaisquer armas. Estavam sob a mira de força armada em uma posição superior. Eles é que deveriam estar com medo.

E, mesmo assim, pareciam prontos para despedaçar o agente com as mãos nuas.

– Vão embora já – disse o agente. Sua voz era severa, como se ele estivesse sendo firme com uma criança indisciplinada.

O Alfa rosnou.

– Você não me dá ordens – ele disse. – Seus dentes não são afiados o suficiente.

– Talvez não – o agente admitiu. Rápido como um piscar de olhos, ele se virou e sacou uma faca, que refletiu prata ao luar. – Mas isto é. Vão embora agora e viverão.

O Alfa deu um passo para trás. Parecia mais assustado com a faca (uma simples KA-BAR³, pelo que Wayne podia ver) do que com toda a artilharia pesada em sua volta.

Mesmo assim, ele balançou a cabeça.

– Só um de nós sai vivo daqui esta noite.

– Você tem razão – o agente disse. Ele baixou a caixa.

Então estavam sobre ele.

Apesar de sua situação, Wayne gritou:

– Jesus Cristo! – E preparou-se para atirar.

A voz do OC veio alta e clara pelo canal.

– Não disparem! – Ele gritou. – Não atirem! Maldição, não atirem!

Era insano. Os sérvios iam matar o homem. Agiam como cães raivosos: grunhindo, rosnando, manchas de baba em suas bocas.

O primeiro sérvio saiu voando para fora da confusão e pousou com violência sobre uma pilha de escombros, sua cabeça quase decapitada por um talho serrilhado em sua garganta. Morto.

E depois outro, lançado para fora do bando como se tivesse sido disparado por um canhão. Ele agarrava um toco sangrento onde sua mão costumava estar.

Havia diversos já no chão, como bonecos quebrados. Wayne conseguia ver o agente agora – vagamente. Era um borrão em meio aos casacos de trincheira, somente parando quando fatiava um deles. Então outro sérvio caía.

Wayne notou o Macho Alfa parado atrás, assistindo. Ele não parecia feliz, mas não fez movimento algum para ajudar seu grupo.

O agente abaixou-se, chutou, e um sérvio uivou de dor, segurando seu joelho onde a parte inferior da perna pendia inútil, estraçalhada. O uivo parou, a faca do agente era uma mancha afastando-se da garganta do sérvio, o sangue fluindo pelo ar na sequência.

O Macho Alfa se virou com o saco de dinheiro em sua mão, e começou a sair.

O agente viu isso. Mas ainda estava lidando com os outros sérvios, que não sabiam ou não se importavam que seu líder estava prestes a abandoná-los. Jogavam-se de volta ao tumulto, mesmo que tivessem membros faltando. Como se não sentissem dor.

O Macho Alfa começou a andar, tentando dar o fora.

Mas não ia de jeito nenhum.

Wayne ajustou sua mira para focar somente o Alfa.

Ele mirou, expirou suavemente e puxou o gatilho.

O som do M24 foi como uma tossida educada.

Foi uma beleza de tiro. Deveria ter despedaçado a cabeça do Alfa bem na época.

Só que o Macho Alfa não estava mais lá.

Impossível. A 90 metros de distância, uma bala viajando a 850 metros por segundo... ele teria se movido antes que o barulho do tiro pudesse atingir seus

ouvidos. Mais rápido que a velocidade do som.

Freneticamente, Wayne vasculhou o pátio, tentando pegar o Alfa de novo.

Não precisou procurar muito longe. O líder sérvio estava em pé a poucos metros de distância. Olhando ameaçador para Wayne.

Ele parecia seriamente zangado.

Antes de Wayne poder dar outro tiro – antes de sequer poder pensar nisso –, o Alfa tinha desaparecido de novo.

Vagamente, percebeu que seu sargento estava gritando com ele no fone de ouvido: – *Seu maldito idiota, Denton, mova-se, mova-se, saia daí.*

Ele notou que o agente estava lidando com os dois últimos membros da Matilha de Lobos. Os únicos sobreviventes. Mas o agente se permitiu dar uma olhada para a janela. Parecia quase tão irritado quanto o Alfa.

Wayne ficou de pé, começou a guardar seu equipamento. Suas pernas pareciam de madeira. Seus movimentos eram desajeitados e lentos.

Então ouviu algo nas escadas. Algo vindo.

Sua mente se desligou. Ele não se importava mais que aquilo era impossível. Ninguém poderia subir 32 lances de escada em menos de 30 segundos.

Tudo o que sabia era que o Macho Alfa estava vindo atrás dele.

Cambaleou em direção à porta, suas pernas pareciam de borracha, o rifle em uma mão, o resto do equipamento no chão.

A porta foi despedaçada antes de ele chegar lá, e saiu voando de suas dobradiças.

O Macho Alfa estava em pé no vão da porta. A barba desgrenhada tinha crescido, juntando-se com os pelos em seu peito, em sua cabeça. Sua silhueta havia mudado por baixo de seu longo casaco, seus braços e pernas mais longos do que qualquer coisa humana. Ele abriu sua boca e foi nesse momento que Wayne percebeu estar olhando para os dentes afiados e pontudos de um cachorro.

Não. Não um cachorro.

Às vezes, durante as trocas de tiro no Iraque, tudo costumava desacelerar. Então, Wayne se lembrava de coisas. Por exemplo, uma faixa na testa de um insurgente com as mesmas cores de um time de futebol que ele costumava enfrentar na escola secundária.

Dessa vez, foi algo mais imediato. Lembrou-se do significado de Vukodlak.

Não significava “matilha de lobos”. Significava “lobisomens”. Era a palavra sérvia para lobisomens.

Ele sentiu o cheiro de sangue e carne no hálito do Alfa e percebeu que não era só um apelido.

Levantou seu rifle e ouviu, mais do que sentiu, seus dedos quebrarem quando o Alfa lhe arrancou a arma.

Estava caído sobre suas costas, a garganta exposta, antes de sequer saber como

tinha ido parar ali.

Os longos dentes estavam sobre seu pescoço, então sentiu a saliva pingando da boca do Alfa, sentiu o cheiro selvagem de seu excitação.

Ele ia morrer.

Houve um som de arranhões na parede, então um movimento na janela. Um ar frio passou por Wayne, e o peso do monstro saiu de cima dele.

O Alfa foi golpeado para o outro lado do aposento, chocando-se contra o reboco da parede se esfarelado.

De alguma forma, o agente estava ali, entre a coisa saída de um pesadelo e Wayne.

Havia vencido 16 andares quase tão rapidamente quanto o Alfa – só que não usara as escadas.

Lutando para encontrar palavras, Wayne apontou para a arma, tentando dizer ao homem que a usasse.

O agente o ignorou. O Alfa colocou-se em pé – Wayne notou, pela primeira vez, que eles eram arqueados, como as patas traseiras de um cachorro. Ele hesitou, rosnando, um longo fio de baba pendia de seu focinho.

Então falou, suas palavras eram ásperas e agudas ao mesmo tempo. Exatamente como um cachorro que aprendeu a falar, Wayne pensou.

– Minha matilha – foi tudo o que ele disse.

O agente sorriu.

– Você devia ter mantido seus garotos em uma coleira.

O agente ainda estava com a faca, que reluzia nas partes que não estavam cobertas de sangue.

O Macho Alfa olhou para ela, um desafio em seus olhos.

O agente concordou com a cabeça e jogou longe sua arma. A faca chocou-se contra o solo.

O Macho Alfa emitiu um uivo que se transformou em urro quando ele saltou, rosnando e mordendo, seus olhos brilhando com raiva.

O agente não se moveu.

Por um segundo, tudo o que Wayne pôde ver foi a boca do Macho Alfa, seus dentes de um branco brilhante.

No entanto, de alguma forma, o agente pegou o lobisomem pelo pescoço, no ar. Segurou a coisa ali como se fosse um cachorrinho malvado. O Alfa se debateu e uivou.

Então o agente elevou sua outra mão, agarrou o maxilar inferior do Alfa – e o arrancou.

Choque e dor encheram os olhos do Alfa, e ele tentou uivar de novo. Mas o som foi afogado pelo repentino fluxo de sangue descendo por sua garganta.

O agente ficou em pé, segurando o Alfa acima do chão, até não haver mais movimento.

Deixou o corpo cair no chão. Foi até sua faca e pegou-a do chão, depois se voltou e cravou-a no peito da criatura.

As pernas como de um cachorro chutaram uma vez e não se moveram novamente.

Wayne cravou os olhos no agente. O uniforme preto estava coberto de sangue e rasgado, mas o homem não tinha uma única marca em si.

Olhou diretamente para Wayne. O soldado de repente percebeu que estava sozinho com algo infinitamente mais aterrorizante do que os sérvios.

Wayne considerou pular pela janela, isso seria melhor do que o esperava.

Talvez o agente tenha percebido isso, porque a raiva em seu rosto desapareceu.

Pegou o M24 e o entregou, a coronha na frente, de volta a Wayne.

Wayne pegou, desajeitado, e quase o derrubou. Foi quando lembrou que os dedos de sua mão direita estavam quebrados.

– Você recebeu ordens para não atirar – o agente disse com voz fria. – Isso só os deixa mais irritados.

Wayne afinal recobrou sua voz.

– Aquilo era... – ele parou, olhou para o cadáver no aposento com eles.

Era um homem de novo. Sem o maxilar inferior e metade de seu rosto, mas reconhecivelmente humano.

– Isso não é possível – Wayne disse. – De forma alguma isso aconteceu. Isso não pode ser real.

– Correto – ele disse. – Isso nunca aconteceu. Porque, se o que viu fosse real, você nunca iria para casa. Você me entende?

Wayne assentiu.

– Bom – o agente disse. Ele se virou para sair.

Wayne sabia que deveria ter ficado quieto. Mas a pergunta escapou antes que ele pudesse pará-la ou até mesmo pensar sobre ela.

– O que é você? – perguntou em um sussurro.

Não teve certeza se o agente ouviu. Mas então o homem parou na porta e se voltou.

Ele sorriu sem qualquer humor.

– Estou do seu lado – disse. – É tudo o que você precisa saber.

Demorou meia hora para os outros Rangers empilharem os corpos no centro do pátio despejaram gasolina. Os cadáveres queimaram mais rápido do que Wayne jamais vira.

O agente estava com a caixa de metal embaixo de seu braço enquanto assistia. O médico da unidade estava colocando talas nos dedos de Wayne quando o OC se aproximou.

OC estendeu a mão para receber a caixa.

– Eu a levarei agora – disse em seu usual tom de voz “não mexa comigo”.

O agente não fez movimento algum para soltá-la.

– Não – disse. Simplesmente, serenamente. Nenhuma margem para contestação.

– Minhas ordens...

– Você não deveria tê-la perdido, antes de mais nada.

OC pareceu desconfortável.

– Olhe – disse. – Não quero brigar com você...

O agente lançou um olhar para a pilha de corpos queimando, e depois se voltou para OC.

– Correto – concordou. – Você não quer.

OC não estava acostumado a ter alguém questionando suas ordens. Mas não era estúpido. Ele se afastou, encontrando os olhos de Wayne conforme ia embora. Este desviou o olhar para o outro lado rapidamente.

O agente ficou com a caixa.

A instrução pós-missão foi rápida, e tanto OC quanto o sargento reforçaram o mesmo ponto que o agente: essa missão nunca aconteceu. Nenhum dos Rangers viu coisa alguma. Esqueçam que já estiveram no Kosovo.

Estavam em um avião de volta ao Iraque antes do amanhecer. A caixa – e o caixão, Wayne notou – foram em outro avião, para Deus sabe onde.

Wayne estava mais do que feliz por esquecer tudo. Trabalharia nisso todos os dias pelo resto de sua vida, na verdade.

Mas houve uma coisa que ficou com ele, que o faria acordar suando frio até o dia de sua morte, não importando o quanto tentasse ficar livre daquilo.

Nunca esqueceria o que viu quando o agente abriu seu sorriso.

Na verdade o homem – lógico, ele não era realmente um homem, mas chamá-lo assim fazia Wayne se sentir melhor – não tinha sorrido.

Tinha mostrado as longas e recurvadas presas em sua boca, bem onde deveriam estar seus caninos.

E ainda estava com a mandíbula em uma mão.

DOIS

Política é um esporte sangrento.
– *Aneurin Bevan*

Vinte Horas Depois, Washington, D.C.

Griff olhou para o rapaz sentado em frente a ele na limusine da Casa Branca. Inquieto, nervoso. Balançando sua cabeça ao som de alguma melodia interna.

Zach Barrows, 25 anos de idade. Voluntário na campanha ao Senado do atual presidente antes de poder votar, premiado com um serviço na equipe após a faculdade. Em seguida percorreu três estados na eleição, entregando vitórias confortáveis a seu patrão.

No entanto sem experiência militar, nenhum tempo nas forças da lei. Griff duvidava que Zach tinha alguma vez segurado uma arma. Para ele, as batalhas eram travadas com palavras, papéis e acordos a portas fechadas.

Não nos cabe questionar – Griff lembrou a si mesmo.

O rapaz desviou o olhar da janela, por onde as paisagens familiares de Washington, D.C., rolavam, e sorriu para Griff.

Griff reconheceu o sorriso – um largo sorriso de político, com o tipo de encanto animado reservado somente a completos estranhos dentro de seu raio de ação. Um sorriso destinado a ganhar amizades e influenciar pessoas, para serem usadas e descartadas depois.

– Então – ele disse –, para onde estamos nos dirigindo?

Griff não sorriu de volta.

– Logo chegaremos lá – afirmou.

– Você não pode me dizer para onde estamos indo? – sua voz estava cheia de descrença.

– Contenção de informações – Griff disse. – Diremos o que você precisa saber quando você precisar saber.

O rapaz sorriu afetadamente. Aquilo foi exatamente o que Griff pensou dele quando o presidente os apresentou no Salão Oval: setenta e poucos quilos de afetação dentro de um terno. Inclinou-se para a frente. *Lá vem* – Griff pensou.

– Olhe aqui, agente... Griffin, é isso? – Zach disse.

– Griff está bom.

Uma variedade mais condescendente do sorriso anterior.

– Agente Griffin. Sei que você provavelmente vestia poliéster e protestava contra Nixon antes de eu ter nascido. Mas fui diretor-adjunto para assuntos da Casa Branca, e nem cheguei aos 30 ainda. A revista *Washingtonian* me chamou de “o próximo Karl Rove⁴”.

Griff manteve seu rosto brando.

– Impressionante.

– Obrigado. Então o que você acha de acabarmos com essa coisa de espião e

você me dizer agora o que quero saber? Não estou aqui para joguinhos.

Griff considerou aquilo por um momento.

– De acordo com o que ouvi dizer – disse –, você está aqui porque o Serviço Secreto flagrou você com a filha de 19 anos do presidente no Quarto Lincoln.

Ele saboreou a expressão no rosto de Zach por um segundo. Depois, acrescentou:

– Fazendo algo que *definitivamente* não tinha como propósito a reprodução.

Zach abriu sua boca para dizer algo, mas, em vez disso, fechou-a e olhou pela janela.

– Não se preocupe, Zach. Você vai descobrir o que está acontecendo daqui a pouco.

Zach não respondeu. Só permaneceu emburrado.

Griff sentiu um pouco de pena dele, pensando em sua própria introdução ao serviço, quase 40 anos atrás.

– Então, vai desejar que não tivesse descoberto.

A limusine parou.

– Chegamos – Griff disse e saiu.

Zach olhou para a construção iluminada por luzes de segurança enquanto a limusine partia.

– Já fiz esse passeio – disse.

O homem mais velho não se virou, apenas continuou andando em direção à parede do Castelo, a parte mais antiga do Instituto Smithsonian.

– Não estamos fazendo o passeio normal – Griff disse.

Zach estava acostumado a ser o cara mais novo em qualquer sala. Isso veio com o título de menino prodígio. O pessoal mais velho, especialmente na política, não queria dar ouvidos a algum fedelho com ideias modernas. Foi forçado a usar uma série de estratégias para lidar com eles, desde lisonjas até insultos diretos. Então, quando o alvo estava desestabilizado, Zach assumia o comando.

Nada disso funcionaria com esse cara. Zach não conseguia ver “Griff” saindo fora dos trilhos. Pelo que percebera até o momento, intuiu que o homem estava próximo da aposentadoria, provavelmente FBI, ou talvez Serviço Secreto – ele se movimentava fisicamente com facilidade e confiança, apesar do “pneu estepe” em seu porte avantajado –, mas isso era tudo o que colhera até agora. Simplesmente não conseguia chegar a uma conclusão sobre o sujeito.

Isso estava realmente começando a irritá-lo.

Por um momento, pensou na única vez em que teve problemas com a lei, quando um policial flagrou a ele e a seus companheiros em um carro roubado. Tinha 16 anos de idade. Zach já era um bom orador na época e enrolou o policial de todas as maneiras. O policial ouviu a história toda, calma e pacientemente.

Então ele os prendeu mesmo assim.

Griff lembrava muito esse policial.

Zach observou Griff pressionar um tijolo aparentemente igual a todos os outros.

Este afundou um centímetro e meio na parede, e um antigo mecanismo, criado por mestres pedreiros há mais de um século, encaixou-se no lugar. Uma grande seção da parede levantou-se e revelou uma escadaria escondida, gasta pelo uso. Isso sem produzir som algum.

Zach nem ao menos tentou segurar sua gargalhada. Griff olhou para trás.

– Oh, você deve estar de gozação comigo. Uma entrada secreta? *De verdade?*

Griff apenas apontou para a escada.

– Cuidado onde pisa.

Zach riu de novo, mas entrou pela passagem.

– Quando vou ter meu anel decodificador?

Não houve resposta.

Treze degraus depois – Zach contou – estavam dentro de outra câmara. As luzes se acenderam automaticamente assim que eles cruzaram a entrada.

O espaço escavado em rocha parecia, à primeira vista, com o museu acima. As paredes estavam revestidas com fileiras e mais fileiras de livros: antigos volumes encadernados em couro. Mesas e caixas de exibição estavam dispostas no amplo espaço central aberto.

Mas os objetos exibidos definitivamente não eram para o público em geral.

Diabólicos dentes como os de uma piranha sorriam para Zach de uma cabeça de peixe do tamanho de um homem, flutuando em um grande recipiente. Uma antiga placa de latão identificava aquilo como RESTOS ÓSSEOS DE INNSMOUTH (MASS., 1936). Pedacos de armadura de ferro fundido, como um robô feito de um velho fogão à lenha, estavam montados sob uma placa onde se lia HOMEM-VAPOR DE BRAINERD, c. 1865. Um grande besouro, dourado e brilhante. Algo vermelho-sangue e viscoso em uma caixa de vidro, chamado Allghoi Khorkhoi. Sob uma outra caixa jazia o que parecia ser um tronco comum: MADEIRA DA “ÁRVORE DO DIABO”, GUIANA BRITÂNICA, 1897.

Outras coisas. Um crânio de cristal. Tabuletas de pedra. Ídolos entalhados. Uma pata de macaco mumificada.

A atenção de Zach foi, afinal, atraída para o caixão nos fundos do aposento. Não havia cartão ou placa naquilo.

Zach não sabia quanto tempo tinha ficado boquiaberto por entre as peças em exposição quando ouviu Griff falar em voz alta atrás dele.

– Bem-vindo ao Relicário, Zach – Griff disse.

Zach conseguiu fechar sua boca antes de se voltar e colocar o sarcasmo necessário em sua voz.

– Belo lugar. Tudo o que está faltando é uma moeda gigante de um centavo.

– Isto não é uma piada, Zach.

– Você está me dizendo que todas estas coisas são verdadeiras?

Griff assentiu com a cabeça.

Zach levou um segundo para processar aquilo. De alguma forma, ele sabia que o homem mais velho estava dizendo a verdade. Havia uma parte lógica em seu cérebro que não queria aceitar, mas as coisas ali não pareciam falsificações, possuíam a mesma e inegável realidade cotidiana de uma cadeira ou mesa. Olhando para elas, você simplesmente sabia.

Entretanto, fez a próxima pergunta de qualquer maneira, para satisfazer aquela persistente voz da razão.

– Portanto, aquilo – Zach apontou – é um autêntico corpo alienígena de Roswell, não é?

Griff olhou para lá.

– Aquele é de Dulce, na verdade.

– Claro que é.

Isso não era o que Zach estava esperando quando o presidente o chamou ao Salão Oval. Lógico, o presidente provavelmente sabia sobre o encontro desastrado e bêbado de Zach com sua filha – mas, Cristo!, não é como se Zach fosse o primeiro cara ali, e ela mal tinha falado com ele desde então. Zach era uma parte valiosa da equipe. Tinha certeza de que iria conseguir uma promoção, talvez até mesmo chefe de gabinete, e chegar bem mais próximo de seu objetivo supremo...

Em vez disso, disseram que ele seria transferido. O presidente disse algo sobre confiar-lhe a Segurança Nacional e apertou sua mão. A seguir, Griff o levou até a limusine.

Para ser perfeitamente honesto, Zach teve um pouco de problema para ouvir após não ter escutado as palavras “chefe de gabinete”.

Agora estava em um porão, olhando para os refugos de um *show* itinerante de aberrações. Em algum ponto do caminho, ele tinha estragado tudo. Estragado demais.

– O que estou fazendo aqui? – perguntou em voz baixa, mais para si mesmo.

Griff respondeu mesmo assim.

– Você está prestes a tomar conhecimento de um dos mais antigos e importantes segredos da nação, Zach. Não há relatórios sobre isso. Nenhum que deixe esta sala, pelo menos – ele disse.

– Se este é um segredo tão grande, então por que vocês conservaram tudo isso? Primeira coisa que aprendi na política: você *sempre* destrói os documentos.

– É mais uma sala de troféus do que qualquer outra coisa. Ele precisa manter troféus. É um caçador. Você deve sempre se lembrar disso.

Zach concedeu-lhe um longo olhar.

– Sabe, só porque você coloca palavras em uma sequência não significa que está realmente explicando alguma coisa. Posso dizer que você gosta de bancar o Yoda para seu Skywalker, mas poderia me dizer que merda está acontecendo aqui?

Griff assentiu e encostou seu corpanzil contra uma mesa.

– O que vou dizer a você agora é somente do meu conhecimento, do presidente e de alguns membros de seu gabinete... E agora do seu.

Zach fez uma careta.

– Sinto-me honrado.

Griff suspirou pesadamente e continuou.

– Em 1867, um jovem foi encontrado em um baleeiro que havia encalhado fora do porto de Boston. Ele tinha aparentemente matado diversos de seus companheiros de tripulação. Os corpos estavam sem sangue, exceto aquele que o jovem segurava em seus braços. Ele ainda estava bebendo o sangue daquele corpo.

– Ele foi chamado de vampiro. Foi condenado e sentenciado à morte. Mas o presidente Andrew Johnson o perdoou, poupou sua vida. Ele viveu o resto de seus dias em um asilo para insanos, até 1897, quando morreu. Pelo menos, essa foi a história oficial.

– De fato, o jovem era um vampiro. E Johnson apenas o perdoou para que ele trabalhasse para os Estados Unidos. Durante os últimos 140 anos, seu trabalho tem sido defender esta nação das ameaças do Outro Lado.

Zach tentou não rir.

– Um vampiro presidencial, hein? Ele é democrata ou republicano?

– Isso é como perguntar a um tubarão se ele quer vinho tinto ou branco com sua refeição.

– Certo. Então por que você precisa de mim?

– Você é o novo agente de ligação entre o vampiro e o gabinete do presidente. Você irá lhe transmitir as ordens e instruções do presidente, fornecer apoio e dados de inteligência, além de trabalhar com o vampiro em todos os aspectos de suas operações.

Griff parou. Zach aguardou o final da piada. Mas não houve final algum.

– Besteira – Zach disse. – Tenho acesso à Casa Branca e nunca ouvi falar nada sobre isso.

– Esse acesso era apenas para o que você precisava saber lá fora, no mundo sob a luz do dia. Isto é algo completamente diferente.

– Você realmente espera que eu acredite que temos um vampiro em uma coleira e que podemos simplesmente enviá-lo atrás de terroristas e espiões sempre que quisermos?

Pela primeira vez durante toda a noite, Griff riu. Ele parecia genuinamente ter achado graça, e aquilo irritou Zach ainda mais.

– O que é tão engraçado?

– Há coisas piores neste mundo do que a al-Qaeda e a Coreia do Norte, Zach. Elas estão apenas esperando sua oportunidade contra nós.

Ele mostrou a sala e todos os objetos que havia nela.

– Estes artefatos... São todos relíquias de suas tentativas de saírem das sombras e invadirem a luz do dia. Invadirem nossas vidas. A humanidade não sobreviverá a isso. É uma infecção e espalha-se como o ebola. Custe o que custar, temos que manter a fronteira entre a luz e a escuridão. Ou perderemos tudo. Cada um de nós irá morrer. Alguém tem que estar lá para defender nossa posição. É isso o que fazemos. Combatemos todas as incursões que fazem. Eles invadem, nós repelimos. Esqueça a Guerra ao Terror, Zach. Esta é a Guerra ao Horror. E você acaba de ser recrutado.

A sala parecia agora muito silenciosa para Zach. Ele fez a única pergunta que fazia sentido.

– E se eu não quiser o trabalho?

– Não é uma opção, receio. Não há desistência, nem transferência. Você fará isso até se aposentar. Ou ser morto. O que acontecer primeiro.

Zach não tinha certeza sobre qual parte da notícia estava fazendo sua cabeça rodar – o conhecimento de que vampiros eram reais ou que sua carreira tinha acabado de sofrer uma súbita interrupção.

Por um momento, Zach foi dominado pela injustiça de tudo aquilo. Passara a vida inteira abrindo caminho para chegar mais perto do centro de poder da América. Abrira mão de seus fins de semana no secundário para distribuir panfletos e pendurar cartazes de campanha. Esquecera como era dormir em meia dúzia de campanhas. Comera uma droga de comida e trabalhara por menos do que o salário mínimo, enquanto seus amigos de faculdade estavam ganhando seis dígitos em firmas de investimento, tudo para conseguir chegar à Casa Branca.

Estava tudo ocorrendo de acordo com o plano. Agora isso.

– E se eu recusar?

A expressão de Griff não se alterou.

– Você acha mesmo que pode simplesmente ir embora? Com tudo o que viu? Com tudo o que irá ver?

– Isso é uma ameaça? Você está me ameaçando? Escute aqui, meu velho, porque não há *uma maldita chance de...*

– Não é trabalho dele ser ameaçador, na realidade.

Por uma fração de segundo, Zach não soube de onde as palavras tinham vindo. A seguir, virou-se e encarou alguém em pé diretamente atrás dele. Como se tivesse vindo do nada.

– É o meu – disse e sorriu.

Era mais alto do que Zach, vestia um uniforme militar preto em frangalhos. Parecia jovem. E pálido. Muito, muito pálido.

Ficou ali em pé, perfeitamente calmo.

Calmo demais. Anormalmente imóvel. Quase o tipo de imobilidade que você só encontraria em um caixão. Mas ele estava ali parado, em pé.

Portanto, Zach não conseguiu atinar o porquê de toda sua mente limitar-se a um único pensamento, queimando em letras maiúsculas em seu cérebro: CORRA.

Zach sentiu o despertar de um instinto aprimorado quando os humanos agrupavam-se à beira de fogueiras, aterrorizados pelos barulhos da escuridão. De repente, descobriu que estava na presença de algo que caçava sua espécie, tendo feito isso por milhares de anos. Algo inumano. Um predador.

Há um motivo para os humanos serem geneticamente programados para temer a escuridão. Zach estava olhando para ele.

Então Zach viu as presas nas bordas do sorriso. Começou a tremer. Não conseguia fazer suas pernas se moverem. Tentou falar. Nada saiu.

Algo morno e úmido começou a escorrer por sua coxa.

Tanto ele como o vampiro – porque era isso que ele era, em pé logo ali diante dele, nenhuma dúvida mais para Zach – olharam para baixo.

Uma pequena poça formou-se em volta do sapato de Zach à medida em que sua bexiga se esvaziava.

O sorriso do vampiro sumiu. Ele olhou por cima do ombro de Zach e perguntou para Griff:

– Este é o novo garoto?

– Zach Barrows, este é Nathaniel Cade – disse Griff. – O vampiro do presidente.

Zach ainda não conseguia se mover. Cade olhou para baixo de novo.

– Talvez você devesse mostrar-lhe onde guardamos o esfregão – Cade disse.

Ele deu a volta em torno de Zach. A cabeça de Zach girou para acompanhar.

Cade parou para colocar uma caixa de metal em uma das mesas. Depois deixou cair algo que chocalhou na madeira, ao lado da caixa. Parecia um osso de algum tipo de animal – como um cachorro. Ou um lobo. Ornado com dentes e pelo, ainda sangrento em alguns lugares.

– Cuide disso, por favor – disse.

Cade andou direto para o caixão e abriu-o com um puxão.

Griff tentou chamar a atenção do vampiro.

– Cade, acho que devíamos falar sobre...

– Mais tarde – disse, e fechou o caixão com violência.

Griff deu de ombros, meio que pedindo desculpas para Zach.

– Ele esteve no porão de um C-130 pelas últimas 14 horas – informou Griff. – Isso o deixa um pouco irritado.

Zach ficou ali em pé, a perna de sua calça pingando. Sua boca estava aberta, mas pela primeira vez em sua vida ele não tinha nada o que dizer.

TRÊS

6 – 1. Geral

O Exército, a Marinha e a Força Aérea estabeleceram instalações mortuárias para os serviços armados fora dos Estados Unidos. Essas instalações foram feitas para fornecer serviços mortuários para o contingente falecido quando tais serviços comerciais no local não estiverem disponíveis ou tiverem custo proibitivo. O estabelecimento ou desativação de instalações mortuárias do serviço armado serão coordenados em nível Departamental.

– *Norma do Exército 638-2, “Contingente Falecido, Cuidados e Disposição de Restos Mortais e Disposição de Bens Pessoais” (Não Confidencial)*

Um Mês Antes, Divisão de Serviços Mortuários, Base Militar Camp Wolf, Kuwait

Dylan Weeks encostou a traseira do caminhão tão perto quanto possível do prédio mortuário.

A sargento veio pisando forte até ele antes que tivesse saído da cabine, parecendo zangada. *Lá vamos nós*, Dylan pensou.

– Recebi outra reclamação sobre você estar atrasado – ela disse. – O campo de pouso é logo do outro lado da maldita base. Você anda parando no caminho para tomar uma cerveja?

Sim. Uma cerveja, no Kuwait. Como se fosse fácil. Em voz alta, no entanto, tudo o que Dylan disse foi:

– Estou indo o mais rápido que posso.

Ela olhou para ele por um instante, aparentemente tentando decidir se ele estava mentindo ou se era simplesmente estúpido.

– Não faça besteira – ela disse e girou elegantemente sobre os calcanhares de suas botas de combate.

– Sim, senhora.

Vaca – Dylan pensou. *Colocam uma mulher em um uniforme, e ela logo pensa que é uma droga de general ou algo assim.* Ela não tinha ideia de com quem estava se metendo. Mas ela iria ter uma grande surpresa, não demoraria muito.

Ele começou a carregar o caminhão.

Enquanto lutava para colocar dentro da traseira as caixas de transferência contendo os soldados americanos mortos, refletiu mais uma vez em como não tinha sorte. Nunca deveria ter estado nessa situação. Tudo iria mudar. Mesmo assim, nunca deveria ter precisado passar por nada dessa merda em primeiro lugar.

Dylan era um entre centenas de contratados civis trabalhando na base no Kuwait. Um ano antes, estava dirigindo por um circuito de venda de máquinas, entregando doces e petiscos em conjuntos de escritórios.

Na verdade, ele considerava muitos trabalhos como indignos de si. Se seu pai não fosse um grande imbecil...

Dylan deveria estar rico. Seu pai tinha sido um cantor/compositor bem-sucedido, com uma série de sucessos menores nos anos 1980. Ele mesmo nunca foi famoso, mas escreveu e produziu para pessoas que eram. Fez montanhas de dinheiro, que continuou chegando de forma residual através de cheques provindos de comerciais de carro e compilações de maiores sucessos.

Os pais de Dylan mudaram-se de Los Angeles para Orange County quando ele nasceu, em busca de um ambiente familiar mais saudável.

Encontraram isso. Dylan cresceu marinado em riqueza e privilégios com crianças iguais ele. Férias no Cabo, escolas particulares e um Porsche aos 16 anos de idade.

Foi um pouco chocante quando o pai de Dylan chegou para ele aos 23 anos e lhe disse que estava na hora de fazer algo na vida.

Isso foi logo após Dylan ter sido expulso da terceira e última faculdade que frequentou. Ele se especializara principalmente em beber cerveja e recuperar-se de ressacas. Enquanto as duas primeiras faculdades simplesmente o reprovaram, sua carreira acadêmica terminou de vez após um encontro-estupro malsucedido e uma cara cheia de *spray* de pimenta.

As acusações criminais foram evitadas mediante um acordo generoso. Foi quando Papai decidiu que era hora de ter uma conversa de homem para homem com seu filho. Eles sentaram no terraço da casa em Newport Coast enquanto o sol se punha no Pacífico. Estava lindo. Pai e filho abriram várias cervejas para superar seu desconforto mútuo, então começaram a trabalhar.

O pai de Dylan admitiu que não tinha sido muito presente. Seu casamento com a mãe de Dylan terminara, e uma série de madrastas cada vez mais loiras, petulantes e novas veio a seguir. Enquanto conversavam, o pai de Dylan insistia em tocar seus novos implantes de cabelo, como um jardineiro afetuosamente verificando novos brotos.

Ele perguntou a Dylan o que queria fazer para ganhar a vida.

Dylan disse que gostaria de entrar para o ramo da música, como seu pai. Começar uma banda. Talvez sair em turnê. Custaria cerca de 50 mil em capital operacional.

O pai opinou que poderia ser uma boa ideia ele aprender a tocar um instrumento, e talvez a ler música, primeiro.

Dylan rebateu com a observação de que a música de seu pai era uma droga, e de que ele não precisava ler música para fazer melhor do que aquela “porcaria de consultório dentário”.

As coisas deterioraram a partir disso. O pai de Dylan por fim desistiu e foi para seu escritório na casa, onde fumou um baseado e se perguntou como conseguira criar um merdinha tão completamente desagradável. Vinte anos votando nos republicanos, e para quê? Ele culpou as escolas.

Dylan viu seus cartões de crédito serem cancelados, seu fundo fiduciário totalmente bloqueado até que completasse 40 anos. Sua mãe convenceu o atual marido a permitir que ele viesse morar na casa de hóspedes na propriedade deles. Após seis meses vendo-o deprimido, ela insistiu com ele para que procurasse um emprego, e seu marido pediu um favor a um amigo, conseguindo um caminhão para Dylan trabalhar em um circuito de venda de máquinas.

Foi por volta dessa época que Khaled entrou em contato com ele novamente. Dylan estava *on-line* jogando Grand Theft Auto⁵: Cidade do Vaticano, às três da

manhã, após outro fracassado ensaio da banda, descarregando sua frustração ao massacrar seus inimigos com uma Uzi. A janela de mensagens instantâneas apareceu em seu computador.

Era Khaled, um cara que ele tinha conhecido na faculdade. Khaled, um estudante saudita, morara no mesmo andar do prédio de dormitórios.

Normalmente, Dylan teria sido o primeiro a zombar e abusar de um estrangeiro morando a tão pouca distância. Mas Khaled era muito legal. Falava inglês melhor do que Dylan, vestia *jeans* e camisetas, e ouvia *hip-hop* e *rap*. Também não fazia mal que ele tivesse mais dinheiro do que Deus e sempre conseguisse boas drogas.

Começaram a se comunicar regularmente através de mensagens instantâneas nos meses seguintes. Entre rodadas de carnificina virtual, Khaled foi solidário com os problemas de Dylan. Ele lembrou o infeliz incidente com a garota e o *spray* de pimenta. Homens – como Khaled e Dylan – foram excluídos de seu papel natural, de comandar, de serem respeitados. A mulher que usou o *spray* de pimenta em Dylan, por exemplo. Ela deveria ter noção do seu devido lugar.

– Vadias – Khaled digitou. – O mundo transformou todas as mulheres em prostitutas.

O mundo estava ferrado. Qualquer um podia ver isso. Mas Khaled realmente parecia saber por quê. Explicou a Dylan como todos os seus problemas eram resultado das forças unidas contra homens como eles. A guerra no Iraque era um complot de banqueiros internacionais. Bem como o 11 de Setembro, o governo manipulou a coisa toda.

O que era também o motivo de Dylan não conseguir um contrato de gravação – o negócio musical era completamente controlado pelas mesmas pessoas. E claro que o pai dele estava retendo seu fundo fiduciário. Os banqueiros queriam ficar com ele, para secá-lo até a última gota.

Tudo se encaixou. Na verdade, não era culpa de Dylan. Ele não tinha bem certeza de como tudo se combinava, mas gostou da conclusão: merecia coisa melhor, e alguém tinha conspirado para tirá-la dele. Deveria haver algum motivo para um cara como ele ter de repor doces e Coca-Cola em máquinas para se sustentar.

– Algumas pessoas foram destinadas a coisas melhores do que trabalhos braçais – Khaled disse. Ele tinha um plano e Dylan poderia ser parte dele.

O pai de Khaled possuía múltiplos contratos de negócios com o Exército dos Estados Unidos. No Kuwait, Khaled prometeu, Dylan poderia estar fazendo até 100 mil por ano, apenas dirigindo um caminhão como ele fazia agora. Todos os outros estavam lucrando com a guerra. Por que Dylan não poderia ganhar um pouco com o que acontecia?

Dylan soube que era hora de mudar de vida. Seus músculos antes tonificados pela academia estavam ficando fracos, e seu cabelo estava afinando. Sua banda tinha se

separado. O patrão tinha enxugado suas horas de trabalho, e ele tinha tentado pagar uma bebida para uma garota em um bar em Newport Beach uma semana antes, somente para descobrir que não tinha o suficiente em sua carteira para o *Appletini*⁶ de 14 dólares.

Que diabos! – Ele pensou. Não havia nada o prendendo. O mais próxima que ele tinha de um relacionamento era uma *stripper* favorita no Spearmint Rhino. Khaled enviou-lhe uma passagem de avião e um cheque com o pagamento adiantado do primeiro mês.

Sua grande aventura no Kuwait não começou do jeito como ele tinha planejado.

Vagou pelo aeroporto da Cidade do Kuwait, atordoado com o fuso horário e desorientado, cercado de homens e mulheres vestindo longas túnicas. Um dos locais o viu, separou-se do seu grupo de amigos e se aproximou.

Dylan ficou nervoso. Isso foi logo após empreiteiros em Bagdá serem sequestrados, e por isso teve uma assustadora visão de sua própria cabeça rolando no chão em alguma garagem de terroristas do Jihadi.

Então reconheceu o sujeito atrás da barba.

Khaled estava envolto na túnica tradicional, coberto de pelos. Se ele não tivesse sorrido e dito o nome de Dylan, nunca o teria reconhecido.

Ele abraçou Dylan calorosamente, embora todos os seus amigos tivessem fechado o cenho. Acompanhou Dylan até um novo apartamento, que veio com o serviço. Khaled não podia ficar e conversar – estava administrando assuntos da frota mercante de seu pai no Kuwait –, mas prometeu que eles iriam por os assuntos em dia depois.

Depois de um mês, Dylan considerava abandonar a coisa toda e ir para casa.

Para começar, estava ganhando muito menos que 100 mil por ano. O dinheiro grosso era para as pessoas dispostas a trabalhar em Bagdá e arriscar-se a serem explodidas e virarem um ensopado de carne. Seu pagamento estava sendo mais ou menos o que ele ganhava nos Estados Unidos.

Porém, em vez de reabastecer máquinas de doce, tinha o pior trabalho da base – apoio mortuário. O que era um nome chique para agente funerário. Corpos apareciam todos os dias e todas as noites em Camp Wolf. Ele era responsável por levar os caixões – desculpe, “caixas de transferência”, como o exército os chamava – e empilhá-los, e levá-los até o campo de pouso, onde seriam embarcados de volta para casa.

Dylan percebeu que estava no Inferno. Assando no calor, depois congelando na estocagem refrigerada, cercado de cadáveres todos os dias.

Quando Khaled finalmente voltou a entrar em contato, Dylan estava com o saco cheio e pronto para voltar para os Estados Unidos.

Khaled tentou acalmá-lo. Dylan não quis ouvir. Ele convidou Dylan para seu

apartamento. Dylan ficou hesitante, até Khaled mencionar cerveja.

Khaled enviou um Bentley para buscar Dylan. No monumental e luxuoso apartamento de Khaled, abriram uma caixa de Coors Light contrabandeada e beberam enquanto Khaled explicou o que estava acontecendo.

Obviamente, confessou, as coisas haviam mudado desde a faculdade.

Dylan, que tinha terminado duas cervejas e estava a caminho da terceira, disse:

– Não diga. E o que isso tem a ver?

Khaled explicou: seu pai tinha descoberto como ele estava gastando seu tempo na América e o tirou da faculdade. Ele foi enviado a uma rigorosa madraçal⁷ na Arábia Saudita.

– Que droga, cara – Dylan disse.

Raiva passou pelo olhar de Khaled, mas desapareceu.

– No começo, eu pensei assim – ele disse. – Mas depois aprendi a verdade.

Todas as coisas sobre as quais eles falaram, todos os problemas no mundo, tudo aquilo tinha de mudar. E Khaled e seus amigos tinham a resposta. Iriam consertar as coisas. Faziam parte de um grupo chamado Zulfiqar, que era uma espada de retidão para extirpar o mal do mundo.

Contudo, precisavam de Dylan. Precisavam que ele decidisse participar e se tornar um herói.

E, claro, estavam dispostos a pagar por um. Ser um herói não deveria vir sem recompensa, Khaled disse. Ele ofereceu exatos 1 milhão de dólares.

Dylan não quis. Um milhão? Isso era menos do que ele tinha em seu fundo fiduciário. Ele poderia sobreviver até os quarenta. Não valia a pena.

Houve um pouco de discussão. Khaled apontou os benefícios de dinheiro livre de impostos. Afinal, ofereceu 3,5 milhões.

Dylan disse:

– Feito.

Os caixões estavam no caminhão. Dylan deu partida no motor e contornou a esquina do prédio mortuário.

Certificou-se de que a vadia da sargento não o estava observando.

Quase na metade do caminho para o campo de pouso, Dylan entrou em um estacionamento e colocou silenciosamente seu caminhão entre dois veículos de transporte de pessoal. Desligou o motor.

Pegou a pequena caixa de ferramentas que Khaled lhe tinha dado e saltou para fora da cabine. Não olhou em volta enquanto entrava na traseira do caminhão. Tinha aprendido uma coisa sobre o exército: demonstre que você sabe o que está fazendo o tempo todo. Faça isso e ninguém vai questioná-lo: eles tinham seus próprios problemas.

Ele se assegurara de que o caixão que queria estivesse no topo das pilhas. S1⁸

MANUEL CASTILLO, THOUSAND PALMS, CALIF. Ele retirou a correia, rapidamente puxou a bandeira como se estivesse retirando um papel de presente e cortou o lacre dos trincos com um alicate.

Dentro, os restos mortais estavam cobertos com sacos plásticos de lixo cheios de gelo. Isso não importava muito – S1 Castillo estava destinado a um funeral com caixão lacrado. Havia sido jogado de seu Humvee por uma explosão que ocorreu debaixo de seu banco; provavelmente colocaram seu corpo no saco mortuário com uma pá.

Foi por isso que Dylan o tinha escolhido.

Dylan jogou os pacotes de gelo no piso do caminhão e abriu o zíper do saco. Metade da cabeça do pobre coitado havia sido destroçada por toda a extensão até a clavícula; tinha sido atirado diretamente para cima, como em um banco ejetor, dentro da estrutura do veículo. Mas sua perna direita ainda estava intacta, do quadril para baixo.

Dylan verificou sua lista, só para ter certeza: PERNA DIREITA – e a seguir cinco quadrados. Quatro deles tinham uma marca de verificação. Pegou uma caneta, marcou o último lugar vazio.

Então abriu a caixa de ferramentas e começou a trabalhar.

A serra circular era notavelmente compacta. Era quase tão pequena quanto uma furadeira sem fio e, quando acelerava, cortava através de pele e osso como se fossem de tofu. Dylan estava contente, mais uma vez, por esses caras não serem enviados para casa em seus uniformes. Isso tudo era feito na outra ponta, na Base da Força Aérea em Dover, após terem sido embalsamados. Não achava que conseguiria lidar com o fato de ter de rasgar a roupa de um cadáver até suas roupas de baixo.

Verificou a articulação onde o quadril se encontrava com a perna. Não precisava ser preciso, mas Khaled reclamava quando ele cortava demais.

Inclinou-se para trás e pressionou o botão para ligar a serra. Na primeira vez que fez isso, conseguiu um rosto cheio de sangue coagulado por debruçar-se muito próximo ao cadáver. Só precisou de uma vez para aprender aquela lição.

A lâmina deslizou pela carne morta e pelo osso. Algumas faixas de pele romperam-se como elásticos de borracha quando ele levantou a perna, tirando-a do saco mortuário.

Esta foi a forma como Khaled explicou a coisa para Dylan. Ninguém jamais daria falta de algumas partes de corpos. Os agentes funerários do Exército dos Estados Unidos certamente não questionariam, porque não era como se eles recebessem uma fatura de todos os braços e pernas que deveria ter um corpo na entrega. Foi dito às famílias em casa que seus soldados tinham sido despedaçados. Elas estavam esperando um pacote incompleto, mesmo no caso de se darem ao trabalho de olhar. Com todas as bombas em carros, estilhaços e IEDs⁹ no Iraque, havia um monte de

sujeitos indo para casa sem alguns membros.

A única desvantagem: Khaled queria as cabeças dos soldados, mas as melhores escolhas de Dylan eram soldados que não tinham muito sobrando do pescoço para cima. Era um ponto delicado. Khaled afinal dissera a Dylan para esquecer isso, ele mesmo faria outros arranjos.

Dylan desligou a serra e desdobrou seu próprio saco plástico especial da caixa de ferramentas. Havia algum tipo de revestimento químico nele que manteria a perna resfriada; ele foi ativado assim que o saco foi aberto. Vapor frio fez anéis no ar em volta dele.

Esforçou-se para colocar a perna dentro, debatendo-se com ela como se fosse com uma meia carcaça.

Suando, Dylan fechou o zíper do saco mortuário e recolocou o gelo sobre o corpo, espalhando os sacos pelo caixão. Passou os trincos e usou um pequeno ferro de solda para lacrá-los novamente. Então arremessou o saco com a perna do S1 Castillo sobre seu ombro.

Jogou a perna no assoalho do banco de passageiro e ligou o caminhão. Demorou apenas um curto espaço de tempo para passar pelo portão do aeroporto. Descarregou os caixões em um hangar, onde esperariam pelo próximo voo de saída.

Ninguém queria olhar para as caixas cobertas com bandeiras. Ninguém queria pensar sobre o que estava dentro. Dylan agradecia por isso.

Levou o caminhão de volta ao portão. Diminuiu a velocidade próximo à linha da cerca, conforme erguia o saco com a perna do piso da cabine. Com um movimento suave, abriu sua porta e deixou-o cair na beira da estrada.

Um dos homens de Khaled estava esperando, como de costume. Ele viu a figura escura sair apressadamente de uma vala e pegar o saco.

Dylan sorriu. Não tinha certeza se acreditava em tudo o que Khaled pregava. Na maior parte do tempo, não se importava com nada. Mas definitivamente gostava da ideia de conseguir um pouco de vingança do mundo que o maltratou. E ser pago ao mesmo tempo.

Dylan poderia lidar com essa merda de trabalho um pouco mais de tempo. Era um agente secreto. Como James Bond.

Muito em breve, todos os que o tinham subestimado e desrespeitado iriam levar uma grande lição. Dylan seria rico, vivendo uma boa vida em uma praia em algum lugar.

Isso iria mostrar a seu pai. E a todos. iriam todos vir puxar seu saco.

QUATRO

Assunto: Cade é funcionalmente imortal. Em outras palavras, suas células não sofrem morte normal, ou mesmo envelhecimento ou degradação, desde que o sujeito tenha um fornecimento regular de sangue fresco. A reparação celular é quase perfeita – quaisquer células destruídas por uma força externa (ver Anexo: “A Resistência do Sujeito a Ferimentos por Faca e Projéteis”) são substituídas por cópias indistinguíveis. O sujeito pode sarar de qualquer ferimento com pouco trauma corporal em questão de minutos, muito embora sua taxa de recuperação irá variar dependendo da quantidade de sangue fresco em seu sistema.

– LIVRO DE INSTRUÇÃO: CODINOME: MASCOTE DE PESADELO (*Somente Para Ser Visto/Confidencial/Acima de Altamente Secreto por Ordem Executiva 13292*)

Algo pousou próximo à cabeça de Zach, acordando-o.

Ele estava com o rosto sobre o livro de instrução, sua bochecha descansando em uma poça de sua própria baba. Olhou em volta sonolentemente, percebendo-se sentado em uma das mesas no porão do Smithsonian.

E não estava vestindo suas próprias calças.

– Oh, que bom! – Zach disse. – Não foi apenas um sonho maravilhoso.

Ele tinha adormecido lendo o livro de instrução, o qual possuía centenas de páginas escritas como o manual do proprietário de um micro-ondas. Notou que o volume que recebera era o de número cinco. Ainda tinha muito pelo que esperar.

Griff apareceu por cima dele, segurando a bolsa de ginástica que havia usado para bater na mesa um segundo antes.

– Trouxe umas roupas para você. Você deveria trazer algumas coisas do seu apartamento para cá.

Zach bocejou e se levantou, então teve que puxar para cima as calças de agasalho – com a estampa PROP. DO INST. SMITHSONIANO – que Griff lhe havia dado após ter-se sujado na noite anterior.

Verificou seu relógio. Quase meio-dia.

– Ei – ele disse. – Por que estou acordado? Pensei que ele dormisse durante o dia.

– É só meia-noite.

Zach olhou seu relógio de novo. Não era meio-dia. Não havia luz natural ali embaixo. Bocejou mais uma vez.

Griff olhou para a página encharcada de baba no livro em cima da mesa.

– Quanto você avançou nisso?

– Dei uma olhada por alto.

– Certo – Griff disse. – Aqui está o Resumo do Livro. Cade pode agir durante o dia, mas não diretamente sob a luz do sol. Ele fica acordado dias a fio. Você terá que dormir quando puder.

– E se ele ficar com fome? Sou o petisco à mão?

– Ele não se alimenta de humanos.

– Mesmo?

Griff assentiu.

– Por que não?

– Pergunte a ele.

– Fantástico.

Zach começou a examinar a bolsa de ginástica.

Jeans. Camisetas. Blusas de moletom. Tênis de corrida. Griff tinha aberto sua gaveta de baixo, onde ele mantinha suas quase nunca usadas roupas de ginástica.

– O que é isso?

– Você vai sair a campo. Você precisa conseguir se movimentar.

– Você está vestindo um terno.

– Velhos hábitos. Eu era do FBI. Não tínhamos permissão para vestir nada além disso.

– O que sou eu, o jardineiro? Tenho trabalhado de terno todos os dias desde minha primeira campanha, quando tinha 14 anos. Não estou a fim de mudar isso.

Griff deu de ombros.

– Muito bem. Suas calças já devem estar secas.

Ele estendeu uma caneca de café a Zach.

Zach a pegou, e suas calças de moletom quase caíram até seus joelhos novamente.

Ele poderia jurar que Griff estava tentando não rir. Então foi distraído pelo telefone móvel que Griff puxou de dentro do paletó do terno.

Parecia um modelo de toque de tela, apenas um pouco mais grosso, com uma antena saliente no topo.

– Sei que você queria um anel decodificador, mas arrumei isso no lugar dele – Griff disse no momento em que o entregava para Zach. – Via satélite, sistema de rastreamento GPS, acesso à Internet, câmara, detector de movimento, rádio sinalizador de emergência e mais algumas outras opções que você vai usar quando tiver mais experiência.

– Legal – Zach disse. – Quem paga por todas essas coisas? Eu nunca vi uma verba orçamentária para vampiros.

– O orçamento do dentista da Casa Branca é surpreendentemente alto.

– Engraçado – Zach continuou mexendo no telefone. – Isso toca MP3?

– Apenas aprenda a usá-lo. Ele pode salvar sua vida.

– Vou receber uma arma também?

– Talvez quando alcançar a puberdade.

Zach levantou suas calças com toda a dignidade que conseguiu. Se esse era seu trabalho agora, faria a melhor apresentação possível.

– Há algum lugar onde eu possa tomar uma ducha? Ou você espera que eu tome um banho de mangueira lá fora?

Griff apontou para uma porta de madeira do outro lado do aposento.

– Fique à vontade.

Zach resmungou e se encaminhou para a porta.

Griff consultou seu relógio e ocupou-se pegando uma embalagem de papel encerado – do tamanho de uma caixa de leite de 1 litro – de uma pequena geladeira sob a máquina de fazer café. Agitou-a, então a colocou no micro-ondas. Quando o marcador de tempo apitou, retirou-a e a colocou na mesa mais próxima.

Dois minutos depois, o caixão se abriu, e Cade surgiu, completamente alerta. Seus olhos fizeram uma rápida varredura do aposento, como sempre quando ele acordava. Viu a caixa, mas ignorou-a. Em vez disso, tirou seu uniforme militar rasgado e ficou nu, em pé no chão frio. Griff tinha se acostumado a isso: Cade não ligava mais para muitas das amenidades humanas.

Cade vestiu uma camisa barata com botões no colarinho e um terno preto que estavam pendurados em um gancho próximo. Era do tipo adquirido a preço de promoção que qualquer burocrata compraria com salário governamental. A única diferença é que Cade não usava gravata. Demasiadas vezes alguém ou algo tentou usá-la para arrancar sua cabeça fora. Portanto, ele parecia um contador em uma sexta-feira de vestimenta casual.

Exceto pela cruz feita de um antigo metal manchado, que estava presa a um cordão de couro na depressão da garganta de Cade. Não importava o que mais Cade usasse, ele nunca tirava a cruz. Se ela não fosse tão tosca e gasta pelo tempo, poderia ser algo que um astro do *rock* usaria. Em vez disso, parecia mais com as peças do museu acima.

Já vestido, continuou a ignorar a embalagem. Foi até o computador, a única concessão ao século XXI em todo o lugar.

Ao contrário de Griff, Cade não tinha problemas com computadores. Tendo tempo, poderia aprender a usar qualquer ferramenta. Ele tinha que aprender, se sua espécie vivia de caçar uma raça infinitamente inventiva de macacos que usavam ferramentas. Qualquer coisa que um homem pudesse construir, ele tinha que ser capaz de dominar. Qualquer coisa que um homem pudesse aprender, ele tinha que aprender mais rápido.

Algumas pessoas poderiam se surpreender por Griff encarar Cade como o melhor produto da evolução. Mas havia observado Cade e, para ele, era óbvio: estava olhando para um superpredador, que fora humano um dia, mas há muito tempo atrás. Agora ele apenas carregava a forma, o que lhe permitia mover-se entre as suas presas. Tudo o mais fora projetado para transformá-lo – e todas as criaturas como ele – no mais eficiente caçador de *Homo sapiens* possível. O que era chamado, em uma época diferente, de um devorador de homens.

Mas isso não era, para ele, uma questão de acreditar ou desacreditar. Griff tinha estado com Cade quando ele combateu – e matou – demônios, vampiros, lobisomens, homens invisíveis, alienígenas, criaturas que não tinham nomes e até mesmo uma coisa que se autodenominava um deus.

A maioria dessas coisas terminou em várias mesas de autópsias do governo, e Griff tinha visto os resultados. E fossem elas o que fossem, eram sólidas. Existiram neste mundo. E o que quer que as tenha montado, teve que usar a mesma caixa de ferramentas física e biológica que governava todas as criaturas do planeta.

Claro, algumas daquelas regras inflexíveis da ciência foram distorcidas bem drasticamente. Havia muito que Griff não entendia, e muito que as equipes de sabeduros do governo não conseguiam explicar. Como a aversão de Cade a cruzes e outros símbolos religiosos. Ou a magia que ligou Cade tão firmemente quanto ferro à vontade do presidente.

Porém, ninguém tinha sido capaz de explicar satisfatoriamente mecânica quântica para Griff. Isso não fazia a ciência estar errada. Ele simplesmente não possuía a matemática para entender.

Em algumas coisas, você tinha apenas que ter fé.

– Você já mandou o garoto para casa? – Cade perguntou, enquanto digitava.

– Ele está no chuveiro – Griff disse. – Preparando-se para seu primeiro dia no trabalho.

– Você o alertou?

As instalações de banho tinham sido construídas no que antes fora uma cadeia para prisioneiros que precisavam ser mantidos em segredo. Alguns deles aparentemente gostaram do lugar o suficiente para permanecerem ali após sua morte.

Ocasionalmente, o jato de água ficava vermelho como sangue e rostos descarnados apareciam nos espelhos, atrás do vapor.

– O assunto não surgiu – Griff disse.

A boca de Cade contraiu-se. Você tinha que prestar atenção: era normalmente o único jeito de saber que ele achara graça. Seus dedos voavam pelas teclas, digitando seu relatório sobre o incidente no Kosovo.

– Você trancou o artefato? – ele perguntou.

– Ele está seguro – disse Griff, apontando para a caixa. – Você deveria comer algo.

– Eu estou bem.

– Quando foi a última vez que se alimentou?

– Alguns dias atrás.

– Cade, coma.

– Isso é uma ordem? – O tom de voz de Cade foi cortante.

Griff suspirou.

– É um conselho.

Cade virou-se do computador e pegou a caixa, abrindo-a. Estava cheia de sangue vermelho-escuro, ainda fumegando do micro-ondas. Uma mistura de vaca e porco, da criação mantida em uma instalação de teste do CDC¹⁰ próxima a McLean,

Virgínia. Esvaziou-se em um longo gole, não derramando uma gota.

O efeito foi imediato. Ele ficou mais alto. Seus músculos se tonificaram e flexionaram, e sua pele pálida corou antes de o sangue acomodar-se dentro dele.

– Obrigado – Cade disse e jogou a caixa dentro do lixo do outro lado da sala sem olhar. Voltou para o teclado.

– O que você acha do garoto?

– Um tanto lata de óleo¹¹ – disse Cade.

Griff aguardou. Às vezes Cade usava expressões há muito ultrapassadas. Era um efeito colateral de 14 décadas de gírias acumuladas em sua cabeça e de retardar seus processos de pensamento para a conversação normal.

Mas demorou apenas um segundo até ele perceber que tinha escorregado.

– Um falso. Um político.

– Talvez o presidente imagine que você precise disso mais do que precisa de um agente de campo. Provavelmente por isso ele foi enviado antes do esperado.

Então, respirando fundo, Griff decidiu contar-lhe.

– E o câncer está de volta.

Os dedos de Cade hesitaram no teclado por uma fração de segundo.

– Eu sei – ele disse, o som da digitação voltando.

Ele sabia. Lógico que sabia. Provavelmente soube antes de Griff. Mas não disse nada – estava esperando que Griff o inteirasse do segredo. A versão dele para cortesia. Para amizade.

– O que os médicos disseram? – Cade perguntou.

– Inoperável.

Cade voltou a olhar para o computador e terminou de inserir o caso no sistema. Provavelmente sabia daquilo também.

– Sinto muito – ele disse.

Todos à volta dele morrem – Griff pensou. Mais cedo ou mais tarde. Mas não ele. Preocupou-se com o que aconteceria quando ele partisse.

Griff era a coisa mais próxima que Cade tinha de um amigo. Durante 30 anos, ele tinha visto o abismo entre Cade e todos os demais apenas aumentar. Sem algum tipo de conexão, Cade poderia esquecer completamente o que significava ser humano.

Griff se perguntou o quão perigoso aquilo poderia ser.

O que quer que acontecesse – lembrou –, ele não estaria por perto para ver.

O garoto saiu do banheiro, quebrando o que poderia ter sido um momento embaraçoso. Seu cabelo ainda estava úmido, e ele estava tentando alisar as rugas em sua camisa.

Ficou parado com medo quando viu Cade ao computador.

Griff se levantou e guiou Zach até a mesa.

– Relaxe – comentou. – Ele não vai morder.

– Você não é engraçado. – Zach estava respirando forte.

– Mostre-lhe seus papéis.

– O quê? – Zach estava tremendo. Ele não tirava seus olhos de Cade.

Na realidade, Griff não podia criticá-lo. Lembrou-se da primeira vez que encontrara Cade, e tinha muito mais treinamento, inclusive em combate físico. Foi um pouco como acordar e encontrar uma cobra enrolada no travesseiro ao lado.

Cade estava fazendo o melhor possível para ignorar isso, para poupar Zach de qualquer outro constrangimento. Mesmo assim, tinham trabalho a fazer, então Griff cuidadosamente levou a mão ao bolso do paletó do terno de Zach e retirou o envelope.

– Mostre a ele as ordens do presidente – disse Griff a Zach. – Vá em frente. Faça isso.

Zach pegou o envelope de volta de Griff e avançou para entregá-lo a Cade. Assim que este tocou as pontas dos dedos do vampiro, Zach pulou para trás de novo.

Cade abriu o envelope e leu em voz alta:

– “Eu, através desta, invisto Zachary Taylor Barrows com os poderes de agente de ligação com o Gabinete do Presidente destes Estados Unidos, com todos os direitos, privilégios e deveres concernentes a essa posição...”

Cade terminou de ler a carta silenciosamente, então assentiu.

– Bem-vindo a bordo – ele disse, dobrando-a e recolocando-a no envelope. – Você agora é o oficial designado do presidente dos Estados Unidos. Você está sob a minha proteção.

A respiração de Zach começou a desacelerar. Um pouco.

– O quê? O que isso significa?

– Isso significa que ele não pode ferir você. Mesmo se quisesse – Griff disse. – Ele é obrigado a seguir suas ordens lícitas e mantê-lo a salvo.

Zach olhou de um para o outro.

– O que é isso, algo como um feitiço?

– Na realidade – Cade disse –, foi um juramento de sangue.

CINCO

1867, Fort Warren,
Georges Island, Massachusetts

A água fria incomodou-o, uma úmida bofetada em seu rosto.

Ele acordou sem saber por quanto tempo dormira.

Por um instante abençoado, pensou que tudo tinha sido um pesadelo. Então sentiu as correntes em seus pulsos e tudo voltou com uma clareza aterrorizante.

Estava em uma cela de pedra úmida, o chão coberto com as fezes e a imundície de outros homens. Seus braços estavam presos em pesados grilhões acima de sua cabeça. Havia uma vaga dor em seu peito, e ele se lembrou de ter levado tiros.

Olhou para baixo e viu os ferimentos à bala sarando em seu peito e abdome. Mas não conseguia imaginar como aquilo era possível.

Um segundo depois, sua mente alcançou seus sentidos. Percebeu a presença de outros homens na cela.

Quatro soldados com rifles, vestindo os uniformes azuis da União, o vigiavam. Um deles segurava um balde, ainda pingando com a água fria que ele tinha jogado para acordar Cade.

Sentando em um banco entre eles, um homem mais velho. Parecia um barril, com uma franja oleosa cobrindo suas espessas sobrancelhas e nariz. Vestia um bom terno e botas caras.

Cade percebeu, com certo horror, que conseguia sentir o cheiro do homem, da mesma forma que sentira dos cadáveres no barco, e isso parecia completamente natural para ele agora. Como se tivesse desenvolvido um quinto membro sem questionar isso.

O homem cheirava a talco, à pomada que mantinha a franja no lugar e, mais que tudo, a uísque. Parecia estar suando uísque.

Ele virou-se para Cade e sorriu.

– Não, não – ele disse. – Não se levante. – Então sua respiração chiou com a própria piada. Cade teria sido capaz de sentir o cheiro do uísque em seu hálito mesmo sem seus novos sentidos.

Conseguiu sentir o cheiro dos soldados também. Lã úmida de suor e o já familiar cheiro de medo. Era tão vívido para ele como as imagens de seus olhos.

O homem no banco falou de novo, para um de seus soldados.

– Como ele se chama, cabo?

– Cade, senhor. Nathaniel Cade.

– Cade, é? Você sabia que isso significa “uma mascote de origem ou espécie desconhecidas” em inglês arcaico?

– Não, senhor. Não sabia.

– Nunca tive uma educação adequada, você sabe, mas leio bastante. Nunca deixe de tentar aprimorar a si mesmo, cabo.

– Sim, senhor. Obrigado, senhor.

O homem voltou a olhar para Cade, estreitando os olhos.

– Suponho que você seja minha mascote agora, Cade. Eu o perdoei. Poupei sua vida.

– O que aconteceu? – Cade perguntou.

– Você dormiu por quase três dias – Johnson disse. – Perdeu o julgamento. Eles pretendiam enforcá-lo ao amanhecer. Embora eu duvide que o enforcamento teria matado você, o nascer do sol quase certamente teria.

Cade ficou olhando-o confuso.

– Quem é você?

O homem no terno riu e então tossiu. Pegou uma pequena garrafa e retirou a tampa. O cheiro de uísque encobriu tudo o mais quando ele a entornou.

– Sou Andrew Johnson, presidente destes Estados Unidos desde a morte de Abraham Lincoln, há dois anos.

Mesmo tão aguçados como seus ouvidos estavam agora, Cade não teve certeza de que tinha entendido nada daquilo.

– O presidente está morto?

– Você não ouve? Eu sou o presidente. Estou bem e vivo. Mas, sim, enquanto você estava lá fora no mar, alguém colocou uma bala no cérebro do velho coitado Abe. Esta bala, por sinal.

Ele pescou um lenço do bolso de seu colete. Desembrulhou-o e revelou uma bala de chumbo redonda, manchada com um pó marrom-ferrugem.

Cade sentiu o cheiro imediatamente: sangue. Velho e seco, mas inconfundível.

Sua boca se encheu de água.

– Por favor – ele implorou –, por favor, deixe que me matem. – Ele procurou as palavras. – Você não sabe... Você não sabe o que eu sou.

Johnson riu, mas sem nenhuma alegria.

– Se eu não soubesse o que você é, você já estaria morto.

Aquilo pareceu incompreensível para Cade.

– Você *sabe*?

Johnson assentiu.

Cade ficou chocado.

– Pelo amor de Deus, por que não deixou me matarem?

A embriaguez pareceu deslizar para fora de Johnson, e sua voz foi baixa e sombria

quando ele falou.

– Há outras nações neste mundo. Nações que não têm nomes ou fronteiras, mas existem da mesma forma. E não se engane: estamos em guerra com elas. Elas nos varreriam da face da Terra mais rápido do que qualquer exército estrangeiro. A menos que encontremos uma forma de combatê-las antes que consigam firmar os pés em nosso próprio país.

Cade mal ouviu, o pânico crescendo dentro dele. Estava começando a sentir a sede novamente. Os ferimentos em seu peito latejavam. Começou a ver o sangue pulsando nos homens na cela, logo embaixo de suas peles.

Cade esforçou-se para se inclinar para frente. Tinha que fazer o homem compreender.

– Você não entende, *você tem que me matar...*

Suas correntes chocalharam e ficaram esticadas.

O soldado bateu forte com a ponta da coronha de seu rifle no rosto de Cade, colocando-o de volta ao chão.

Johnson pareceu irritado.

– Você deve sua vida a mim, criatura – Johnson disse. – E vai passar o resto dela pagando a dívida.

Tomou outro gole e, em seguida, acenou com a cabeça para o cabo. O soldado inclinou-se para fora da cela e retornou com um balde diferente, menor e manchado de vermelho.

– Detesto beber sozinho – Johnson disse. – Junte-se a mim.

O aroma quase fez Cade desmaiar. Não era exatamente o correto, não o que a sede mais ansiava, mas era sangue. Ele estava quase engasgando com sua saliva agora e sentiu seus caninos crescendo.

Cuidadosamente, o soldado colocou o balde no chão em frente a Cade e deu um passo para trás rapidamente.

Sangue de porco. Cade pôde ver que ele já estava começando a ficar espesso no frio da cela.

Custou tudo o que ele tinha em si para fechar sua boca firmemente.

Eles não iriam forçá-lo a fazer isso. Ele podia ser uma abominação, mas isso não significava que tinha que aceitar o fato.

Não confiou em sua voz, então apenas negou com a cabeça para Johnson.

– É do melhor açougueiro de Boston. Você deveria se sentir honrado. O que há de errado? Teve o bastante no barco?

Cade balançou a cabeça de novo.

Johnson riu, arrotou e guardou sua garrafa.

– Você não tem nenhuma escolha, criatura – virou-se para o cabo. – Certifique-se de que ele beba tudo. Ele não vai morrer de fome. Tenho planos para ele.

Johnson saiu, e os soldados voltaram-se para Cade. Olharam para ele cheios de medo, mas seguiram as ordens. Bateram nele com as coronhas de seus rifles até ele parar de se debater e então o rolaram para deitá-lo de costas. Um homem tapou suas narinas, e eles o seguraram enquanto esvaziavam o balde de sangue de porco em sua garganta.

E, apesar de todos os seus esforços para resistir, Cade estremeceu de prazer enquanto bebia.

Johnson retornou seis dias depois

Cade observou-o entrar. Estava mais forte agora. Os soldados haviam forçado baldes de sangue de porco para dentro dele. Até dois dias atrás, quando percebeu que não precisava mais respirar. Eles não podiam sufocá-lo, portanto ele não tinha que engolir. Mesmo assim, já tinha se alimentado, quisesse ou não, e a mudança estava operando nele.

Johnson aparentemente o queria apresentável. Com suas baionetas firmes em seu pescoço, os soldados tinham vigiado Cade enquanto o barbeiro da guarnição o aparava. Isso não exigiu muito esforço. Os pelos quase caíam por si mesmos. Seu cabelo voltou, mas sua barba não tinha crescido desde então. Os soldados o lavaram, despejando baldes de água gelada até todo o sangue e sujeira desaparecerem. Então, jogaram-lhe um recém-lavado uniforme da prisão e assistiram-no se vestir sob a mira das armas. Ele notou algo: tirando o cheiro de sabão, ele não possuía odor. Seu corpo tinha parado de transpirar – nada restara para interferir em sua habilidade de farejar presas.

Logo depois, começou a ouvir os outros prisioneiros em suas celas, apesar das paredes de pedra.

Nessa manhã, os soldados não conseguiram dominá-lo. Ele chacoalhou-os fora como pulgas. A última casca caiu de seu peito, onde os buracos de bala haviam sarado, revelando pele nova e sem marcas.

Cade percebeu que em mais um dia, dois quando muito, ele poderia arrancar as correntes da parede. Se quisesse, poderia se alimentar dos soldados quando eles viessem.

Mas não iria fazer isso. O fato de que chegou a considerar essa hipótese mostrou-lhe o curso de ação que devia tomar. Faria a única coisa sensata: acabaria com sua própria vida.

Estava considerando como faria isso quando a porta se abriu.

Johnson não estava sozinho. Além dos guardas com uniformes azuis, trazia uma mulher negra com ele.

Não, negra não, Cade percebeu. Mestiça. Seus olhos eram amendoados, sua pele da cor de ouro escuro. Ela carregava uma bolsa de tecido e usava um lenço na cabeça, ambos tingidos em cores vivas que brilhavam na escuridão da cela.

Duas coisas impressionaram Cade: ele não conseguia dizer que idade ela tinha. Poderia estar em qualquer lugar entre os 20 e 50 anos.

E não parecia estar nem um pouco com medo dele.

Cade inalou, e podia nomear cada soldado por seu cheiro. Sentiu o cheiro da ressaca de Johnson como se fosse uma nuvem em volta da cabeça do presidente.

A mulher não cheirava a nada que ele conseguia definir. Algumas flores exóticas,

talvez. Ou um tipo de especiaria que ele nunca provaria.

– Ele é só um garoto – ela disse. Cade sabia que ela se referia a ele.

– Ele era um garoto – Johnson a corrigiu. – Agora ele é alguma outra coisa.

Cade tentou ignorar isso, como também vinha ignorando os insultos dos soldados e os sons por trás de suas próprias paredes. Mas estava intrigado. Olhou para Johnson.

– Cade, esta é Viúva Paris, Mme. Marie Laveau de Nova Orleans. Tive algumas despesas para trazê-la até você.

A mulher – Laveau – ainda não havia tirado os olhos de Cade.

– Tem certeza de que seu hudu de negro será capaz de fazer isso? – Johnson perguntou a ela.

– Chama-se *vudu*, Sr. Presidente, e eu sou *creole*¹² – ela disse, com algo de professoral em seu tom de voz. – Vai funcionar.

Johnson assentiu e deu-lhe um pedaço de papel.

– Estas são as palavras. Exatamente estas, você entende?

A mulher fez um gesto afirmativo.

– Você sabe ler, correto?

Ela lançou-lhe um olhar fulminante.

Johnson desviou seu olhar, quase encabulado.

– Você trouxe? – Laveau perguntou.

Johnson assentiu.

– Nunca saiu do meu lado. Embora eu ainda não veja para que você precisa disso.

– Há muitas coisas que você não vê, Sr. Presidente. Por favor.

Ela estendeu sua mão.

Johnson colocou a mão em seu colete e tirou o lenço, ainda embrulhado em volta da bala que matou Lincoln.

– Como você pediu – Johnson disse. – Exatamente como saiu de seu crânio.

Mme. Laveau pegou a bala e segurou-a em sua mão. Afastou-se do presidente e de seus guardas.

– Vocês precisam sair – ela disse. – Todos vocês.

– Impossível – Johnson disse. – Não sabemos o que ele irá fazer...

– Eu sei – ela disse. – Vão.

Johnson hesitou e depois assentiu para os soldados.

– Muito bem, então.

Todos deixaram a cela, e Cade ficou sozinho com Mme. Laveau.

Ela colocou sua bolsa no chão e começou a tirar coisas de dentro dela. Um pequeno saquinho de couro. Alguns ossos e plantas. E então, por fim, uma longa faca.

– Faça – Cade disse.

Ela olhou para ele, uma interrogação em seu rosto.

– Use a faca. Você pode acabar com isso.

– Não é para isso que estou aqui – ela disse.

Ela estava começando uma fogueira pequena ateando fogo às plantas verdes, que depois se esfumaçaram no chão da cela.

– Mas você poderia – Cade insistiu. Ele tentou manter sua voz firme. – Por favor.

Antes que ele pudesse dizer algo mais, ela estava com a faca em sua mão e apontada para seu pescoço. Tinha coberto a distância entre eles rápido demais até mesmo para Cade, com seus novos sentidos, perceber.

Cade recuou involuntariamente.

– Você quer mesmo morrer? – ela perguntou.

De repente a pergunta não era mais uma possibilidade distante. Estava bem ali, na ponta da lâmina.

– Sim – Cade disse, após hesitar um momento.

– Você é cristão, criança? – ela perguntou.

Ele assentiu. Cuidadosamente. A faca não se tinha movido.

– O que o faz pensar que Deus quer uma coisa como você?

Isso deteve Cade. Ele não tinha considerado aquilo. Mas fazia sentido. Não havia lugar no Céu para o que ele havia se tornado. Sua alma estava condenada. Tinha de estar.

– Você ainda quer morrer? – voltou a perguntar.

Dessa vez, Cade não conseguiu abrir sua boca. Ainda assim, havia apenas uma resposta. Mesmo que estivesse condenando a si próprio ao Inferno, não podia continuar. Não desse jeito.

Ele assentiu.

Mme. Laveau pareceu desapontada.

– Você é um covarde, então.

Algum orgulho remanescente emergiu em Cade.

– Não sou um covarde.

– É mais fácil morrer do que lutar – ela disse. – Há muitas coisas boas que você poderia fazer, mesmo agora.

– Estou condenado – Cade disse. – Você acabou de dizer...

– Sim, você está condenado. Não há chance de redenção para você. É um vampiro e bebeu sangue de um inocente. Você é uma abominação perante Deus.

– Então que esperança há para mim?

– Para você? Nenhuma – ela disse. – Mas você ainda pode fazer coisas boas neste mundo. Esse homem, seu presidente, vai pedir para você lutar. Você está perdido para a escuridão, mas ainda pode salvar outros dela.

– O que quer dizer?

Mme. Laveau sentou-se.

– Eu poderia usar a pasta dos *bokors*¹³ e transformá-lo em um escravo. Isso é o que ele quer – indicou com a cabeça a porta pela qual Johnson tinha saído. – Mas sem livre-arbítrio, sem sua mente, seu espírito, você seria pouco mais que um porrete e falharia em qualquer trabalho que exigisse mais do que simples combate físico. Não acho que este mundo possa permitir isso. Você precisa ser melhor.

Fez uma pausa, uma estranha expressão em seu rosto.

– Além disso – ela acrescentou –, eu acho a noção de escravidão... repugnante.

Ocorreu a Cade que eles estavam barganhando, mas não sabia exatamente pelo quê.

– Há um outro jeito – ela disse. – O *gris-gris*. Ele fica amarrado dentro de você, torna-se parte de você. Mas, então, a mágica é apenas tão forte quanto a coisa à qual está amarrada – definiu.

Ela apontou. Enquanto estavam conversando, colocara o saquinho de couro, aberto, no chão entre eles. As ervas formavam algo como um ninho para a bala que tinha matado o presidente Lincoln. Ela repousava ali, ainda incrustada com o sangue dele.

Cade passou a olhá-la mais detalhadamente, a curiosidade sobrepujando seu medo pela primeira vez em dias.

– O que você quer? – ele perguntou.

– Preciso saber quão forte você é.

Cade não soube o que dizer. Viver daquela forma, sem chance de redenção... Ele não sabia se aguentaria.

– Você não sabe como é isso – Cade disse. – Essa fome, essa sede...

– É mais forte do que a sua fé?

Cade sempre havia acreditado. Sempre. Havia aprendido a ler com a Bíblia da família. Sabia que este mundo não tinha importância, nem a pobreza, o trabalho ou a dor. Eram testes no caminho para a salvação.

Mas, para aquele menino, isso era fácil. Aqueles testes não foram nada, aquela dor mal tinha sido percebida. Aquele menino não tinha se transformado nesta coisa. Não tinha se alimentado do sangue de seus amigos.

Aquele menino estava morto. Cade era tudo o que restava. Mas não voltaria suas costas a tudo o que fora. Ele se recusava a isso.

No fim, havia apenas uma resposta.

– Não – ele disse. – Não é.

Ela olhou dentro de seus olhos – parecia olhar até mais profundamente do que isso – e pegou algo por entre as dobras de seu vestido.

Cade olhou e encolheu-se. Era uma cruz pequena e tosca de algum metal básico,

banhada em prata. Ele a sentia como agulhas em sua pele, em seus olhos.

Ela a colocou em sua mão. A agonia varou seus dedos. Mas ele não a derrubou.

Ela assentiu, como se ele tivesse passado em algum teste. Raspou um fósforo de madeira no chão de pedra e acendeu as ervas.

Então cortou rapidamente com a faca. Doeu, mas a dor da cruz abafou isso. Percebeu que ela tinha cortado fundo sua bochecha e tirado uma mecha de seu cabelo em um único golpe.

Seu sangue empoçou dentro do saquinho de couro, bem onde ela o havia colocado.

Quando chiou o sangue extinguiu as ervas ardentes. Então seu sangue cobriu a bala do assassino, rapidamente tornando a crosta marrom fresca e vermelha.

Mme. Laveau pegou seu cabelo e enrolou-o, habilmente, na forma de um pequeno boneco – braços, pernas e cabeça, como um homem de palha. Então ela o abanou através da fumaça das ervas, entoando algum idioma que Cade não compreendia.

Quando olhou novamente para ele, seus olhos estavam vidrados, e ela esfregou o boneco feito de cabelo em seu corte – enxugando seu sangue, empapando-o no cabelo.

Cade notou que a cela parecia ter encolhido, reduzida a apenas eles dois. O ar ficou mais denso com a fumaça, e com algo mais, algo inominável. Sentiu como se houvesse um outro mundo, reunindo-se em torno dos cantos de sua visão, tentando chamar sua atenção.

A mulher então falou em uma voz que não era bem a dela, sem olhar para o papel que Johnson a tinha dado, mas apenas segurando-o.

– Por este sangue, você está preso – ela entoou – ao presidente dos Estados Unidos e às ordens dos oficiais apontados por ele, para apoiar e defender a nação e seus cidadãos contra todos os inimigos, estrangeiros e internos, e para o servir fielmente por todos os dias que você caminhar sobre a Terra.

Mais do estranho idioma, então o boneco de cabelo foi usado para apagar as brasas fumegantes das ervas. Ela colocou o sangrento boneco negro de fuligem dentro do saquinho de couro, juntamente com a bala, e, com facilidade, fechou-o bem apertado.

Cade podia sentir o corte em sua bochecha já sarando. E sentiu uma outra coisa, como uma nova coluna vertebral crescendo em suas costas. Uma certeza que não havia estado ali antes. Soube o que tinha de fazer. Soube para que sua vida anormal servia, agora: para proteger e servir.

A fumaça se dissipou, e a cela pareceu voltar ao seu tamanho normal.

Mme. Laveau levantou-se e juntou suas coisas, tão prosaicamente quanto uma mulher pegando seu tricô.

Ele ainda estava com a cruz em sua mão. Ainda doía. Mas a dor ajudava-o a se

concentrar. Ajudava-o a ver com clareza. Dava a ele algo além da sede.

– O que você fez? – perguntou, sem ter certeza de que queria saber.

– Sobre a sua fome? Nada – ela respondeu. – Você terá muitas chances de beber sangue humano, se quiser. Seu presidente dará isso a você. Mas a escolha será sempre sua.

Ela curvou-se para baixo mais uma vez e pegou a cruz gentilmente de sua mão. A dor parou, mas Cade percebeu que ele a queria de volta.

A mulher pegou um pedaço de cordão e passou-o por uma argola na cruz, então o amarrou no pescoço dele. Sustentou o olhar por um longo momento.

– Você está preso a este homem agora e a todos os que virão após ele. Você lutará contra as forças da escuridão. Você terá que lutar. Mas você não é um escravo – afirmou, segurando as mãos de Cade. – Lembre-se disto: nenhum homem é um escravo.

Levantou rapidamente e pegou sua bolsa. O saquinho de couro estava em sua outra mão.

Bateu na porta, e Johnson e um soldado reapareceram quando ela foi aberta.

– Está feito – ela disse, e deu o saquinho para Johnson. – Você pode remover essas correntes.

– Tem certeza? – Johnson perguntou.

Lançou-lhe o mesmo olhar ameaçador de antes. Johnson fez um gesto para que os soldados soltassem Cade.

Mme. Laveau olhou para Cade uma última vez antes de sair pela porta. Seus olhos estavam cheios de compaixão.

– Posso ver sua estrada, criança – ela disse. – Não será fácil. Talvez você estivesse melhor morto.

SEIS

Não há razão fisiológica conhecida para a dor que Cade experimenta quando exposto à visão ou toque de uma cruz, ou outras parafernalias religiosas. Embora não haja efeitos duradouros, uma cruz pode ser o suficiente para evitar o ataque de um vampiro.

Parece que a exposição prolongada e repetida pode gerar resistência ou, pelo menos, uma acomodação a essa dor. Diferentemente de outros vampiros, nosso sujeito usa uma cruz em volta de seu pescoço. (Ele alega que a dor o ajuda a focar-se em superar sua sede por sangue humano). Alguns no grupo de pesquisa sugeriram que a dor é psicossomática, uma reação à repugnância e autoaversão do vampiro por sua transformação. Contudo, isso não explica por que símbolos religiosos afetam todos os vampiros mais ou menos igualmente, independentemente dos antecedentes religiosos do indivíduo.

– LIVRO DE INSTRUÇÃO: CODINOME: MASCOTE DE PESADELO

Zach deu um gole em seu café e fez uma careta. Estava horrível. A única coisa pior que ele já bebera tinha sido na confusão de um porta-aviões, durante uma visita com o presidente. Mas uma única xícara o mantivera acordado por 20 horas.

Ele olhou para Cade, depois para Griff.

– Certo – ele disse. – Então ele tem que fazer o que eu digo?

O rosto de Cade não se alterou, mas Zach teve a sensação nítida de que ele não gostou da pergunta.

– Não exatamente – Griff disse. – Ele seguirá as ordens que você repassar do presidente. Mas, por ora, você deve aprender os macetes conosco.

Zach deu de ombros. Supunha que não tinha escolha a não ser ver aonde tudo isso iria dar.

– Onde começamos?

Griff estendeu uma folha de papel para Cade.

– Era o que eu estava tentando falar com você antes de ir correndo para a cama – Griff disse.

Zach riu, mas seu sorriso se transformou em tosse quando Cade olhou para ele.

– O ICE (Controle de Imigração e Alfândega) encontrou algo em um contêiner saído de um navio no porto de Baltimore. O relatório deles disparou nossos alertas no sistema – Griff disse para Zach. – Quando recebemos um alerta como esse, você deve ligar e dizer aos supervisores deles para interditarem a cena até você e Cade conseguirem chegar lá. Temos comandos de prioridade para cada seção do governo federal.

Zach de repente sentiu como se estivesse na escola primária de novo. Seria capaz de jurar que Griff estava falando mais devagar do que o normal para ajudá-lo.

– O que eles encontraram?

– Veremos nós mesmos – Cade disse. Não houve mudança em seu tom de voz, porém, mais uma vez, Zach captou uma clara corrente subterrânea de impaciência.

Cade cruzou a sala. Até mesmo andando, o vampiro se movia de maneira impossivelmente rápida. Zach apressou-se para segui-lo.

Cade bateu em uma pedra na parede no canto mais distante do Relicário. O concreto deslizou para trás como se estivesse sobre rodas e revelou uma outra porta escondida.

– Quantas destas coisas vocês têm aqui?

– Eu nunca contei – Cade disse e deslizou para dentro da passagem.

Zach voltou a olhar para Griff.

– O quê? É só isso? É só isso o treinamento e orientação? Agora você só espera que eu vá atrás dele?

– Natureza do trabalho – Griff disse. – Você atinge o solo já correndo.

– Fantástico. Algum conselho, então? – Zach disse isso com um sarcasmo pesado, mas Griff pareceu pensativo antes de responder.

– Ele é mais inteligente do que você, mais forte do que você e estava comendo gente há mais de um século antes de você nascer – Griff disse. – Ele tentará dominá-lo. Não é nada pessoal. É só o jeito como ele nos vê. Não permita.

– Não permita?

– Ele não pode tocar em você, Zach. É o trabalho dele te manter a salvo. Reaja – Griff voltou a olhar para os papéis a sua frente.

– Isso é de grande ajuda – Zach murmurou. Então ele seguiu o vampiro dentro da escuridão.

O túnel cheirava como um vestiário da ACM. Pequenas lâmpadas elétricas ligadas ao teto forneciam uma iluminação fraca. Zach nunca tinha pensado que fosse claustrofóbico, mas o teto ficava pouco acima de sua cabeça, e ele e Cade tinham que andar em fila única para passar.

– Onde diabos estamos?

– Você não sabe? Você trabalhou para a Casa Branca.

– Você aprende uma coisa nova todo dia. Aparentemente.

– Washington, D.C., foi projetada por um arquiteto maçônico, Pierre-Charles L'Enfant, sob as instruções de Thomas Jefferson e Alexander Hamilton. Incluíram uma série de túneis secretos, que têm sido atualizados desde então. Podemos chegar no Metrô daqui, mesmo ir até o estado de Virgínia.

– Maçons? – Zach riu com desdém. – Por favor, não venha me dizer que você acha que existe uma conspiração para tomar o governo dos Estados Unidos.

– Oito.

– O quê?

– Na última contagem, havia oito grupos aliados de conspiradores trabalhando para assumir o controle do governo dos Estados Unidos – Cade disse. – Aqueles eram apenas os maiores atores, lógico.

– Oh, lógico.

Houve um arranhar no canto do túnel. Zach fez uma careta.

– Jesus Cristo! Um mestrado em Políticas Públicas e estou andando em esgotos com ratos.

Zach continuou falando, se por nenhuma outra razão, para abafar os sons das

pequenas patas.

– Certo. Você é um vampiro bom. Como isso aconteceu?

– Não há tal coisa como um vampiro bom, Sr. Barrows – afirmou Cade.

– Mas você é...

– Acredite em mim sobre isso.

Que seja, Zach pensou. Em voz alta, tentou um rumo diferente.

– Você realmente tem feito isso por 140 anos?

– Sim.

Zach esperou. Nada mais.

– O que isso faz de mim, seu criado? Eu deveria ir até o abrigo de animais e pegar um gato para o jantar?

Cade se moveu.

Em um momento, estava um passo adiante de Zach; e no seguinte, uma dúzia de passos a frente. Em um instante, Zach percebeu por que as pessoas acreditavam que vampiros podiam transformar-se em névoa.

Cade encarou Zach. Em sua mão, um rato se debatia. Trouxe-o até sua boca, presas à mostra, e fechou seus maxilares com força. O sangue jorrou, e ele sugou o animal que se contorcia, como uma criança faria com um *milk-shake*.

Zach sentiu o gosto do almoço no fundo de sua garganta. Engoliu com força.

Cade jogou o rato morto longe e enxugou sua boca.

– Eu consigo minhas próprias refeições – ele disse.

Cade virou-se e desceu pelo túnel novamente.

Zach empurrou a bile em sua garganta para baixo. Ele não pode tocar em você, Griff tinha dito. Reaja.

– O quê? Não vai me oferecer um pouco? – ele chamou Cade. – Boas maneiras, cara.

Cade continuou andando, em silêncio. Mas Zach sentiu que tinha conquistado uma grande vitória. Apressou-se para acompanhá-lo.

Depois de mais ou menos 18 metros, a passagem deu em um túnel bem maior – como uma via expressa subterrânea. Em um piso de paralelepípedos estava um sedã anônimo último modelo. Zach poderia ter requisitado um da frota motora da Casa Branca.

Era reconfortante, em meio toda a estranheza profunda que já tinha experimentado. Mas ele ainda tinha de fazer um comentário.

– Não é exatamente um Aston Martin, não é?

– Não queremos chamar a atenção – respondeu Cade.

– Ele tem pelo menos uma cortina de fumaça?

– Possui janelas com tratamento especial para bloquear todos os raios UVA e UVB e certos comprimentos de onda do espectro invisível.

– Nossa. *Sexy*.

– Entre no carro, Sr. Barrows.

Dentro, Cade esperou Zach colocar seu cinto de segurança antes de dar partida.

– Sabe, você pode me chamar de Zach.

– Vou manter isso em mente.

– Eu fiz alguma coisa que o ofendeu? – Zach perguntou.

– Não – Cade disse. O sedã seguiu seu caminho pelo túnel, faróis acesos.

– Você parece não gostar de mim.

– Eu não conheço você.

Zach sentiu-se forçado a se defender. Achou que já tinha sido julgado e declarado ineficiente.

– Olhe, vamos ficar juntos, então poderíamos ter um bom relacionamento.

Cade sacudiu a cabeça muito levemente.

– Poderemos não ficar juntos tanto tempo.

– O que isso supostamente significa?

– Se você não tomar cuidado, estará morto em questão de dias.

Zach pensou sobre aquilo por uns poucos segundos.

– Você é tão animador.

Cade não respondeu.

Eles emergiram de um túnel de manutenção do Metrô, mas não longe do National Mall. Cade seguiu para a I-295, em direção a Baltimore.

Após mais uns poucos minutos de nada além do som de pneus na estrada, Zach decidiu tentar puxar conversa de novo.

– Suponho que cruzeiros não funcionem realmente em vocês, funcionam?

– O que quer dizer?

– Bem... É só uma coisa dos filmes, certo?

– Não – Cade disse. – Elas ferem.

– Mas você está usando uma. Em volta de seu pescoço.

– Sim. Estou.

– Achei que você tinha dito que elas ferem vampiros.

– Eu disse. Elas ferem.

Zach esperou. Nada mais.

– Cristo! – Zach disse à meia voz.

Cade ouviu.

– Não blasfeme, por favor.

De alguma forma, o “por favor” deixou isso mais irritante.

– Você é religioso ou algo assim?

– Sim.

Longa pausa.

– Mas você é um...

– Sim, já estabelecemos isso. Alguém tem que proteger os mansos até que eles possam herdar a Terra.

– Sabe, você não está explicando um bom tanto de coisas aqui.

Uma pausa leve.

– Ajudará consideravelmente se você ouvir da primeira vez – Cade disse.

– Ah, morda-me. – Então Zach lembrou com quem estava falando. – Isso foi uma piada – disse rapidamente.

Cade ignorou aquilo.

– Há toda uma história secreta neste país, Sr. Barrows. Acredite quando digo que você não sabe nada dela.

Algo no tom de Cade realmente irritou Zach. Portanto, decidiu fazer a pergunta que vinha surgindo no fundo de sua mente a noite toda.

– Neste caso, onde estava você no 11 de Setembro? – perguntou. – Parece que alguém com seus talentos deveria ter sido capaz de deter um bando de caras com estiletes.

Cade olhou fixamente para Zach do banco do motorista, realmente observando-o pela primeira vez desde o Relicário. Na luz refletida da estrada, seu rosto parecia com um crânio.

A memória de um vampiro é perfeita. Diferentemente da memória humana, cada experiência – cada visão, som, sentimento ou cheiro – fica gravada exatamente como aconteceu. Não há um interruptor, como o do cérebro humano, que previne pessoas de relembrem dor ou trauma severo. Para um vampiro, a memória de uma lesão é tão fresca quanto o ferimento efetivo.

Esse foi o porquê de Cade ainda poder lembrar a agonia da madrugada do dia 11 de Setembro de 2001. Havia perseguido seu alvo dentro da garagem de um prédio vazio.

Então o homem sumiu. A próxima coisa que ele viu foi uma espada – literalmente, uma espada flamejante, o fogo realmente dançando pela lâmina – perfurar a escuridão e violentamente atravessar seu intestino.

Algo o parou instantaneamente, e ele ficou pregado. A espada, ainda queimando, cortara com força através dele e enterrara-se profundamente no pilar de concreto com aço reforçado atrás dele. Seus pés balançavam acima do chão. Seu sangue começou a empoçar-se abaixo de seu corpo.

Seu alvo estava em pé logo ali, a um metro e meio de distância. Um homem impossivelmente bonito, seu rosto uma máscara de desprezo. Parecia considerar Cade, medir o perigo que este representava contra o esforço de acabar com ele.

Com um sorriso, deu-lhe as costas e saiu andando. A mensagem foi clara: Cade não valia mais seu tempo.

Cade estava preso. Não podia ligar para Griff pedindo ajuda: o telefone via satélite era inútil tão abaixo da superfície. Havia apenas uma coisa que podia fazer. Agarrou a lâmina e começou a puxá-la.

Demorou nove horas cortando e queimando suas mãos, contorcendo-se e esforçando-se, antes de conseguir afinal desalojar a espada do pilar. Tão logo a lâmina atingiu o chão de concreto, as chamas se extinguiram, como se nunca tivessem estado ali. Pelo menos outros 30 minutos se passaram antes de ele conseguir juntar força suficiente para se levantar e encontrar as escadas.

Ainda sangrando abundantemente, foi a caminho do saguão do prédio. Uma TV estava na mesa de recepção, deixada ligada por um guarda da segurança ou quem fosse que a tivesse abandonado. O som estava desligado. Um âncora de noticiário estava falando rápido, sua face tensa. Então uma tomada do céu de Manhattan. Fumaça. E algo faltando.

Seu telefone tocou. Griff. Gritando com ele, com raiva e frustração. Cade não estava prestando atenção. Ele percebeu o que estava faltando.

As torres tinham sumido. Tinham desaparecido horas antes.

A expressão no rosto de Cade deixou Zach bem ciente de que estava preso em uma caixa de metal indo a 110 quilômetros por hora com uma criatura que poderia comê-lo.

Ele se perguntou se tinha ido longe demais e quanto ficaria machucado se pulasse para fora do carro.

A boca de Cade contraiu-se. Ele parecia sentir pena de Zach.

– Eu estava pendurado¹⁴ – Cade disse.

A tensão entre eles desapareceu do ar. Zach disse:

– Parte da história secreta, suponho.

– Correto – Cade respondeu.

Eles seguiram em silêncio após isso.

SETE

A crença comumente sustentada de que vampiros são capazes de hipnotizar sua presa não parece ser verdadeira, ao menos com Cade. Mas há uma muito real – se não facilmente mensurável – reação desencadeada por Cade em humanos. Pesquisadores encontrando-se com ele pela primeira vez relataram extrema ansiedade, beirando ataques de pânico. (A reação de medo é provavelmente ampliada devido ao encontro da pessoa com uma espécie há muito considerada mítica). Isso pode fazer uma pessoa “congelar”, tanto quanto um rato irá deixar de fazer qualquer movimento quando acuado por uma cobra. No entanto, como o rato, isso não acontece porque a pessoa está hipnotizada. Parece ser um resultado de uma reação humana inata diante de uma espécie predadora, mais do que alguma habilidade inerente da parte de Cade. A reação se enfraquece depois de repetidos encontros com ele, estabilizando-se eventualmente como um generalizado desconforto em sua presença.

– LIVRO DE INSTRUÇÃO: CODINOME: MASCOTE DE PESADELO

Porto de Baltimore, Baltimore, Maryland

Os dois agentes do ICE, um homem e uma mulher, estavam claramente aguardando havia algum tempo. E não estavam felizes com isso.

Os funcionários do ICE, o braço investigativo geral da Segurança Nacional, tendiam a ser um tanto mal-humorados de qualquer forma. Após o 11 de Setembro, todas as agências no país foram inundadas por novas obrigações de combate ao terrorismo, com as melhores atribuições indo para os grandes nomes na CIA e FBI. A Alfândega recebeu novos materiais de escritório e todas as sobras. Eles eram responsáveis por tudo, desde a transferência de prisioneiros até estabelecer a segurança na vistoria de cargas.

O último trabalho era o menos glamoroso e era o motivo de estarem ali naquela noite.

Permaneciam em pé ao lado do gigantesco contêiner de metal, braços cruzados, cenhos franzidos, conforme Cade e Zach abaixavam-se para passar pela fita de isolamento da cena do crime. O agente moveu-se para interceptá-los. Como sua parceira, ele estava vestindo uma jaqueta escura com ICE marcado em amarelo nas costas e carregava uma Sig Sauer P229, 9 mm, em um coldre em sua cintura. Ele parecia querer uma desculpa para atirar neles ali mesmo.

Cade não notou, ou simplesmente não se importou.

– Sou o agente Cushing. Este é o agente Lee – ele disse, segurando as credenciais que tinha puxado do porta-luvas do sedã.

Zach tateou seu bolso e apanhou seu próprio distintivo, o qual de alguma forma já tinha sua foto acima do nome falso. Ocorreu-

-lhe que alguém já vinha planejando sua transferência há algum tempo.

O agente examinou suas identificações, sem ficar impressionado.

– Agente Cusick – ele disse e então apontou com a cabeça para sua parceira. – Aquela é Hagan.

Precisou elevar sua voz acima do som das docas. Zach ficou impressionado ao vê-las ainda atarefadas, mesmo tão tarde da noite. Guindastes mergulhavam dentro de petroleiros e cargueiros e saíam com contêineres que eram amontoados em grandes pilhas enferrujadas nas docas de concreto. Carretas desligavam motores e esperavam em filas para pegar suas cargas.

O contêiner que eles vieram ver estava isolado pela fita e um amplo espaço em todos os lados. Não havia ninguém mais por perto, e o DHS¹⁵ tinha instalado holofotes. Isso fazia a caixa de metal parecer estar em uma exposição.

Cade olhou para o contêiner, suas portas trancadas e lacradas. Voltou-se para Cusick:

– Há alguma razão para você estar esperando para me dar seu relatório? – perguntou.

O rosto de Cusick contorceu-se como em um rosnado, mas Hagan apressou-se em responder antes que o outro pudesse prejudicar sua carreira. Zach imaginou que fosse um padrão de trabalho entre os dois.

– A refrigeração nesta unidade aparentemente falhou, e o cheiro atraiu a atenção dos inspetores – ela disse. – Eles olharam dentro e nos chamaram. Então nosso chefe recebeu uma ligação, e ordenaram que isolássemos a cena e esperássemos por vocês.

– O que estamos fazendo há sete horas e quarenta e nove minutos – Cusick disse, fazendo uma cena ao olhar seu relógio. – Muito obrigado por se apressarem.

– De nada – Cade disse. – Onde está o motorista?

– Os motoristas de caminhão aparecem aqui com suas carretas e fazem fila para a carga – Hagan disse. – Nós o tiramos da fila e o enfiamos dentro do escritório do capitão do porto. Ele diz que não fazia ideia do que estava na caixa.

– Então, o que há dentro? – Zach perguntou.

Cusick fechou o cenho.

– Vocês não sabem? Cristo, isso é ótimo.

– Abram, e veremos por nós mesmos – disse Cade.

Cusick deu meia-volta, dando suas costas a Zach.

– Ei, vá se ferrar, companheiro – retrucou. – Não estamos aqui para sermos seus criados. Sei que vocês gostam de pensar que somos apenas policiais de aluguel aqui neste nível...

– Kirk – Hagan disse, um alerta em sua voz.

– Não, dane-se, Ann, estou cansado desta merda...

Zach reconheceu o tom de voz. Era o de um funcionário governamental de carreira no fim de sua paciência. Felizmente, ele tinha alguma experiência com aquilo.

– Ei, nós também, amigo – Zach disse. – Todos nós estamos apenas fazendo o que nos ordenam. Os caras que tomam as decisões estão seguros em suas camas macias e quentes.

Cusick bufou. Isso foi um progresso.

– Nenhum de nós quer estar aqui – Zach disse. – Mas se vocês apenas nos deixarem entrar no contêiner, talvez a gente consiga terminar isso antes do dia amanhecer, certo?

Cusick recuou em sua raiva.

– Sim – ele disse. – Desculpe. Está sendo uma longa noite.

– Não precisa se desculpar – Zach disse.

Foram até o contêiner. Cusick rompeu os lacres de evidência e destrancou as portas. Depois olhou novamente para Zach e Cade.

– Vocês talvez queiram prender a respiração agora – ele disse.

Zach não percebeu o que ele quis dizer com aquilo. Então abriram as portas, e o fedor rolou para fora sobre todos eles.

Zach virou-se e vomitou seu café, ácido estomacal queimando seu nariz e garganta. Cusick e Hagan deram passos para trás, com ansias.

Apenas Cade não teve vontade de vomitar.

Hagan foi até Zach, dando-lhe um Kleenex de sua jaqueta.

– Obrigado – ele resmungou, enxugando a boca.

– Você nunca se acostuma com o cheiro, não é? – Cusick disse olhando para Cade, que virou-se imediatamente.

– Não – ele disse. – Você nunca se acostuma.

Cusick lançou à sua parceira um olhar de *Consegue acreditar nesse cara?*

Enquanto isso, Zach deu uma boa olhada no contêiner.

Dentro, pendendo de ganchos, como em um armário de um canibal, estavam fileiras e mais fileiras de partes de corpos. Pernas. Braços. Torsos. Uma corrente cheia de mãos, uma outra de pés. Todos estavam se tornando roxos e verdes com a decomposição, fervilhando de moscas e larvas no calor do contêiner enclausurado.

– Então – Cusick disse –, espero que vocês saibam o que isso significa. Porque eu nunca vi nada assim.

Cade não respondeu, apenas disse:

– Vamos falar com o motorista.

Não foi um pedido.

Eles entraram no prédio da capitania dos portos, uma coleção de pequenos escritórios e o que parecia ser um saguão dos funcionários, com máquinas de venda de refrigerantes e doces. Permaneceram perto das máquinas enquanto Hagan contava-lhes a história do motorista do caminhão.

– Ele está aí dentro – ela disse, apontando para um pequeno escritório fora do corredor principal. A porta estava fechada. – Um cara chamado Andrew Reese. De Jersey. Disse que foi contratado por uma agência de recrutamento para pegar a encomenda aqui. E ele diz que é tudo o que sabe.

Ela destrancou a porta, e eles entraram. Reese não se encaixava na imagem que Zach tinha de um motorista de caminhão – um cara velho, grande como uma meia carcaça, em uma camisa de flanela e boné com tela atrás. Ao contrário, tinha por volta de sua idade, magro como um palito e vestia uma camiseta de grife. Ele os encarou com olhos que pareciam arroxeados pela falta de sono.

– Já era tempo – disparou. – Vou pegar minha carga ou o quê?

– Sua carga foi apreendida – Cusick disse. – Estes cavalheiros são os agentes federais de quem falamos a você. Talvez você queira explicar o que encontramos.

Reese recostou-se em sua cadeira, sem se impressionar.

– Eu já disse a vocês: não faço ideia do que estava no contêiner. Fui contratado para pegá-lo. O que estiver no manifesto de carga é o que eu sei a respeito.

– Você pega qualquer coisa que lhe dizem para pegar?

Reese deu de ombros.

– Um trabalho é um trabalho.

Cusick aproximou-se de seu rosto.

– E nós temos que acreditar que você não sabe por que estamos aqui? Isso é apenas um grande engano para você, certo?

Reese encarou-o de volta.

– Sabe, sou um bom cidadão e tudo mais. Quero ajudar na Guerra ao Terror como todo mundo. Mas já tive o bastante desta merda. Ou vocês me prendem, ou vou sair daqui.

Ele ficou em pé, quase se chocando contra Cusick ao se levantar. Cusick empurrou-o de volta para a cadeira.

Reese sorriu.

– Ótimo – ele disse. – Agora posso processá-lo por brutalidade. Estou precisando de uma TV nova com tela grande.

– Cale a boca – Cusick rebateu. – Ou testaremos seu sangue para metanfetamina.

O sorriso de Reese desapareceu.

– Quero falar com um advogado. Agora mesmo.

Cusick estava para dizer algo, mas Cade o interrompeu.

– Acho que precisamos conversar um instante. Não acha, agente Cusick?

Todos eles saíram da sala novamente, atrás de Cade.

– Ei! E o meu advogado? – Reese gritou. Ninguém respondeu.

Ficaram do lado de fora da porta por um momento, sem falar nada.

– Ele não parece muito cooperativo – Cade disse.

– Dane-se – Cusick disparou. – Se vocês estivessem aqui mais cedo, a história talvez fosse diferente.

Cade o ignorou mais uma vez.

– Eu gostaria de falar com ele a sós.

Cusick ficou instantaneamente desconfiado.

– Por quê?

A expressão de Cade não se alterou.

– Porque gostaria de falar com ele a sós.

Cusick rangeu os dentes e deu um passo para trás com cortesia exagerada.

– Claro. Perdoe-me a má educação.

– Não se preocupe com isso – Cade disse e voltou a entrar na sala.

Zach ouviu Reese falando, abafado pela porta. Não sabia o que dizer aos agentes do ICE, então sorriu.

Olharam-no como se fosse um retardado.

– Mais uma vez, para quem diabos vocês trabalham? – Cusick perguntou.

Zach teve um branco. Não conseguia lembrar qual divisão governamental estava escrita na sua falsa identificação.

Então os gritos começaram.

Zach nunca tinha ouvido nada assim. Veio de dentro do pequeno escritório. Soava como um animal pego em uma armadilha.

Era Reese.

Cusick se moveu antes de sua parceira. Levantou seu pé, preparando-se para derrubar a porta...

Exatamente quando Cade a abriu suavemente.

Correram juntos para dentro. Cade ficou para trás.

– Que *diabos*... – Cusick disse. Zach olhou para baixo, notando que Cusick tinha sacado sua arma.

– Ele não foi contratado por uma agência de recrutamento – Cade disse. – Recebeu uma ligação de uma empresa de transportes marítimos. KSM Holdings. Fora isso, está dizendo a verdade. Podem liberá-lo.

Na sala, Reese não estava mais gritando. Estava tremendo e tentando com todas suas forças esconder-se no canto, o mais longe possível de Cade.

Uma mancha espalhara-se em seus fundilhos. O pequeno escritório estava cheirando fortemente a merda fresca.

– O que você fez com ele? – Cusick exigiu uma explicação.

– Nada – Cade disse suavemente.

– *Nada*? Mentira. Olhe para ele – Cusick disse. – Como você chama isso?

Hagan tentou ir até Reese, para acalmá-lo. Ele guinchou e se encolheu ainda mais.

– Técnicas de interrogatório aprimoradas – Cade disse. Sua boca contraiu-se ao dizer isso.

– *Aprimoradas* – Cusick olhou para ele como se fosse cuspir. – Não sei como faz isso, mas não permitimos essa espécie de tortura tipo Jack Bauer¹⁶ aqui...

– Os Estados Unidos não torturam – Cade disse.

– É isso aí – Cusick disse. – Vou prendê-lo, companheiro.

Zach notou que Cusick ainda estava com sua arma na mão. A expressão de Cade nem se alterou, mas Zach se perguntou se o fato de Cade ter jurado proteger os cidadãos dos EUA iria impedi-lo de jogar Cusick através da parede.

Decidiu não arriscar.

– Calma, calma, calma aí, texano, espere um segundo – disse, levantando as mãos.

Cusick girou em sua direção, seu rosto vermelho.

– Vamos lá. Estamos do mesmo lado aqui, certo?

Cusick assentiu com a cabeça, um pouco. Como se movê-la custasse dinheiro.

– Vamos apenas sair daqui e discutir isso.

Mais um assentir insignificante. Então, apontando para Cade:

– Mas ele dá o fora daqui.

Cusick disse a Hagan para cuidar de Reese. Eles saíram do escritório.

Zach e Cusick foram para um lado conversar. Cusick, felizmente, colocou sua Sig de volta no coldre.

Cade parecia profundamente desinteressado no que quer que eles tivessem a dizer.

– Estarei no contêiner – disse para Zach. – me encontre lá quando terminar aqui.

– Cretino – Cusick disse, alto o suficiente para Cade, já se afastando, poder ouvir.

Cade não se voltou enquanto passava pela porta externa. Assim que ele se foi, Zach baixou sua voz e se inclinou. Cusick fez o mesmo, para ouvir.

– Olhe, preciso pedir desculpas pelo meu parceiro. Ele é um pouco... intenso.

– Ele é um maldito psicótico.

– Na mosca – Zach disse. – Olhe. Você quer mesmo fazer disso um problema? Você quer mesmo ter sua carreira mergulhada em qualquer bagunça terrível que temos aqui?

Cusick devolveu a Zach um olhar de reprovação.

– Então eu devo simplesmente aceitar tudo como um bom menino, é isso?

– Se eu pudesse me afastar disso agora, eu iria – Zach disse, com sinceridade. – Acredite em mim.

A porta do escritório foi aberta, e Hagan saiu.

– Como ele está? – Cusick perguntou.

– Está bem. – Ela viu seu rosto. – Não, está mesmo. Nenhuma marca nele. Seja o que for que aquele cara disse... fez ele cagar de medo. Literalmente, sinto dizer.

Cusick não pôde aceitar isso.

– Mas não tocou nele?

Hagan balançou a cabeça.

– O cara não quer dar queixa nem nada. Ele só quer dar o fora daqui.

Cusick e Hagan olharam um para o outro e depois para Zach.

– Então, e agora? – Cusick perguntou.

– Vão para casa – Zach disse, tentando fazer isso não soar como um palpite. – Assumiremos daqui.

– O que colocamos em nosso relatório? – Cusick perguntou. O olhar desconfiado estava de volta.

Até mesmo Zach sabia a resposta.

– Nada.

– Nada?

– Nem uma coisa sequer. Confidencial. Ninguém jamais ouvirá uma palavra sobre

isso.

– Podemos lidar com informação confidencial – Cusick insistiu.

– Estamos contando com isso – Zach disse. – Algo assim vaza, causa pânico... Na semana seguinte, temos audiências no Congresso e ambos ficamos sem emprego. Você sabe como é.

Os agentes concordaram com a cabeça. Assim como Zach, sabiam como o jogo da culpa funcionava em Washington. Alguém tinha que ser o bode expiatório, e era geralmente a pessoa estúpida o suficiente para ter seu nome anotado em algum lugar.

Tiraram Reese do escritório, enviaram-no ao banheiro e depois o escoltaram até a porta. Suas pernas ainda estavam tremendo, mas ele foi embora por suas próprias forças. Tanto Hagan quanto Cusick apertaram as mãos de Zach e partiram. Cusick olhou de soslaio uma vez. Hagan não.

Assim que eles sumiram de vista, Zach respirou profundamente e dirigiu-se de volta ao contêiner. Muito embora ele realmente não quisesse ir.

Zach encontrou Cade próximo aos fundos do contêiner. Estava muito escuro para ver. Mas Cade não estava tendo qualquer problema.

Zach estava tentando o diabo para não tocar nenhuma das partes corporais. Ficou o mais perto possível da parede.

– Isso foi bom – Cade disse sem tirar os olhos do que estava fazendo. – Você os tirou daqui e impediu que ficassem muito desconfiados.

Zach ficou surpreso.

– Isso não foi nada. Só mentalidade burocrática governamental padrão.

– Você lidou bem com isso – Cade disse. – Não sou sempre bom em lidar com as pessoas.

– Não. Você deve estar brincando – Zach disse, sem expressão.

Silêncio.

– Então, o que você fez com o motorista? – quis saber Zach.

Mais silêncio. Então Cade perguntou:

– Você está com seu telefone?

– Estou – Zach disse.

– Ele possui uma função de câmera. Tire uma foto disto. O mais perto que conseguir.

Zach tirou o telefone de seu bolso, tentou botões até a função de câmera aparecer.

Enquanto isso, Cade olhava atentamente para a articulação do ombro de um braço que balançava em uma das correntes.

Zach apertou os olhos, tentando ver o que era tão interessante para Cade. Então Cade se moveu, e a luz dos holofotes lá fora alcançou o braço.

No ombro, brilhando levemente, havia um acessório de metal de alguma forma soldado na carne e no osso. Parecia ser quase orgânico e ter pontas e encaixes.

Zach lembrou onde já tinha visto tal coisa antes. Em computadores e equipamento de escritório. Juntas metálicas, usadas para acoplar coisas. Parte A no Encaixe B.

– Que diabos...?

– Fotos – Cade relembrou-o.

Zach apontou e disparou. A câmera tinha seu próprio *flash*, que iluminou o interior do contêiner como fosse dia.

Foi quando ele viu a outra coisa no braço que Cade estivera olhando: uma tatuagem.

PRIMEIRO BATALHÃO da Força Aérea, com a mascote do esquadrão bem abaixo: 508º DEMÔNIOS VERMELHOS.

Esse era o braço de um soldado americano.

Zach de repente sentiu como se fosse vomitar de novo, mas sua boca estava seca.

– Jesus Cristo, o que é isso?

Cade saiu do contêiner.

– Venha.

Zach saiu do contêiner o mais rápido que pôde, sem tocar em nada pendendo daquelas correntes.

Assim que Zach saiu, Cade pegou as alças das portas e fechou-as com força.

– Ligue para Griff. É o primeiro número em sua agenda de telefones. Diga-lhe que precisamos de uma consulta com um dentista.

– Isso é realmente uma graça, mas...

– Faça isso. *Agora*.

A expressão plácida do vampiro tinha sumido. Ele parecia *zangado*.

Isso assustou Zach, tanto que se atrapalhou com o telefone para fazer a ligação.

– Cade. *Que diabos é isso?*

Achou que estava sendo ignorado de novo. Então Cade falou.

– Esta é uma semana daquelas para você, Sr. Barrows – ele disse. – Primeiro encontra um vampiro de verdade. Agora vai conhecer Frankenstein.

OITO

Além de sua transmissão neuromotora muito amplificada, o QI do sujeito, particularmente em funções de estratégia e solução de problemas, está na faixa entre excepcionalmente dotado e gênio (161 a 174, na escala Stanford-Binet). Ressonâncias magnéticas e tomografias sugerem que sua função neural se tornou mais eficiente com o passar do tempo – com comunicação cada vez maior através de seu córtex, possibilitada pelo aumento de dobras e fissuras na matéria cerebral, causando mais conectividade entre neurônios. Foi teorizado que isso permite ao sujeito o “processo paralelo”, o que significa trabalhar diversos ângulos de um problema ao mesmo tempo, reduzindo grandemente o tempo necessário para uma solução.

– LIVRO DE INSTRUÇÃO - CODINOME: MASCOTE DE PESADELO

Dylan não teve problemas para passar pela alfândega. Seu carregamento ficou em um dos 97% de contêineres de frete não inspecionados na entrada dos EUA.

Dylan só ficou sabendo disso através de Khaled, e ele repetiu isso sem parar para tranquilizá-lo.

Não funcionou. Dylan pegou seu carregamento e encharcou sua camisa com suor nervoso. Assim que passou pelos portões do estaleiro, levou o caminhão para a rodovia em um pânico cego. A cada cinco segundos, checava seu retrovisor à procura de comandos da Força Delta prestes a cair do céu para matá-lo.

Estava a centenas de quilômetros de distância do porto quando percebeu que ninguém estava procurando por ele. Ninguém se importava.

Khaled teria dito que essa era a forma de Deus testá-lo, prepará-lo para a sagrada missão que eles iriam cumprir.

Dylan estava cansado de ouvir isso. Já tinha feito trabalho demais para o projeto científico de Khaled. Queria ser pago. Mas sempre havia só mais uma coisa, só mais uma coisa.

No início, não era nada que exigisse muito. Khaled o fez viajar. Uma curta viagem aérea para Dubai. Durante uma estadia de fim de semana em um hotel superluxuoso, Dylan entregou uma mala cheia de dinheiro para alguns outros caras árabes. Nada demais. Quando voltou, descobriu que o dinheiro era para as viúvas e órfãos dos “bravos guerreiros mortos na luta contra a ocupação sionista”, mas Dylan não era estúpido. Ele sabia o que aquilo significava: o dinheiro era para pagar sujeitos dispostos a usarem cintos suicidas e se explodirem.

Dylan não tinha problemas sérios com isso. Era como um *videogame*, de certa forma. Escolha um personagem, mande-o para uma batalha e, assim que ele morrer, escolha outro. Simples. No entanto, cada vez mais se ressentia de arriscar seu traseiro para fazer o trabalho duro. As viagens tornaram-se mais frequentes. Logo estava indo para Dubai ou Tel Aviv semana sim, semana não. Sabia porque fora escolhido. Khaled estava em listas de vigilância demais. Dylan era um perfeito rosto desconhecido.

Um perfeito rosto branco *americano*.

Não parecia trabalho de herói. E ele ainda não tinha sido pago.

Então, um mês atrás, Khaled telefonou para chamá-lo a seu apartamento. E deu a Dylan outra passagem de avião.

Este descarregou sua lista de reclamações em Khaled. Estava farto do cheiro de cadáveres. Estava cansado de usar seu tempo livre para cumprir as missões de Khaled. Deu seu ultimato. Estava pronto para sair. Queria seu dinheiro. Não seria mais laçao de Khaled.

Khaled ouviu pacientemente, então perguntou:

– Terminou?

Dylan fez que sim com a cabeça.

Khaled golpeou-o.

Dylan encontrou-se caído de costas, sangrando pelo nariz. Nunca havia apanhado em sua vida. Nem mesmo quando criança.

Khaled ficou de pé em cima dele. Ele tentou se levantar, mas Khaled colocou seu pé na garganta de Dylan e forçou-o a deitar-se de novo. Dylan começou a sufocar. Khaled não diminuiu a pressão nem um pouco.

– Só há um caminho para fora do Zulfiqar – Khaled disse. – E é ou para o Céu do mártir ou para o Inferno do traidor.

Dylan quis perguntar: “Você está falando sério?” – Então tudo o que ele queria era conseguir respirar.

– O que você quer? Quer sair? – Khaled perguntou.

Dylan sacudiu a cabeça. *Não, não. Não, senhor. Estou no time, bem aqui.*

– Você está preparado para continuar sua missão? – Khaled perguntou.

Dylan assentiu com a cabeça como um daqueles bonecos que balançam a cabeça sem parar.

Khaled levantou seu pé, um grande sorriso de volta ao seu jeito. Abraçou Dylan como a um irmão. E deu-lhe a passagem de novo.

Dylan decidiu que continuaria com o plano de Khaled por um tempo. Até imaginar um jeito de desistir que não fizesse Khaled ficar tão irritado.

Depois fez uma viagem a Los Angeles. Encontrou-se com um cara de nome alemão e belo cabelo, que explicou para que os corpos seriam usados. Dylan não acreditou muito, mas Khaled sim. Isso era tudo o que importava.

Voltou ao Kuwait. Houve mais tarefas, mais viagens aos EUA para checar o progresso do cara alemão. A cada vez, Dylan se perguntava se finalmente iria receber seu dinheiro e sair.

Então Khaled disse-lhe que estavam prontos. O plano estava quase terminado.

Havia apenas mais uma coisa que Dylan tinha que fazer. Lógico.

Ele tinha que pegar uma carga e levá-la a um novo destino. Não poderia chegar ao local-alvo – isso seria arriscar-se demais.

Mas, então, assim que fizesse a entrega, Khaled prometeu, Dylan receberia sua recompensa.

Na noite anterior ao seu voo para os Estados Unidos, Dylan encontrou Khaled e

seus amigos no apartamento. Beberam e brindaram à coragem de Dylan – até mesmo os caras muçulmanos da linha dura, que nunca bebiam nada além de suco de uva.

As coisas estavam ficando bem animadas, mas, antes de as prostitutas aparecerem, Khaled pediu silêncio.

– Você renunciou ao seu país para fazer o que é certo – Khaled disse para Dylan. Os outros assentiram. – Você deve ter um novo nome, para significar sua nova vida como guerreiro.

Ele pareceu pensar bastante, então sorriu com prazer para Dylan.

– De agora em diante, você será Ayir al-Kelba.

Os amigos de Khaled sorriram tão amplamente quanto ele. Dylan sentiu o orgulho inchando-o por dentro.

– Ayir... O que isso significa?

– Significa “grande líder” – Khaled disse.

Talvez fosse a bebedeira, mas Dylan sentiu-se um tanto comovido. Até mesmo os sauditas com cara de rocha pareciam lutar para se conterem.

Foi quando Dylan decidiu que estava fazendo a coisa certa. O mundo tinha que mudar. Khaled tinha razão sobre isso. E ele tinha escolhido Dylan para ajudar.

Tudo ficou claro: aqueles caras realmente entendiam seu potencial. Pela primeira vez, sentiu como se alguém tivesse lhe dado um nome que combinava com sua grandeza interna. Eles acreditavam em Dylan. Então também acreditaria neles.

Dylan agarrou-se àquele momento e às promessas feitas por Khaled.

Isso o ajudava a esquecer o que estava na traseira do caminhão, enquanto ele dirigia dentro da noite.

NOVE

Exposição contínua a chamas de alta temperatura (maçarico de propano, aprox. 315°C) causa o mesmo dano que seria esperado em tecido humano normal. Teoriza-se que a alta temperatura possa causar a mesma “interrupção” de proteínas que a exposição a raios UV, apesar de não termos ainda verificado isso. Excetuando a luz solar e o fogo, o sujeito praticamente não possui outras vulnerabilidades. Testes com alho, prata e outros materiais mencionados no folclore não tiveram efeitos discerníveis. Para matar o sujeito, seria necessário destruir completamente sua função cardíaca – através de dano massivo ao coração – ou separar completamente a cabeça de seu corpo. Esse é, talvez, o motivo de culturas anteriores decapitarem corpos e atravessarem estacas no coração como tentativas de prevenir ataques de vampiros.

– LIVRO DE INSTRUÇÃO - CODINOME: MASCOTE DE PESADELO

Nova York, Biblioteca Pública, Divisão de Ciências Humanas e Sociais, Nova York

Tânia entrou na biblioteca bem quando a campainha soou anunciando que faltavam 15 minutos para o fechamento. Deu ao guarda de segurança um sorriso magnífico, e ele ficou feliz em deixar a bela garota esgueirar-se para dentro, apesar das regras.

Ela passou pelas multidões de pessoas até a sala de genealogia, um dos locais mais populares de toda a construção. Tânia não teve problema para chegar às estantes que desejava – as pessoas saíam da sua frente sem nem perceberem.

A seção continha registros da época de quando as ruas de Nova York estavam cheias de cocô de cavalo e água limpa era um item de luxo. Havia muitos historiadores de famílias, acadêmicos e pessoas sem teto ainda em suas cadeiras, esperando até que alguém os chutasse para fora para que pudessem surrupiar mais um pouco de dados ou um pouco mais de calor. Tânia desapareceu em um longo corredor de antigos volumes com capa de couro – cada vez havia menos desses livros, à medida em que computadores absorviam seu conhecimento e tomavam seu lugar. No entanto, era difícil contestar a decisão: quase ninguém mais vinha examinar os velhos diretórios da cidade, as listas telefônicas e os registros municipais. Listas e listas de nomes de pessoas há muito mortas. Uma lista de chamada que ninguém nunca iria responder e com a qual ninguém se importava.

Tânia não estava procurando por esses nomes, de qualquer forma. Precisava de informação mais nova.

Folheando páginas de um antigo registro social municipal, aparentemente ao acaso, ela sempre se detia onde algum vândalo tinha marcado o livro com tinta de caneta.

Círculos e marcas. Palavras ao acaso. Ela encontrou a tinta mais fresca – conseguia cheirá-la – e começou a reunir as palavras em sua cabeça.

“Doutor” era a palavra mais nova circulada. Depois “tarefa”.

Ela tinha estado fora da cidade e de contato por algum tempo. E mesmo que sua raça definitivamente não fosse social, eles reconheciam a necessidade de manter linhas de comunicação. Uma sala de bate-papo não iria servir para muitos deles. Precisavam de algo um pouco menos efêmero do que um código digital em uma tela.

Felizmente, humanos eram criaturas ridiculamente sentimentais e se apegavam a tudo.

Tânia continuou folheando, um franzir de sobrancelhas desfigurando sua pele perfeita e pálida. “Remoção”, “extermínio”, “controle de pragas”.

Algum dia, esse prédio e todos os livros que continha seriam destruídos,

desmantelados pelas pessoas conforme elas fossem reconstruindo o mundo novamente. Mas alguns dos postos avançados do passado permaneceriam. Veja Stonehenge. Ainda estava por lá, mesmo que agora fosse uma forma inútil de transmitir mensagens agora.

Tânia não estava gostando do jeito que essa mensagem tomava forma. Nem um pouco. “Compensação”, “mais”, “eliminação”, “tempo”, “logo”, “presidente”, “animal de estimação”.

Então uma série de números. Não um número de telefone, mas um código secreto, guiando qualquer um que o soubesse e tivesse a habilidade de memorizar uma série de sequências de 16 dígitos até um lugar onde a comunicação continuaria.

Tânia já tinha visto o bastante. Fechou o livro com raiva.

Um bibliotecário no final do corredor olhou para ela com desaprovação. Era o tipo de homem que aparentava ter nascido de terno.

Na realidade, em suas horas de folga, era grande fã de couro e servidão sexual. Mas gostava de representar o papel de intelectual certinho no trabalho. Em suas duas vidas, era um defensor intransigente das regras.

– Estamos fechando – ele a lembrou. – Seu tempo está acabando.

Ela quase sorriu com aquilo.

– Não o meu – ela disse. – Mas o de alguém está.

Por que pegamos todos os doidos?, o bibliotecário pensou.

Ela olhou-o fixamente, como se tivesse ouvido seu pensamento.

Então passou majestosamente por ele. Ela era muito atraente, mas nenhuma das fantasias sensuais costumeiras do bibliotecário sobre amarrá-la na cama passou por sua cabeça. Ele nem mesmo a espiou ao passar por ele para ter uma visão melhor. Ele só queria ter certeza de que ela tinha ido embora.

Quando ela saiu pela porta, ele se sentiu estranhamente aliviado, como se tivesse escapado por pouco de algo terrível. Talvez devesse falar com seu terapeuta sobre ajustar sua dosagem.

DEZ

Haldeman: O ponto é, teremos grandes dificuldades para mantê-lo [ininteligível] ou contido. Podemos ignorar um jornal, chamê isso de vingança, mas se alguém mais seguir a história...

Presidente: E Cade?

Haldeman: O que teme ele?

Presidente: E se ele fosse conversar com aqueles dois do *Post*? Woodson e, qual é o outro, alguma coisa Birnbaum?

Haldeman: Bernstein. Eu não acho...

Presidente: Isso calaria a boca deles.

Haldeman: Cade não fará nada contra cidadãos inocentes.

Presidente: Inocentes. [Risadas]

Haldeman: Parte da coisa. Seu juramento. Ele não pode tocar neles.

Presidente: Bem, essa é a minha sorte. Um [inpropério apagado] vampiro com uma consciência.

– *Transcrição parcial da chamada “lacuna de dezoito minutos e meio” na gravação de uma reunião entre H. R. Haldeman e o presidente Richard M. Nixon, 20 de junho de 1972*

A Casa Branca, Washington, D.C.

Ninguém entra para o Salão Oval esperando dormir muito no trabalho. Os auxiliares de Samuel Curtis o acordavam no meio da noite duas ou três vezes por semana, no mínimo.

Em um ano na presidência, Curtis já tinha se acostumado a isso. Conseguia desligar como uma lâmpada agora. Ordenar um ataque aéreo, e voltar para cama. Problema nenhum.

Exceto quando Cade estava envolvido.

Na última vez que Cade pediu uma reunião, uma menininha em Nevada estava dizendo coisas terríveis em um idioma morto. Menos de uma semana depois, Curtis teve de ordenar que uma cidade inteira fosse esterilizada – queimando todas as casas e edifícios até o chão, juntamente com quaisquer pessoas ou coisas dentro.

Aquilo ainda o mantinha acordado algumas noites.

Curtis estivera na política durante toda sua vida adulta antes de concorrer a presidente. Tinha visto todas as variantes de necessidades, ganâncias e fraquezas humanas.

Ele achava que nada poderia surpreendê-lo.

Então, em seu dia de posse, encontrou-se com seu predecessor, um rapagão de fraternidade com um marcante temperamento maldoso.

– Tenho algo para dar a você – o ex-presidente tinha dito.

Pessoalmente, Curtis pensou que duas guerras no Oriente Médio e uma economia que lembrava um cheque devolvido eram suficientes. Não havia afeto entre os dois homens. Tinha sido uma campanha ofensiva. Curtis fora comparado ao Anticristo. Mais de uma vez.

Contudo, manteve sua boca fechada enquanto seu predecessor passava-lhe um pedaço de papel dobrado: os códigos diários de lançamento dos mísseis nucleares da América. Um conjunto aparentemente aleatório de números que poderiam acabar com toda a vida na Terra se pronunciados, como palavras mágicas. Curtis colocou-os no bolso de seu terno. Poderia ter jurado que continuou os sentindo ali depois de retirar sua mão.

Curtis observou quando o ex-presidente abriu um pequeno cofre atrás do retrato de Kennedy na parede. Dentro havia uma caixa de madeira. Ele pegou uma chave de uma corrente em seu pescoço e a abriu.

Dentro da caixa estava um saquinho de couro, gasto e brilhante com a idade. Ele o mostrou a Curtis, então lhe deu a chave.

– Você não vai querer perder nenhum desses – seu predecessor disse. Ele pareceu mais aliviado por se livrar da chave do que dos códigos nucleares.

Curtis conheceu Cade pessoalmente mais tarde naquela noite e percebeu o porquê.

O presidente Curtis pensava naquele momento agora, ao olhar para o relógio – 3h17 da manhã.

Guerra nuclear, o presidente conseguia compreender. Horrível como era, encaixava-se dentro dos horrores que poderia aceitar. Ele conseguia racionalizá-la.

O que Cade lhe trouxe da escuridão... não havia com o que barganhar, nada a negociar. Era, na maior parte, inteiramente fora de seu controle.

Aquilo o apavorava, a toda hora.

Você quis o serviço, o presidente disse a si mesmo. *Então, vá trabalhar.*

Cada presidente lidou com Cade de uma maneira diferente – trouxe conhecimento de sua existência para um grupo diferente. FDR não se incomodou em dizer a Truman, mas Harry Hopkins, o chefe do WPA, sentava-se em todas as reuniões. JFK fazia Cade se comunicar por intermédio de seu irmão e uns poucos outros auxiliares de confiança. LBJ¹⁷ encontrava-se com ele sozinho, mas foi uma exceção. Cada vez mais, era um comitê inteiro que se sentava com o presidente quando este se encontrava com Cade. O grupo de Curtis chamava-se Conselho Especial de Segurança.

Eles se encontravam no Centro Presidencial de Operações de Emergência sob a Asa Leste da Casa Branca. A maioria das pessoas conhecia-o pelo nome tornado famoso por filmes de espiões e pela TV: o Bunker. Mas isso foi nos filmes. Na Casa Branca, todos o chamavam por seu acrônimo: PEOC ou P-OCK.

Após o 11 de Setembro, o P-OCK foi remodelado – cavado mais profundamente na terra, tornado mais espaçoso e conectado com linhas de comunicação de alta capacidade.

Entretanto, uma coisa não mudou: uma porta secreta que levava ao túnel chamado de “gasoduto em desuso” na Declaração de Impacto Ambiental da Casa Branca. O túnel levava diretamente ao Relicário. Tinha sido o caminho de Cade até a Casa Branca desde 1960.

Somente o presidente, seu agente de ligação e Cade sabiam sobre aquele túnel. Para o Serviço Secreto, sempre pareceu que Cade e seus encarregados simplesmente estavam ali quando o presidente chegava. Particularmente, isso os deixava enlouquecidos.

Por dentro, o P-OCK não parecia tão dramático. A câmara principal era do tamanho de uma sala de reuniões comum, exatamente como a que você encontra em um hotel de boa categoria.

Mesmo assim, Zach ficou pasmo tão logo emergiu do túnel.

Griff notou.

– Você quer fechar sua boca antes que comece a engolir moscas – ele disse,

enquanto se sentava pesadamente em uma cadeira.

Zach deu de ombros, tentando recapturar um pouco de calma.

– Eu nunca estive aqui antes – ele disse.

Griff apenas resmungou em resposta. Zach pensou que ele parecia um pouco mais envelhecido do que o normal. Provavelmente tinha passado de sua hora de dormir.

As portas duplas se abriram, e entrou um homem vestindo um terno preto e usando um fone de ouvido. Ele franziu a testa para os três, mas acenou que estava tudo bem.

O presidente Curtis entrou. Era alto e esguio. Apesar da hora, estava perfeitamente vestido e barbeado. Zach sabia que o destacamento de proteção lhe dera um codinome, “Sinatra”, porque parecia sempre estar usando *smoking*, não interessando sua roupa real, não importando a hora do dia. Era um motivo pelo qual Zach sempre insistia em usar um terno.

Curtis foi seguido por um outro agente, o presidente da Junta de Chefes do Estado Maior e, por fim, pelo vice-presidente, Lester Wyman – um homem pequeno e pálido com jeito de Smurf. Wyman já estava de cara fechada. Isso não surpreendeu Zach. Wyman sempre estava irritado com alguma coisa.

O vice fora selecionado como uma concessão aos votantes em valores morais. Esteve no Senado anos antes de Sam Curtis – na maior parte desse tempo criticando as blasfêmias nos filmes e os *videogames* violentos – e foi mentor do senador novato. Então seu protegido disparou do nada e tornou-se o homem mais poderoso do mundo.

Mesmo assim, ninguém levou Wyman muito a sério, mesmo quando ele chegou ao cargo de VP, porque ninguém podia imaginar um presidente americano chamado Les.

O presidente, porém, dava-lhe ouvidos. Wyman era um verdadeiro político inescrupuloso – sorrindo para as multidões, depois separando seus amigos e inimigos a portas fechadas. Todo presidente precisa de um homem que suje suas mãos – este era um.

O presidente sentou-se. Todos os demais na sala o imitaram. Zach sentiu-se estranhamente excitado. Não tinha ideia do que estava acontecendo – nem Cade nem Griff tinham-lhe explicado coisa alguma –, mas deveria ser importante.

– Bem, cavalheiros, estamos aqui – o presidente disse. – Qual é o pesadelo mais recente?

Griff se levantou e foi até o *laptop* e o projetor na frente da sala. Zach tentou não sorrir. Certas coisas nunca mudavam. Em uma reunião de governo, até mesmo quem lidava com um vampiro tinha que usar PowerPoint.

Griff clicou no *laptop*, e as fotos de Zach apareceram em uma tela nos fundos da sala.

– O ICE interceptou este contêiner no princípio da noite – Griff disse. – O que

vocês estão vendo são membros humanos modificados.

Ele parou na foto da tatuagem no braço cortado do soldado.

– São de soldados dos EUA.

– Deus do céu – alguém sussurrou.

– O que isso significa? – o presidente perguntou.

Griff apertou outro botão e mais corpos apareceram na tela. Zach inspirou com força. As imagens eram de Dachau. Ele as tinha visto nas aulas de história, mas apenas as menos ofensivas, as deixadas para consumo público. Nada assim tão explícito. Corpos, fileira após fileira. Escavadeiras empurrando-os para covas coletivas já cheias até a borda.

Griff olhou para Cade, que mudou de posição, como se estivesse interessado.

– *Unmenschsoldaten* – Cade disse.

– O quê? – Curtis perguntou.

– Mil novecentos e quarenta e três. Os nazistas possuíam inúmeros projetos ocultos dentro dos campos de concentração – respondeu.

Ele fala sobre isso como se tivesse estado lá – Zach pensou. Então, percebeu que provavelmente estivera mesmo.

– Naquela época, descobrimos um cientista que estava tentando criar o que ele chamava de *Unmenschsoldaten*: soldados construídos com partes de cadáveres.

Cade olhou diretamente para o presidente.

– Alguém começou esse processo novamente. Estes membros foram modificados para serem montados *Unmenschsoldaten*.

Deu uma pausa, como para deixar a mensagem ter mais impacto. Todos pareciam sombrios. Zach, no entanto, sentiu uma chance de mudar a agenda. Sabia que era um risco, mas, poxa! Ele não tinha ido em frente sem correr alguns riscos e ser notado...

Portanto, levantou sua mão.

O presidente percebeu.

– Você não precisa esperar ter permissão para falar, Zach. Prossiga.

– Sei que sou novo nisso – Zach disse –, mas... e daí?

Todo mundo na sala encarou Zach como se sua mãe o tivesse derrubado de cabeça. Muitas vezes.

– E daí? – Griff repetiu.

– Bem... É – Zach disse. – Talvez isso seja apenas pensar fora do comum, mas quem se importa que alguém desenterre e remonte alguns cadáveres? Quero dizer, isso é insano, e até mesmo um tanto impressionante, mas estamos falando de um cadáver aqui.

Cade apenas olhou para ele. A boca de Zach ficou seca, mas ele conseguiu olhar de volta.

– Humanos vivos podem sobreviver a acidentes de carro, quedas, até mesmo tiros

– Cade disse. – Agora, imagine um corpo humano com todas as fraquezas humanas removidas. Um cadáver não sente dor. Não fica com fome. Não sofre de choque ou exaustão ou remorso.

– Mas, ainda assim, é apenas um corpo morto – Zach insistiu.

– Tudo o que eles lembram é como matar – Cade disse. – Atire neles, eles continuam andando. Queime-os, eles continuam andando. Eles não param. Eles não descansam. Em um dia, um *Unmenschsoldat* pode matar mil pessoas sem usar armas. Uma dúzia de *Unmenschsoldaten* poderia quadruplicar essa contagem de corpos. Um pelotão – ou um batalhão inteiro – poderia aumentar esse número exponencialmente.

O sorriso afetado sumiu do rosto de Zach. Mas Cade não estava pronto para poupá-lo ainda.

– Você entende? Esta é uma arma que literalmente *mata cidades*, uma pessoa por vez.

Silêncio.

– Isso é incomum o bastante para você, Zach? – Griff perguntou.

Zach baixou os olhos em direção da mesa.

– Isso é o bastante – o presidente disse.

– Como podemos sequer saber que há mais dessas coisas? – Wyman falou de repente. – Você encontrou apenas um contêiner, certo? Você apertou o botão do pânico sem razão, Cade?

O desprezo na voz de Wyman quase fez o queixo de Zach cair. Ele não sabia com o que estava lidando? Tinha de saber, se estava presente – mesmo assim, falava com Cade como se ele fosse qualquer outro subordinado, quando a reação mais sensata seria correr para a porta gritando.

Talvez seja por isso que vampiros tenham vivido por tanto tempo – Zach pensou –, apesar de todos os alertas em lendas e folclores: a inabilidade infinita dos humanos em enxergar além de seus narizes, em encarar o que estava bem em frente a eles.

Griff se manifestou.

– Na realidade, senhor, o mesmo código de faturamento foi usado para carregamentos que já estão nos EUA há algum tempo. Dois vieram através de Baltimore, um por Long Beach e depois outro veio para Los Angeles na semana passada. Parece que esse que foi interceptado pelo ICE era quase o último.

– Qual foi o último?

– O que está vindo para Los Angeles neste exato instante. Em outro navio de contêineres. Programado para chegar ao porto em dois dias – Griff disse.

– Isso não prova nada – argumentou Wyman. – Pode ser uma coincidência. Pode não ser nada.

Griff olhou para Wyman com descrença.

– Acho que o que o vice-presidente está perguntando é: temos alguma ideia de quem está por trás disso? – o presidente perguntou. – Ou estamos apenas supondo qual é a intenção aqui?

– Nós não sabemos. O contêiner foi enviado por navio da cidade do Kuwait – Griff disse. – Estamos presumindo uma facção dissidente ou uma célula adormecida do Jihad islâmico.

– Ainda parece bem improvável para mim – completou Wyman.

– Quem fez isso é irrelevante – Cade disse. – Há uma única pessoa que efetivamente conhece os segredos necessários para criar o *Unmenschsoldat*. Dr. Johann Konrad. Eu gostaria de trazê-lo sob custódia.

– Espere – interrompeu Zach. – Esse cara ainda está vivo?

O presidente olhou para Griff.

– Você não deu a ele o livro de instrução?

– Ele diz que deu uma folheada – Griff disse.

– Você tem alguma evidência direta de que Konrad esteja envolvido?

Cade encolheu os ombros.

– Não.

– Ele é o único homem que poderia estar fazendo isso – Griff disse.

O presidente olhou em seu dossiê.

– De acordo com o que está aqui, isso não é estritamente verdade, não é? Outras pessoas têm usado as descobertas de Konrad, não têm? – O presidente leu da página – Cidade de Evans, Pensilvânia, 1967. Camden, Nova Jersey, 1957...

– Não conseguimos provar que Konrad esteve envolvido nesses, mas suspeitamos dele – Griff disse.

– Fizemos um acordo com ele – o presidente disse, ainda olhando para o dossiê. – Perdão pleno. Cidadania plena. Podemos não gostar disso, mas sou obrigado a honrar os desejos de meu predecessor, por causa daquele favor que ele fez para nós em 1981.

– Aquilo não foi um favor – Griff disse.

– Você poderia se sentir diferente se fosse sua vida em risco, agente Griffin – o presidente disse de forma cortante.

– Ele ainda é nossa melhor pista – Griff insistiu.

O presidente pensou por um momento. Wyman usou a pausa como uma chance de entrar na discussão novamente.

– Tenho uma pergunta – falou. – Por que não soubemos disso antes?

– Nós só fizemos essa descoberta umas poucas horas atrás – Griff disse.

– Não foi a isso que eu me referi – Wyman disparou. – Soldados que não precisam comer, não precisam de trajes de proteção e que são indestrutíveis. Por que

nós mesmos não estamos usando essa tecnologia?

Zach teve certeza de que Wyman não viu a expressão de contrariedade do presidente.

– CEO Número Trinta e Sete – Cade disse, a voz sem entonação. – Assinada pelo presidente Eisenhower em 1958. Proíbe expressamente o uso de qualquer uma das descobertas de Konrad por parte de qualquer agência do governo dos EUA.

Zach, por fim, reconheceu algo do que Cade estava falando – ele tinha chegado até ali no livro de instrução. As CEOs – Ordens Secretas do Executivo – eram como os presidentes deixavam instruções para seus sucessores após terem sido apresentados aos grandes segredos, incluindo a existência de Cade. A numeração formal havia começado somente com Roosevelt, durante a Segunda Guerra Mundial. Antes dessa época, os presidentes tinham unicamente escrito em um diário encadernado em couro que ficava em um cofre no Salão Oval.

Wyman desdenhou do argumento de Cade.

– Isso foi há muito tempo – declarou. – Tenho certeza de que Ike não sabia de todas as ameaças que teríamos que enfrentar no século XXI. Ele provavelmente não tinha a intenção de amarrar nossas mãos assim.

– Na realidade, ele tinha – Cade disse. – Eu estava lá.

A carranca de Wyman aumentou, e ele se virou para o presidente.

– Exatamente sobre isso que eu estava falando antes – ele disse, sua voz arrastando-se quase como um lamento. – Quando vejo essas coisas serem simplesmente descartadas, sob vidro naquele pequeno esconderijo onde ele fica... Aquilo não são artefatos. Aquilo são *armas*. Nós deveríamos usá-las.

Griff emitiu um som do fundo de sua garganta.

– Alguma coisa a dizer, agente Griffin? – Wyman perguntou.

Zach nunca tinha visto o rosto de Griff daquele jeito antes. O vice tinha feito algo que Zach não conseguira com todas as suas alfinetadas. Havia deixado o velho fora de si.

– Sim, senhor – Griff disse. – Você está totalmente pirado?

A boca de Wyman abriu-se inteira. O presidente suprimiu um sorriso.

– Você saiu da linha, agente Griffin – Wyman sibilou.

– Eu não terminei – Griff disse. – Você não *escutou*? Aquelas coisas não são armas. Essa é apenas a promessa que elas acenam para pessoas estúpidas o suficiente para usá-las. Elas são chaves e abrem uma porta que tem de ser mantida fechada a qualquer custo. Isso não é um debate sobre política. Você não tem uma droga de noção do que eu tenho visto e aposto que você não quer aquilo andando pela Terra. *Senhor*.

O rosto de Wyman ficou vermelho.

– Nós já deixamos o mal entrar – ele disse, olhando para Cade. – Alguns

poderiam dizer que deixamos ele chegar próximo demais.

Griff pareceu pronto para contra-atacar, mas o presidente levantou sua mão.

– Basta, agente Griffin – sentenciou.

– E quanto a um ataque aéreo? – o presidente da Junta perguntou. – Convencional ou nuclear, aqueles filhos da mãe não podem escapar disso.

– Não, não podem – Griff concordou. – Nem ninguém mais na área-alvo.

O presidente da Junta fez uma careta.

– Em outras palavras, a única forma de impedi-los de matar milhares de pessoas é soltando uma bomba que matará milhares de pessoas.

– Talvez pudéssemos colocar alguns *Predators*¹⁸ zunindo no ar – o diretor da CIA sugeriu.

– No espaço aéreo doméstico? – Wyman rebateu. – Você está maluco?

– E quem estaria no gatilho? – o presidente da Junta perguntou. – CIA ou DOD?

Os homens começaram a falar uns sobre os outros. Cade se afastou da mesa. O presidente notou.

– Estamos aborrecendo você, Cade?

– Sim – respondeu.

Uma risada curta e indignada veio de alguém.

– Inacreditável – Wyman resmungou.

– Você tem alguma coisa a acrescentar, vamos ouvi-la – o presidente Curtis disse.

Cade olhou para o teto, então de volta para os homens na mesa.

– Muito bem. Curto e grosso. Se estivermos certos, haverá soldados mortos andando pela rua de uma cidade americana. Matando tudo o que encontrarem. Feitos de pedaços de homens que morreram para proteger este país. Mães irão ver na televisão os rostos de seus filhos mortos fazendo coisas horríveis. E as pessoas irão acreditar nas coisas da escuridão novamente. Cada vez que isso acontece, o Outro Lado ganha terreno. Suas fronteiras se expandem pelo medo. Ele se alimenta de nossa dor. E cada corpo que for empilhado na rua dirá ao mundo que vocês falharam em proteger esta nação.

Aquilo silenciou a todos. Até mesmo Wyman.

O presidente olhou para a foto da tatuagem, ainda na tela.

– Então, quais são nossas opções?

– Nós os paramos antes de serem ativados – Cade disse. – Esta é a única opção.

Zach sabia que provavelmente não deveria dizer coisa alguma. Mas agora estava com medo, também.

– Talvez seja muito tarde para isso – ele disse. – Como sabemos que eles ainda não foram acionados?

– Porque ninguém morreu ainda – Cade disse.

O presidente não demorou para tomar uma decisão depois disso. Ordenou a

Griffin que ficasse em Washington e descobrisse de onde o carregamento veio e quem o enviara. A Cade, ordenou que falasse com Konrad, que o tratasse como um suspeito, mas que não fizesse nada sem provas.

– Gostemos ou não, o homem é um cidadão agora – disse. – Você está me ouvindo, Cade?

Cade assentiu.

– Zach, você irá com Cade – o presidente disse. – Nada como começar pelo mais fundo.

Ele fechou o dossiê e deixou a sala, os homens do Serviço Secreto bem atrás dele. Wyman se levantou como um boneco de mola, já reclamando enquanto eles iam até o elevador para a Casa Branca.

Sem dizer uma palavra para Griff ou Cade, Zach se apressou porta afora atrás deles.

Cade e Griff observaram a saída deles. Griff, ainda sentado, deixou escapar uma forte bufada de ar – para Cade, ele parecia frustrado.

– Você sabe que devíamos trazê-lo sob custódia – ele disse.

– Não – Cade disse. – Eu devia tê-lo matado anos atrás.

Griff assentiu.

– Mas nós temos nossas ordens – comentou.

– Nós temos nossas ordens – Cade concordou.

Ele estava ocupado varrendo o disco rígido do *laptop*, executando um programa que iria limpá-lo até o metal. Nenhum registro dessas reuniões era mantido, e nunca seria permitido que as imagens digitais do telefone de Zach saíssem do P-OCK.

– O que foi aquilo com Wyman? – Cade perguntou.

– Não é como se eu estivesse preocupado em perder minha pensão.

Outro silêncio desconfortável. Cade realmente pensou que ele já deveria lidar melhor com a morte de pessoas, a esta altura.

Griff acenou com a cabeça na direção da porta.

– Parece que o garoto vai tentar pular fora.

Cade deu a Griff seu sorriso fantasma.

– Desejo sorte a ele.

Zach alcançou o presidente e Wyman às portas do elevador. O Serviço Secreto avançou levemente. Por uma fração de segundo, Zach se sentiu envaidecido por eles o considerarem uma ameaça. Acompanhar um vampiro estava aumentando sua reputação.

O presidente fez um pequeno gesto, e eles deram um passo para trás. Então ele apertou a mão de Zach.

– Zach – ele disse –, o que está achando de seu novo trabalho até o momento?

Seu filho da mãe, Zach pensou. Em voz alta, porém, apenas comentou:

- Senhor, acho que cometeu um engano.
- Dei a você minhas ordens, Zach. Você e Cade irão interrogar o doutor...
- Não foi isso que eu quis dizer, senhor.

Normalmente, Zach nunca interromperia o presidente, mas tinha que falar rapidamente. O elevador até o P-OCK demorava um pouco, e esse era todo o tempo que ele tinha.

- Não acho que eu seja a pessoa certa para esse trabalho.
- Eu discordo – o presidente foi rápido.
- Senhor, com todo o devido respeito, está enganado. Inacreditavelmente enganado. Não sou o cara para isso. Você precisa de um SEAL da Marinha ou alguém da CIA. Pelo amor de Deus – Zach baixou sua voz aqui –, quando conheci Cade, *eu molhei minhas calças*.

- Ele tem esse efeito sobre as pessoas – o presidente disse.
- Senhor, por favor, se quer que eu peça desculpas pelo que aconteceu com sua filha...

O presidente pegou Zach pelos ombros e o afastou dos outros.

- Zach... você realmente acha que está aqui por causa do que fez com Candace? Sei que você é mais inteligente do que isso.

- Então, por quê?

O presidente olhou-o nos olhos.

- Porque você *é* esperto. É engenhoso. E você é leal. São qualidades difíceis de se encontrar atualmente.

Poderia ser imaginação de Zach, mas achou que o presidente deu um leve olhar para Wyman.

- Acredite, Zach – o presidente disse –, esse é o serviço mais importante que você poderia ter em minha administração. Confie em mim quando digo que preciso que você faça isso.

O elevador fez um suave ruído. O presidente voltou-se, e ele, Wyman e os agentes embarcaram. Ele olhou para Zach. Então o FDP efetivamente *piscou* para ele.

Zach apenas olhou estupidamente para trás enquanto as portas se fechavam.

ONZE

1967 – O assim chamado incidente da Noite dos Mortos Vivos, Cidade de Evans, Pensilvânia – Liberação não intencional de compostos experimentais baseados nos trabalhos do Dr. Johann Konrad (ver “Barão von Frankenstein”) fez com que humanos recentemente falecidos readquiram funções metabólicas, i.e., “retornem à vida”. Humanos revividos atacaram a sede de uma fazenda onde residentes da área não afetados procuraram refúgio. O composto perdeu o efeito após aproximadamente oito horas, e os falecidos “morreram” mais uma vez. Sem sobreviventes.

– LIVRO DE INSTRUÇÃO - CODINOME: MASCOTE DE PESADELO

As poucas horas seguintes foram estranhamente maçantes para Zach – devido à correria típica que antecede uma viagem. Eles pegaram o carro para a Base da Força Aérea de Andrews. Um homem de terno ficou com suas chaves depois que eles estacionaram e dirigiu rapidamente em direção às pistas.

Zach não teve tempo de perguntar o que estava acontecendo. O céu estava ficando claro. Teve que se apressar para acompanhar Cade enquanto este entrava em um pequeno hangar marcado com o nome AVIAÇÃO SEMPRE-VERDE.

Dentro, o espaço estava na maior parte vazio, descontando-se uns poucos pneus de estepe para trem de pouso e uma longa caixa de alumínio.

Cade entrou na caixa e fechou a tampa barulhentemente, sem dizer uma palavra para Zach.

Zach não sabia o que fazer. Esperou.

Tudo o que havia acontecido nas últimas 24 horas começou a se acumular. Ele tentou assimilar tudo o que tinha aprendido dando uma imaginária conferência de imprensa em sua cabeça. Tinha dado algumas enquanto estava na Casa Branca e descobriu que nada concentrava tão bem seus pensamentos quanto escapar dos chacais da mídia.

P: Sr. Barrows, você diz que foi selecionado para assessorar um vampiro? Você tem certeza de que não teve um rompimento psicótico com a realidade?

R: Bem, quando eu o vejo, meus intestinos viram água e tenho que me segurar só para evitar berrar em pânico mortal. E ele tem presas. Então, sim, vou continuar com vampiro.

P: Ele se alimenta de seres humanos?

R: Ele diz que não.

P: E você acredita nisso?

R: Não tenho motivos para duvidar dele. Até o momento. Sim, Helen?

P: Quais outros elementos sobrenaturais o governo dos EUA está empregando? Há lobisomens no Departamento de Estado?

R: Você teria que perguntar a eles. Por tudo o que eu sei, eles têm zumbis no IRS. Tudo o que posso contar a você é sobre o vampiro.

P: O material que você disponibilizou diz que ele é vulnerável à luz solar e ao fogo. E alho? Ou prata?

R: Reviste-me. Eu ainda não comprei nenhuma pizza ou jóia para ele.

[Risadas]

P: Essa ameaça *Unmenschsoldat*... Soa como se muitas pessoas pudessem morrer se você falhar.

R: Isso não é uma pergunta.

P: O que é essa coisa de “Outro Lado” sobre a qual estamos sempre ouvindo falar?

R: Receio que isso seja confidencial.

P: Você quer dizer que não sabe.

R: E isso é tudo, o tempo que dispomos acabou.

P: Sr. Barrows, isso é realmente o que você queria fazer na sua vida?

R: Obrigado a todos por comparecerem.

Zach refletiu sobre isso. Estava sem opções. O presidente tinha deixado isso bem claro. Mas talvez houvesse um caminho de volta para uma verdadeira posição de poder. Se ele fizesse o serviço, seguisse com essa loucura... Talvez conseguisse ser promovido. Ou uma transferência.

Dois funcionários da manutenção entraram vestindo macacões manchados de graxa. Pegaram a caixa e saíram com ela. Zach percebeu que deveria segui-los.

Colocaram a caixa em um jipe e depois dirigiram até uma pista de pouso onde um cargueiro C-130 estava aguardando, motores rodando. Dentro da imensa boca do avião, Zach viu o sedã estacionado, com mais homens em macacões amarrando-o no lugar.

Os homens da manutenção pularam fora do jipe, pegaram a caixa e apressaram-se para levá-la a bordo. Zach seguiu atrás deles.

O piloto – que usava um macacão sem qualquer insígnia ou plaqueta de identificação – aguardava ao lado do carro. O avião era tão amplo por dentro como o ginásio de uma escola primária. Ele gritou algo que Zach não conseguiu escutar por causa do barulho dos motores e voltou-se para a frente do avião.

Em cima, na cabine de comando, o copiloto já estava sentado. Apontou para um par de fones de ouvidos disponíveis. Zach os colocou.

– ... sinta-se à vontade para se sentar aqui ou no fundo com a sua bagagem – Zach ouviu as palavras subitamente sincronizadas com os movimentos labiais do homem.

O piloto acionou alavancas. Zach ouviu através dos fones de ouvido um monte de termos que não entendeu, quando os dois homens realizaram o procedimento pré-voo. Coisas sobre deltas e noves e consoles. Zach caminhou para o compartimento de carga novamente.

Atrás, a equipe de manutenção correu para fora do avião rapidamente, tanto o sedã quanto a caixa amarrados ao chão.

O avião guinou para a frente. Zach apressou-se em sentar-se próximo ao caixão de Cade. Sentiu que ali era o seu lugar.

De repente, o piloto estava falando com ele mais uma vez.

– Ei, você gosta de Zep?

– Hã... claro – Zach disse.

Ele apertou seu cinto de segurança enquanto os sons da guitarra de Jimmy Page começaram a gemer através de seus fones de ouvido.

Talvez haja mesmo lobisomens no Departamento de Estado, pensou.

Então, apesar da música e do ronco dos motores, Zach adormeceu.

DOZE

Com a captura do espécime pelo agente Cade, exame físico objetivo revela que o *A. Khorkhoi* é um tentáculo, a única parte visível de uma criatura muito maior. Contudo, como uma estrela-do-mar, os tentáculos são capazes de se desprenderem caso puxados com força e podem formar outra versão completa da criatura. Esse pode ser o único método de reprodução da criatura e é bem trabalhoso e lento. A expectativa de vida do *Khorkhoi* se compara às das tartarugas e árvores. É possível que a mesma criatura tenha existido desde que as águas do mar cobriam o deserto da Mongólia, dividindo-se e formando novos corpos conforme anos e séculos passam.

— *Anotações do Dr. Peterson Sloane, Grupo de Pesquisa. Sanção V*

O Relicário, Washington, D.C.

Griff sentiu uma corrente de ar. Os papéis na escrivaninha em frente a ele balançaram levemente. A única maneira de aquilo poder ter acontecido seria se alguém tivesse aberto a porta secreta, que ninguém mais deveria conhecer.

Não era possível, mas estava naquilo há tempo demais para perder tempo com descrença. Em vez disso, estendeu o braço por baixo da mesa e colocou sua mão na coronha da modificada Protecta Street Sweeper acoplada ali. A espingarda semi-automática fora projetada para dispersar tumultos.

Ao pé das escadas, viu um cabelo encaracolado emoldurando o rosto sorridente e aberto de uma jovem mulher que parecia não ter nem 20 anos de idade, quase uma garota.

Era Tânia. Há 33 anos, quando ela ainda tinha 21 e era humana, Cade tinha prometido salvá-la. Porém fracassou.

Griff estivera lá. Viu tudo acontecer. Nunca soube se ela guardara ressentimento dele. Supôs que não deveria ficar surpreso por ela encontrar a entrada secreta para o Relicário. Suspeitava que Cade tivesse dado a ela acesso uma vez quando ele não estava por perto.

Ela deu seu sorriso brilhante usual, como uma líder de torcida dopada com metanfetamina. Vampiros não deveriam ser pequenas belezinhas loiras avermelhadas, Griff pensou. Era perturbador demais.

– Onde ele está? – ela perguntou.

– Bom ver você também – Griff disse.

Tânia sorriu com afetação.

– Não sejamos cansativos. Quero saber onde Cade está.

– Ele está trabalhando.

– Onde?

– Confidencial.

– Você acha que vou feri-lo?

– Eu não sei o que você quer, Tânia. Tudo o que estou dizendo a você é que ele não está aqui.

– Ele está correndo perigo. Preciso falar com ele. Para alertá-lo.

– Posso anotar o recado.

O sorriso de Tânia tornou-se uma linha ameaçadora.

– Você vai dar uma de difícil agora?

Ele engatilhou o cão da espingarda o mais silenciosamente que conseguiu. Mesmo assim, ela ouviu. E olhou para ele um pouco mais atentamente.

– Essa coisa entre suas pernas não irá me deter – afirmou.

Griff sorriu de volta para ela.

– Não quer dizer que eu não possa... – Griff disse, e então não conseguiu mais falar.

Ela estava atrás dele, seu braço em volta de sua traqueia, a carne fria de sua bochecha contra sua orelha.

– Não vamos brigar, Griff. Você sabe como Cade detesta quando nós brigamos.

A mulher acrescentou um pouco de pressão. Griff não conseguia respirar. Enquanto ainda tinha forças, negou com a cabeça. Um pouco mais de pressão. Pontos dançavam diante de seus olhos. Então, tão de repente como quando se moveu em sua direção, ela tinha sumido.

Griff sugou uma imensa quantidade de ar.

– Teimoso – ela disse, agora de volta aos fundos da sala. – Um maldito teimoso. Não me admira que Cade tolere você. – Ela farejou. – Por outro lado, não parece que você teria muito a perder se eu quebrasse seu pescoço.

Griff olhou-a cautelosamente.

– Todo mundo anda muito preocupado com minha saúde atualmente.

Ele estendeu a mão para a gaveta que continha água benta – algo que deveria ter feito no momento em que a viu.

Ela viu sua mão se mover e deu um passo exagerado para trás.

– Estou indo embora. Não é preciso ficar tão nervoso. Suponho que você terá que conviver com o fato de algo acontecer a Cade.

– Cade pode cuidar de si mesmo.

– É melhor esperar que sim.

Ela se virou e sumiu pelas escadas em um segundo.

Griff pegou o frasco de água benta só para garantir. Não era da natureza de Tânia desistir de algo que ela queria. Ela era um pé no saco, mesmo quando era humana. Sem as restrições da mortalidade, ela era um frenesi alimentar sobre duas pernas.

Depois Griff olhou para baixo e percebeu porque ela partira sem luta.

Ele estava verificando o esquema de voo do avião de carga. Estava bem ali diante dele, na escrivaninha. Junto com o destino de Cade: Los Angeles.

Então, Cade iria ter alguém grudando nele.

Por um momento, Griff considerou ir atrás de Tânia. Ela não era tão impossível de deter quanto gostava de acreditar. Ele poderia tê-la atrasado. Ou, se não quisesse ter todo esse esforço, poderia ter enviado todos os seus mais recentes nomes falsos através do computador, no caso de ela tentar voar por avião comercial.

No entanto, por alguma razão, decidiu simplesmente deixá-la ir. Talvez fosse apenas devido aos seus próprios problemas, mas Griff sentia que alguma coisa ruim estava para acontecer. Cade poderia precisar de alguém para vigiar suas costas. Claro, ela era maligna, não humana e tinha uma contagem de mortos com três dígitos.

Porém, Griff tinha que admitir, Tânia era muito mais capaz do que Zach.

TREZE

A Base da Força Aérea de Edwards é provavelmente mais conhecida através do filme “Os Eleitos”, como o local onde Chuck Yeager quebrou a barreira do som pela primeira vez no X-1. Ou você pode conhecê-la das imagens de arquivo do pouso do primeiro ônibus espacial.

Mas o verdadeiro propósito da base – pelo menos de acordo com os teóricos da conspiração – é testar projetos de aeronaves ultrassecretos baseados em tecnologia de engenharia reversa a partir dos destroços de espaçonaves intergalácticas. Se você der crédito aos relatos, essas naves híbridas com alienígenas fazem um bombardeiro Stealth parecer um planador feito de madeira de balsa tendo como propulsor uma fita de elástico...

– *A América Secreta: Um Guia Para as coisas mais esquisitas nos EUA*

Eles pousaram na Base da Força Aérea de Edwards, a 145 quilômetros de L.A., duas horas antes do pôr do sol. Zach acordou com um susto quando as rodas atingiram a pista de pouso.

Cade saiu de seu caixão exatamente como os vampiros dos filmes, ficando em pé ereto enquanto pousavam. Isso foi, como tudo o mais até o momento, bem mais arrepiante de se ver na vida real.

Cade entrou no carro antes de serem abertas as portas do compartimento de carga e ficou no banco do passageiro mesmo enquanto a equipe desamarrava o sedã.

Se os pilotos notaram o passageiro adicional, não disseram nada.

Zach sentou-se ao volante.

– Tem certeza de que não quer dirigir? Eu não sei se...

– Tenho certeza. O tempo está passando. Vamos lá, vinte e três *skidoo*¹⁹.

Zach sorriu.

– Vinte e três *skidoo*?

Cade pareceu ficar embaraçado.

– Eu disse, vamos lá.

Zach continuou sorrindo.

– O que você mandar, Vovô Monstro²⁰.

Ele dirigiu rampa abaixo e saiu da pista, Cade orientando-o por todo o caminho.

Passaram pelo portão principal de Edwards – Zach notou o lema “em direção ao inexplorado” em uma placa – e entraram na Rodovia 14, indo para o Sul.

Pegaram a hora do *rush* do final de tarde. A rodovia parecia um estacionamento gigante.

Zach sentia-se coberto com uma crosta de sujeira – estava com fome, meio surdo do voo e dolorido por dormir no assento do compartimento de carga. Farejou o ar, alguma coisa cheirava. Então se perguntou se vampiros fediam. Tirou sua jaqueta e percebeu que o odor estava vindo dele.

– Ei, esse terno está ficando realmente passado – disse para Cade. – Eu não tive chance de fazer uma mala. Se não for problema para você, pararemos em um *shopping center*, para pegar alguma coisa para vestir...

– Não – decidiu Cade.

– Por quê?

– Você não está de férias, Sr. Barrows. Temos que trabalhar.

– Cara, estou realmente começando a feder.

– Sim. Eu sei.

Nada mais. Zach pensou sobre o que tinha aprendido antes.

– E se eu ordenar a você? – ele perguntou.

Cade encarou-o.

– Tente.

Não houve mudança no tom de voz ou na expressão facial de Cade. Mas, de alguma forma, Zach teve a sensação clara de que o vampiro o estava ameaçando.

– Quer saber de uma coisa? – Zach disse após um momento. – Eu estou bem.

– Ótimo – Cade disse.

Ao menos Cade não parecia confortável também. Apesar das janelas escurecidas, estava inquieto em seu banco.

Isso era incomum. No curto período que haviam passado juntos, Zach tinha notado: Cade não se movia. As pessoas, em sua maioria, se contraem, batem os pés de leve, engolem, viram a cabeça. Elas se movem. Cade não. Ele ficava perfeitamente imóvel, até se mover e não fazer nada além de suaves movimentos precisos. Como os ponteiros de um relógio muito caro.

Mas ele estava se encolhendo agora.

– Você está bem?

– Vou ficar bem.

Outro longo silêncio. Zach tentou de novo.

– Aposto que você não vem muito aqui. Califórnia. Trezentos dias de sol ao longo do ano.

– Acho que é um dos motivos de ele ter escolhido mudar-se para cá.

Konrad.

– Então, você conhece esse cara?

– É uma longa história.

Zach esperou. E esperou. O trânsito se movia como uma gota de solução intravenosa.

– Ei, sabe de uma coisa?

Cade virou-se em sua direção.

– Você é do tipo forte e calado, entendi. Tenho certeza de que as damas adoram isso – Zach disse. – E sei que você acha que eu sou apenas um perfeito idiota irritante. Mas estou aqui. Estou fazendo esse trabalho. Portanto, talvez você pudesse falar comigo como se eu fosse a droga de um adulto, hã?

Cade ficou em silêncio pelo tempo que levou para avançarem o espaço de dois carros. Então, começou a falar.

– Em 1693, um alquimista na Alemanha chamado Johann Konrad Dippel estava buscando o Elixir da Vida, a chave para a imortalidade. Até mesmo retornar os

mortos à vida. Houve rumores de que ele estava desenterrando corpos e também fazendo experiências com animais. Você tem que entender, somente umas poucas décadas antes, Galileu foi preso por dizer que a Terra girava em torno do Sol. Isso era muito, muito pior. Mas ele era da nobreza, um Barão, e ninguém podia tocar nele.

– Imunidade diplomática.

– Algo assim. O Barão viveu por um longo tempo, especialmente para aquela época. As pessoas acharam que ele tinha encontrado o Elixir. Ele se tornou um recluso. Ninguém o viu durante anos. Então, em uma noite em 1734, uma de suas criações escapou. Os relatos não foram claros, mas supõe-se que ela tenha matado dúzias antes de ser abatida. A seguir, você tem a cena da multidão. Outra coisa que os filmes mostraram corretamente. Pessoas da vila, com tochas, atacando o castelo enfurecidas. Só que o Barão havia partido. Mais uma vez, não há muitos detalhes, mas elas encontraram coisas horríveis, em gaiolas. Equipamentos estranhos. Destruíram tudo. Cerca de cem anos mais tarde, uma escritora chamada Mary Shelley estava em férias e visitou a vila e o castelo – o qual ainda mantinha o título hereditário do Barão: Castelo Frankenstein.

Cade parou. Aquilo aparentemente era o fim. No entanto, Zach precisava de um pouco de esclarecimento.

– Espere. Você quer dizer que esse cara é a inspiração para a história? Ele é o Barão Frankenstein?

Cade assentiu.

– Você está me dizendo que ele é imortal?

Cade considerou aquilo.

– Quando você chega ao fundo da questão, “imortal” simplesmente significa alguém que ainda não morreu – explicou. – Se você, digamos, arrancasse a espinha dele para fora e a mostrasse para ele, ele morreria como todo mundo.

Zach sentiu um arrepio. Talvez fosse o ar condicionado. Talvez fosse o tom de voz de Cade.

– Então, há algum tipo de história entre vocês dois?

– Sim – Cade disse. – Até demais.

CATORZE

1970, Província de Port Harcourt, Território Disputado da República de Biafra, no Sul da Nigéria

Cade andava à frente do agente Griffin pelas ruas desertas. A cidade estava próxima das linhas inimigas, e todos os que conseguiram partir haviam fugido. Eles tinham ouvido falar sobre o que os soldados nigerianos faziam aos prisioneiros.

A guerra estava perto de um fim. Todos sabiam disso. Os nigerianos tinham atravessado a república separatista como facas em um pedaço de pano. Os nigerianos tinham MiGs e Kalashnikovs fornecidos pelos soviéticos e dinheiro dos britânicos para comprarem tudo o mais. O exército de Biafra – o que restara dele – entrara em campo com 30 tiros de munição e rifles de ferrolho.

Havia alguns que não puderam correr, claro. Cade viu a criança, olhos fundos e esquelética, olhando para eles de uma porta aberta.

Nenhum alimento ou suprimentos médicos tiveram sua entrada permitida em Biafra nos últimos seis meses. Até mesmo os aviões da Cruz Vermelha tinham sido alvejados. Milhões de pessoas foram obrigadas a vasculhar a mata atrás de comida. Porém não eram muito boas nisso. Os biafranos eram comerciantes, médicos, professores e advogados. Não estavam preparados para imitarem Tarzan, não mais do que a Câmara de Comércio de Duluth.

O país inteiro estava morrendo de fome.

Um segundo depois, Griffin viu a criança também.

– Jesus Cristo – ele disse.

– Já conversamos sobre isso, agente Griffin – Cade disse.

Griffin tinha sido seu agente de ligação com o presidente por quase nove meses no momento, recém chegado do FBI e, antes disso, tinha participado de duas saídas em operações secretas com o exército. Era um jovem robusto que usava seu cérebro como seus músculos: aplique força suficiente, o problema será resolvido. A única mudança real que tinha feito desde que assumira o trabalho fora deixar o cabelo crescer. As desganhadas costeletas que ele usava agora lembravam Cade da última vez em que estiveram na moda, logo antes de 1900.

– Desculpe, esqueci suas delicadas sensibilidades por um segundo – Griffin disse.

– A criança parece um esqueleto.

– Você esteve no Vietnã – Cade disse.

– E daí? Isso é diferente – Griffin rebateu.

Cade não disse nada.

– Você discorda, não é?

– Nada do que os humanos fazem parece muito diferente para mim – Cade disse. Eles andaram em silêncio para o centro da cidade depois disso.

Os Estados Unidos estavam oficialmente neutros no conflito nigeriano. Nixon não desejava entrar em outra batalha indireta com os Vermelhos enquanto ainda lutava para livrar a América do Vietnã.

Então, Biafra estava morrendo.

Cade e Griffin entraram mesmo assim – levados de submarino ao largo da costa, depois acompanhados por uma equipe da marinha até terra firme protegidos pela escuridão. Tinham ouvido relatos sobre algo acontecendo no território capturado de Biafra – algo em relação a que não podiam permanecer neutros.

A cidade era o último posto avançado do governo biafrano. Apenas seu contato esperava por eles, sentado atrás do volante de um jipe estacionado no centro da praça principal. Aproximaram-se. O homem estava adormecido. Ataques aéreos haviam atingido a cidade apenas algumas horas antes.

Griffin bateu de leve no ombro do homem. Os olhos dele se abriram de repente. Pôde ver seus rostos – seus rostos brancos – e relaxou, tanto quanto podia.

– Perdão – ele murmurou, varrendo a exaustão de seus olhos.

Como todos os outros que tinham visto até o momento, ele falava inglês primorosamente. Era o idioma oficial de Biafra. Cade se perguntou, por um instante, se aquilo tinha como intenção causar compaixão por parte da América. Se assim fosse, não funcionou.

O homem sentou-se e estendeu sua mão em direção a Cade.

– Meu nome é Joseph...

Ele parou abruptamente e puxou sua mão de volta como se tivesse sido queimado.

Cade viu em seus olhos. Joseph sabia. De alguma forma, ele sabia o que Cade era. Cade não se importou.

– Onde ele está? – quis saber.

Joseph simplesmente balançou a cabeça e saiu do jipe. Afastou-se vagarosamente, nunca tirando seus olhos de Cade.

Griffin tentou conseguir sua atenção.

– Joseph, eu sou Griff. Estamos aqui para ajudar.

Joseph balançou a cabeça de novo.

– Não – virou-se e começou a andar para longe deles rapidamente.

Griffin suspirou.

– Traga-o de volta – ordenou.

Cade se moveu, muito levemente. Joseph estava a três metros de distância – menos de um pulo para Cade. De repente, estava em frente ao biafrano, que parou, seus ombros vergados.

– Você planeja me matar? – perguntou.
– Não é por isso que estamos aqui – Cade disse.
– Você nos chamou, Joseph – Griffin lembrou-lhe, enquanto cruzava a distância entre eles. Você sabe o que está acontecendo aqui. Você se sentiria bem deixando isso continuar?

Joseph olhou de volta para Griffin.

– Vocês estão se sentindo bem deixando isso acontecer a meu país – afirmou. – Vocês deixaram tudo isso acontecer.

– Não é nosso trabalho – Griffin disse.

Os ombros de Joseph curvaram-se ainda mais para baixo. Por um momento, pareceu pronto para dormir, bem ali, em pé.

– Não – disse. – Claro que não.

Andou de volta para o jipe sem que Cade ou Griffin o forçassem. Parecia resignado ao dar partida no motor.

– Entrem – convidou. – Vou levá-los até lá.

Cade sentou-se atrás. Griffin tomou o assento dianteiro.

– Como você soube sobre Cade? – Griffin perguntou.

– Estamos mais perto da verdade aqui.

Cade entendeu o que ele quis dizer. Griffin não.

– Você é algum tipo de curandeiro?

Joseph lançou-lhe um sorriso fraco.

– Tenho diploma em economia – respondeu. – Era substituto do ministro das Finanças.

Dirigiram durante uma hora, campo aberto cercando-os por todos os lados. O jipe corria sem um soluço. Mesmo sem comida, os biafranos tinham gasolina. Sua nação jazia sobre um vasto poço de petróleo e, conforme a guerra avançava, as refinarias jamais paravam.

Griffin olhou seu relógio. O nascer do sol viria em seis horas. Joseph viu o gesto e entendeu.

– Estamos quase lá – disse. – Infelizmente, nunca estamos longe da mais nova atrocidade.

Girou o volante do jipe para a esquerda e parou. Estavam de repente olhando uma longa vala.

Cadáveres. Dúzias. Centenas. Homens, mulheres e crianças. Os olhos de Cade fixaram-se em um par de pequeninos pés, projetando-se sob o torso de uma mulher. Talvez ela tivesse tentado proteger o bebê com seu corpo. Talvez tivesse apenas caído daquela forma.

Ele pulou para fora do jipe e começou a examinar os corpos.

Não demorou a achar o que estava procurando.

Levantou a evidência para Griffin ver. Os membros de um dos corpos estavam caprichosamente cortados com precisão cirúrgica.

– É ele – Cade disse e, então, olhou para Joseph.

– Há um acampamento – explicou Joseph. – Daqui a mais alguns quilômetros. Ele ainda deve estar lá.

– Quantos homens? – Griffin perguntou.

Joseph parecia divertido. Alguma coisa afinal pareceu a ele engraçada.

– Eles não esperam uma luta. Você não vê? Eles já venceram.

Deixaram o jipe a um quilômetro e meio do acampamento e continuaram a pé, tomando muito cuidado para não fazer qualquer ruído.

Contudo, Joseph tinha razão: as tropas nigerianas estavam celebrando. Reunidos em um círculo ao redor de uma fogueira, lanternas elétricas lançando uma luz forte no centro do acampamento deles. Um gerador a diesel rodava ao fundo, abafando a maior parte de suas risadas.

Griffin e Cade observaram enquanto os nigerianos passavam uma garrafa entre si.

Os soldados estavam próximos a um grande *trailer* de metal, um quartel-general russo, portátil, para operações de campo. A porta se abriu, e um homem pálido com o cabelo branco penteado caprichosamente apareceu. Limpava suas mãos em uma toalha com manchas escuras de sangue.

Cade reconheceu-o da última vez em que tinha visto o homem, vestindo um uniforme da SS, 25 anos antes. Ele não tinha envelhecido um dia sequer.

Konrad.

Griffin pegou sua arma na cintura, verificou o tambor.

– Lembre-se – ele disse para Cade. – Vamos levá-lo vivo.

– O quê? – Joseph sibilou.

– Temos nossas ordens – Griffin disse, dando ao homem um encolher de ombros como pedido de desculpa.

– Depois de tudo o que ele fez, vocês irão...

– Quietos – Cade disse, e os dois se calaram.

Dois homens em uniformes militares soviéticos seguiram Konrad porta afora. Conselheiros militares. Ou, mais provavelmente, guarda-costas. Konrad era um bem precioso.

Ao contrário dos soldados nigerianos, esses não estavam bêbados. Pareciam alertas e competentes.

– Eu não trouxe vocês aqui para deixá-lo escapar de punição – Joseph disse para Griffin.

A voz de Griffin mantinha um último fio de paciência, ameaçando se romper.

– Olhe. Sinto muito por seu país estar nessa merda, certo? Mas nós temos nosso trabalho para fazer. E nosso trabalho é levar Konrad vivo, mesmo que isso

signifique...

– Agente Griffin. Veja.

Havia demorado um momento para Cade ver. O fogo não era seu amigo, e ele inconscientemente o evitava.

Mas, quando apontou, tornou-se claro para Griffin e Joseph o que Cade havia visto. A fogueira não era feita de toras. Fora construída com pneus velhos. E os corpos de pelo menos três pessoas.

Um dos soldados nigerianos voltou da mata arrastando outro corpo raquítico. Este parecia fresco. Arremessou-o no fogo. Impossível dizer, à luz da fogueira, se havia sido uma mulher ou uma criança, até mesmo para a visão noturna de Cade.

O soldado trouxe uma lata de metal de perto do *trailer* e jogou mais gasolina no fogo. Uma enorme bola de fumaça oleosa subiu ao ar, juntamente com uma comemoração vinda dos outros soldados.

Biafra não tinha comida, mas ainda estava repleta de gasolina.

– Cade... – Griffin disse.

Cade percebeu que estava emitindo um rosnado baixo.

A pele tinha quase desaparecido dos cadáveres, os ossos estavam pretos, queimados.

– Cade... Konrad é a prioridade – Griffin disse, seu tom de voz quase suplicante.

– Eu sei que isso tudo é uma verdadeira porcaria, mas ele pode estar terminando sua arma agora mesmo. Ele tem as partes. Cade, você está ouvindo? Cade...

Griffin disse algo mais. Cade fingiu não ouvir. Já tinha partido.

O ar quente e parado partiu-se diante dele. Ele atingiu os homens no acampamento como uma foice.

Somente Konrad se moveu, correndo para dentro do *trailer* e fechando a porta. Os russos estavam chocados demais. Os nigerianos não tiveram tempo.

Lá fora, na mata, ouviu Joseph sussurrar:

– Meu Deus!

Então, acabou. Cade se voltou para os russos, que ainda estavam boquiabertos com ele. Um levantou a pistola, o braço chacoalhando muito.

– *Cade, maldição, pare!* – Griffin gritou.

Estava ofegando. Tinha saído correndo da mata. Sua .45 estava levantada, e ele tinha os russos na mira.

Cade avançou lentamente para a frente.

– Esta é uma *ordem*, Cade – Griffin disse, sua voz e sua arma tremendo. – Não podemos tocar nos conselheiros. A última coisa que precisamos é de outro incidente com os soviéticos.

Cade se virou para ele.

– Essa é a última coisa? Mesmo?

Sem esperar por uma resposta, Cade foi na direção do *trailer* e arrancou a porta de metal de suas dobradiças.

Dentro, havia o que parecia ser um hospital de campo do exército, mas fazendo algo bem diferente que salvar vidas. Sangue pingava de uma maca de aço, vindo de pedaços mal encaixados de carne humana. Uma grande e complexa máquina jazia a um canto, protegida da poeira por longos tubos plásticos cirúrgicos saindo de tanques e bombas.

Eles iam na direção de uma fileira de cadeiras, alinhadas contra a lateral mais distante do *trailer*. Nas cadeiras, estavam homens jovens – meninos, na realidade. Refugiados capturados na guerra. Estavam todos mortos. Dissecados. Como se algo vital tivesse sido sugado de todos eles.

O que quer que fosse, não tinha sido suficiente para dar uma faísca de vida ao horror ainda na mesa.

Konrad permanecia em pé calmamente ao lado de sua criação abortada, mãos para cima.

– Vocês estão aqui por minha causa, eu presumo – disse.

Griffin tinha entrado atrás de Cade. Olhou em volta.

Konrad deu de ombros diante dos corpos.

– Outra falha. Achei que eram saudáveis o bastante – comentou. – Mas a fome tem seus inconvenientes.

– Seu maldito demente – Griffin disse.

– Oh, não me julgue tão duramente – Konrad disse. – Afinal, sou tão diferente de sua mascote aqui?

Cade queria, muito, fazer o que suas ordens proibiam-no.

– Eu não sou – ele disse – nada parecido com você.

– Mesmo? – Konrad sorriu com desdém ao retirar seu olhar de Cade e Griffin para a cena em volta da fogueira do acampamento.

Corpos por todos os lados. Dilacerados, abertos como sacos de sangue arreventados. Uma imagem espelhada da carnificina dentro do *trailer*, os corpos como balões desinflados.

– Você daria qualquer coisa para experimentar isso – afirmou Konrad.

Griffin pegou um par de algemas em seu cinto e prendeu Konrad ao pulso de Cade.

– Não abuse – ele disse. – Sempre podemos fazer com que pareça um acidente.

Os russos apenas assistiram quando eles puxaram Konrad para fora.

– *Dosvidaniya*, camaradas – Griffin disse.

Joseph os levou de volta por todo o caminho até a beira-mar. Chegaram com tempo de sobra para o encontro com a equipe da marinha.

Griffin estava falando com a tripulação quando Joseph se aproximou de Cade.

– O que você estava tentando provar lá atrás?

Ele se referia ao acampamento. Cade respondeu:

– Pensei que você queria ver aqueles homens mortos.

– Queria, sim. Mas este não é seu país ou sua guerra, lembra-se?

– Não fiz isso por vocês.

– Não – Joseph disse. – Você não teria feito, teria? – Ele apontou para Konrad, que estava sendo algemado pelos marinheiros e colocado dentro do barco. – O que irá acontecer a ele?

– Eu não sei – Cade disse. Não tinha motivos para mentir.

– Deveria descobrir. Porque é sua responsabilidade agora.

Cade, pela primeira vez, baixou a guarda.

– O que isso quer dizer?

– O menino – ele queria dizer Griffin, que não poderia ter mais de dez anos a menos do que Joseph – não entende o que você fez aqui esta noite. Ele tem a mesma doença de todos os americanos. Ele acredita que o mundo pode ser forçado a se comportar, desde que haja alguém mais forte. Acredita no mal menor pelo bem maior. Ele acredita que monstros podem ser domesticados.

Cade não conseguiu contestar aquilo.

– Mas você sabe que não. Você sabe o que irá acontecer se ele algum dia tiver a oportunidade.

– Por que eu saberia disso?

Joseph deu-lhe o mesmo sorriso triste de antes.

– Porque você conhece a si mesmo.

Griffin chamou Cade. O submarino estava esperando. Sem outra palavra a Joseph, ele se afastou e uniu-se aos outros no bote.

Os ataques aéreos recomeçaram enquanto eles remavam até o submarino.

Cade ficou observando Joseph sentado na praia, enquanto as explosões distantes terminavam de destruir seu país.

QUINZE

O corpo do sujeito não produz resíduos tóxicos por fadiga e processa o sangue com uma eficiência muito superior que a digestão humana. Toda a energia metabólica vinha das refeições de sangue do sujeito fica disponível para uso imediato, ou pode ser armazenada sem conversão ou perda de energia no leito capilar profundo, no peito e abdome do sujeito. O corpo somente ficará “ cansado ” após diversos dias de esforço consistente e pode ser rejuvenescido simplesmente se alimentando.

– LIVRO DE INSTRUÇÃO - CODINOME: MASCOTE DE PESADELO

Las Vegas, Nevada

Dylan acordou sobre a colcha do hotel. Ouvira dizer que não deveria se lembrar de nada após uma bebedeira. Isso não era verdade.

O quarto girava à sua volta, sim, mas ele se lembrava de tudo. Parara no hotel. Só para descansar, dissera a si mesmo. Não iria estragar tudo agora. Khaled estava verificando seu desempenho a cada punhado de horas.

Porém estava entediado. Nada na TV o interessava. Saiu para uma caminhada. Não para o clube de *striptease*. Era tentação demais. Costumava adorar as cinco horas dirigindo até Vegas, chegar às mesas, gastar quantias obscenas de dinheiro e depois beber nos clubes.

Mas, do outro lado da rua, em frente ao hotel, encontrou um clube de *striptease* encardido e pequeno. Disse a si mesmo que iria entrar só para pegar um maço de cigarros.

Quando viu as mulheres nuas no palco, contorcendo-se, trepando no poste de metal, percebeu quanta falta sentira de peitos e bundas enquanto estivera no Kuwait. Burcas em todos os lugares, cobrindo tudo. Ele quase tinha esquecido como era uma garota nua.

Sentou-se e pediu uma cerveja. A garçonete inclinou-se para ele, os seios balançando em seu rosto, e perguntou se queria abrir uma conta. Sem pensar, ele entregou o cartão de crédito que Khaled lhe havia dado.

Acabou tomando outra cerveja. Depois outra. As garotas o adoraram. Sentaram em seu colo, amontoaram-se à sua volta e esfregaram-se por todo seu corpo. Ele assinou os comprovantes do cartão de crédito. Muitos deles.

Muito tempo depois, ele cambaleou de volta ao seu quarto de hotel, sua camisa para fora das calças manchadas.

Seu rosto ainda doía de ter sorrido demais.

Encontrou forças para rolar na cama e agradeceu a Deus por Khaled não estar ali para ver isso. Era a primeira vez em meses que Dylan tinha alguma diversão.

Finalmente colocou seus pés no chão e deu uma olhada para fora do quarto de hotel. Começou na direção do amplo espaço asfaltado nos fundos do hotel, onde havia estacionado seu caminhão. Era a mesma direção do clube de *striptease*, o que o fez sorrir novamente. Seu telefone tocou. Verificou o número. Khaled. Justo o que ele precisava.

Atendeu, sabendo que se não o fizesse arrumaria mais problemas.

Khaled gritou com ele em árabe, depois em inglês. Dylan nunca o tinha ouvido tão bravo. Querendo saber porque o cartão de crédito que lhe concederam sob um nome falso estava estourado.

– Tive alguns gastos – Dylan respondeu quando Khaled deu uma pausa para respirar.

– O que é “Bar do Selvagem J”? – Khaled disparou de volta. – Você esqueceu que eu posso ver seus gastos na *internet*?

Antes de Dylan responder, Khaled estava questionando sua inteligência, seus ancestrais, sua devoção...

Dylan parou de ouvir. Dane-se Khaled. Virgem moralista. Deixe-o vir aqui e fazer o trabalho pesado. Até ali, fora Dylan quem correria todos os riscos. Deixe Khaled colocar o rabo dele na reta para variar, e ele poderia...

Dylan assustou-se de repente. O som da voz de Khaled tornou-se distante a seus ouvidos.

– Terei que ligar para você depois – ele disse e fechou o telefone com força.

O caminhão tinha desaparecido.

Dylan levou uma hora em pé diante do balcão da recepção, falando em altas e vagarosas sentenças com o atendente gordo que mascava chiclete, até perceber o que acontecera.

Ele amaldiçoou sua sorte novamente. Como poderia saber que o local onde estacionara era proibido para caminhões? Teve que manter a boca fechada e conter a vontade de berrar com cada funcionário boquiaberto do hotel. Não podia atrair mais atenção para si.

Não foi fácil. O atendente demorou outros quarenta minutos para encontrar alguém que soubesse para onde o caminhão fora guinchado. O pátio de apreensão municipal, a meio caminho do outro lado da cidade. Uma busca na lista telefônica deu-lhe um número, e um enlouquecedor menu eletrônico de voz afinal – após duas ligações caídas – disse o que tinha de fazer. Aparecer, pessoalmente, com um comprovante de propriedade do veículo e seiscentos e cinquenta dólares. Em dinheiro.

A gravação continuou monotonamente: “Os horários de funcionamento são de segunda a sexta, das nove e meia da manhã até as cinco e trinta da tarde...”

Dylan sentiu seu estômago apertar de novo. Olhou a hora em seu relógio, só para confirmar.

Eram cinco e trinta e quatro da tarde. Estava preso ali até da manhã. No mínimo. Seu telefone continuou tocando em seu bolso. Ele não atendeu.

DEZESSEIS

Como resultado, de noite, quando plenamente alimentado, o sujeito possui a força de vinte homens (levantamento de supino = 1.800 quilos); pode correr à velocidade de até 120 quilômetros por hora e pular de uma posição estática alcançando 7,5 metros de altura. O sujeito não precisa respirar, desde que tenha se alimentado recentemente. Ele consegue armazenar oxigênio no sangue que consome para uso posterior. Em um teste, o sujeito permaneceu submerso por mais de uma hora.

– LIVRO DE INSTRUÇÃO - CODINOME: MASCOTE DE PESADELO

Os consultórios do doutor pareciam um enorme mausoléu *Art Déco*. Cade e Zach passaram através de portas de vidro, que giravam entre as pernas esculturais de uma idealizada forma humana assexuada, esculpida na frente da construção. Letras de bom gosto em estanho soletravam A CLÍNICA PROMETEANA – DR. JOHANN KONRAD, MÉD.

O *hall* de entrada estava vazio, exceto pelo tampo altamente brilhante da mesa da recepção e da loura escultural atrás dele. Ela sorriu conforme eles se aproximavam.

– Posso ajudá-los? – ela perguntou.

– Precisamos ver o Dr. Konrad.

O sorriso dela desapareceu diante do tom de voz de Cade.

– Preciso verificar se ele está, Sr....? – Ela deixou a pergunta suspensa.

Cade abriu a carteira com as credenciais do DHS.

Ela apenas passou os olhos nelas e então as devolveu.

– Desculpe-me – ela disse. – Elas poderiam ser falsas. Não podemos deixar qualquer um simplesmente entrar nos consultórios. Temos um problema com os *paparazzi*, você sabe.

Cade inclinou-se mais próximo a ela. Foi apenas um movimento leve, mas a recepcionista rolou sua cadeira para longe dele, seus olhos escancarados.

Zach decidiu que estava na hora de fazer o papel do tira bonzinho.

– Pensamos que seria mais conveniente para ele se falássemos com ele agora – disse. – Você sabe. Após o horário comercial.

Isso não ajudou.

– Na realidade, estamos com todos os horários tomados.

Zach olhou em volta para o *hall* vazio.

– Neste instante?

Ela assentiu com a cabeça.

– Os pacientes do Dr. Konrad apreciam uma certa flexibilidade em sua agenda. Muitas pessoas ainda são bem preconceituosas em relação ao aprimoramento estético.

– Você quer dizer cirurgia plástica?

Ela relaxou um pouco.

– Como o doutor sempre diz, nós não realizamos cirurgia em plástico. Permitimos que seres humanos atinjam seu potencial pleno.

Zach deu a ela seu melhor sorriso ingênuo.

– Bem, claramente, o doutor realizou seu melhor trabalho com você.

Os olhos dela se estreitaram.

– Na realidade, nunca fui uma cliente.

– Oh – Zach não sabia mais o que dizer.

– Obrigada por terem vindo – ela disse. – Se os cavalheiros quiserem ligar e marcar uma consulta...

– Basta – Cade disse. – Traga-o aqui fora. Agora.

Novamente, Cade mal elevava sua voz, mas ela empurrou sua cadeira ainda mais para longe.

– Só um momento – ela disse e passou apressadamente pela porta atrás de sua mesa.

– Excelente – Zach disse, enquanto aguardavam ali. – Você não poderia hipnotizá-la ou algo assim?

– Não funciona assim.

– Pensei que vampiros fossem todos deuses do sexo com as damas.

Cade ficou olhando.

– O que lhe deu essa ideia?

– Hã... TV na madrugada, principalmente...

– Humanos são nossa comida. Você quer fazer sexo com uma vaca?

– *Touché*. Então, o que fazemos agora?

– Esperamos.

A porta se abriu de novo. A recepcionista estava de volta, flanqueada por um acompanhante maciço vestindo um terno escuro sobre uma camiseta. Segurança.

– Eles me mostraram uns distintivos falsos – ela disse, apontando para Cade e Zach. – Faça-os darem o fora daqui.

O imenso homem deu a volta na mesa. Zach saiu do caminho dele. Cade não.

Ele olhou com desprezo para Cade. Era quase uma cabeça mais alto e com a constituição de uma porta de cofre de banco.

Cade olhou para as mãos do homem. Nós dos dedos inchados. Camadas de tecido cicatricial. Dedos em martelo, a terceira junta deformada, morta e sem nervos, o resultado de muitas fraturas graves.

O homem era um boxeador. Um lutador. Ele já se arqueava na postura de luta, pronto para fechar os punhos e enfrentar dez assaltos.

Ele não era ameaça.

– Hora de ir, homenzinho – ele disse, colocando a mão no ombro do vampiro para encaminhá-lo porta afora.

Zach piscou, portanto deixou de ver.

Cade levantou a mão e deu um puxão sem esforço e, de repente, o briguento

estava no chão, gritando de dor, o ombro deslocado e torcido.

Cade olhou para trás, para a recepcionista.

– O Dr. Konrad. Por favor.

Zach virou-se e viu o grandalhão levantar-se sobre um joelho, seu rosto agora cheio de fúria.

– Fique abaixado – Cade disse, sem olhar.

O homem levou a mão para dentro do bolso de sua jaqueta, pegando algo ali. Cade ainda não estava olhando, e Zach percebeu o que era...

Estava prestes a dizer a palavra “arma”, quando Cade se moveu. Dessa vez, Zach viu.

Um movimento casual da mão de Cade antes da arma sair do coldre do homem.

A janela de cristal estilhaçando quando o homenzarrão atravessou-a voando.

A recepcionista gritou, mas chegou atrasada. Cade permaneceu calmamente em pé. O homenzarrão era um monte inerte no pavimento do lado de fora. O lamento dela extinguiu-se quase comicamente. Havia apenas o som do vidro quebrado caindo de sua moldura.

A recepcionista encolheu-se contra a porta.

– Vou chamar a polícia – ela disse, quase guinchando.

– Isso não é o que seu mestre a instruiu a fazer, é? – Cade disse.

Ela olhou para ele, e Zach reconheceu o pânico em seus olhos. Ele próprio já o havia sentido. Ela estava prestes a começar a balbuciar e chorar.

O interfone em seu telefone deu sinal de vida com um bipe. Uma voz – profunda, culta, com um leve sotaque – soou através do pequeno alto-falante.

– Já basta, creio – disse a voz. – Laura, por favor, mostre o caminho de meu consultório aos nossos convidados.

Cade olhou em volta e depois para cima. Zach também viu a câmera, instalada no canto do teto.

– Olá, Konrad – Cade disse.

– Boa noite, Cade – a voz no interfone retrucou. – Você podia ter ligado antes.

Eles deixaram o homem da segurança do lado de fora. A recepcionista os guiou aos fundos da clínica, lançando olhares nervosos por cima de seus ombros.

Passaram por várias portas que davam para salas de exames privativas.

– Como você sabia que ele estava aqui? – Zach perguntou.

– Eu senti o cheiro dele.

Faça uma pergunta estúpida, Zach pensou.

Chegaram diante de um conjunto de portas duplas ao final do corredor. A recepcionista abriu-as e apressou-se a sair do caminho deles.

Konrad estava sentado atrás do tampo de aço de uma mesa sem nada em sua superfície a não ser um computador que parecia uma escultura.

Apesar do cabelo branco-neve, não parecia muito mais velho do que Zach, com feições bonitas arrumadas em um sorriso de boas-vindas.

Se estava nervoso por eles estarem ali, não demonstrou.

A recepcionista, no entanto, pulava de um pé para o outro como se tivesse que ir ao banheiro.

– Você pode ir, Laura – Konrad disse. – Por favor, chame alguém para consertar a janela. Hoje à noite. Obrigado.

Ela precipitou-se pelas portas, puxando-as com força suficiente para batê-las fechadas.

Konrad balançou a cabeça.

– Espero que isso tenha sido necessário. Você quase matou a moça de pavor.

– Tenho perguntas para você, Konrad.

O doutor virou seus olhos e olhou para Zach.

– Ele é sempre assim. Nenhuma cortesia social, seja qual for. Sou Johann Konrad. Prazer em conhecê-lo.

Ele saiu detrás da mesa, a mão estendida para Zach.

Zach se moveu para pegá-la, mais por reflexo do que por qualquer outra coisa. Cade o impediu.

– Você não precisa saber o nome dele – ele disse a Konrad. Depois falou, virando-se para Zach. – E você tem que saber que a primeira vez que nos conhecemos, Konrad estava trabalhando para os nazistas, espalhando uma variante fatal do vírus da gripe por aperto de mão.

Zach colocou as mãos atrás das costas. Konrad riu.

– O que posso dizer? Eu era jovem e impressionável. – Ele olhou para Zach. – Todos nós cometemos erros.

– Oh, claro – Zach disse. – Você só estava fazendo experiências com o nazismo.

O sorriso de Konrad desapareceu.

– O que vocês querem? – Konrad perguntou, voltando à sua cadeira.

– *Unmenschsoldaten* – Cade disse. – Você está trabalhando neles novamente?

Konrad pareceu genuinamente surpreso.

– O quê? Não, claro que não. Você sabe dos termos de meu acordo. Estou, desde então, proibido de... “fazer experiências”, como seu amigo colocou.

– Você nunca foi abordado por ninguém por causa de seus métodos?

– De forma alguma.

– Ninguém acessou seus registros aqui na clínica, ou falou com você sobre o processo?

– Nem tenho mais aqueles registros. O único lugar onde eles existem é dentro de seu governo. E nós dois sabemos que não estão tão seguros quanto deveriam estar. Qual era o nome daquele homem em 1957? Carlton?

– Nós cuidamos dele – Cade disse. – Quem mais tem acesso aos seus arquivos?
Konrad riu.

– Quem não tem? Esta é a era da *internet*, Cade. Não existem mais segredos. Já vi todos os arquivos nazistas exibidos em *sites* de conspiração. É apenas a descrença do público que impede qualquer aluno no primeiro ano de medicina de reproduzir meu trabalho.

– Isso não é verdade – Cade disse. – Suas criações só funcionam realmente com o Elixir. O qual somente você sabe como criar.

– Estamos andando em círculos aqui. Dei a fórmula para seu governo como parte de nosso acordo. Você sabe disso.

– E você ainda sabe como fazê-lo.

Konrad pareceu frustrado.

– Mas não faria. É isso que estou dizendo, eu não rompi nosso acordo. Sou um homem de palavra.

Cade ficou olhando por um longo momento. Beco sem saída. Até mesmo Zach conseguia ver isso. Eles não tinham como desmentir nada do que Konrad dissera.

– Posso ouvir as batidas de seu coração, você sabe – Cade disse afinal. – Ele está batendo como se você tivesse acabado de correr uma maratona. Desde que eu entrei na sala.

O rosto de Konrad enrubesceu. Sua postura cortês dissolveu-se em uma carranca.

– Isso é muito impressionante, Cade. E eu deveria me importar... por quê?

– Só quero que você saiba que posso ouvir seu coração, Konrad. E eu poderia dar um fim nesse som sem muito esforço.

Cade virou-se e começou a ir para a porta. Zach supôs que tinham terminado.

– Cade – Konrad disse –, independente do que mais você pense de mim, deveria saber que sou grato pela minha nova vida. Afinal de contas, esta é a terra das segundas oportunidades.

– Isso não dependeu de mim – Cade disse. – Eu queria matar você.

Konrad sorriu para Zach, aparentemente calmo de novo.

– Você vê o que quero dizer sobre ele não ter nenhuma cortesia social. Honestamente, quem fala uma coisa dessas?

Cade se voltou e encarou o doutor.

– Eu conheço você – ele disse. – Sei que, independente do que diga, jamais irá desistir de brincar de Deus. Nem ao menos deseja isso. Algum dia, você vai exagerar na dose. E eu estarei lá.

Konrad deu a Cade o olhar mais feio que Zach jamais vira.

– Deve ser tão frustrante para você – Konrad disse. – Sempre ser enviado para essas missões pequenas. E saber que eles nunca o deixarão tocar em mim.

Cade não respondeu. Zach o seguiu porta afora.

DEZESSETE

1981, Penitenciária Federal de Lee, Jonesville, Virginia

Cade avançava ativamente pelos corredores da penitenciária. Normalmente, a presença de um visitante teria provocado gritos, vaias, até mesmo fezes e papel higiênico em chamas vindos das celas. Não dessa vez. Os prisioneiros simplesmente observaram até Cade passar e então suspiraram com alívio.

Os guardas que escoltavam Cade mantinham boa distância dele também. Não havia sinal aparente de sua ira. Mas era possível senti-la, vindo dele como calor.

No bolso de seu casaco, ordens para perdão total. Soltura imediata, privilégios de cidadania e um cheque considerável a ser descontado no Tesouro dos EUA. Ou seja, tudo o que um prisioneiro poderia pedir.

Poucas horas antes, Cade tinha assistido àquilo acontecer em uma tela de TV. Vira a lacuna na linha do Serviço Secreto, o ângulo perfeito para a câmera. O presidente fora um ator. Jamais resistira a uma boa tomada. Deixar uma abertura para as câmeras também deixou-o exposto a uma bala. Ele nunca pensou que isso fosse acontecer.

Dava para ver a surpresa em seu rosto, capturado em vídeo, enquanto os sons do estampido de uma pequena arma de mão explodiam.

Seis tiros. Pelo menos um acerto direto. Lá fora em plena luz do dia, onde Cade era inútil. Era 1963 acontecendo novamente.

Não muito depois, o telefone tocou no Relicário. Ainda era uma linha terrestre antiquada para a época, diretamente conectada ao Salão Oval.

O chefe de gabinete do presidente estava do outro lado da linha. As balas eram tiros “Devastadores”. Compostos de chumbo, projetados para explodirem com o impacto. O secretário de imprensa estava próximo, e metade de sua cabeça tinha desaparecido.

– Um se alojou bem ao lado do coração do presidente – o homem disse.

Ele tinha uma missão para Cade.

Cade foi levado para Jonesville em um transporte especial da Força Aérea e depois em uma limusine com janelas especialmente sombreadas.

A imprensa tinha ouvido falar que o estado do presidente era crítico. A Casa Branca refreou a notícia, espalhando uma história sobre o homem brincando com os cirurgões:

– Espero que vocês sejam todos republicanos.

Enquanto isso, Cade resgatava o único homem que poderia reparar o dano – que poderia trazer tecido morto de volta à vida.

Konrad estava preso em Jonesville. Se estivesse em qualquer outra instalação, não haveria esperança. Nenhuma forma de levá-lo ao hospital a tempo.

Jonesville não era melhor ou pior do que qualquer outra prisão federal de segurança máxima. Estupro, drogas, assassinato. Cade honestamente não tinha pensado sobre isso quando eles colocaram Konrad ali.

Mas quando chegou à cela, viu que Konrad tinha provado cada uma das ofertas da instalação. Seu rosto estava marcado com cicatrizes. Havia um hematoma recente em sua têmpora. Mantido longe de seu equipamento e suas poções, Konrad tinha até mesmo envelhecido – sua pele perfeita começara a se enrugar e deformar.

Mesmo assim, portava-se com tanta dignidade quanto possível, seu cabelo sujo penteado com água do toalete e puxado para trás. Ele olhou Cade com descaso, continuava um barão em sua mente, mesmo não o sendo em qualquer outro lugar.

Um dia depois, o presidente estava de volta à TV. Sorrindo. Brincando. Os tiros “Devastadores” tinham falhado em explodir, foi dito à imprensa. Um pulmão arruinado, nada mais. Uma polegada do coração. O presidente era um homem de sorte.

Sua mente nunca se recuperou totalmente do longo período de morte clínica, apesar de seu corpo ter continuado por anos a fio. Próximo ao final de seu segundo mandato, costumava sentar-se em seu quarto o dia inteiro, ainda vestindo seu pijama.

Cade se lembrava do ar de triunfo no rosto de Konrad quando chegou à porta da cela do doutor. Ele sorriu, revelando diversos dentes faltando. Mas não parecia nem um pouco menos feliz.

– Eu disse a você, Cade. Sempre haverá alguém que queira pagar por meus serviços.

DEZOITO

Há uma longa lista de indivíduos que proclamaram imortalidade. É bem fácil desmentir as alegações de muitos simplesmente aguardando quarenta ou cinquenta anos. Entretanto, se estivermos pressionados pelo tempo, uma pesquisa nos registros históricos terá que bastar. Deixando-se de lado aqueles que foram contemplados com vidas extremamente longas e duráveis por meios sobrenaturais – como nosso bom amigo Sr. Cade –, há pelo menos nove indivíduos que parecem ter estado por aí há séculos e têm comprovadamente sido vistos por diferentes historiadores, em intervalos tão longos quanto quinhentos anos. Destes nove, vários podem atuar em prol dos interesses dos EUA. Há o Conde de St. Germain, claro, que visitou a Casa Branca não muito tempo atrás... Mas fomos recentemente notificados sobre um desses abençoados (ou amaldiçoados) seres, o qual é supostamente também a inspiração para o romance popular da Sra. Shelley – sobre um cientista que descobre o segredo da vida através do roubo de sepulturas. Diz-se que ele temoferecido seus talentos para o império alemão.

– Carta ao presidente Theodore Roosevelt, datada de 1903, assinada somente como “HH” (Confidencial)

Konrad esperou cinco minutos inteiros após Cade sair, aproveitando o tempo para colocar sua respiração de volta sob controle. Passaram-se mais de sessenta anos e o ódio ainda estava lá, surgindo violentamente de volta à superfície.

Houve épocas em que Konrad queria simplesmente conversar com Cade. Ele se lembrava de uma explosão absurda de júbilo quando soube da existência de Cade pela primeira vez. Sabia sobre vampiros antes disso, claro – estava informado a respeito do Outro Lado há um longo tempo, devido aos seus estudos.

Mas, em Cade, achou que poderia ter finalmente encontrado alguém que pudesse entender. Outros vampiros abandonavam o mundo humano quase que imediatamente, exceto para se alimentar. Cade insistia em vestir-se, agir e falar como uma pessoa. Ele ainda estava agarrado à humanidade, tanto quanto Konrad, mas, como Konrad, estava acima dela.

Claro, Cade era muito mais jovem. E decepcionantemente moralista, e até mesmo pedante. Konrad teve que abandonar sua fantasia sobre os dois sentados como seres civilizados, talvez sobre cartas ou xadrez, discutindo o que tinham aprendido em suas longas vidas.

Cade o odiava desde o primeiro momento em que o vira. Konrad sabia o porquê, naturalmente. Tinha passado tempo suficiente com Sigmund, em Viena, para fazer um simples diagnóstico. (Sigmund achou-o detestável – provavelmente por razões que mesmo o analista não podia explicar, ou jamais se importaria em considerar. Mas ele estava preso às regras da sociedade educada, de polidez, forçado a conversar com um homem da riqueza e estatura de Konrad.) Em Konrad, Cade viu um parasita alimentando-se da vida de outros. Ele desprezava isso.

Era apenas um reflexo. Konrad era apenas a superfície na qual Cade projetava sua própria auto-aversão.

Konrad foi forçado a concluir que Cade era sentimental em excesso. Não reconhecia o que era, como era maior do que a massa comum da humanidade.

Isso também o impedia de reconhecer a posição de Konrad, tão acima da sua como Cade estava acima da manada comum. Era por isso que Cade sempre falharia. Ele não sabia do seu lugar, Konrad decidiu. Era incapaz de reconhecer seus superiores.

Finalmente, era hora de remediar isso.

Ele pegou seu telefone e discou. Demorou um momento para conectar, a criptografia era sempre um pouco lenta.

– Sou eu – ele disse para a voz que atendeu. – A mascote de caça do presidente acabou de sair daqui.

Uma leve pausa.

– O que ele queria?

– Essa não é a resposta correta – Konrad disse.

Outra pausa, mais longa desta vez.

– Vamos cuidar disso – a voz respondeu.

– Sim. Achei que era isso que você queria dizer.

– Não há necessidade de ser sarcástico, doutor – Apesar da camuflagem eletrônica, Konrad conseguiu ouvir o orgulho ferido. – Eu simplesmente queria saber o que você fez para atrair a atenção do presidente.

– Isso não importa.

– Tem certeza disso?

– Sim – Konrad disse. – Não atinge nosso acordo. Você não precisa saber.

– Você soa assustado, doutor.

Agora havia um leve tom de zombaria. Konrad levou outro momento para se recompor.

– Você realmente acha que está em posição de me provocar?

Outra pausa.

– Entendo.

– Não, não entende – Konrad disse. – Mas entenderá.

DEZENOVE

O sangue do sujeito é repleto de hormônios, enzimas e anticorpos não identificados previamente. Esses compostos, os quais continuamos a estudar, podem explicar a imunidade do sujeito ao nosso painel de teste de doenças. Tentativas de inocular no sujeito desde resfriado comum (Rinovírus) a AIDS (HIV) falharam completamente. Depois de uma hora, nenhum traço de contaminantes virais ou bacterianos foi encontrado no sangue do sujeito. Esforços semelhantes com armas químicas (antrax em pó), agentes e gases que agem no sistema nervoso foram também malsucedidos.

– LIVRO DE INSTRUÇÃO - CODINOME: MASCOTE DE PESADELO

Zach seguiu Cade até o estacionamento anexo à clínica, em direção ao sedã.

– O que você achou dele? – Cade perguntou.

– Pode acreditar em mim – Zach disse. – O cara é um maldito mentiroso.

A boca de Cade contorceu-se no canto antes de voltar à sua usual calma rígida.

Cade abriu o porta-malas e retirou um estojo de náilon preto. Abriu o zíper e revelou uma série de dispositivos eletrônicos presos por tiras de velcro.

Zach sorriu.

– Legal. Finalmente um pouco de tecnologia de superespiação.

Cade resistiu ao impulso de suspirar. Ligou o pequeno rastreador GPS à bateria. Um sinal acendeu em seu telefone via satélite.

Então ele encontrou a vaga de estacionamento de Konrad, Zach seguindo-o um pouco atrás.

A Ferrari do doutor estava estacionada sob o sinal de RESERVADO. Cade olhou em volta à procura de câmeras e depois se abaixou sob a roda traseira. O ímã de terra rara no rastreador grudou ao eixo como cola.

Zach observou, ainda sorrindo.

– Então, o que fazemos agora?

– Agora, você espera aqui. Konrad tem diversos carros. Amanhã de manhã, você fará a mesma coisa que eu acabei de fazer se ele vier trabalhar com um diferente.

O rosto de Zach murchou.

– Só isso?

– Por enquanto, sim.

Zach ficou carrancudo por todo o caminho de volta ao sedã. Cade imaginou que o acesso de raiva viria antes de eles saírem da garagem. Zach nem ao menos esperou entrar no carro.

– Sabe de uma coisa, estou um pouco farto disso – ele disse. Cravou os olhos em Cade através do teto do sedã. – Era para você obedecer minhas ordens, lembra-se?

De repente ocorreu a Cade o motivo de Zach o irritar. Ele estava completamente convencido de que sabia tudo sobre o mundo e resistia a todas as tentativas de ser desiludido dessa certeza. Cade não lidava com alguém assim há décadas.

Em resumo, ele era jovem, e fazia Cade se sentir *velho*. Esse era um sentimento humano – um que não havia tido antes. Nunca.

Ele não tinha certeza sobre o que fazer com aqueles pensamentos.

Sabia que Zach estava frustrado, tentando firmar seu controle sobre uma situação possivelmente insana.

No entanto, isso não o fazia menos irritante.

Cade soterrou seus sentimentos.

– Não é bem assim que funciona.

Zach não iria ser impedido.

– Então, como é que funciona? Me diz. O que acontece se eu lhe der uma ordem e você não a seguir?

– Você não vai querer saber.

Zach virou os olhos com desprezo, depois levou a mão para dentro de sua jaqueta e tirou uma pequena garrafa de prata.

– Na realidade, eu quero.

Cade não conseguia sentir o cheiro do conteúdo da garrafa – estava bem lacrada.

– O que é isso?

Zach pareceu excessivamente satisfeito consigo mesmo.

– Cerca de trezentos e cinquenta miligramas do tipo O negativo, eu acho.

– O quê? Onde conseguiu isso?

– Roubei da geladeira do doutor quando disse a você que estava indo procurar o toalete.

Cade afastou-se do carro. Suas mãos estavam tremendo e, apesar de seus esforços, não paravam.

– Por que você iria... Por quê?

– Porque quero saber, Cade. Que tipo de vampiro não bebe sangue humano?

– Eu não vou fazer isso.

– Claro que vai. Estou seguindo as regras. Acabei de lhe dar uma ordem legítima. E eu sou o representante do presidente. No que se refere a você, é o mesmo que vir diretamente dele – o ar presunçoso de Zach chegava às raias do insuportável agora.

– Beba.

Cade sentiu seu pé direito mover-se, como por vontade própria, de volta ao carro. O primeiro passo para pegar a garrafa e entorná-la toda em um longo e fácil gole...

Sua boca estava cheia de saliva. Sentia dificuldade para falar.

– Por favor – ele disse. – Estou implorando a você.

Zach riu.

– Implorando? Achei que você era o cara no comando, Cade...

Ele não disse mais nada, ou Cade não ouviu, porque foi quando as convulsões começaram.

Sua mão direita foi em direção à garrafa, então ele, em vez disso, jogou-a para dentro da porta do carro. O painel amassou com o impacto. A força que estava por trás de todos os seus pensamentos abriu caminho para dominar sua mente, dizendo

para simplesmente pegar a garrafa e seguir a ordem. Ele ficou de frente a ela como um homem diante de uma onda na praia, tentando desesperadamente firmar seu pé na areia.

Seu corpo debateu-se, deixando-o de si. Dor, dominando seu sistema nervoso. Punição. Suas pernas deram chutes e, vagamente, ele percebeu um para-choque arrancado do lado do motorista.

A voz de Mme. Laveau retornou em sua mente, maior do que tudo, mais suave que seda. “*Por este sangue você está preso*”, ela disse: “...às ordens dos oficiais apontados por ele...”

Ele gritou para abafar aquilo. Porque mesmo que o deixasse em ruínas, ele havia jurado, *nunca mais*, nem uma única gota, aconteça o que acontecer.

Voltou a pensar em um navio, na última noite em que tinha sido humano. Lembrou-se de como havia falhado em se impor contra a escuridão. E como seria fácil ceder a isso novamente.

Não, nunca mais. Aconteça o que acontecer.

Então ouviu um outro grito, em uma voz diferente. O som do pânico absoluto. Demorou um momento para que reconhecesse a voz. Para conectá-la a um nome.

Zach.

– ... Jesus Cristo!, Cade, sinto muito, sinto muito, eu retiro, eu retiro a ordem...

Uma ordem legítima, de um oficial do presidente.

A dor desapareceu. A certeza voltou ao seu lugar normal, no fundo de sua mente.

O cinza abandonou sua visão e ele notou que estava no chão. Seus dedos haviam entalhado pequenos sulcos no concreto.

Zach estava do seu lado, preocupação e medo em seu rosto.

Cade tinha mordido seu lábio. Recolheu suas presas e mudou para uma posição sentada. Encostou-se contra a porta do sedã. Não acreditava que poderia conseguir ficar em pé ainda.

Zach não parara de falar. Claro.

– ...Eu não sabia, juro, quero dizer, puta merda, puta *merda*, Cade, sinto muito, eu realmente não sabia, eu só...

– Você só queria descobrir até onde poderia mandar – Cade disse. Sua voz soou como um grasnado, estranhamente distante em seus ouvidos.

Zach ajoelhou-se mais perto dele. A garrafa estava em sua mão.

– Por favor – Cade disse –, tire isso de perto de mim.

– O quê? Oh, isso? – Zach abriu a garrafa e o cheiro tocou Cade como uma queimadura.

Zach deu um leve gole.

– Uísque – ele disse. – Um presente de graduação de meu pai. Eu o levo a todos os lugares. Imaginei que quando a abrisse realmente ele seria um *scotch* de doze

anos, em vez dessa porcaria barata que tem aqui dentro.

Cade ficou olhando-o fixamente durante um longo momento.

Zach afinal olhou para o outro lado. Se não estava envergonhado, estava fazendo um bom trabalho de imitação.

– Sinto muito – ele disse. – Eu queria saber.

– Agora você sabe – Cade disse.

Lentamente, ficou sobre seus pés. Olhou para o carro. A porta de trás do lado do motorista estava destruída. O vidro tinha quebrado, mas não estilhaçado. O para-choque dianteiro direito tinha sido mandado para o outro lado da garagem. Havia arranhões na pintura que Cade não se lembrava de ter feito e um amassado em forma de punho no teto.

Zach tentou ajudá-lo a se levantar. Com mais força do que pretendia – talvez –, Cade livrou-se dele.

– Cade, sério, cara. Sinto muito.

– Fique aqui – disse Cade. – Espere Konrad sair, então ligue para mim. Se eu não responder, ligue para Griff. Ele lhe dirá como ativar o rastreador em meu telefone.

Zach pareceu preocupado.

– Você vai me deixar aqui? Aonde você vai?

Cade andou até a lateral da garagem. Estavam no quarto andar. A estrutura do estacionamento era descoberta. Respirou profundamente, sentindo o cheiro do jasmim noturno, os metais pesados na neblina enfumaçada. Suas mãos ainda estavam tremendo.

– Deixe-me dar-lhe um conselho – Cade disse a Zach. – Eu não sou humano. Não cometa o erro de me tratar como um.

– O que isso quer dizer?

– Lembra-se do mágico de Las Vegas? Aquele que foi destroçado pelo tigre que ele usara em seu espetáculo por muitos anos?

Zach assentiu.

– Você pode trazê-lo para dentro, colocá-lo em uma coleira e vesti-lo, mas um animal selvagem nunca perde realmente o gosto por sangue – explicou Cade. – Talvez queira considerar isso antes de me testar novamente.

Cade deu um salto e sumiu.

VINTE

Apesar de seu nome famoso, o Castelo Frankenstein, hoje em dia, é pouco mais do que uma pilha de escombros ao sul de Darmstadt. Mas, no século XVII, era o lar de Johann Konrad Dippel. Nascido em 1673, Konrad entrou em um seminário, onde tanto seus professores quanto seus colegas estudantes admiravam sua mente rápida. Mas a adulação pode ter sido demasiada, combinada com sua arrogância natural. Dizem que Konrad questionou o Catecismo aos nove anos de idade e, ainda na escola, também praticava leitura de mãos, lia tarô e descobriu o que viria a ser sua paixão duradoura, a alquimia. Sua obsessão pela mortalidade é evidente no título de sua tese de mestrado de 1693, *De Morte (Sobre a Morte)*.
– Chapman e Ainsworth, *Vidas dos Alquimistas*

Konrad queria relaxar após a confusão que tinha sido aquele dia. Apertou a tecla de seu interfone. Laura lhe disse que o instalador estava terminando a nova janela. Ele pediu que Laura fosse para casa. Olhou seu relógio. Tinha ainda um pouco de tempo para gastar.

Konrad foi para a próxima sala, uma opulenta sala de espera completa com um bar, onde entretinha sua clientela de celebridades que preferiam poltronas de couro a mesas de exame cobertas com papel. Fez um drinque para si mesmo e examinou seu reflexo no espelho acima do bar.

Ninguém poderia dizer que ele aparentava a idade que tinha. Mas havia uma leve flacidez no queixo da qual não gostou e, bem ali, o cabelo estava levemente ralo no alto da cabeça...

Pegou seu celular e ligou para Nikki. Ela ficou mais do que feliz em ir ao seu consultório, apesar da hora.

Nikki era uma bela garota, criada por pais afetuosos, perseguida por rapazes bonitos em um subúrbio livre de sofrimentos em Chicago, onde trabalhou como modelo para catálogos e acreditava em qualquer um que dissesse que ela deveria participar de filmes. Veio a Los Angeles após um diploma em comunicação. Ela achava que poderia ser atriz, ou pelo menos apresentadora de televisão.

Dois meses depois, estava trabalhando para uma “agência de modelos” que se especializava em fornecer garotas belas e disponíveis para as situações certas. Entrou para a órbita de Konrad após uma festa onde havia sido contratada para enfeitar o ambiente servindo de travessa humana para *sushi*. Nua embaixo de rolinhos de salmão e *unagi* cuidadosamente colocados sorria para ele.

Vinha quando ele a chamava e sempre partia com dinheiro e presentes. E seria capaz de bater em qualquer pessoa que a chamasse de prostituta.

Konrad estava ficando entediado com ela, mas ela era confiável.

Em pouco menos de uma hora, ela chegou. Ninguém a viu entrar, porque ela usou a porta que dava para o beco adjacente, outro serviço que Konrad oferecia a seus pacientes famosos.

Entrou na sala de estar, rosada e morna de uma ducha recente, seu corpo firme e jovem delineado por roupas caras de ginástica. Konrad sorriu e fingiu se importar com a dificuldade que ela teve com o trânsito do horário de pico.

Ela estava falando sobre alguma outra coisa enquanto ele se mantinha atrás do

bar, preparando uma bebida para ela. Previsivelmente, Nikki adorava coquetéis gelados e espumantes que exigiam que ele usasse o liquidificador.

Isso lhe deu uma ideia. Ele a cortou no meio de uma sentença e a chamou para vir para trás do bar.

– O que acha de competir em um pequeno *game show*? – ele perguntou.

Ela veio para o lado dele, sorrindo.

– Bem, eu não sei. É em rede ou a cabo?

– É bem aqui – ele disse, despejando a porcaria rosada do liquidificador, revelando as lâminas de aço inox. – É chamado “Confiança”.

Ela deu umas risadinhas. Era sua reação sempre que não sabia o que estava acontecendo, como uma gata lambendo seu pelo.

– Darei a você... *Darei a você...* vinte e cinco mil dólares. Em dinheiro. Pagarei seu aluguel pelos próximos três meses. Irei até mesmo dar de lambuja um novo Mercedes SL – e aí ele usou o tom de voz de um apresentador de televisão – isso mesmo, *um carro novinho em folha*.

Nikki ficou ali, seu sorriso tornando-se rígido.

– O que eu tenho que fazer?

– Quase nada – Konrad disse, ele próprio sorrindo. – Você só tem que confiar em mim.

Ele pegou a mão dela na sua e a colocou dentro do liquidificador. Era delicada e pequena, e coube facilmente.

Ela puxou de volta, mas ele a segurou ali.

– Esse é o jogo, querida. Você confia em mim?

Ela olhou dentro de seus olhos. Ele retirou sua mão. E ela manteve sua mão ali onde estava.

Konrad assentiu. Então apertou o botão marcado PURÊ.

Os gritos dela se misturaram ao som das lâminas girando.

Ela tentou tirar a mão de novo, mas dessa vez ele agarrou o pulso dela e não largou.

Sangue tinha borrifado no rosto dos dois quando ele liberou o botão e o pulso dela, ao mesmo tempo. Ela se enrolou como uma bola, agarrando os dedos mutilados contra seu peito, berrando.

Konrad deu um longo suspiro, saboreando aquilo. Suas janelas eram à prova de som, logicamente.

– Você venceu – ele disse a ela.

– Pronto, pronto – Konrad disse, seu tom consolador enquanto a acompanhava para dentro das salas de exame. – Vai ficar tudo bem.

Nikki choramingou, lágrimas escorrendo por seu rosto, a mão mutilada agarrada contra seu peito. Estava sangrando através da toalha de bar em que Konrad a tinha

envolvido.

– Você pode mesmo repará-la? – ela perguntou, pelo que parecia ser a centésima vez.

Espantoso – ele pensou. Nem ao menos um sinal de raiva. Apenas implorando para que ele a deixasse melhor.

Em momentos como aquele, Konrad pensava que ele bem que poderia ser de outro mundo. Quando era menino, todos eram inimigos. Seu pai tinha lhe ensinado isso. Tudo o que seu pai possuía era por ter tirado de alguém e matado quem tentasse levar embora. A morte estava em todos os lugares, esperando pacientemente. A Alemanha ainda era uma coleção de principados devastados pela Guerra dos 30 Anos. Seu pai se lembrava dos exércitos de mercenários que destruíam a terra, espalhando fome e doenças. O maior tesouro de todos era a vida, ele dizia frequentemente. E a vida tinha que ser defendida, constantemente.

Séculos depois, Konrad ainda não conseguia compreender essas crianças que tinham nascido cercadas pela abundância, incapazes de compreender a fome ou o desespero. Que depositavam sua confiança em estranhos. Que esperavam estar seguras quando saíam alegremente de suas casas e *playgrounds*.

Garotas como Nikki eram tão alienadas da ideia de que alguém poderia feri-las que não conseguiam acreditar que era real, mesmo quando acontecia. Independentemente de sua idade, elas pareciam bebês para ele.

– Claro, vou repará-la – Konrad disse. – Você nem ao menos vai notar a diferença quando eu terminar.

Não era inteiramente mentira.

Konrad a levou para os fundos, dentro de sua sala de operação privativa, aquela onde ele fazia seu verdadeiro trabalho. Nenhum paciente jamais fora autorizado a ver essa parte da clínica.

– Por que você tem esses animais em gaiolas? – ela perguntou.

– Testes – ele disse. – Uma realidade infeliz da medicina. Não podemos testar em humanos.

– O que há de errado com aquele ali?

Ela tremeu. Não era choque ou perda de sangue. Ele tinha que correr.

– Por favor – ele disse –, temos que nos apressar. Deite-se.

Ela hesitou, mordendo seus lábios. Suas lágrimas tinham apagado a maior parte de sua maquiagem. Ela parecia uma criança agora.

– Acho que você fez isso de propósito – afirmou Nikki.

Konrad tentou não suspirar ou girar os olhos.

– Não – ele insistiu –, foi um acidente. Meu dedo escorregou. Eu já disse isso a você.

– Talvez devêssemos apenas ir até o pronto-socorro – comentou.

– Tudo o que eles irão fazer é dar pontos em você – Konrad disse. – Eu a deixarei bela novamente. Perfeita.

Nikki aguardou mais um momento, então concordou. Subiu na maca de aço, deitando de costas.

Konrad pegou uma seringa de uma gaveta e aplicou em Nikki uma combinação de sedativo e agente paralisante. Ela começou a adormecer imediatamente, seus olhos tremulando.

Konrad foi até o canto e tirou um pesado lençol de cima de uma peça de maquinário.

Os olhos de Nikki subitamente se abriram de novo quando ele rodou a máquina para dentro de seu campo de visão. Claro que, agora, ela não conseguia mais se mover.

Sua respiração se acelerou.

– O que é essa coisa? – perguntou, lutando para levantar a cabeça. – Por que eu não consigo me mover?

– Chiiiiiu – ele disse, afagando o cabelo dela. – Logo tudo estará terminado.

De novo, não inteiramente mentira.

– O que você está fazendo? – A voz dela era pouco mais do que um sussurro agora.

– Sinto muito, Nikki – Konrad disse. Deu um beijo em sua testa. – Preciso de algo seu.

Ela tentou gritar, mas as drogas mal permitiam que respirasse. Ele tinha que começar. Precisava dela viva para esse procedimento.

Konrad colocou a máquina no lugar. Parecia um híbrido de prensa industrial e navio de guerra português: tubos desenrolando-se do corpo principal da máquina, deslizando sobre o corpo dela. Ligou um interruptor e os tentáculos ganharam vida, contorcendo-se sobre a pele dela, procurando os pontos de apoio. Discos chatos na ponta arrastaram-se para a posição, em seus braços, pernas, pescoço e peito. Então, em um movimento súbito, começaram a perfurar.

Nikki sentiu, apesar das drogas. Ele percebeu isso ao ver seus olhos se escancararem.

A máquina começou a beber. Os tubos começaram a sugar sua vida, sua essência real, de dentro dela, juntamente com todas as células e fluidos vitais que a carregavam.

O braço de Nikki pendeu frouxamente para fora da maca. A toalha do bar desenrolou-se e o sangue dela pingou no ladrilho do piso. A máquina continuou trabalhando. Em menos de um minuto, o sangue diminuiu para um fio e depois cessou completamente.

Konrad observou o painel e monitores enquanto os frascos dentro de sua máquina

se enchiam. Outro processo já estava começando, que iria concentrar a coleta em sua forma mais pura. Já tinha o que precisava, mas ainda havia muito sobrando. Nunca aceitou desperdiçar nada.

Do centro dos tentáculos, outro compartimento se abriu. A máquina desabrochou um buquê de aço brilhante: bisturis, serras e lâminas, cada qual em seu próprio braço mecânico, arranjados em círculo. Eles ganharam vida com um zumbido, quase que alegremente, conforme baixaram ao corpo e começaram a fatiar.

A pele, que saía em grandes tiras, poderia ser reduzida a uma mistura homogênea e transformada em preenchimento de colágeno para rechear partes flácidas do corpo de seus pacientes, para restaurar lábios de volta à sua juventude plena ou até mesmo inflar o pênis de um homem até o tamanho que ele acreditasse que merecia.

Os ossos, esmigalhados e capturados pelas sondas extensíveis, seriam usados para reconstruir narizes, malares e linhas do queixo. A carne dos músculos e as cartilagens poderiam reparar juntas arruinadas e tendões. E, claro, havia um mercado em expansão de reposição de órgãos para aqueles que não queriam esperar em uma lista de transplante.

A máquina separou tudo e coletou cada peça, colocando as nos frascos e recipientes plásticos selados a vácuo para congelamento. Konrad não precisava assistir. A máquina fazia tudo praticamente sozinha agora. Ele estava nesse negócio há anos, aperfeiçoando seus mecanismos. Poderia ter ido buscar um café. Mas ele gostava do *show*.

Uma pequena luz – digna, discreta, Konrad pensou – assinalou que o fluido tinha sido processado. Enquanto sua magnífica máquina armazenava os tecidos e órgãos de Nikki, ele preparou a seringa.

O fluido vital encheu menos de 2 mm. Mesmo assim, era o suficiente. Carregou a essência da vida na agulha, então a injetou em suas veias.

Estremeceu. Sentiu cabelo crescendo em seu couro cabeludo. Sentiu a pele firmar-se, sua barriga achatar.

Konrad tinha arrancado o segredo da vida eterna de cadáveres, roubados de suas sepulturas séculos atrás.

Juventude eterna, no entanto... isso requeria algo um pouco... mais fresco.

Konrad descartou a agulha no recipiente de objetos pontiagudos, colocou sua jaqueta e saiu pela porta. Deu uma olhada para trás, para sua máquina, logo antes de desligar as luzes. A maca de aço brilhava como se nada jamais tivesse estado lá.

Por volta das sete da noite, Zach viu de dentro do sedã quando Konrad deixou o elevador e andou até seu carro. A Ferrari soou como um jato de guerra prestes a decolar. Konrad deslizou para fora da vaga do estacionamento como se lubrificado, e o carro desapareceu ao descer pela rampa.

O localizador de GPS no telefone de Zach começou a piscar imediatamente,

mostrando um ponto vermelho movendo-se pelo mapa quadriculado para longe de sua posição.

A coisa era à prova de idiotas. Ele poderia seguir Konrad por toda a cidade se quisesse. E, na realidade, por que não? Ele não era subordinado ou menino de recados de Cade. Era um agente do presidente dos Estados Unidos e, com toda a certeza, iria agir como um.

Deu partida no sedã – o para-choque que Cade havia chutado batendo barulhentemente – e então saiu atrás de Konrad.

O carro de Zach chegou à rua. Um carro preto aguardava em uma vaga com parquímetro a meio quarteirão de distância.

Suas janelas eram escuras e, do lado de fora, parecia estar preenchido por uma escuridão líquida, mais negra do que tinta, mais profunda do que petróleo.

Quando Zach virou a esquina, o carro preto mesclou-se ao tráfego e o seguiu.

VINTE E UM

Pesquisa (ver arquivo “Vampiro Rei”) indica que a maioria dos vampiros com a idade de Cade seria muito mais forte e rápida, com uma gama de habilidades que Cade não possui. Mas, ao contrário de outros vampiros, este sujeito se alimenta com sangue de animais. Ele se recusa a beber sangue de um humano, muito embora sangue humano seja o que seu corpo vampírico é projetado especialmente para consumir e metabolizar. (Ele se recusa até mesmo a beber sangue humano de transfusão, encarando-o da mesma forma como um alcoólatra encara bebidas alcoólicas). Se houvesse alguma forma de superar os escrúpulos do sujeito a esse respeito, não há como dizer quão mais efetivo ele poderia se tornar enquanto agente.

– LIVRO DE INSTRUÇÃO - CODINOME: MASCOTE DE PESADELO

Letras de néon em *Hangul*²¹ brilhavam acima da entrada do local onde a reunião do AA acontecia, um decrepito auditório próximo a Koreatown. O saguão era forrado com pôsteres de seminários sobre como enriquecer rapidamente, e o interior estava repleto de fileiras de poltronas resgatadas em teatros. Cade sentou-se em uma próxima aos fundos.

Vinha frequentando reuniões do AA desde pouco depois da Segunda Guerra Mundial. A guerra não tinha sido fácil para ele. Tivera certeza, em muitas ocasiões, de que estava do lado dos perdedores, de que a escuridão estava ganhando da luz. Mesmo deixando-se de lado o mal do outro mundo que os ocultistas de Hitler conjuraram, a brutalidade meramente humana foi quase impossível de suportar. Auschwitz e Dachau, Bataan, até mesmo os campos de internamento nos EUA. Muitas vezes, Cade sentiu-se tentado a começar a beber das fontes de sangue que pareciam brotar por toda a sua volta.

A sede não foi embora após o V-E Day²². De volta aos Estados Unidos, descobriu que sua fé estava quase perdida. Vencer não tinha resolvido isso. Cade achava que eles tiveram sorte.

Todos diziam que tinham salvado o mundo. Ele não acreditava naquilo. Pior, já não estava certo de que o mundo merecia ser salvo.

Uma noite, em 1947, topou com uma igreja em Nova York. Isso o feria – qualquer local de oração o feria, até mais do que a cruz que usava em torno do pescoço. Mas era melhor do que a sede.

Ficou surpreso ao encontrar pessoas ali. Elas estavam contando histórias – como haviam se esforçado, e frequentemente falhado, para controlar sua própria necessidade de uma bebida forte, e, mesmo assim, continuaram se esforçando, continuaram lutando.

Cade ouviu durante todo o tempo em que elas falaram e depois voltou novamente na noite seguinte. A partir daí, sempre encontrava uma reunião sempre que podia.

As pessoas nunca lhe pediam que dissesse alguma coisa ou mesmo que se apresentasse. Tivera o cuidado, ao longo dos anos, de variar seus padrões, para que ninguém notasse que apenas ele, dentre todos os adeptos da bebida, nunca envelhecia. Ao mesmo tempo, as pessoas nas reuniões sempre respeitaram sua privacidade.

Não era a mesma sede, ele sabia disso. Mas ajudava. Não tinha certeza de como

ajudava exatamente, mas ajudava.

Precisava ouvir aquilo naquele exato instante. O gosto de seu próprio sangue estava amargo em sua boca, e ele não gostava de pensar no quanto desejara ceder à ordem de Zach – secar a garrafa e continuar bebendo se afogar em oceanos de sangue se pudesse.

Alguém lá na frente estava falando sobre receber sua ficha de primeiro ano de sobriedade quando um homem sentou-se ao lado de Cade ao fundo.

Ele estava vestindo roupas caras, mas casuais, mastigando um dos *donuts* grátis, um copo da Starbucks na outra mão.

– E aí? – ele perguntou a Cade, não se preocupando em manter sua voz baixa.

Algumas pessoas viraram-se em suas poltronas e olharam para trás, mas ele não notou.

Cade não respondeu, o que não fez qualquer diferença. O homem continuou falando, sem pausa para respirar.

– Você é novo? Eu sou novo. Quero dizer, neste lugar. Já estive em outras reuniões. Mas um amigo meu disse que é aqui que o Robert Downey Jr. vem. Você já o viu?

Cade concedeu um olhar ao homem, então apontou para quem estava falando.

O homem assentiu, sorriu, e passaram-se três segundos inteiros antes que ele falasse novamente.

– Olhe, confidencialmente, eu não tenho na verdade um problema com álcool. Quero dizer, exceto quando estão para fechar o bar e começam a me ignorar, sabe o que estou dizendo? É só que, ouvi dizer, este é um ótimo lugar para iniciar contatos.

O homem não estava cheirando a bebida, mas Cade podia perceber que ele estava visivelmente alterado.

– Francamente, você não parece um desses outros perdedores. Quero dizer, se tem um problema, não quero ofendê-lo. Você parece que está no controle da coisa. Sou Brad. Brad Lawrence – ele disse, limpando a mão do *donut* e oferecendo-a com um único movimento.

Cade o encarou. Pela primeira vez, Brad pareceu efetivamente notá-lo. Engoliu em seco.

– Então... hã... Quanto tempo já passou para você? Desde que bebeu pela última vez, quero dizer.

Cade decidiu responder.

– Cinquenta e um mil novecentos e sessenta e oito dias – ele disse em voz baixa.

Brad fez a matemática em sua cabeça. Então lançou a Cade um estranho olhar e foi para outra poltrona.

Cade estava se divertindo, ou algo próximo a isso. Sua humanidade há muito tinha desaparecido, e ele nunca a teria de volta. Estava além da redenção. Sabia disso.

Mas essas reuniões faziam-no lembrar o que era a humanidade – ao mesmo tempo tão ínfima e tão imensa.

Lembrava a ele o que havia perdido e isso era importante. Com excessão da cruz em volta de seu pescoço, elas eram a coisa mais próxima de um artigo de fé que restara a Cade.

VINTE E DOIS

O termo “vampiro rei” não é estritamente acurado, pois não se refere a um líder da Nação de Vampiros, como viemos a chamá-la. Vampiros, pelo que temos visto, são obsessivamente territoriais e isolacionistas, bem parecidos com qualquer outro superpredador, com interação social limitada. Se um humano exibisse essas mesmas tendências, nós o chamaríamos de sociopata. Mas, como os demais superpredadores, eles respeitam força, e o “vampiro rei” é, a grosso modo, equivalente a um elefante macho adulto – o maior e mais poderoso membro de sua espécie. Das poucas centenas de vampiros que se acredita existir pelo mundo, há talvez dois ou três vampiros reis – talvez tão poucos quanto dois ou três na história inteira da espécie. Esses reis vampiros não parecem exercer qualquer autoridade sobre o resto da Nação de Vampiros, excetuando-se os direitos permitidos pela força bruta. Qualquer vampiro que não se submeter a um vampiro rei irá provavelmente ver sua existência anormal sofrer um rápido fim.

– Notas do Dr. William Kavanaugh, Grupo de Pesquisa Sanção V

Cade permaneceu do lado de fora quando a reunião terminou, aproveitando o momento para absorver o barulho e o cheiro das pessoas que partiam. Falavam sobre seus trabalhos, trânsito, a sequência inacreditavelmente péssima que os Lakers atravessavam. Acendiam cigarros, faziam barulho com as chaves em suas mãos ou iam embora sem olhar para ninguém mais. Mais do que de qualquer outra coisa, era disso que ele precisava aqui.

– Você é um grande masoquista, Nathaniel.

A voz viera por detrás dele. Ela franziu o nariz para ele e deu uma risadinha. Como sempre, quando a via, Cade lembrava-se de uma música muito popular durante a Segunda Guerra Mundial, sobre uma garota que não se sentaria com ninguém mais sob a macieira.

Então ela sorriu um pouco mais, mostrou suas presas e arruinou tudo, como fazia todas as vezes.

– Olá, Tânia – ele disse. – O que está fazendo aqui?

Ela olhou para a multidão que se dispersava, e seus olhos dançaram novamente.

– Eu sabia que encontraria você em um lugar como este. Realmente, Cade, você é um mártir e tanto.

– O que você quer?

– Oh, não seja assim. Uma garota não pode dizer “olá” para um velho amigo?

Diversos homens olharam Tânia conforme passavam pela calçada. Ela, por seu turno, analisava-os como um leão observando gazelas.

– Ainda somos amigos?

– Devemos ser. Estou aqui para lhe dar um pequeno conselho – afirmou ela. – Konrad ofereceu uma recompensa por sua vida. Fez perguntas por aí. Ele quer você morto. Morto de verdade. Cabeça ou coração, e depois cinzas.

Cade notou que nem sequer uma única pessoa passando virou a cabeça, apesar de Tânia nem ao menos tentar falar baixo. Essa era, talvez, a única qualidade que ele apreciava em L.A. Não importava o que você dissesse, as pessoas simplesmente assumiam que você estava falando sobre um filme.

– Interessante – Cade disse.

Tânia aguardou. Cade não continuou.

– É só isso? Você não vai fazer nada?

– O que você quer que eu faça?

– Mate-o.

– Não posso. Recebi ordens. E não é crime tentar me matar. Eu nem ao menos estou vivo.

– Idiota – ela disse. – Não sei porque me importo.

Ela virou-se para ir embora, mas Cade agarrou seu braço. Colocou força suficiente em seu aperto para que ela soubesse que ele falava a sério.

– Por que você se importa, Tânia? Você estava em Nova York. Por que veio tão longe até aqui?

Ela chegou mais perto dele, entrando em seu espaço pessoal. Mesmo com salto alto, teve que levantar a cabeça para olhá-lo.

– Acredite ou não – disse –, eu ainda me importo com você.

– Interessante.

– O que quer dizer?

– Eu pensava que uma assassina fosse uma melhor mentirosa.

Ela fechou a cara e deu um passo para trás.

– Engraçado. Isso foi quase engraçado.

– Tenho passado algum tempo com um comediante recentemente.

Ela fez uma careta.

– Outro deles? – indicando com a cabeça as pessoas que passavam. – Por que faz isso? Nunca vou entender porque passa tanto tempo socializando com o rebanho.

O rebanho. Como animais de corte. O termo de sua espécie para os humanos. A primeira vez que ouviu isso, percebeu como resumia perfeitamente o desprezo deles pelos humanos: uma massa indiferenciada de comida. Não o surpreendia nem um pouco o fato de Tânia usar tal palavra a cada chance que tinha.

– Talvez eu esteja tentando compensar meus velhos erros – confessou.

– Oh, Deus – ela gemeu e quase soou como uma adolescente novamente. – *Não* tente vir com essa para cima de mim, Cade. Eu disse a você, várias vezes. Você tentou me salvar da juventude eterna e do poder divino. Estou feliz que não tenha conseguido.

O autocontrole de Cade cedeu, e a angústia transpareceu em seu rosto.

– Não faça isso – ela disse. – Você parece me olhar como se eu tivesse acabado de matar um cãozinho.

– Isso não é vida, Tânia.

– Diga isso para mim daqui a cem anos. Se você viver tanto. Sabe o que acontece quando você não se alimenta do rebanho?

Cade franziu o rosto.

– Você vai me dizer que os outros da nossa espécie me veem como um traidor. Já ouvi isso antes. E todos os que me ameaçaram estão...

Ela o cortou, virando os olhos em desaprovação.

– Sim, sim, eu sei como você é terrivelmente durão, querido. Não é isso que eu estava perguntando. Você sabe o que acontecerá a você se não beber?

Cade apenas olhou para ela.

– É como colocar querosene em um motor que foi feito para rodar só com gasolina *premium* sem chumbo – ela disse. – Você já é menos do que poderia ser. Fique negando ao seu corpo o que ele precisa e só vai piorar. Você ficará menos resistente, menos capaz de se recuperar dos danos, menos eficiente. Você ficará cansado. Ficar *velho*.

– Não tenho medo de morrer.

– Quem falou qualquer coisa sobre morrer? A mudança irá mantê-lo vivo, mas seu corpo irá se desgastar. Por fim, você ficará decrepito. Fraco. Um homem velho, para sempre. Ninguém nem se dará ao trabalho de pôr fim à sua miséria.

– Você tem razão – afirmou Cade.

Aquilo a desarmou.

– Tenho?

Cade sorriu.

– Sou mais velho do que você. Posso não ser convidado para as reuniões de família, mas já vi o que acontece com aqueles de nós que não se alimentam de humanos.

Cade tinha visto um vampiro no fim do ciclo: faminto por sangue humano, deixado para se alimentar de qualquer praga que conseguisse encontrar, como uma punição. Não era nada bonito, até mesmo para sua espécie.

Ele se lembrava da pele de pergaminho do vampiro faminto, marcada por linhas fundas. Suas juntas rígidas pela falta de uso. Tumores inchando seu abdome. E seus olhos, berrando de dor, implorando por libertação.

Foi uma aula prática. Uma que ele escolheu ignorar.

Tânia perguntou:

– E sua pureza vale tudo isso?

Ele fez algo que não fazia com muita frequência. Riu. Dela.

– Eu não sou puro – ele disse. – E, sim. Vale.

– Idiota – ela disse novamente. Não havia provocação em sua voz dessa vez.

O telefone de Cade zumbiu em sua jaqueta. ZACHARY, BARROWS aparecia na tela.

– Tenho que ir – disse.

– Não deixe que eu atrapalhe você – ela disse, a voz leve e sarcástica. – De qualquer forma, eu estava indo para a faculdade cristã feminina para fazer um lanchinho.

Ele já se afastava, as costas voltadas para ela. Ela iria encontrá-lo de novo. Ela

sempre o encontrava. Cade tinha outras prioridades naquele instante.

VINTE E TRÊS

De modo semelhante, consideramos algumas habilidades vampíricas como simples mitos. Cade não se mostrou capaz de se transformar em morcego, ou névoa, ou lobo. Tais histórias sem dúvida surgiram de relatos sobre a velocidade e força reais dos vampiros, as quais são impressionantes o bastante. Mas podemos dizer seguramente que, mesmo com todo o poder que Cade tem demonstrado, vampiros não podem voar ou mudar de forma.

– LIVRO DE INSTRUÇÃO - CODINOME: MASCOTE DE PESADELO

Tânia quis bater na parte de trás da cabeça de Cade no momento em que ele se afastava. Ela não sabia porque se importava. Era como fazer um grafite em uma parede esperando que esta aprendesse a falar inglês. Havia até mesmo enviado a si própria por FedEx, para ele. Em um *engradado*. Odiava fazer isso.

Tânia não conseguia entender como Cade conseguia se manter à margem de uma festa sem fim, um *buffet* estendendo-se eternidade afora, e não participar. Não sabia o que ele tinha dentro de si que substituíria a necessidade.

E quando era honesta consigo mesma, não se importava. Voltou-se e andou na direção oposta, indo para oeste na Wilshire. Consultou seu relógio. Ele se autossincronizava com o pôr do sol e nascer do sol em cada fuso horário em que ela entrava, soando uma série de alarmes conforme eles se aproximavam. Custara aproximadamente tanto quanto um carro usado.

Bem. Se Cade não iria fazer o que era necessário, ela o faria. Teria bastante tempo, se não se preocupasse com o trânsito.

Felizmente, essa parte da cidade possuía prédios altos. Não arranha-céus, na verdade, mas altos o suficiente. Tânia deslizou para junto de uma multidão apinhada em torno da entrada para o Wiltern Theatre, esperando impacientemente que as portas se abrissem, para assistir a uma banda da qual ela nunca ouvira falar. Fez uma anotação mental para checá-las no *iTunes*.

Deu uma leve e inebriante cheirada no odor da multidão – o gel de cabelo, os perfumes, a suave antecipação sexual e o sangue por baixo. Não tinha tempo para afastar nenhuma ovelha do rebanho, mesmo assim gostava do cheiro.

Passou à frente de um homem jovem, com músculos de academia, vestindo roupas esfarrapadas, mas caras, fedendo a suplementos de creatina e proteína, e Polo de Ralph Lauren. Ele estava prestes a protestar, mas ela lançou-lhe um sorriso e o espírito de luta sumiu de dentro dele. Continuou andando, sua mão deslizando sobre o peito dele, e depois contornou o prédio que fazia esquina com um beco. Atrás dela, ouviu a namorada do jovem dizer “Ei!” e socá-lo – com força.

Deu um sorriso. Depois o reprimiu. Talvez o comentário de Cade sobre sua idade a tivesse incomodado mais do que ela gostaria de admitir. Chacoalhou isso para fora de si ao encontrar a saída de emergência no beco. Uma estrutura de ferro corroída, somente usada pelas pessoas nos escritórios acima do Wiltern durante pausas para o cigarro. Mas serviria. Deu um salto para cima e já estava no segundo andar. Outro

pulo e chegou facilmente na superfície do telhado. Demorou um momento para se localizar, colocando o mapa em sua cabeça, memorizado mais cedo naquela noite com um olhar, sobre o esquema real das luzes da cidade.

Ali. Seu destino era por ali. Acalmou-se, preparando-se para a mudança. Teria sido mais fácil se tivesse se alimentado. Mas, então, não teria encontrado Cade de forma alguma.

Ela se perguntou, não pela primeira vez, porque se mantinha tão ligada a ele. Lembrava-se de sentir algo por ele. Poderoso, quente e brilhante, como o sol. Mas, igual ao sol, ela não conseguia mais vê-lo.

Era a memória do sentimento que a fazia voltar. Não tinha certeza de que queria esquecer aquela sensação. Além disso, com mais de um século de idade, Cade ainda era tremendamente *sexy*. Isso ajudava muito.

Tirou seu vestido, usando nada por baixo. Dobrou-o em um elegante quadrado, depois colocou junto a seus sapatos em sua bolsa. Passou a alça da bolsa por seu pescoço.

Por um momento, apenas saboreou o frio ar da noite em sua pele nua. Imaginou alguém nos prédios vizinhos, um cara trabalhando até tarde talvez, dando uma olhada pela janela, incapaz de acreditar na cena que estava presenciando.

Inclinou a cabeça para trás, passou as mãos por seu pescoço, seus seios, seu abdome. Imaginou o homem que a observava ficando excitado. Esperando que ela tocasse mais a si mesma. Então, sorriu. Isso faria murchar sua ereção. E ela começou a mudar.

Jogou todo pensamento para fora de sua mente. Trouxe sua massa para seu centro. Esticou os tendões, alongando-se, sentindo as articulações estalarem em novas posições. Sugou a medula de dentro de seus ossos, acumulando-a em outro lugar.

De forma distante, ouviu estalos conforme seu esqueleto ajustava-se em sua nova posição. Encolheu-se dentro de si mesma, como se recolhesse os braços para dentro das mangas, e depois puxou para fora forçando a pele para longe de suas costelas, formando uma grande asa de carne de cada lado.

Então parou de pensar racionalmente quando suas suturas cranianas achataram-se, dando a ela um perfil mais aerodinâmico. Iria se guiar principalmente pelo instinto agora, em direção ao seu destino, que brilhava em sua mente como luz através do buraco da fechadura de um armário escuro.

Saltou para fora do telhado. O vento subindo da rua pegou-a, e ela começou a planar pelo céu da noite.

VINTE E QUATRO

Parte de sua resistência alta a danos é devida a sua fisiologia alterada observada na ressonância magnética e nos raios X de corpo inteiro feitos no sujeito (ver Anexo: Imagens Clínicas). A densidade muscular do sujeito é aproximadamente a mesma das fibras de aramida (Kevlar = 1,50 g/ml), ou quase 50 por cento maior do que o músculo humano padrão (1,06 g/ml). Seus ossos possuem força elástica duas vezes maior do que a do humano médio (300 MPa vs. 150 MPa).
– LIVRO DE INSTRUÇÃO - CODINOME: MASCOTE DE PESADELO

Demorou um pouco para Zach perceber o carro preto que o seguia. Toda sua atenção estava na Ferrari de Konrad e nas ruas não familiares de L.A. Então, com uma aceleração inesperada, a Ferrari atravessou correndo um farol vermelho. Zach pisou com força no pedal de freio quando um caminhão de entregas passou, a buzina berrando.

A Ferrari de Konrad tinha sumido, e Zach deixara uma trilha de borracha queimada no meio do cruzamento. Deu marcha à ré para sair do caminho dos carros que vinham.

Foi quando viu o carro preto pela primeira vez, parado antes do farol. As janelas escuras nada revelavam. Ambos os carros ficaram ali, como se esperando a bandeira de largada de uma corrida.

Zach examinou as ruas em volta, verificou o sistema de navegação no painel e percebeu outra coisa. Estava quase no centro de L.A. e não tinha a mínima ideia de como tinha chegado ali.

O farol ficou verde. Zach não se moveu. Nem o outro carro. *Não é bom sinal*, Zach pensou.

Zach não era completamente estúpido. Tirou seu telefone do bolso e apertou o botão na tela de toque assinalada CADE.

Cade atendeu imediatamente.

– Konrad está se movendo?

– Oh, temos que andar *bastante* para alcançá-lo – Zach disse.

– Onde você está?

– Não tenho certeza. Tentei seguir Konrad...

– E?

– Desculpe, achei que você iria gritar comigo aí do outro lado.

– Presumo que já saiba que não foi uma boa ideia.

Zach olhou para o carro preto, ainda parado ali, ao lado dele.

– Você podia dizer que sim. Há alguém me seguindo. Carro preto.

– Tem certeza?

Um outro carro atrás dos dois buzinou. Zach, assustado, pisou fundo no acelerador. O carro preto saiu alguns segundos depois e manteve-se atrás a distância constante de um carro.

– Cade, eles estão bem aqui.

- Não entre em pânico. Logo estarei aí.
- Eu não sei onde estou.
- Eu encontrarei você.
- Cade?
- O quê?
- Você tem certeza de que este carro não tem um lança-foguetes?
- Apenas continue dirigindo. Eu encontrarei você.

Houve um clique, e Cade desligara o telefone.

Zach fez uma arriscada curva à esquerda e percebeu que estava indo na contramão de uma rua de mão única. O carro preto o seguiu, mantendo sua distância. *Definitivamente*, não era um bom sinal, Zach decidiu.

Cade apertou outro botão na tela de seu telefone e um mapa de Los Angeles apareceu. O sinal do GPS de Zach mostrou-o nos limites do centro da cidade – cerca de 8 quilômetros de onde Cade estava. Wilshire estava com o trânsito de sexta-feira à noite, para-choques encostando um no outro. Cade começou a correr.

Umas poucas pessoas olharam-no rapidamente, mas ele alcançou uma rua secundária antes de realmente começar a correr.

Ao final de dois quarteirões, estava a toda velocidade. Permaneceu no centro da rua, seus pés fazendo um som como o de batidas contínuas de tambores. Em uma vila de casas atrás de Miracle Mile, um carro passou correndo por uma placa de pare, bem na sua frente. Cade saltou sobre ele com facilidade. O motorista não chegou a vê-lo. Cade continuou correndo.

Zach olhava para o retrovisor mais do que para a rua. Estava perdido antes mesmo de perceber. Nem ao menos sabia que Los Angeles possuía trilhos de trem, mas cruzou-os diversas vezes. Viadutos da via expressa, oferecendo a promessa de fuga, estavam acima de sua cabeça, mas ele parecia não ser capaz de encontrar qualquer rampa de acesso. Olhou para cima, rangendo os dentes, perguntando-se por que diabos alguém teria dito que esta era uma cidade fácil para se dirigir.

E todo esse tempo, o carro preto mantinha-se grudado à sua traseira como uma sarna. Ele acabou chegando em uma parte da cidade quase totalmente deserta, concreto dos dois lados e uma ponte – *Ponte? Desde quando L.A. possui a um rio?* – em frente a ele.

Uma luz de rua acima dele se apagou. Como se isso fosse um sinal, o carro preto acelerou o motor e avançou pelo espaço entre eles. Seus faróis tornaram-se imensos no espelho. O carro bateu em seu para-choque.

Ele pisou fundo no acelerador, e o sedã quase pulou para fora da rua, empurrando-o contra o encosto do banco. Qualquer que fosse o motor especial do governo que ele tinha embaixo do capô, seu perseguidor possuía coisa melhor. O carro preto alcançou-o novamente, batendo dessa vez com mais força em seu para-

choque.

O telefone de Zach começou a tocar. *Não é realmente uma boa hora para atender uma ligação*, pensou.

Cade guardou seu telefone com certa dose de frustração. O garoto não estava respondendo. Isso faria com que fosse um pouco mais difícil. Enquanto pensava nisso, corria a cerca de 70 quilômetros por hora pelo viaduto, sequer respirando mais forte. O rastreador GPS do telefone localizava o garoto logo abaixo dele.

Identificou os dois – o sedã, correndo desenfreadamente, e o carro preto atrás dele, acelerando suavemente para acompanhar.

Um pouco mais difícil, mas não tão ruim, ele decidiu. Sem interromper as passadas, Cade pulou sobre a barreira de concreto para o vazio do ar.

Zach deu uma guinada em uma esquina... E pisou fundo no freio.

Sem saída. A única coisa entre ele e o canal de drenagem de concreto era uma cerca de alambrado com arame farpado em cima.

Não teve muito tempo para considerar suas opções. O carro preto apareceu no final da rua e acelerou em sua direção.

Cade estava em pé no beco onde havia pousado e ouviu o chiar dos freios. Zach, que passara correndo por ali um segundo antes, deparara-se com uma rua sem saída.

Colocou ambas as mãos na lateral de uma caçamba de entulho, repleta de partes metálicas de uma loja de maquinários em frente. O motor do carro que o perseguia tornava evidente que tinham encontrado Zach. Ele ouviu a aceleração do motor e depois a borracha queimar o chão.

Esperou apenas um segundo, calculando o tempo que levaria para o carro preto chegar ao final da rua, para atingir o fim do beco. Então colocou suas pernas para trabalhar e começou a correr, empurrando a caçamba à sua frente.

Zach segurou-se para o impacto e se perguntou se iria doer quando fosse empurrado sobre a beirada. Não conseguia tirar seus olhos do espelho retrovisor. Os faróis ficando maiores, e o som do motor berrando...

Algo atingiu o carro, jogando-o para fora da rua. Os faróis sumiram de vista tão rápido que foi como se tivessem sido apagados.

Zach virou-se no banco, sem acreditar. Uma caçamba tinha saído do beco como um míssil, atingindo em cheio o carro preto na porta do motorista.

A caçamba saiu rolando, amassada com o impacto. O carro preto, destroçado de um lado, parou em uma fileira de parquímetros, alguns deles entortados e partidos.

Zach sentiu olhos em sua nuca e virou-se naquela direção. Em pé na rua, em meio à repentina explosão de vapor do radiador esmagado do carro preto, estava Cade.

Cade foi até o carro. Um homem atarracado usando terno cambaleou para fora da arruinada porta do motorista, atrapalhando-se para pegar uma arma no coldre de

ombro.

Cade golpeou-o, jogando-o ao chão. Então agarrou a borda da porta amassada, arrancando-a de suas dobradiças e arremessando-a para longe.

Arrastou a passageira para fora. Zach pegou um vislumbre de um cabelo loiro brilhante quando Cade a depositou no chão perto de seu companheiro. Zach saiu e correu para o lado de Cade, que o examinou:

– Você está bem?

Zach deu uma boa olhada na lateral do carro agora. Perda total. As rodas tinham se entortado para fora do eixo.

– Sim... Eu só... Minha nossa, Cade, como você fez aquilo?

A loira sacudiu-se e tentou ficar em pé. Cade colocou-se entre ela e Zach. Ela vacilou um pouco em seus saltos altos. Zach se sentiu ridículo sendo protegido de alguém com 50 quilos. Deu um passo à frente, brandindo suas credenciais falsas como um escudo.

– Você está numa tremenda de uma encrenca, senhora – gritou. – Somos do Departamento de Segurança Nacional.

Ela mirou seu distintivo. Então riu e endireitou-se.

À primeira vista, era possível confundi-la com uma advogada corporativa ou talvez uma repórter de TV. Possuía o tipo de aparência vistosa e perfeita demais.

– Não, vocês não são – ela disse, enquanto retirava o vidro quebrado de sua blusa. – *Nós somos*. – Abriu seu próprio distintivo. – Helen Holt – ela disse. – Agente especial do DHS.

Zach ficou ali, olhando aquilo pelo que pareceu um longo tempo. Cade não disse nada. Zach apenas olhou para a loira mais uma vez. Ela deu um sorriso que deixaria qualquer modelo para trás.

– Bem... droga – Zach disse.

VINTE E CINCO

1957 – Incidente “Adolescente Monstro”, Camden, Nova Jersey – Outro experimento com o trabalho de Konrad levou um médico local, sobrenome Carlton ou Karlton, a montar uma criatura com as partes de diversos atletas adolescentes mortos. Após a criatura ter assassinado várias pessoas, o agente Cade lidou como doutor e seu experimento.
– LIVRO DE INSTRUÇÃO - CODINOME: MASCOTE DE PESADELO

O outro homem se levantou do pavimento. Estava mancando, mas não disse nada a respeito disso. Mostrou a Cade seu próprio distintivo, o qual o identificava como Reyes, também do DHS.

– Importa-se se eu pegar aquilo? – perguntou. Apontou para sua arma, ainda no chão.

– Eu não faria isso – respondeu Cade.

Reyes fechou a cara, estufou o peito. Procurando resgatar algum resto de orgulho.

– Você vai me impedir?

– Sim – disse Cade. Simples e prático. Sem blefar.

Reyes considerou suas opções e, então, escolheu sabiamente unir-se a Helen, encostada ao carro.

– Então vocês vão nos dar uma carona ou o quê? – ela perguntou.

Cade ignorou a pergunta.

– Por que vocês o estavam seguindo?

– Seu colega estava perseguindo um de nossos ativos – Helen disse. – Isso chamou nossa atenção.

– Vocês estão protegendo Konrad? Por quê?

– Temo que isso seja confidencial – ela disse. – Vamos apenas dizer que Konrad é vital para interesses da segurança nacional que não dizem respeito a vocês.

– Suponho que o presidente não saiba sobre esses interesses.

– Oh, cresça. Negação plausível. Já ouviu falar? Os políticos não podem ser confiados com questões objetivas. Você já deveria saber disso.

Cade foi para mais perto dela, irradiando ameaça agora.

– Talvez você queira me deixar a par do segredo.

Zach conseguia sentir a raiva de Cade. Até mesmo Reyes se encolheu um pouco.

Helen permaneceu ali, serena.

– Eu não tenho medo de você – afirmou ela.

Cade a avaliou por um momento.

– Não – ele disse. – Não tem. Você está encarando tudo isso muito bem.

– Deixe disso, Sr. Cade. Você não acha realmente que é o único agente extranormal trabalhando para o governo, acha?

A boca de Cade contorceu-se.

– Extranormal. Inteligente.

Ela deu de ombros.

– Jargão governamental. O que você vai fazer? – Ainda parecendo se divertir, não parecia inclinada a dar mais informações.

Abruptamente, Cade saiu dali e levou seu telefone ao ouvido. O que deixou Zach parado ali, falando sozinho com os dois agentes. Reyes fulminou-o com o olhar. Mas Helen examinou-o, olhando-o de cima a baixo.

– O que está achando do seu novo trabalho, Zach? – ela perguntou.

Aquilo o pegou desprevenido.

– Eu conheço você?

– Não – ainda sorrindo. – Mas eu conheço você.

Cristo! Mais joguinhos mentais. Como se ele já não tivesse tido o suficiente disso hoje.

– Como quiser.

– Você deveria me ouvir, Zach – ela disse, ainda irritantemente calma, como se alguém – *algo* – não tivesse acabado de cortar seu carro ao meio.

– Por que deveria?

Ela lançou-lhe outro sorriso de um milhão de *watts*.

– Porque nós somos os caras bonzinhos, claro.

Zach riu.

– Sim. tenho certeza disso.

A expressão dela se alterou para pena.

– Não pode ter. Deram a você um saco de mentiras. Você se uniu ao time errado. Quero dizer, falando sério, os mocinhos teriam um vampiro trabalhando para eles?

Zach desviou o olhar dela para onde Cade estava, o telefone ainda no ouvido.

Ela continuou pressionando.

– Faça a ele uma pergunta: quantas pessoas ele matou? Não a serviço. Quantas pessoas inocentes ele matou, só para se alimentar?

– Ele não se alimenta de pessoas – afirmou Zach.

– E você acredita nisso?

Zach não tinha uma resposta.

A mulher riu dele.

– Pobre Zach – disse. – Você não sabe em quem confiar.

Cade apertou o botão escrito Griff. O homem demorou um instante para responder. A voz soou ríspida.

– Sim?

– Nos deparamos com um pessoal da Agência.

– Tem certeza?

Cade ouvia a mulher enquanto ela trabalhava para virar Zach contra ele.

– Uma razoável certeza, sim. O que devo fazer com eles?

– Você acha que eles parecem perigosos?

Cade quase sorriu.

– Nunca parecem.

Griff pensou sobre isso por um momento.

– Apenas saia daí. Você não precisa da Agência grudada em seu traseiro.

Cade voltou-se para trás, olhando Helen e Reyes. Viu o ar confuso no rosto de Zach. A mulher estava falando com ele, e ele estava ouvindo.

– Pode já ser tarde demais – disse Cade.

Ele desligou, pegou Zach e voltaram a entrar no carro.

Helen observou Cade e o garoto partirem. Sabia que Zach estava olhando para trás, para ela. Então sorriu e acenou. Assim que o carro virou a esquina, seu grande sorriso desapareceu.

Consultou seu relógio. Passavam das 3 horas da manhã. Iria amanhecer em pouco mais de quatro horas. Cade teria que ir para o subterrâneo logo.

Reyes já estava ao telefone, chamando apoio. Estava curvado com dor agora. Tinha mantido a postura, mas Cade o havia machucado. Helen não ficaria surpresa se ele estivesse com ossos quebrados.

Não era problema dela. Helen cruzou os braços e apoiou as costas no porta-malas do carro novamente.

Reyes fechou seu telefone.

– Teremos uma carona em cinco minutos.

Ela suspirou com irritação. Isso teria que servir. Ainda tinha um outro encontro naquela noite. Não estava ansiosa por isso, mas queria acabar logo com aquilo. Deus, ela odiava esperar.

VINTE E SEIS

Vocês pensavam que nós tínhamos de nos preocupar apenas com terremotos. De acordo com o engenheiro de mineração G. Warren Shufelt, Los Angeles está situada sobre uma cidade perdida cheia de tesouros dourados e invenções misteriosas deixados por uma raça de Pessoas Lagartos com intelecto muito mais avançado do que o nosso. Shufelt diz ter encontrado relatos acerca dessa raça réptil em lendas antigas dos índios Hopi e está atualmente levantando fundos para escavar um poço de setenta e cinco metros sob o centro da cidade.
– *Los Angeles Daily Tribune*, 29 de janeiro de 1934

Zach continuou olhando pela janela de trás conforme se afastavam.

– Vamos simplesmente deixá-los ali?

– Sim.

Zach observou-os pela mesma janela traseira até Cade virar em outra rua.

– Sim, suponho que possam ligar para o DHS pedindo um guincho.

– Eles não eram da Segurança Nacional – Cade disse.

– Como você sabe? Os distintivos eram falsos?

– Não os distintivos. Os nomes. Não há funcionários do DHS chamados Helen Holt ou Augusto Reyes.

– Como pode ter tanta certeza? Você sabe o nome de cada funcionário da Segurança Nacional?

Cade não respondeu.

– Você sabe o nome de cada funcionário da Segurança Nacional, não sabe?

– E seus cargos – respondeu. – Aqueles dois, quem quer que sejam... Não existem.

Zach se perguntou o que aquilo significava. Antes que pudesse perguntar, Cade falou novamente.

– Eu esperava que um ladrão de carros soubesse dirigir melhor.

Zach olhou abismado para ele. Ninguém sabia sobre aquilo.

– Eu nunca... – Zach começou. Então decidiu, *dane-se!*, não adiantava mentir. – Isso já faz muito tempo.

– Foi há nove anos.

– Certo, esqueci. É o tempo de esperar na fila por um café com leite para você, não é? O que você tem a ver com isso, de qualquer forma?

– Estou me perguntando como foi que você se safou.

– Bem, não me safei, obviamente. Fui pego.

– Só uma vez – Cade disse.

– Uma vez foi o suficiente.

No início, Zach dizia a si mesmo que não era nada além de uma travessura. As pessoas em sua cidade natal ainda deixavam seus carros destrancados. Se não deixassem, Zach descobriria uma forma de abrir a maioria das portas. Se não conseguisse estourar a trava, aprenderia que uma vela de ignição, lançada da maneira correta, estilhaçaria o vidro do carro instantaneamente, mal fazendo barulho.

Aprendeu sozinho como fazer ligação direta a partir de um esquema que encontrou na *internet*.

Era um desafio. E era perigoso – muito distante de suas horas na escola, onde ele era o aluno previsivelmente brilhante, o garoto que se dava bem com todo mundo, que sempre dizia e fazia as coisas certas.

O dinheiro também não fazia mal. Tyler, um dos companheiros de Zach, estava certamente destinado à prisão desde o momento em que saíra do útero de sua mãe. Pai ausente, abuso por parte dos namorados da mãe, muito pouco dinheiro e tempo demais a seu dispor.

Ele e Zach tornaram-se amigos no primário, antes de saberem que não deveriam fazer isso. Ambos com a chave de casa, com mães solteiras. Tyler vinha para sua casa após a escola. Ficavam grudados um com outro, como a versão ruim de um filme sobre eles mesmos, o cara durão e o cérebro. Se parasse para pensar sobre isso, Zach saberia que Tyler contava com ele para ter estabilidade. E saberia que, assim que fosse para a faculdade, jamais voltaria a encontrar Tyler.

Nesse meio tempo, Tyler conheceu um cara que estava disposto a pagar por carros que eles trouxessem. Quantias risivelmente pequenas, na verdade. Mas Zach não era exatamente rico. Precisava de dinheiro para sua planejada fuga para a Ivy League²³.

Portanto, enquanto passava as horas após a escola e os finais de semana fazendo Legislatura Simulada, frequentando o Clube de Ciências Políticas e sendo voluntário em campanhas, Zach também dava uns passeios em algumas noites para roubar carros.

Então eles foram pegos. O policial que não caiu na conversa fiada de Zach – aquele que tanto lhe lembrava Griff – também percebeu que aquele era o motivo da onda recente de roubo de carros. Ele e o promotor deram a Zach uma escolha – ir para uma instituição de menores ou entregar Tyler e seu comprador.

Zach, sentado em uma sala de reuniões encardida no prédio do tribunal, não precisou pensar muito a respeito. Viu todo o seu futuro virando pó. Colocou apenas uma condição: que seus antecedentes de prisão fossem lacrados.

Tyler foi para a instituição de menores, e seu comprador foi para a prisão. Zach conseguiu sua fuga. E era aí que a coisa o pegava. Tentou voltar a se acomodar em seu banco.

– Você não é tão diferente quanto acha, Zach – Cade disse. – Todos têm segredos. Você verá.

Zach não estava bem certo sobre o que aquilo significava. Ficou pensando se Cade teria escutado sua conversa com Helen. Então bocejou tão forte que quase desmaiou. Olhou para seu relógio e cogitou quando poderia dormir.

– Vai amanhecer logo – Cade disse, como se respondesse. – Vamos para o abrigo.

VINTE E SETE

Enquanto muitos dos órgãos do sujeito encolheram por falta de uso – mais notadamente o estômago e os intestinos –, outros órgãos mudaram, aumentaram e adquiriram outros propósitos. Seus pulmões foram preenchidos com “amontoados” de vasos capilares que puxam sangue líquido diretamente do esôfago quando da alimentação. Esses amontoados também se expandiram para preencher o espaço abdominal vazio deixado por órgãos digestivos atrofiados. Eles armazenam as refeições líquidas do sujeito e liberam sangue quando necessário para outros órgãos ou músculos. Rins e fígado aumentaram igualmente, e parecem filtrar o sangue do sujeito retirando partículas intrusas de até 15 microns.

– LIVRO DE INSTRUÇÃO - CODINOME: MASCOTE DE PESADELO

Konrad entrou em sua casa em Hollywood Hills. Tinha uma bela vista da cidade, uma cozinha de *chef*, *design* elegante – e uma vampira esperando na sala de estar.

Tânia estava sentada na beira do sofá, balançando suas pernas.

Konrad conteve um palavrão. Isso era realmente demais para um dia.

– Você não deveria esperar por um convite? – perguntou, indo até a mesa de entrada. Ela já havia desativado o alarme. *Que atenciosa.*

– Você sabe que isso é apenas superstição – ela disse.

– Mas pelo menos mostraria boas maneiras. Presumo que esteja aqui pela recompensa por Nathaniel Cade.

O sorriso dela ficou mais largo.

– Estou. Mas não exatamente pelo motivo que você pensa. Vou garantir que você nunca mais incomode Cade novamente.

Ele parou de separar o correio na mesa de entrada.

– Interessante – ele disse. – Você deve ser Tânia.

– Você me conhece?

Ele assentiu.

– Em nosso pequeno mundo, você é conhecida como a garota que fará qualquer coisa por dinheiro. E há sempre pequenos afazeres que precisam ser feitos. Você criou uma bela indústria para si mesma. Pensei que ficaria feliz em pegar minha comissão. Posso perguntar por que não?

– Os motivos não interessam.

– Os motivos sempre interessam – Konrad disse. – Estou oferecendo sangue, dinheiro e até mesmo habilidade limitada para viajar durante o dia. Tudo isso está bem dentro de minhas possibilidades. Então, o que Cade é para você que a faça abrir mão dessa recompensa substancial?

Tânia perdeu seu sorriso.

– Cade é meu – ela disse. Foi quase um rosnado. – Você não ameaça o que é meu.

Konrad assentiu. Fazia sentido agora.

– Sim, entendo. Você não é muito de sentimentos, mas é bem exclusivista, não é? Territorialidade. Possessividade.

Ela pareceu entediada.

– Pode ganhar tempo, se quiser. Você sabe como esta conversa termina.

Tânia deu um passo em direção a Konrad. Ele não pareceu preocupado.

– Tenho vivido por um longo tempo. E não sobrevivi todo esse tempo sem tomar precauções contra parasitas como você.

Mais rápido do que Tânia julgaria possível, a mão de Konrad bateu no que parecia ser um interruptor de luz. As lâmpadas acima brilharam, e a dor a fez cair de joelhos.

Ultravioleta. Espectro pleno. E intenso. Milhares de *watts*. Suficiente para acender um pequeno estádio. Não era como a luz do dia – não iria matá-la –, mas produzia uma assombrosa quantidade de agonia do mesmo jeito.

Antes de conseguir se recuperar, Konrad estava em pé sobre ela. Tânia arremeteu um braço contra ele, mas ainda estava zonzinha. Sua pontaria não estava boa. Ele prendeu algo em seu pescoço. Ela ouviu uma trava fechar com um estalo e então havia um novo peso em sua garganta.

Ficou em pé. O clarão ainda era terrível, mas conseguia suportá-lo agora. Abriu seus olhos e preparou-se para pular em Konrad.

– Um momento, por favor – ele disse. Em uma das mãos, tinha um controle remoto. – Você está usando agora 170 gramas de explosivo plástico C-4. Não é um acessório elegante, eu admito. Mas é mais do que suficiente para arrancar sua cabeça do corpo.

Ela tocou o colar. Decapitação. Uma das duas formas efetivas de se matar um vampiro. Cabeça ou coração.

– Tenho sua atenção – Konrad comentou. – Bom. – Ele desligou as luzes. – Posso ativar o colar com esse controle remoto. Se eu apertar um botão, você morre. Ele também inclui um sensor de proximidade. Tente chegar perto de mim e você morre. E o colar tem um sensor GPS, então posso programá-lo para limitar você a uma área específica. Tente sair dessa área, e você morre. Entendeu bem as regras?

Tânia assentiu, seu maxilar cerrado com força.

– Bom – ele disse.

Ela se retesou. Suas reações eram mais rápidas do que as dele, se ela pudesse apenas...

De repente, seus nervos estavam pegando fogo. Cada músculo de seu corpo entrou em espasmos. Ela caiu ao chão como uma boneca de pano atirada por uma criança caprichosa. Vagamente, ouviu Konrad falar de novo.

– O colar também é capaz de emitir choques elétricos numa faixa de oito amperes. Isso é mais do que uma cadeira elétrica. Como você deve ter notado.

Ela levantou sua cabeça para dar-lhe um olhar raivoso. Sentia como se estivesse nadando em cimento úmido.

– Você entende sua situação agora?

Tânia assentiu.

Konrad ajoelhou-se para olhá-la nos olhos.

– Não irei insultá-la pretendendo que esse colarzinho de treinamento seria suficiente para forçá-la a matar Cade. Tenho outra pessoa para isso. Contudo, há algumas coisinhas que você pode fazer por mim. Estarei muito ocupado nos próximos dias.

– O que você quer? – Tânia perguntou, mordendo cada palavra.

– Você verá – Konrad disse, levantando-se de novo, desamassando sua camisa e gravata. – Por enquanto, quero que você entre no armário no andar de baixo e cale a boca.

Tânia não pôde deixar de se mostrar confusa.

– Não que seja assunto seu, mas tenho um encontro – Konrad explicou.

VINTE E OITO

Os sentidos do sujeito também são ampliados, devido a diversas mudanças na estrutura e química cerebrais, bem como modificações fisiológicas aparentemente mantidas desde o incidente. A audição do sujeito é aguda o suficiente para detectar o batimento cardíaco de outra pessoa (3 dB) a uma distância de noventa metros, enquanto o mínimo que a audição humana percebe é de 10-12 dB. O sujeito desenvolveu uma terceira estrutura, além dos bastonetes e cones normalmente encontrados no olho humano; este receptor de luz em forma de cubo é capaz de detectar e distinguir partes do espectro próximas da radiação infravermelha. Os olhos do sujeito também possuem uma camada reflexiva (*tapetum lucidum*) encontrada em muitos animais, a qual auxilia a visão noturna. O brilho das estrelas parecer ao sujeito quase tão claro quanto a luz diurna plena. O olfato do sujeito é equivalente ao de um canino, e ele foi capaz de, em testes repetidos, detectar emissões particuladas tão baixas quanto umas poucas partes por bilhão.

– LIVRO DE INSTRUÇÃO - CODINOME: MASCOTE DE PESADELO

Estava quase amanhecendo quando Helen chegou a casa. Ela abriu a porta com sua chave, então esfregou seus olhos e bocejou enquanto entrava no vestíbulo.

Konrad aguardava no sofá. Um dos efeitos colaterais de sua longa vida – ele raramente precisava dormir. De alguma forma, parecia até mesmo mais jovem do que da última vez em que ela o viu. Desgraçado.

– Cansada? – ele perguntou.

– Dia longo – ela respondeu.

– Ainda não acabou.

Estava exausta, mas isso não significava coisa alguma. Ainda tinha trabalho a fazer.

Deixou cair sua bolsa e começou a tirar a roupa. Primeiro a jaqueta do terninho, então a blusa, depois a saia e a meia-calça. Fez isso sem enfeitar. Ele gostava daquilo da forma mais mecânica possível. Então, nua, foi até ele e reclinou-se sobre o braço do sofá. Konrad ficou de pé. Deixou as calças caírem. Ficou com a camisa. Então cantarolou Wagner. Foi o único som que fez.

Depois, no banheiro de Konrad, ela se examinou, verificando atentamente seu rosto no espelho. Outra linha, leve mas inegavelmente ali, no canto do seu olho direito. O preço que tinha que pagar por ficar acordada até tão tarde.

Remexeu dentro de sua bolsa de maquiagem e retirou um vidro de creme antirrugas com colágeno. Passou em sua pele selvagemmente, sabendo que não ajudaria de verdade.

Estava envelhecendo. Não havia nada que pudesse fazer quanto a isso. Estava com 36 anos de idade, e não havia meios de conseguir voltar o relógio.

Mas Konrad poderia. Ele entrou no banheiro atrás dela e ficou a olhar os dois no espelho. Retirou o cabelo loiro de seu pescoço, um gesto que poderia ser confundido com ternura.

Ela sabia o que era. Ele a estava inspecionando, como um espécime sob o microscópio.

– Outro pequeno pé de galinha – ele disse.

Filho da mãe.

– Eu sei.

– Você deveria cuidar mais de si mesma, Helen.

Helen tentou não sorrir sarcasticamente diante daquilo.

– Você poderia fazer algo a respeito disso – retrucou ela.

– Nunca pago adiantado. Já conversamos sobre isso.

Ela voltou seu rosto para ele.

– Você sabe o quanto tenho arriscado por você?

– Você sabe o que dizem a respeito dos grandes riscos. É a única forma de conseguir grandes recompensas.

– Não fiz o suficiente?

– Não – ele disse. – Ainda não.

– Você vive dizendo isso – ela tentou manter a raiva, a dor, fora de sua voz. – Como posso saber se você algum dia vai me dar o que eu quero?

– Dou minha palavra a você – disse calmamente. – Você nunca mais envelhecerá um só dia. Assim que Cade estiver morto de verdade.

Tirou as mãos dela da frente de seu roupão e deixou-a no banheiro.

Ela analisou-se no espelho novamente. Nenhum cabelo grisalho. Nada aparecendo em suas raízes. Nenhuma flacidez visível, nem outras linhas.

Konrad tinha que cumprir sua palavra. Porque cada dia que ele a enrolava, acenando diante dela a promessa da juventude eterna, era outro dia do lado errado do calendário. O tempo estava passando. Ela tinha que obter o segredo de Konrad logo.

Viver para sempre não significaria droga nenhuma se antes ela tivesse de se tornar uma mulher velha.

VINTE E NOVE

Você com certeza ouviu sobre o incidente em Hanôver... É de se espantar que a criatura de Leeds estivesse próxima a um local tão vital para a defesa de nossa nação. Aparentemente, a fronteira entre nossa terra e o Inferno não é estável e, como qualquer outra fronteira com um poder hostil, temos que fortificá-la. Não importa o quão bizarro isso pareça... Se o Diabo está em nossa nação, temos que nos defender de Demônios.

– Comodoro Stephen Decatur, comissário naval dos Estados Unidos carta ao presidente Thomas Jefferson, 1804 (Confidencial)

O abrigo acabou se revelando como um espaço sem janelas em um parque de escritórios próximo ao aeroporto internacional de Los Angeles, com mais uns poucos inquilinos. Estacionaram em uma garagem nos fundos, uma pesada porta de aço fechando-se atrás deles.

Dentro, ele era como uma garagem anexa a um quarto de hotel barato. O carro ficou em concreto nu, o qual ia até um carpete fino, com uma cama, mesa e um banheiro no canto.

Outra porta de aço localizava-se no centro da parede. Enquanto Cade descarregava equipamentos, Zach foi até ela e a abriu. Cade não disse nada, nem o deteve. A porta abria para um escritório falso – uma mesa de recepção com uma palmeira de plástico. Do outro lado do vidro opaco, via-se o estacionamento na frente.

Zach voltou para a sala. Havia produtos de toalete, no banheiro tão pequeno quanto um armário, incluindo escovas de dente e pasta. O orçamento dentário da Casa Branca. Maior do que você imagina, Griff dissera.

O telefone tocou.

– Está esperando uma ligação? – Zach perguntou.

Cade atendeu o telefone.

– O que foi?

– Coloque-me no viva voz, o garoto precisa ouvir isso também – Griff disse. Estava acostumado ao jeito de Cade atender o telefone.

Cade apertou o botão, e a voz de Griff, cansada e áspera, encheu o ambiente. Zach consultou seu relógio, ainda com o horário de D.C. Lá não era nem 7 horas da manhã e não parecia que Griff tivesse passado algum tempo dormindo.

– Eis o que conseguimos: o contêiner foi enviado pela KSM Holdings, uma empresa de fachada no Kuwait pertencente a um saudita.

– Joia – Zach disse. – Vamos mandar a CIA ou alguém ir até lá falar com esse cara.

– Infelizmente, nunca é tão simples assim – Griff disse. – O saudita é Mahmoud al-Attar.

– Droga – Zach disse.

Zach sabia exatamente de quem se tratava. Primo da atual família regente. Investindo massivamente em negócios no Ocidente. Visitante ocasional nos EUA,

incluindo missões diplomáticas em nome de seus parentes. Havia provavelmente mais de uma foto dele apertando a mão do presidente.

– Sim. Exatamente.

– Isso não importa – Cade afirmou. – Se ele está envolvido, deve ser punido.

– Devagar aí, Cade, ainda há mais – Griff disse. – A empresa de fachada, uma empresa de transportes marítimos, é administrada por um dos filhos de al-Attar. O rapaz é filho da segunda ou terceira esposa, esqueci qual. O nome dele é Khaled al-Attar. Aparentemente, ele e seu pai não são próximos.

– Então podemos enviar a CIA para falar com ele, certo? – Zach perguntou.

– Oh, ela bem que gostaria. Ela tem procurado por ele há algum tempo. Khaled tem sido um grande colaborador do Hamas, Jihad Islâmico... Basicamente qualquer um desejando amarrar um cinto suicida e correr para uma multidão. Aí está o problema: ele sumiu do mapa. O último relatório da inteligência que consegui encontrar diz que Khaled estava ficando impaciente com a falta de progresso em matar os infiéis. Ele começou a se mover em direção a uma interpretação mais mística do Islã, incluindo o culto a Iblis.

– Quem é Iblis?

– O Demônio – respondeu Cade. – No Islã, Iblis é o nome do Demônio antes de sua queda e de se tornar Shaitan.

– De acordo com nosso último relatório, Khaled sentiu que talvez este mundo pertença a Iblis, por ser tão corrupto – Griff disse. – E a única forma de curar essa corrupção seria provocar a batalha final entre o bem e o mal. Parece que ele formou um grupo chamado Zulfiqar – batizado com o nome de uma espada mágica usada na batalha de não sei o quê. A partir daí, ele estudou mais a fundo magia negra, rituais conjurando demônios, esse tipo de coisa. Isso levou nosso pessoal lá a considerar Khaled louco. Acham que ele foi para um monastério estudar religião ou algo assim.

– E foi aí que eles o perderam de vista, aposto – Zach disse.

– Bom palpite.

– Então nós mesmos vamos encontrá-lo. Quando ele vier até Konrad – Cade disse.

Zach franziu o cenho.

– Espere um segundo. Algo aqui não faz sentido. Konrad é um gênio maluco. Certo? Ênfase em *gênio*. Enviar um contêiner que possa ser tão facilmente rastreado até a origem não soa tão inteligente para mim.

Por um momento, o único som foi a estática no alto-falante do telefone.

– O garoto tem um bom argumento – Griff disse.

Cade não ficou impressionado.

– Você está sugerindo que Konrad foi de alguma forma incriminado falsamente?

– Não estou sugerindo nada – Zach disse. – Vocês dois têm uma história e isso

com certeza é alguma coisa. Mas você poderia querer analisar isso um pouco mais profundamente. Talvez precisemos mudar nosso foco.

– Não – Cade disse categoricamente. – Konrad está envolvido. Ele é o único que pode fazer o processo de produzir *Unmenschsoldaten* funcionar.

– Não foi isso que ele disse.

– É uma perda de tempo, Sr. Barrows.

Cade parecia achar que aquilo encerrava tudo. Zach não, tanto que revirou os olhos com desprezo.

– Baixe um pouco sua bola, sim? Não acredito que estou dizendo isso ao vampiro e ao agente secreto, mas as coisas nem sempre são o que parecem.

Griff fez um ruído através do microfone.

– Poderia valer a pena considerar as alternativas, Cade.

– Onde está o último carregamento da KSM Holdings? – Cade quis saber.

– Deve chegar em L.A. amanhã à noite – Griff disse.

– Não há tempo para alternativas. Sem Konrad, não haverá como Khaled usar as criaturas. Essa é a solução mais direta.

Griff fez uma pausa.

– Acho que Cade tem razão – comentou.

– Que seja – Zach disse. – Vocês são os grandes e terríveis matadores de monstros. Não precisam de mim. Vou pegar alguma coisa para comer.

Zach afastou-se do telefone andando duro, indo para a frente da garagem.

– Tire-me do viva voz, Cade.

Zach foi para o outro lado do abrigo. Cade colocou o telefone ao ouvido.

– Ele está realmente cativando você, não está? – Griff disse.

Cade olhou para os nós de seus dedos, ainda com leves hematomas de ter amassado o carro enquanto em convulsão.

– Ele é mais inteligente do que aparenta – Cade admitiu. – O que está acontecendo por aí?

Um suspiro pesado veio pela linha.

– O gabinete de Wyman ligou. Ele quer me ver. Tenho a leve impressão de que ele está irritado com a investigação, mas não sei dizer porquê.

– Essa é outra coisa que não faz sentido – Cade disse. – Os agentes vigiando Konrad. Agora Wyman quer conversar. Por que há tantas pessoas tão ansiosas em ajudar Konrad?

– Vou investigar. Durante todo meu tempo livre.

Cade aguardou.

– Eu disse que vou investigar – Griff repetiu. – Não fique aí com essa expressão assustadora no rosto. Eu conheço você.

– Você está sentindo dor – Cade disse. – Eu preciso desta informação.

Especialmente agora que estamos considerando a possibilidade de um ataque iminente. Se você não tem condições de fazer isso...

– Não me dê sermão. Estou com isso sob controle. Apenas cuide de si mesmo e do meu substituto.

Silêncio.

– Ele não está substituindo você – Cade disse.

Griff fez uma pausa.

– Oh, pelo amor de Deus. Não fique todo fofo comigo agora, Cade.

Ele desligou. Cade esqueceu seu breve momento de sentimentalismo logo que colocou o fone de volta no gancho.

Zach voltou até o telefone, mastigando um cereal seco tirado da caixa.

– Você pensou um pouco mais no que eu disse?

– Não – Cade disse. – Temos um longo dia amanhã. Você deveria dormir.

– Tudo bem. – Zach deu de ombros e virou-se para a seção “quarto de hotel” do abrigo.

Parou e encarou Cade de novo.

– Ei – ele disse –, se estas coisas estão mesmo a caminho daqui... Quero dizer, você já lutou com elas antes?

– Uma. Lutei apenas com uma.

– Mas você poderia enfrentar um grupo delas, certo? Quero dizer, isso é o que você faz. Você poderia derrotá-las, se chegasse a esse ponto.

Cade não respondeu.

– Cade?

– É tarde, Sr. Barrows – comentou Cade. – Vá dormir um pouco.

TRINTA

Antes de se tornar presidente, dizem que o general George Washington teria avisado seus compatriotas sobre uma grande ameaça à sua liberdade em anos futuros. Um “anjo sombrio” supostamente visitou Washington no Vale Forge e lhe falou sobre uma “nuvem escura” que envolveria “a América em seus braços sombrios. Faíscas de relâmpagos atravessavam-na a intervalos, e eu ouvi os gemidos e gritos abafados dos americanos”. O presságio é geralmente interpretado como um alerta aos americanos de que o país nunca será derrotado por ameaças externas mas poderia ser destruído por um inimigo interno.
– *Segredos Presidenciais: Fatos Estranhos sobre os Patronos Fundadores da América.*

Helen chegou ao trabalho às 9 horas, olhos vermelhos e mal-humorada. Passou pelos corredores habituais do Edifício Federal em Wilshire, a caminho da sala de reuniões. As pessoas sorriam vagamente para ela, como a qualquer colega de trabalho que só reconhecessem de passagem. Estava ali há um ano, mas ainda era “invisível”.

Suas credenciais diziam DHS, mas sua agência estava há muito fora de qualquer organograma oficial ou orçamento governamental. O mais alto funcionário no prédio nem sequer chegava perto do nível de acesso à Segurança que ela possuía. Com uma ligação telefônica, poderia ordenar qualquer coisa que não fosse um ataque nuclear.

Cade achou que ela era da CIA. Isso fora verdade, muito tempo atrás. Agora era algo completamente diferente.

Ela tinha ouvido rumores sobre uma agência por detrás da Agência, realizando os trabalhos que não podiam ser revelados. Orçamento negro, operações clandestinas. Contudo, não fazia ideia do tamanho ou alcance.

Quando a CIA lutou na Guerra Fria, o empregador de Helen fizera circular armas, drogas e dinheiro lavado para financiá-la. Cientistas nazistas tiveram salvo-conduto em troca de suas descobertas. Líderes estrangeiros falastrões acabaram mortos, e ditadores amigáveis foram instalados.

Os líderes oficiais da CIA apareceram diante de comitês do Congresso e negaram qualquer conhecimento acerca de assassinatos, torturas ou subornos. O presidente podia manter sua cabeça bem erguida enquanto defendia os Estados Unidos.

Durante esse tempo, os patrões dela fizeram o trabalho de verdade, coisas que jamais poderiam ser expostas, e desceram mais e mais à escuridão. Até mesmo os teóricos da conspiração teriam ficado abismados ao perceber o que a Companhia tinha efetivamente feito ao longo dos anos. Todas aquelas ideias malucas sobre JFK, Roswell e AIDS não eram nada se comparadas à verdade.

Com o tempo, seu empregador tinha evoluído para outra coisa diferente, como aqueles peixes de rios subterrâneos transformados em horrores sem olhos ao longo dos séculos. Adquiriu outros apêndices, desenvolveu diferentes órgãos e, por fim, tornou-se totalmente distinto de seus ancestrais da luz do dia. Não respondia mais a nenhuma autoridade eleita. Tomava suas próprias decisões e fazia alianças com outras coisas, lá fora durante a noite...

Até que passou a andar com as próprias pernas e começou a seguir sua própria

agenda. A Companhia ainda acreditava na supremacia americana, mas somente enquanto esta não interferisse com a supremacia da Companhia. A Guerra ao Terror era o disfarce perfeito. Agentes que haviam desaparecido durante anos de repente estavam de volta a seus antigos escritórios, dando ordens e anotando nomes.

No entanto, nem Helen nem ninguém sabia realmente quem estava no comando.

Não possuía um nome oficial, mas todos a chamavam de Companhia das Sombras. Helen gostava desse nome. Ele se encaixava bem. Estavam simplesmente ali, bem ao lado das outras agências governamentais, usando-as como cobertura, sempre acompanhando seus passos. Exatamente como uma sombra.

Ela entrou na sala de reuniões, então desprendeu sua pistola Sig Sauer .9 mm e a colocou sobre a mesa.

– O que temos? – perguntou.

Seus dois agentes da Companhia das Sombras olharam para ela a partir do outro lado da mesa. As unidades da Companhia das Sombras operavam como células terroristas – pequenas e móveis, escondidas dentro das estruturas maiores de outras organizações.

À sua direita, estava Ken. De uma beleza insípida como o boneco que compartilhava seu nome. Tinha ingressado na CIA na mesma época que ela, e foram treinados juntos. Helen tinha sido recrutada pela Companhia das Sombras bem antes dele, mas quando teve a chance de trazê-lo a bordo, não hesitou. Sabia que ele faria tudo o que ela mandasse.

Lembrava-se de quando, na Fazenda – o programa de treinamento da CIA –, alguém os tinha chamado de Ken e Barbie na primeira vez em que foram pareados para um exercício. Durante a prática corpo a corpo, ela atingiu o sujeito com tanta força que ele perdeu um dente. O apelido não pegou.

O outro agente foi designado para ela sem sua opinião. A Companhia, lembravam repetidamente, não era inclinada à democracia. Deram-lhe Reyes porque queriam que ela tivesse alguém que conhecesse a área.

Chegando aos 40 anos agora, era um ex-policia local expulso por corrupção massiva. Criado em East L.A., foi descoberto que não abria mão de sua filiação a uma gangue quando colocou o uniforme do LAPD. Era possível ver a ponta de uma tatuagem de prisão sob o colarinho de sua camisa.

– Como você está se sentindo? – ela perguntou. Seu braço estava em uma tipóia, uma recordação do encontro com Cade na noite anterior.

– Bem – Reyes disse.

Esse era o limite de sua preocupação com Reyes.

– E entregamos o pacote para o novo endereço? – quis saber.

Os homens olharam um para o outro. Através de algum referendo invisível, Ken foi eleito para falar.

– Tivemos algumas preocupações com isso – ele disse cuidadosamente.

Helen franziu o cenho. Os dois homens prenderam a respiração. Ela não era alguém que você gostaria de ver irritada.

– Que preocupações?

– Isso irá gerar um certo efeito bumerangue. Estamos preparados para isso? Estamos nos arriscando a alguma exposição.

O rosto de Helen ficou fechado, com raiva, mas sua voz ainda permaneceu controlada.

– Você está me dizendo que nós não entregamos o pacote?

– Não, não foi isso que eu disse. De forma alguma – falou Ken –, o pacote foi entregue. Chequei tudo duas vezes. Está no lugar. Prontinho.

– Tem certeza? – perguntou Helen.

Furiosas afirmativas com a cabeça.

– Certo – ela disse. – Desde que tenha sido entregue. – A raiva desapareceu, e os homens relaxaram.

– Vocês podem ir – ela disse. – Tenho coisas a fazer.

Levantaram-se e foram para a porta.

– Fiquem de olho em Konrad – ordenou. – Não quero que fique sem proteção.

– Mas... É dia – Ken disse.

– Obrigada pela lição – Helen disse. – Amanhã trabalharemos com matemática básica. Até que eu diga outra coisa, vocês ficarão com Konrad.

A porta se fechou. Helen saboreou a paz e a quietude que somente vinham na completa ausência de perguntas estúpidas.

O oficial de treinamento de Helen Holt na CIA disse em sua avaliação final: “Se eu tivesse mais uma dúzia de recrutas com culhões como os de Holt, poderíamos dominar o mundo novamente”.

Ela teria colocado isso em um quadro, não fosse confidencial.

A CIA a colocou para trabalhar em campo quase imediatamente. Ela se destacou lá fora. Era esperta e ambiciosa. Ninguém sabia realmente quão ambiciosa. Ou mesmo quão esperta.

Helen passou tranquilamente por todos os exames e avaliações usuais para um agente da CIA. Sabia as respostas certas para dar nos testes de personalidade, tinha de fato feito o MMPI²⁴ até que pudesse obter a pontuação que quisesse. A CIA gosta de um pouco de perversidade em seus recrutas, mas só na medida certa. Helen estava dentro de todas as tolerâncias corretas.

Não foi antes de dois anos em sua carreira, quando voltou sozinha de uma missão de quatro pessoas em Montreal, que ela levantou bandeiras de alerta para qualquer pessoa no sistema. Os outros três agentes em sua equipe – todos mais antigos do que ela – tinham sido mortos enquanto vigiavam um líder religioso muçulmano

radical, o qual se acreditava ser um recrutador para a al-Qaeda.

Fora colocada nos alojamentos de convidados em Langley – não uma prisioneira, não exatamente –, enquanto a interrogavam. Diferentes homens a questionaram interminavelmente, verificando se havia buracos em sua história.

Não estava com medo. Disse a si mesma que esse era o procedimento padrão da agência sempre que alguém morria em campo. Mas foi exaustivo. Sessões de quinze, vinte horas, o mesmo interrogatório entorpecendo a mente o tempo todo. Quinze minutos de vez em quando para uma pausa. Então, de volta às perguntas.

Naquela noite, como em qualquer outra noite, apagou assim que sua cabeça atingiu o travesseiro em seu quarto exageradamente vazio. E depois estava em pé, nua, em uma poça de luz forte em uma sala escura.

Mal conseguia ver alguma coisa fora do brilho da lâmpada descoberta acima de sua cabeça, mas sabia que alguém estava ali fora. Nas sombras, a apenas alguns metros de distância, um grupo sentava-se atrás de mesas, examinando seu corpo de um jeito curioso e assexuado.

Aquilo possuía a qualidade irreal de um sonho, no qual você aparece na escola para os exames finais, sem vestir nada, não estudou e não consegue encontrar sua classe.

No entanto, esse era ainda pior. Seus pés estavam frios. Ela queria sair da luz, para se ocultar, mas não conseguia se mover. Olhou para baixo e viu que estava em um círculo de linhas pintadas no chão de pedra. Era feito de símbolos estranhos – como um alfabeto em um idioma que ela nunca tinha visto antes.

Uma das pessoas nas sombras falou com ela.

– Estamos considerando você para um programa muito especial, Helen – comentou ele.

Ela tinha quase certeza de que era “ele”. Ainda não conseguia distinguir rostos, mas quando ele se inclinou para a frente, viu o branco suave do colarinho e punhos de sua camisa Oxford, por baixo de seu terno preto e gravata. Uma luz fraca se refletia em seus óculos com aros de metal.

– Estamos impressionados com o que vimos até agora – ele disse. – Mas precisamos fazer a você algumas perguntas.

– Quem são vocês? O que está acontecendo?

Ouviu um farfalhar de papéis. O homem nas sombras continuou como se ela não tivesse falado.

– Quando tinha 4 anos de idade – ele disse –, você ficava com sua avó. Ela possuía um passarinho chamado, com muita falta de imaginação, Petey. O que aconteceu com Petey?

Ela riu. Isso tinha que ser ansiedade, misturada com muita *fast-food* e café. Ela não se lembrava de porcaria alguma...

De repente começou a lembrar. Veio a ela tão vividamente quanto a luz do dia.

– Eu não sei – ela disse.

Seu braço direito de repente cantou de dor, como se uma navalha estivesse fatiando-lhe até o ombro com precisão. Ela arquejou atrás de ar e teria caído de joelhos, mas algo a manteve no lugar. Não impediu, porém, que as lágrimas rolassem de seus olhos.

Você não deveria ser capaz de sentir dor em seus sonhos, Helen pensou. Ela tinha certeza disso.

– Por favor, não minta para nós novamente – o homem disse suavemente. – Agora, o que aconteceu ao pássaro?

– Eu o matei – Helen disse e tudo saiu descontroladamente. – Ela amava aquela maldita coisa mais do que a mim. Ele me *bicou* e tudo o que eu queria era fazer carinho nele, e ela não fez nada sobre isso, então peguei uma das bolinhas verdes da caixa de veneno para ratos, e o merdinha guloso pegou *aquilo* imediatamente da minha mão...

O homem a interrompeu.

– Obrigado. Isso basta.

Porém a memória ficou na mente de Helen: o pequeno corpo do pássaro imóvel no fundo da gaiola, sua avó aos prantos, sua mãe levando-a para casa mais cedo.

Nunca mais sua avó ficou com ela.

– Próxima – o homem disse, e as imagens sumiram. – O que aconteceu com seu primeiro amante?

Helen não tentou mentir dessa vez. Na realidade, ainda sentia um pouco de orgulho da maneira como se conduziu na época.

Era caloura na faculdade, guardando-se para o cara certo, um TA²⁵, e tudo era tão previsível. Estava apaixonada, pensou, ou algo próximo a isso, até que uma manhã ela o viu sair de um outro quarto no prédio de dormitórios, ainda vestindo as roupas do dia anterior. Ela foi a um advogado, ao reitor e ao chefe de departamento, nessa ordem. No espaço de dois dias, ele foi despedido e expulso, e encarava a ameaça de um processo criminal. Ela não teve que gastar nem mais um centavo com ensino.

– Obrigado, Helen – o homem disse, interrompendo-a mais uma vez. – Eu quis dizer, o que aconteceu a ele após isso?

– Ele se matou. Pílulas.

– Você sente qualquer remorso?

– Não – Helen disse e sentiu a mesma explosão de triunfo que sentira quando soube da notícia anos antes. – Ele era fraco.

– Entendo. – O som de uma caneta, arranhando anotações. – Então, o que aconteceu realmente em Montreal?

Helen sabia que não podia dizer a verdade. Não sobre isso. Como se percebendo

sua relutância, seu braço começou a latejar com dor de novo.

A boca de Helen ficou seca. Ela engoliu com força.

– Comece do início – o homem sugeriu.

– Estávamos lá para vigiar um alvo chamado Khalil Haj-Imad. Ele tinha conseguido alguns seguidores nos últimos dois anos. Jovens muçulmanos. Crianças, na realidade. Seis meses atrás, alguns ex-membros de sua mesquita apareceram aos pedaços no Iraque, após terem colocado coletes suicidas e tentado entrar na Zona Verde...

– Sim, sim. – Impaciente, agora. – Então, o que você fez?

– Não me deram muito o que fazer – Helen disse, incapaz de conter o ressentimento insinuando-se em sua voz. – Eu mantinha as comunicações enquanto os membros veteranos da equipe – *idiotas arrogantes*, ela pensou – rastreavam os movimentos do alvo e avaliavam as chances de removê-lo de campo para interrogatório.

– Você discordou disso?

– Eu senti que poderia convencê-lo cara a cara. Ele gostava de loiras.

– Entendo. Continue.

– Então nosso disfarce foi descoberto. Todos os outros três agentes em campo foram mortos.

As imagens retornaram, em detalhes brilhantes. Corman, o agente líder, metade da cabeça estourada, seu cérebro espalhado pela parede de uma cafeteria. Marta, a garganta cortada, seu corpo encontrado em um beco a dez quarteirões da mesquita. E David – de quem ela gostava um pouco, na realidade – arrancado do volante de sua van, mais tarde encontrado morto a pancadas em uma estrada secundária.

Eles não a pegaram, porque ela estava segura no quarto que haviam alugado, atrás de uma parede de computadores e equipamentos de vigilância. Estava em um voo saindo do Canadá, de volta aos EUA, assim que sua equipe não voltou. O pior que ela teve que enfrentar foi um inspetor ranzinza na alfândega.

– Como o disfarce deles foi descoberto?

– Eu não sei... – ela começou e dessa vez a dor efetivamente a derrubou de joelhos.

Ela acordou um segundo depois – nunca havia desmaiado em um sonho antes –, com saliva caindo de sua boca.

– Aviso dois, Helen – o homem na escuridão disse. – Não haverá um terceiro. Preciso repetir a pergunta?

– Fui eu – Helen disse. Foi quase um alívio pôr aquilo para fora. – Estava farta de ficar abandonada em segundo plano. Achei que poderia ser mais valorizada se o disfarce de Marta ficasse comprometido.

– Como você fez isso sem seus superiores descobrirem?

– Essa foi a parte mais fácil – uma estúpida explosão de orgulho aqui. – Tirei uma foto dela na rua com um telefone descartável que possuía uma câmera. Eu a carreguei na *internet* em um cyber café durante o intervalo do almoço. Enviei-a através de um servidor anônimo na Finlândia, joguei-a de um lado ao outro através de fóruns na *internet* e então garanti que um *website* do Jihad a visse. Ela foi apagada. Nem chegou a perceber.

– Por que você arriscaria a vida de outro agente dessa forma?

Helen considerou mentir novamente e então decidiu que, *dane-se! É apenas um sonho, certo?* E seria bom dizer aquilo em voz alta, afinal.

– Eu odiava aquela vagabunda – ela disse, seus lábios retraindo-se em um rosnado. – Só porque ela tinha a pele escura. Eles a colocaram na mesquita, fazendo-a passar por Marta *Foda Hari*²⁶, e me colocaram para atender telefones, pelo amor de Deus. Eu sei que conseguiria pegá-lo. Nós o tínhamos visto em clubes de *striptease*. Ele teria me seguido a qualquer lugar.

– Então fez com que ela fosse morta.

– Não achei que a equipe inteira seria assassinada.

– Mesmo assim. Eles foram. Três pessoas mortas porque você se sentiu... O quê? Diminuída profissionalmente?

Ela baixou o rosto, sentindo os olhos nela novamente.

– Sim.

– Última pergunta, então – o homem disse. – Você se arrepende?

Ela levantou os olhos, desafiadora.

– Não – ela disse. – Eles deveriam ter me ouvido. Nada disso teria acontecido se eles tivessem feito somente o que eu disse.

Outra imagem apareceu subitamente em sua mente. Helen sozinha. No ginásio. Sozinha, como estava todos os dias, apesar de suas roupas, seu cabelo, o dinheiro de sua família, sua aparência maravilhosa. Como se os outros pudessem sentir o buraco dentro dela e ficassem bem longe, com medo de cair nele.

O homem olhou para as outras silhuetas na obscuridade, depois acenou com a cabeça.

– Obrigado por seu tempo – ele disse. – Entraremos em contato.

Helen acordou imediatamente, ainda em sua cama em Langley.

Acendeu a luz e examinou seu braço. Não havia marca alguma nele, mas doía demais.

Vieram procurá-la na manhã seguinte, logo após a Corte de Inquérito final. O homem com óculos de aros de metal, aquele que ela viria chamar de Controle, deu-lhe um novo conjunto de credenciais.

Então o treinamento dela começou para valer. Seu novo trabalho acabou sendo muito mais exigente do que a CIA. E muito mais gratificante.

Demorou apenas um pouco para ela perceber que o que acontecera em Montreal não era uma mancha negra para seus novos empregadores. Longe disso.

A Companhia das Sombras apreciava sobreviventes. Essa era a verdadeira razão para terem-na recrutado. Não se importavam com sua paixão estudantil pelo fascismo ou sua química cerebral incomum que a fazia acreditar que os outros seres humanos eram dispensáveis. Eram um bônus, sim, mas não eram essenciais.

O ponto decisivo: desejavam ter Helen do seu lado porque ela faria qualquer coisa para conseguir o que queria. E ela detestava – absolutamente detestava – que qualquer um ou qualquer coisa atravessasse seu caminho.

Eles poderiam usar isso.

TRINTA E UM

Dylan estava em pé na fila do pátio de apreensão. Todos que estavam aguardando com ele pareciam tão de ressaca, suados e cansados como ele se sentia. O homem diante dele estava com uma veia estourada em um olho e uma larga bandagem em volta de sua cabeça.

Quando descobrira que o caminhão sumira, tinha sufocado um impulso urgente de pegar um táxi até o aeroporto e fugir como um condenado. Ainda tinha uma chance, desde que ninguém olhasse dentro do caminhão...

Havia passado a noite anterior trancado dentro de seu quarto de hotel, apavorado demais até mesmo para olhar para seu celular. Sabia que era Khaled, todas as vezes. Não precisava de mais esse estresse ainda por cima. Abria a porta somente para o serviço de quarto e somente após olhar pelo olho mágico. Tinha certeza que estava ferrado. Não havia como seu caminhão ser apreendido sem ninguém verificar a carga.

Quando a manhã finalmente chegou sem uma batida à porta de algum policial, Dylan criou coragem. Então correu até o banheiro e vomitou o Jack Daniel's do serviço de quarto. Desceu e encontrou um lugar no cassino que lhe daria dinheiro adiantado. Essa foi a coisa mais fácil que fez desde que a viagem começara.

A seguir, uma insuportável corrida de táxi com um motorista velho que cheirava como o interior de um caixão, uma longa espera na fila errada seguida por uma espera ainda maior nesta fila.

Dylan olhou para cima e viu as câmeras de circuito fechado nos cantos da sala, perguntando-se quem estaria assistindo. Quanto mais esperava, mais se convencia de que tudo aquilo era uma maneira de ganhar tempo enquanto eles examinavam o caminhão.

Representou aquilo em sua cabeça, viu aquilo acontecendo naquele instante. Um dos filhos da mãe olharia para ele através das lentes e diria:

– É ele. Aquele é o cretino demente.

Eles entenderiam o que estava dentro do caminhão? Ou simplesmente assumiriam que ele era perigoso e tinha que ser morto? Dylan sabia o que faria no lugar deles.

Quando chegou no início da fila, tinha certeza de que, a qualquer momento, brutamontes da Segurança Nacional vestidos com ternos pretos apareceriam do nada e o abateriam com uma chuva de balas de suas pistolas automáticas. Talvez o torturassem antes. Ele tinha ouvido dizer que aquilo acontecia muito.

O funcionário da apreensão, parecendo extremamente entediado por detrás da divisória de vidro, acenou para ele se aproximar.

Dylan engoliu em seco. Estendeu seu recibo e seu comprovante de registro ao

homem.

– De onde você é?

– Orange County – Dylan disse. Khaled o tinha orientado: mantenha a versão simples e mais próxima da verdade possível. – Estou voltando para a faculdade.

Fazia bem o tipo: cabelo curto, *jeans* e uma camiseta com letras de fraternidade. Ele se perguntou se essa última parte havia sido exagerada.

– Aqui diz que é um caminhão alugado.

– Sim – Dylan disse, ainda sorrindo. – Estou levando minhas coisas de volta para a escola.

Um franzir de sobrancelhas do funcionário.

– Um caminhão um tanto grande para isso.

Dylan deu de ombros, tentando não entrar em pânico.

– Era o que eles tinham no pátio da firma de aluguel.

O funcionário ficou encarando-o.

Dylan acrescentou, tão casualmente quanto conseguiu:

– Estou levando uma banheira de água quente para a fraternidade.

O funcionário pareceu incrédulo por um momento, então abriu um grande sorriso.

– Sério? – perguntou. – Caramba, você sabe como se divertir, companheiro. Queria ter pensado nisso quando estava na faculdade. – O funcionário carimbou sua papelada. – Leve isso ao sujeito lá fora nos fundos, ele irá pegar seu caminhão.

Dylan pegou a papelada, grato, mas o funcionário não a soltou. Inclinou-se mais perto, e Dylan fez o mesmo.

– Sei o que está acontecendo aqui – comentou, uma expressão maliciosa no rosto.

Dylan quase chorou. Ele tinha chegado tão perto...

– Você passou um pouco do limite em um dos clubes na noite passada, não foi?

Ele riu de novo, e Dylan riu alto com ele.

– Sim – confessou, sentindo a ansiedade escorrendo para fora dele. – Acho que sim.

– Ei, eu estive lá. Você tem sorte se conseguir se afastar daquelas garotas ainda com sua carteira. Faça uma viagem segura.

– Obrigado – Dylan disse, sentindo o suor escorrer por sob seus braços. – Você também. Quero dizer, hã...

Mas o funcionário já tinha chamado a próxima pessoa na fila.

Dylan seguiu por um corredor, entregou seus papéis para outra pessoa e, vinte minutos mais tarde, estava atrás do volante de seu caminhão novamente.

Vinte minutos depois disso, estava de volta à estrada. Ele ainda chegaria a tempo ao ponto de encontro, caso se apressasse.

Não conseguia acreditar em sua sorte. Talvez Khaled soubesse de algo, afinal. Talvez Dylan estivesse realmente em uma missão de Deus. Alguém certamente

parecia estar zelando por ele.

TRINTA E DOIS

Wyman estava sentado atrás de sua mesa, vestindo uma camisa sem estampa e *jeans*. Griff sabia, sem olhar, que o VP estava com mocassins em seus pés – uma volta ao seu passado de *hippie* usuário de maconha protestando contra o Vietnã. Ele os vestia sempre que vinha nos finais de semana. Era sua marca registrada agora, com diversas menções em perfis de jornais e revistas. Claro, atualmente tinha descoberto as virtudes de uma vida comportada e da boa guerra, particularmente agora que não era apto ao serviço militar.

Griff permaneceu em pé, mãos atrás das costas.

– Sente-se, Griff – Wyman disse.

– Não, obrigado, senhor.

– Como quiser – passou uma única folha de papel a Griff. – O que é isso?

Griff pegou-a de cima da mesa.

Era uma cópia de uma aprovação de vendas militares – 2 bilhões de dólares em aviões, armas e mísseis – ao Kuwait.

– Parece-me um acordo fechado, senhor.

– Você pensaria isso, não é mesmo? Mas, então, ouvi dizer que um ex-agente do FBI, que trabalha para um departamento que na realidade não *existe*, por sinal, está mexendo em todos os tipos de porcarias dos nossos amigos do Kuwait. Então descubro que esse agente está fazendo perguntas sobre um bom amigo desta administração, um respeitado diplomata...

– Mahmoud al-Attar – Griff o interrompeu. – Sim. Eu sei. Sua empresa de *holding* enviou o carregamento com pedaços de nossos soldados. Seu filho, Khaled, possui ligações com...

– Isso não importa. Mahmoud al-Attar é um amigo. E suas empresas estão ajudando a intermediar esse acordo.

– Isso não é realmente um problema meu, senhor.

– Sei que você não gosta de mim, agente Griffin. E eu não gosto de você.

– Sua opinião significa muito para mim, senhor.

– Mas tente ser razoável – Wyman continuou. – É a maior empresa de transportes marítimos do Kuwait. Milhões de toneladas passam por ela todos os dias. Você tem qualquer prova efetiva de que ela esteja ligada ao seu pequeno problema?

– É isso que estou tentando descobrir...

– Não. Não tem. E o que seu amigo Cade descobriu lá em L.A.?

– Ele ainda está investigando.

– Em outras palavras, nada. Precisamos de cada amigo que temos no Oriente Médio, especialmente este, para conseguir suprimentos para nossas tropas. E você

está colocando isso em risco. A troco de quê? Nada. Pura especulação.

– Ficarei feliz em discutir isso com o presidente quando ele retornar, senhor.

– Estamos discutindo isso neste exato instante – Wyman disparou. – A última coisa de que esta administração precisa é ser de alguma forma ligada a um escândalo. Estou ordenando que deixe isso de lado.

Griff teve que sorrir diante disso.

– Como, senhor?

– Não se mostre tão alegre, Griffin – Wyman disse. – Estou falando sério. Estou mandando você deixar a família al-Attar em paz.

– Não – Griff disse.

– O quê?

– O senhor me ouviu.

O rosto de Wyman ficou vermelho-vivo.

– Eu lhe dei uma ordem direta, agente Griffin.

Griff inclinou-se para a frente, seus punhos sobre a mesa de Wyman. Não estava se sentindo bem e não tinha paciência com repreensões burocráticas.

– Eu disse não. O que vai fazer a esse respeito?

A boca de Wyman mexeu-se um pouco antes de o som sair.

– O presidente está fora da cidade até amanhã. Isso faz de mim o chefe do Conselho Especial de Segurança em sua ausência. Você está legalmente obrigado a seguir minhas...

– O que acha que é isso, Sr. Vice-presidente? – Griff perguntou, ainda parecendo agigantar-se sobre o homem menor. – Acha que esta é uma cena de filme onde o detetive é forçado a abandonar o caso? Está enganado. Esta não é aquela parte do filme. Quer me impedir de fazer meu trabalho? Ligue para o presidente. Caso contrário, cale a droga da boca e pare de me fazer perder tempo.

Wyman voltou a se rencostar na cadeira, olhos malvados como os de uma serpente.

– Saia – ordenou.

– Obrigado, senhor – Griff disse. Ele virou-se e andou até a porta.

– Sabe, algum dia eu poderei estar sentado no Salão Oval, Griffin. Você deveria se lembrar disso.

Griff parou, a mão na maçaneta.

– E você deveria se lembrar de que é o sétimo vice-presidente com o qual trabalhei.

– O que quer dizer com isso? – Wyman perguntou.

– Parece provável que você estará fora daqui antes de mim, senhor.

Griff fechou a porta do gabinete antes que Wyman pudesse responder.

Assim que Griffin saiu porta afora, Wyman abriu uma gaveta da escrivaninha,

pegou um celular barato pago por minuto e discou. A criptografia demorou um instante, como sempre. Então, tão logo a pessoa do outro lado atendeu, Wyman começou a falar.

– Sou eu – ele disse. – Falei com Griffin. Ele não vai me dar ouvidos. Vai continuar a investigar a conexão como Kuwait.

Ele ouviu.

– Não. Isso atrairia atenção demais. As coisas já estão tensas o suficiente do jeito que estão.

Esperou de novo, parecendo mais irritado a cada segundo.

– Não – ele disparou. – Isso não é problema meu. Cheguei ao limite do meu acordo. Dei a informação que você queria. Disse onde o abrigo de Cade está localizado. E lhe dei uma foto nítida da... Da outra coisa. O que vai fazer com isso... É problema seu. Não posso fazer mais nada.

O tom de voz do outro lado elevou-se diversas notas.

– Ei, fiz o melhor que podia – Wyman disse. – Como eu poderia assustar o sujeito? Ele passa o dia todo em um porão com um vampiro, pelo amor de Deus. Agora é com você.

Ele apertou uma tecla, finalizando a chamada.

Do outro lado do país, em seu escritório em L.A., Helen fechou seu telefone com violência. *Inacreditável*, ela pensou. Wyman não teve nem capacidade de lidar com um agente decadente do FBI. *Cristo! Tenho que fazer tudo sozinha.*

TRINTA E TRÊS

Helen não acreditou que Wyman tinha desligado na sua cara. Com aquele mesmo telefone, ela podia ordenar qualquer coisa desde uma auditoria de impostos até um ataque de mísseis de cruzeiro. Entretanto não podia fazer Wyman pagar por seu insulto. Era necessário ter um homem lá dentro. Infelizmente, eles sempre pareciam ser uns vermes.

A porta de seu escritório se abriu. Sem batidas. Helen abriu um amplo sorriso, grata por haver alguém estúpido o suficiente para interrompê-la quando estava com um humor como aquele...

Então viu o homem à porta e gelou. Não era um indivíduo assustador na aparência. Longe disso. Ficando careca, estatura mediana, óculos redondos que o faziam parecer um bibliotecário de cidade pequena. Porém, o poder que Helen exercia vinha todo através dele. Ela o chamava de Controle. Era seu título. Era seu papel na vida dela, também.

Aparecia para vigiá-la, oferecer instruções ocasionais. Podia encontrá-la em qualquer lugar, simplesmente aparecendo daquela forma, sem aviso e sem hora marcada. Ele conhecia cada detalhe de sua vida. Ela nem ao menos sabia seu nome verdadeiro. Mas sabia que ele podia matá-la, e o faria, sem um segundo de hesitação, se achasse que era necessário.

Helen era poderosa, mas o Controle... O Controle era Deus. conteve o medo e deu-lhe seu melhor sorriso.

– Do que precisa, senhor?

O Controle devolveu seu olhar, sua face tão plácida como sempre.

– Agente Holt – ele disse. – Uma palavrinha, por favor?

Ela fez um gesto em direção à cadeira. Ele olhou para o teto, para as paredes.

– Não aqui – sentenciou.

Ele saiu para o corredor. O que quer que tivesse para dizer, não queria que fosse registrado pelo mecanismo de gravação do escritório. A mão dela tremia levemente quando agarrou a maçaneta e o seguiu. O Controle encostou-se na parede, no corredor.

– O que está fazendo, Helen? – perguntou.

– O quê?

Ele suspirou.

– Por que está enfrentando Cade?

O medo de Helen sumiu ao mesmo tempo em que a raiva brotou dentro dela.

– Ele estava assediando um de nossos principais sujeitos...

– E?

A boca de Helen moveu-se por um segundo antes dela conseguir dar uma resposta.

– Precisamos de Konrad. Não podemos nos dar ao luxo de perdê-lo...

– Por que nós o perderíamos?

Isso interrompeu subitamente Helen.

– Porque... Você conhece a história entre eles – ela gaguejou. – Não podemos permitir que Cade se aproxime tanto.

Ele pareceu irritado.

– Por favor. Se Cade quisesse matar Konrad, já poderia ter feito isso cinco vezes. Não matou. O que isso mostra a você?

– O presidente não o autorizou a tomar qualquer atitude – ela disse, relutantemente.

– Correto – ele disse, um professor parabenizando uma aluna lenta. – Portanto, por que você está ameaçando seu disfarce ao envolver a Casa Branca?

O rosto dele não revelava nada além de curiosidade tranquila. Outra funcionária do escritório passou por eles no corredor, dando-lhes um olhar de desculpas. Helen esperou até ela ir embora.

– Konrad queria que fizéssemos alguma coisa – respondeu.

Ele retirou os óculos e limpou-os com sua gravata.

– Você recebe ordens de Konrad agora?

Ela enrubesceu.

– Não, senhor.

– E não há motivos para pensar que Konrad esteja envolvido em algo que o colocaria em risco. Ou a Companhia – ele disse. – Há?

– Não, claro que não – respondeu, rápido demais. Tentou manter seu rosto e sua mente tão vazios quanto possível.

Ele aguardou que ela dissesse algo mais, mas ela manteve sua boca fechada. Ele recolocou seus óculos e assentiu para ela.

– Então não temos com o que nos preocupar.

– Cade está interferindo com o que é nosso – ela rebateu. – Temos que colocar uma estaca em seu coração. Ou naquele garoto com ele. Só para mandar uma mensagem.

– Não estamos preparados para esse tipo de consequências.

Helen sentiu uma fraqueza aqui e fez o que sempre fazia: saltou sobre ela.

– Talvez *vocês* não estejam – ela disse.

Ele olhou para ela por um longo tempo. Longo o suficiente para Helen começar a se sentir nervosa novamente.

– Você acha que consegue lidar com Cade?

Ela abriu sua boca, mas ele levantou a mão.

– Você não estava conosco da última vez que matamos alguém trabalhando com Cade – ele disse. – O presidente deixou Cade se comportar como um cão raivoso. O que você acha que aconteceria se Cade dissesse ao presidente que seu ex-auxiliar apareceu morto em Los Angeles? Teríamos que nos livrar de várias pessoas para encobrirmos nossos rastros. Muitas pessoas. Elas descobririam da pior forma que não eram tão valiosas como acreditavam.

– Isso é uma ameaça?

Seu controlador pareceu desapontado. A aluna lenta havia dado um passo para trás.

– Lógico que é uma ameaça, sua imbecil.

Ela desviou o olhar.

– Desculpe-me – ela disse.

Ele virou-se e se dirigiu ao elevador. Tinha terminado aquela conversa.

– O que devo fazer? – perguntou Helen.

– Você disse que Konrad não está fazendo nada, certo? – seu controlador falou, apertando o botão do elevador. – Então, é simples. Cade não tem motivos para estar aqui, uma vez que você pare de provocá-lo.

– Sim, senhor – ela disse.

– Boa menina – entrou no elevador, e as portas se fecharam. Ela sabia que ele desapareceria assim que saísse do saguão.

Helen se curvou, sentindo-se nauseada. Estava muito grata pelo fato de que Konrad iria torná-la imortal. Porque ela iria trair a Companhia das Sombras, e esta tinha punições que apenas começavam com a morte. A partir daí, elas ficavam bem piores.

Ela inspirou profundamente e considerou suas opções.

O Controle suspeitava alguma coisa sobre ela, mas não sabia. Se soubesse, ela já estaria morta.

Ele estava vigiando agora, mas era um homem ocupado. Ela não era o único agente que ele tinha de monitorar. A Companhia daria bastante corda para ela se enforcar. Tinha que agir rápido, no entanto.

Voltou a seu escritório e apertou o intercomunicador.

– Ken – ela disse. – Preciso do código de ativação para o pacote.

– Hã... Certo – ele disse. – Tem certeza disso?

Helen rangeu seus dentes. *Todos* estavam atirando bosta nela hoje?

– Eu acabei de receber a confirmação – ela disse, a voz firme e clara. – A Companhia quer Cade fora da jogada. Ele não tinha que estar aqui. A Casa Branca vai cuidar de quaisquer consequências. Eles terão de fazer isso.

Nada além de silêncio da parte de Ken. Helen virou os olhos com impaciência.

– Oh, não seja tão frouxo – ela disse. – Quantas pessoas têm a chance de colocar

“matador de vampiros” em seus currículos?

TRINTA E QUATRO

A crença de que a luz solar fará com que um vampiro se desintegre imediatamente, ou que explodirá em chamas, parece ter se originado com o filme *Nosferatu* (1922). Deve-se notar que essa ideia não aparece no folclore de vampiros até depois do filme. De fato, vampiros no folclore ficavam imensamente enfraquecidos durante o dia – e um dia inteiro de exposição à luz solar direta era frequentemente considerado a melhor forma de matar um vampiro. Nossas próprias investigações confirmam essa hipótese. Luz solar direta debilita o sujeito, causando-lhe grande dor e fraqueza crescente. (Luzes UV simuladas o enfraquecerão, mas não o incapacitarão completamente.) As proteínas nas células do sujeito, que normalmente reparam os danos, parecem ser desativadas, e exposição prolongada muito provavelmente resultaria em ressecamento e degradação completa de sangue e tecidos, causando coma, paralisção corporal total e morte irreversível. Contudo, mesmo fora da luz solar direta, as habilidades do sujeito estão reduzidas durante o dia. Sua força decresce para a de cinco homens (levantamento de supino = 450 kg), e seus reflexos são somente duas vezes mais rápidos do que a média humana. Além disso, se ele não descansar em estado comatoso em completa escuridão por pelo menos doze horas, aproximadamente a cada sete dias, ele ficará gradualmente mais fraco.

– LIVRO DE INSTRUÇÃO - CODINOME: MASCOTE DE PESADELO

Zach acordou na cama. Não havia reajustado seu relógio desde D.C., portanto não tinha noção alguma de tempo.

Virou-se... E viu Cade em pé ali. Ergueu-se assustado, os membros tremendo.

– Jesus Cristo!

– Já conversamos sobre isso – Cade disse.

Zach relaxou novamente na cama.

– Talvez ajudasse se você não ficasse verando sobre minha cama enquanto estou dormindo.

– Eu o ouvi acordar. Sua respiração mudou.

– Bem, isso faz tudo mudar para melhor. Que horas são?

– É dia. Avise-me quando estiver vestido – Cade disse. – Você precisa ir até a clínica e vigiar Konrad novamente.

– Sim, senhor – Zach resmungou.

Zach estreitou os olhos para checar seu relógio mais uma vez, fez as contas... Mal passava das 10 horas da manhã. Ele tinha dormido menos de quatro horas. Com um grunhido, ergueu-se para sair da cama. O telefone tocou. Cade atendeu.

– O que foi?

Não era Griff.

– Boas maneiras – uma voz de mulher disse. – Consegue ser mais grosseiro?

A falsa agente do DHS da noite anterior: Holt.

– Não esperava uma ligação sua – defendeu-se Cade.

– Não me diga: você é um cara antiquado. Não acha que uma garota deva ligar logo após o primeiro encontro.

Cade conseguia escutar o orgulho em sua voz. Ninguém deveria ter esse número, assim os recursos dela o surpreenderam, mais uma vez.

Mas ele não estava a fim de morder a isca. Esperou.

– Quem é? – Zach perguntou. Foi para perto do telefone, beliscando da caixa de cereais novamente.

Cade deu-lhe um olhar irritado.

– Tudo bem, desculpe, esqueça – ele se afastou.

– Plateia difícil – Holt disse, quando ficou aparente que Cade não responderia. –

Suponho que eu deva ir direto ao ponto. Deixe o doutor em paz. Ele nos pertence.

– E quem são vocês? – perguntou Cade. – Vocês não são da CIA. Não são da Segurança Nacional.

– Isso é só para quem precisa saber, e você não está entre eles. Trata-se de manter a América segura. Com certeza você consegue entender isso.

– Já ouvi isso antes. Normalmente logo antes de muitas pessoas morrerem.

Holt riu com desdém.

– Você deveria se preocupar mais com você mesmo.

Cade sentiu-se enfiado. Às vezes parecia ridículo falar com humanos. Seu lento processo de pensamento, suas vidas curtas e frágeis.

– Isso não me interessa mais – afirmou. – Você diz que me conhece. Então sabe que não vou parar. Seja lá o que tiver de fazer, faça.

– Sim – Holt disse. – Imaginei isso.

Cade ouviu um som ao fundo. O barulho de um botão plástico sendo apertado. Soltou o telefone no mesmo segundo em que percebeu o que estava acontecendo. Estúpido. Ligando durante o dia. Quando ele estava mais lento. Mais fraco. Quando seus sentidos estavam entorpecidos, reduzidos quase aos níveis humanos. Quando era menos provável que ele ouvisse um detonador sendo acionado por um sinal de rádio.

Estava se movendo agora, muito lentamente. O telefone estava suspenso no ar. Zach apareceu diante dele, em pé no vão da porta. Seu rosto registrava surpresa.

A caixa de cereal voou da mão de Zach, os flocos caindo como uma cauda de cometa.

– O quê... – Zach disse, antes de Cade o agarrar, levando-o com ele.

Sentiu uma costela no peito de Zach quebrar com o impacto. Ainda lento demais.

A explosão começou na parede mais distante, arremessando concreto para a frente. Cade pôde ver cada pedaço dos escombros romper-se e alçar voo.

A porta de aço frontal estava trancada. Não havia tempo para abri-la. Tempo algum. Ele a derrubou com um chute. A explosão estava às suas costas agora, a onda de choque como um imenso punho balançando para ele. Então acelerou. A porta de vidro da entrada dissolveu-se em fragmentos.

Fulgurante luz do dia, e sua velocidade e força desapareceram. O calor o atingiu de lado, conforme ele fazia o melhor possível para proteger Zach. Sentiu a explosão levantar os dois, sua onda de impacto alcançando-os, arremessando-os ao piso do estacionamento, e um som como o do motor de um jato atingindo-os logo após.

Zach não mais estava em seus braços. A luz o estava queimando, sua cabeça pareceu pesada demais para voltar a se mover, e tudo o que Cade conseguia pensar era “*lento demais*”.

TRINTA E CINCO

Helen sorriu e desligou o telefone. Considerou a grande explosão de estática do outro lado da linha como um sinal muito bom. Sentiu uma onda de orgulho, mas não surpresa. Vampiro ou não, ele era um obstáculo. Helen encarava obstáculos de uma forma muito pessoal.

E agora que pensava nisso: Griff. Aquele tolo do Wyman estava certo a respeito de uma coisa: ela teria gostado de mandar uma equipe de operações ilegais atrás de Griffin, mas isso teria sido demais. Poderia alertar o presidente. Além disso, não precisava de algo tão óbvio assim para acabar com a vida de um homem. Em vez disso, voltou-se para o computador.

Como tudo o mais em seu escritório, o PC era um pouco mais do que o modelo governamental padrão.

Ela permaneceu parada enquanto um fino raio de *laser* vermelho escaneou sua retina e inseriu uma série de senhas e códigos.

Em menos tempo do que o Windows demorava a iniciar, ela estava totalmente dentro do BASQUETEBOL, o *software* por detrás do Programa de Conhecimento Total de Informação. Nunca deixava de se divertir quando os americanos se indignavam com a ideia de alguém bisbilhotando suas pequeninas e enfadonhas vidas. O fato era que todos na América já estavam sob vigilância.

Computadores gigantes em Fort Meade escaneavam bilhões de chamadas telefônicas, *e-mails* e faxes todos os dias, buscando palavras-chaves como “terrorista”, “bomba” ou “Alá”. Se alguma dessas mensagens atingisse critérios estatísticos determinados, seria encaminhada a um analista humano, que iria verificá-la enquanto puxava o relatório de crédito, antecedentes criminais e registros de imposto de renda de quem enviara a mensagem.

Na maior parte das vezes, não significava droga alguma. Conversinhas sem sentido entre pessoas discutindo um filme ou um *show* de TV, geralmente.

BASQUETEBOL era o codinome para o programa que fazia tudo isso acontecer. Era a mãe de todas as ferramentas de busca; os *geeks* que construíram o Google teriam chorado se pudessem ter dado uma olhada em seus algoritmos. Salas inteiras de computadores servidores formavam seu cérebro. Era capaz de encontrar qualquer coisa, qualquer fragmento de dados, em qualquer lugar do mundo, desde que cruzasse uma linha eletrônica em algum lugar, em algum momento.

No entanto, o que Helen mais adorava no BASQUETEBOL não era que ele pudesse recuperar qualquer conversa particular ou banco de dados dentro do país. Não, o que era espantoso acerca do *software* era que ele podia fabricar evidências também.

A informação particular do agente William H. Griffin estava mais difícil de se alcançar do que a de um civil. Ele era, afinal, um agente secreto com acesso confidencial, que respondia diretamente ao presidente.

Porém, de alguma forma, isso só facilitava para Helen. Ninguém realmente esperava que o governo começasse a espionar a si mesmo. Os mesmos protocolos que abriam impostos de renda e contas telefônicas também permitiam que ela inserisse qualquer coisa que quisesse.

Deu uma verificada em seu trabalho, satisfeita. A única coisa faltando era um motivo. Griffin tinha sido um soldado leal toda sua vida. Por que ele se venderia agora? Então ela espiou seu registro médico e cruzou a informação com os códigos das faturas de seu médico. Helen sorriu quando viu o diagnóstico: câncer. Griffin estava morrendo. Más notícias para ele. Mas, com certeza, perfeitas para ela.

TRINTA E SEIS

Por um momento, Zach achou que havia estado em um acidente de avião. Isso explicaria muitas coisas: a poeira, a fumaça e o barulho. E a dor. Seu peito era o que mais doía, como se alguém o estivesse furando com um atizador de ferro a cada respiração.

Então sua última lembrança surgiu novamente. Ele tinha ouvido o telefone tocar e estava passando pelo curto corredor quando algo o arremessou como uma bala de canhão humana.

Suas pernas, chacoalhando violentamente atrás dele, bateram contra o lado da mesa da recepção, mas ele estava se movendo rápido demais para a dor alcançá-lo. Depois havia vidro para todos os lados, picando seu rosto e pescoço como neve. E, a seguir, o estacionamento estava no céu e desceu ao seu encontro – duramente.

Ele sacudiu sua cabeça, tentando limpá-la, e percebeu que não conseguia ouvir nada além da campainha em seus ouvidos.

Zach virou-se. As punhaladas em seu peito abrandaram. A menos de dez metros de distância, a construção era uma ruína soltando fumaça. Escombros estavam espalhados por todo o estacionamento. Alarmes de carros berravam como se estivessem com dor por causa de seus para-brisas estilhaçados. Uma bomba. Alguém tentara explodi-los. E Cade o salvara.

Piscando, Zach sentou-se e sentiu fígar do lado de seu corpo novamente. Doía terrivelmente. Seu rosto ardia. Passou a mão por ele e encontrou pedacinhos de vidro espetados em seus dedos.

Cade estava alguns metros adiante, rosto para baixo, como algo deixado para o lixo. Zach piscou de novo, sentindo-se sonolento e de vagar. Olhou para o sol... O sol.

– Droga – disse e de repente sua cabeça clareou. Ele cambaleou até Cade.

O braço de Cade estava arruinado, uma manga de carne moída até o ombro. Sangue empoçava-se sob ele.

Zach nunca tinha visto muito sangue antes, mas aquilo parecia errado – escuro e espesso. E ainda pior, o rosto de Cade, onde estava voltado para o sol – bem, estava morrendo. Não havia outra forma de dizer isso. Estava murchando e rachando, veias e sulcos ficando cada vez mais pronunciados a cada segundo. Precisava tirá-lo dali. Conforme a campainha em seus ouvidos diminuía, outro som ficava mais alto. Sirenes.

Então, vasculhou os bolsos de Cade, encontrou as chaves e apertou o botão para destravar as portas do sedã. Nada. Nesse momento, lembrou-se: o carro estava na garagem, a qual não passava agora de uma pilha de blocos cinzentos desmoronados.

– Droga, droga, droga – Zach disse. Ele não era um espião. Talvez Griff soubesse o que fazer agora, mas ele não fazia a menor ideia.

Olhou para Cade mais uma vez. Ele envelhecera ainda mais em uns poucos segundos. A pele havia se retraído sobre seus dentes, revelando suas presas.

Pessoas começaram a emergir de seus carros, de outros prédios próximos, pasmas. A qualquer minuto veriam os dois, e Zach não achava que essa era a maneira de se guardar um segredo nacional de 140 anos.

Viu um Honda Accord estacionado na última fileira, bem longe da explosão. Havia um pedaço de escombros aproximadamente do tamanho de seu punho. Cinco segundos depois, estava retirando o vidro de segurança do banco do motorista e rezando para que conseguisse se lembrar de como fazer aquilo. Enrolou alguns fios juntos, seus dedos tremendo. Nada. Separou-os e tentou outro par. O motor deu partida.

Suspirou com alívio e pensou como tinha trabalhado duramente para esconder sua única indiscrição juvenil. Agora seus antecedentes da adolescência eram a melhor coisa em seu currículo.

Cade era bem mais pesado do que parecia, mas Zach estava com a adrenalina a milhão. Arremessou Cade no banco de trás e cobriu-o da melhor forma que pôde com a jaqueta de seu terno.

Uma multidão estava perambulando por ali agora, chegando cada vez mais perto. Alguém estava observando Zach com interesse.

– Ei! – O cara chamou. – Você está bem?

Zach não respondeu. Saltou para trás do volante e engrenou a marcha do Honda. A multidão estava entre ele e a saída do estacionamento.

Outro homem tinha se unido ao primeiro sujeito, olhando fixamente para Zach. Primeiro pareceu surpreso, depois bravo.

– Ei! Ei! *Esse é o meu carro.*

Zach pisou fundo, e o Honda saltou sobre a calçada, pousando pesadamente na rua. Ouviu buzinas e um cantar de pneus. As sirenes estavam quase sobre ele agora. Pegou a primeira curva à direita e perdeu uma calota ao raspar no meio-fio. Tirou suor de seu rosto, desprendendo mais alguns fragmentos de vidro. Inspirou profundamente várias vezes, tentando permanecer calmo. Tinha de fugir. Alguém estava tentando matá-los.

Arriscou um olhar para trás. A curva fechada tinha feito sua jaqueta deslizar sobre Cade, expondo seu rosto novamente. Cade gemia de dor. O som era quase tão apavorante para Zach quanto a explosão. Ele não tinha ouvido algo assim vir de qualquer pessoa. Nunca.

Tateou sua jaqueta, encontrou seu telefone. Passou pelos números, procurando Griff – ele saberia o que fazer. Zach pressionou um botão, o que fez soar um apito

alto.

A mão de Cade estendeu-se sobre o banco e agarrou o pulso de Zach, que quase foi parar na pista oposta. Conseguiu puxar a mão. Cade permaneceu sentado. Quase. Ele já parecia vinte anos mais velho.

– Não ligue para ninguém. Comprometido.

O cérebro de Zach começou a trabalhar de novo. Cade quis dizer que alguém os tinha encontrado, tinha acabado de explodir *um abrigo altamente secreto*. Ele poderia usar seu telefone, ligar para Griff, mas como se supunha que estivessem seguros lá, então quem quer que estivesse atrás deles poderia pegá-los *em qualquer lugar*.

Estavam sozinhos.

– Temos de nos esconder – Cade disse.

As prioridades. Precisavam de dinheiro.

Do banco de trás, Cade avaliou a situação deles. A carteira de Zach tinha menos de cem dólares dentro. Qualquer coisa que Cade tinha estava ardendo em chamas nos escombros do abrigo.

Seguindo as instruções de Cade, Zach estacionou seu carro roubado em um caixa eletrônico na calçada. Era cedo o bastante para que o sol não tivesse ainda rompido completamente a neblina pesada de poluição e as nuvens de L.A. Mesmo assim, Cade parecia como se estivesse recebendo ácido.

– Fique aqui – ele grunhiu e bateu a porta.

Zach não achou que ele conseguiria sair do carro, mas Cade ficou em pé, um braço pendendo como carne de um gancho. Zach olhou em volta nervosamente. Nenhum pedestre. Carros passavam voando pela rua.

Cade não deu atenção. Foi até o caixa eletrônico encaixado na parede de concreto do banco. Usando sua mão não danificada, socou o caixa eletrônico. Primeiro, estilhaçou a câmera acima do teclado. Depois socou de novo, penetrando o aço com seu punho. Puxou de volta como se fosse uma folha de papel alumínio, e um maço de notas de vinte veio para fora. Então pegou o maço ainda na máquina e voltou para o carro.

Jogou o dinheiro no banco da frente do carro e caiu para dentro.

– O que está fazendo? – Zach ganiu.

– Dirija. – Pele caía do rosto de Cade em longas faixas onde o sol o tocava. Não havia sangue, apenas um pó marrom-avermelhado.

Um alarme começou a soar. Zach pisou fundo no acelerador, voando para dentro do tráfego, forçando outro carro a desviar.

– Devagar – Cade disse, enrolando-se no banco tão baixo quanto conseguiu.

Zach forçou-se a diminuir até o limite de velocidade. As notas de vinte estavam espalhadas por todo o banco dianteiro.

– Você talvez devesse colocar essas notas em seus bolsos – Cade disse.

Zach agarrou um punhado de dinheiro.

– Que diabos foi aquilo?

– Capital operacional.

– Jesus Cristo... Alguém tentou nos matar e você nos transforma em assaltantes de banco também?

– A missão é a prioridade. Acima de tudo mais.

– O que diremos aos guardas se nos pegarem? Hã? Pensou nisso? Jesus Cristo, Jesus Cristo, desgraçado Jesus Cristo...

– *Basta* – Cade vociferou. A palavra foi dura como um tapa no rosto de Zach. Zach calou a boca.

O rosto de Cade estava obscurecido com raiva e dor. Seus olhos perfuravam Zach.

– Basta – Cade disse novamente. Sua voz soava como se viesse de outro lugar. – Isso é para a missão. Isso é tudo o que importa. Melhor se lembrar disso, garoto.

O pânico de Zach desapareceu, sendo substituído pelo medo. Enlouquecido como estava por causa da bomba, Cade era ainda mais assustador.

Felizmente, o acesso de raiva pareceu minar o resto da energia de Cade, e ele deslizou banco abaixo. Seus olhos tremularam e se fecharam.

Não havia dúvidas sobre isso agora: o sol o estava assando, matando-o a cada segundo em que brilhava através das janelas. A neblina estava recuando, revelando outro belo dia. Zach considerou estacionar o carro na lateral da rua e chamar um táxi para ir ao aeroporto. Quase acreditou que pudesse figir e voltar à sua antiga vida.

Porém, quanto tempo levariam para virem atrás dele? Quem quer que tivesse feito isso, o conhecia agora.

E Cade... Apesar de tudo, Zach estaria morto embaixo dos escombros se não fosse por Cade.

Zach sabia apenas duas coisas com certeza agora: havia se transformado em um alvo. E a única pessoa que poderia tirá-lo vivo dessa situação estava morrendo bem ao lado dele, no carro.

TRINTA E SETE

O recepcionista do hotel de beira de estrada que só aceitava dinheiro vivo não se importou com o sangue no rosto de Zach. Atrás do vidro à prova de bala, ele nem ao menos levantou os olhos.

O quarto dava a impressão de que os últimos hóspedes tinham montado um laboratório de metanfetamina dentro dele, mas as cortinas eram grossas e bloqueavam a luz do dia, exceto por uma pequena fresta.

Zach cambaleou sob o peso de Cade e o derrubou na cama mais afastada. Tentou não pensar no som que o braço de Cade fez quando a pele queimada se rompeu.

Fora do sol, Cade foi capaz de se mover sozinho novamente. Ainda estava com uma aparência horrorosa, mas conseguiu virar-se e esticar suas pernas. O esforço pareceu esgotá-lo. Zach também estava nas últimas. Por um momento, eles sentaram ali, conseguindo apenas respirar.

Quando Cade falou, soou como se sua garganta estivesse cheia de areia.

– Onde estamos?

Zach passou a mão por seu cabelo. Mais vidro caiu.

– Hã... Na verdade, eu realmente não sei. Talvez oito, nove quilômetros do aeroporto.

Cade fez uma careta, por frustração ou por dor, Zach não tinha certeza.

– Não ligue para Griff.

– Não irei. Quero dizer, não liguei.

– Certo. Você fez um bom trabalho.

Cade caiu em silêncio novamente. Com os olhos fechados e seu novo e envelhecido rosto, poderia passar por um cadáver. Zach estava prestes a tocá-lo, ver se estava acordado, quando Cade falou novamente.

– Sinto muito – falou. – Vou precisar que você traga algo.

– Cade, o que está acontecendo? Foi aquele pessoal, aqueles que você disse que eram...

Cade sibilou um pouco, e Zach fechou a boca.

– Chegaremos lá. Mas você tem que fazer isso antes.

– Do que você precisa?

Os olhos de Cade finalmente se abriram, e ele estava olhando diretamente para Zach.

– Sangue – ele disse.

Zach quase se molhou novamente antes de Cade explicar.

Então, limpou-se da melhor forma que pôde, cobriu Cade com uma colcha e

entrou no carro. Dirigiu-se para a área sobre a qual Cade lhe falara: Pico-Fairfax, lar de uma grande parte da comunidade judaica ortodoxa de L.A. E com pelo menos quatro ou cinco açougues *kosher*.

Muitos dos homens com aventais ensanguentados atrás dos balcões não o ajudaram. Ou disseram não, ou se recusaram a falar com ele tão logo ele disse o que queria.

Entretanto, no quarto local, o açougueiro deu de ombros e pegou o dinheiro roubado de Zach em troca de um balde cheio de uma coisa que ele iria simplesmente jogar fora de qualquer maneira.

Levar o balde de volta ao hotel foi quase tão difícil quanto comprá-lo. A cada esquina, tinha certeza de que iria derramar e então ele teria que explicar um carro roubado cheio de sangue ao policial que inevitavelmente iria mandá-lo encostar.

Uma hora e meia depois, ele chegou ao quarto. Cade não parecia melhor quando Zach puxou a colcha. Ainda estava respirando, mas o braço carbonizado estava purgando, e sua pele ainda estava repuxada sobre o crânio. Conseguiu acordar Cade dando-lhe um forte tapa.

Os olhos de Cade se abriram de repente e fixaram-se em Zach. Suas pupilas tinham preenchido as partes brancas, deixando-as negras. Seus lábios repuxaram-se, e ele deu um salto para cima. Zach recuou por cima da outra cama. Andou aos tropeções, preparado para puxar as cortinas e fazer o sol entrar no quarto.

Cade ainda estava sentado. Estava olhando para baixo, seu rosto era uma máscara de agonia.

– Perdoe-me – sussurrou. – Eu não quis... Não faria...

– Eu sei – Zach disse. – Eu sei. Tudo bem. O que faremos agora?

– Banheiro – Cade disse, através dos dentes cerrados.

Provavelmente não era a primeira vez que sangue era derramado na pequena e nojenta banheira. Mas agora devia ser a maior quantidade.

Com a ajuda de Zach, Cade rasgou os remanescentes queimados de sua camisa. Ela estava grudada à pele em alguns lugares, os quais desprendiam tal qual papel de seda molhado.

Então Cade deslizou para dentro da banheira repleta de sangue, inclinando-se de tal forma que o líquido chegou até seu peito, seu braço arruinado coberto completamente. Sua pele começou a enrubescer e a soltar-se novamente. Zach permaneceu mais atrás, espantado, percebendo ondulações muito pequenas aparecerem no sangue próximo ao braço.

O nível de sangue baixou, e Zach viu as veias serpenteando para fora da pele carbonizada de Cade. Contorcendo-se como enguias enquanto bebiam. Cade levantou os olhos para ele da banheira, olhos preenchidos de vermelho. Ele não parecia ver Zach na realidade.

Zach tropeçou para trás.

– Eu vou... Hã... Vou apenas sair agora.

Fechou a porta atrás de si tão rápido quanto possível.

Vinte minutos depois, o som do chuveiro acordou Zach. Ele não pôde acreditar. Tinha adormecido sentado na cama. A lateral de seu corpo estava em chamas agora. Cuidadosamente, desabotoou sua camisa e olhou seu peito. Sua pele já estava salpicada com hematomas profundos. Decidiu dar uma olhada em Cade.

A banheira estava vazia, exceto por um anel vermelho sujo. Cade estava de pé, completamente restaurado. Os olhos estavam limpos e seu braço curado. Ele também estava nu. Músculos definidos e tonificados por baixo da pele nova e pálida. Parecia uma estátua de mármore roubada de um museu.

Por um instante, Zach considerou frequentar a academia de ginástica mais vezes. Então, concentrou-se em olhar para qualquer outro lugar.

– Você vai precisar fazer outra viagem de compras – Cade disse. – Se puder fazer isso, Sr. Barrows.

– Roupas estão na lista?

– Sim.

– Tive esse palpite.

Além de roupas, Zach trouxe fita adesiva, em bastante quantidade. Vários metros foram gastos para prender as cortinas às paredes, de maneira que o sol não pudesse entrar. Então Cade usou metade de um rolo para enfaixar as costelas de Zach.

– Você vai ficar bem – afirmou Cade, rasgando a última faixa no torso de Zach.

Zach tocou o curativo cuidadosamente. Não estava convencido de que iria funcionar, mas tinha que admitir que a dor diminuiu e que ele conseguia respirar novamente.

– Isso ajuda – ele disse.

– Já fiz isso antes – revelou Cade.

Zach concedeu-lhe um sorriso amarelo. Não conseguiu evitar. Estava muito mais difícil considerar seriamente Cade como uma criatura da noite. A drogaria onde ele havia comprado os suprimentos possuía uma coleção limitada de roupas. Em decorrência disso, Cade estava vestido com calças de moletom amarradas com cordão, camiseta dos Lakers e chinelos de dedo nos pés.

Cade flagrou o seu olhar.

– O que foi?

– Nada.

Cade olhou para baixo, examinando-se, então de volta para Zach.

– Tem certeza de que isso era tudo o que eles tinham?

– Ficou bem em você.

Cade quase disse algo mais. Zach conseguiu ver que o vampirão malvado ligava

para sua aparência. De alguma forma, Zach se sentiu melhor com isso do que por ter sobrevivido à explosão. Verificou a hora em seu telefone de espião – praticamente a única coisa que ele e Cade conseguiram salvar intacta da explosão. Quase seis horas para o pôr do sol.

Esticou-se na outra cama.

– Temos algum tempo – ele disse. Seus olhos se fecharam quase que imediatamente. – Acho que vou... Tirar... Alguns cochilos...

Cade cutucou-o do lado, de forma nem um pouco delicada. Os olhos de Zach abriram-se de repente, e ele sentou-se ereto.

– Por que diabos fez isso?

– Possivelmente você teve uma concussão. Não é aconselhável dormir agora.

– Bem, também não é exatamente aconselhável tirar uma soneca ao lado de um ser maligno sugador de sangue, mas estou cansado – Zach disse. – Tudo bem. Estou acordado. Provavelmente mais seguro dessa forma, de qualquer jeito.

– Já falamos sobre isso antes. Você não tem o que temer em relação a mim – Cade disse.

– Sim. Você fica dizendo isso. Suponho que devo apenas confiar na sua palavra.

Cade ficou em silêncio por um momento.

– Algum pensamento em sua mente, Sr. Barrows?

Zach moveu-se desconfortavelmente.

– Quantas pessoas você matou?

Cade desviou o olhar, não querendo encontrar os olhos de Zach.

– Matei no cumprimento do dever. Uma parte disso é confidencial.

– Não foi o que eu quis dizer, e você sabe disso – argumentou Zach. – Quantas pessoas você matou?

– Você pergunta como um homem que já sabe a resposta.

– Aquela mulher me disse que você é maligno. Um assassino – Zach disse. – Griff disse que você matou aquelas pessoas no barco.

Cade assentiu.

– Ambos estão certos – ele disse com simplicidade. – Sou um assassino. Sou maligno.

Zach aguardou mais, mas foi apenas aquilo.

– É só isso que você tem a dizer?

– O que mais você quer? Estou condenado. Sou uma coisa horrenda que merece queimar. Nada do que eu faça jamais mudará isso.

– Portanto, você só está fazendo isso porque está sendo forçado. Você é um escravo. Se dependesse de você, estaria lá fora bebendo sangue todas as noites. É isso?

– Acredite no que quiser. Você nunca conseguiria entender.

– Deus – Zach se levantou rapidamente, balançando os braços na direção de Cade, apesar da dor no lado do corpo. – Você é um maldito *chorão*. É sempre “Oh, coitadinho de mim, sou um vampiro”. Bem, não parece ser um negócio tão mau assim, Cade. Você é super-humanamente forte e rápido, consegue escapar de um ferimento fatal e pode viver para sempre. E tudo o que tem que fazer é beber um pouco de sangue. Parece bem justo. Você vai estar por aí muito tempo depois de eu estar a sete palmos embaixo da terra e, perdoe-me, mas deixar de lado um bronzado me parece um preço pequeno a pagar. Se eu pudesse fazer o que você faz...

Zach notou que Cade estava calado. Dolorosamente calado. Parou de tagarelar. Pela expressão no rosto de Cade, Zach repentinamente acreditou que o vampiro não poderia colocar um dedo nele. Ninguém teria aquela expressão sem estar considerando um assassinato.

– Vocês... – Cade pareceu estar buscando uma palavra grande o suficiente para conter seu desprezo. – Vocês... *pessoas* – ele afinal cuspiu para fora. – Vocês pensam que me conhecem. Pensam que sabem *tudo*. Menos de 72 horas atrás, você não acreditava que eu pudesse existir e agora acha que sabe quem sou. Mas você tem razão sobre uma coisa, Sr. Barrows: você vai morrer bem antes do que eu. E se tiver sorte, jamais saberá que benção isso é.

Um longo silêncio. Atrás das cortinas presas com fita adesiva, o sol caminhou um pouco mais para o oeste.

– Talvez você tenha razão – Zach disse. – Talvez eu não saiba. Me esclareça.

– O quê?

– Diga-me como é – Zach fez um gesto com seus braços em direção ao quarto de hotel, à mobília barata. – Temos tempo – ele disse. – O que mais irei fazer?

Cade afastou-se de novo, ignorando-o.

– Estou falando sério, Cade. Me conte o que você é.

Cade pensou sobre isso. Então assentiu com a cabeça e começou a falar.

– Era o ano de 1867 – ele disse. – Eu tinha 20 anos de idade.

TRINTA E OITO

1867, Área de Pesca de Baleias, Oceano Índico

Cade sentiu-se levemente envergonhado por, após todos esses anos, não conseguir realmente lembrar muito sobre a viagem, antes de esta acabar mal. Sua mente pregava-lhe peças algumas vezes. Havia dias em que pensava se lembrar do rosto de William ou do som da voz de Jonas. Ou do gosto da comida derramada pelo cozinheiro. Alguns dias, lembrava-se de olhar sobre a amurada para as águas dolorosamente azuis do Atlântico.

Nada disso era verdade. Essas eram apenas ilusões. Quando era honesto consigo mesmo, Cade tinha que admitir que ele, na realidade, apenas se lembrava do sangue.

Centenas de galões dele. Toda baleia estava repleta de sangue, espirrando por todos os lados de ferimentos feitos por arpões e lanças, chovendo sobre ele quando içavam as carcaças para o convés, derramando-se em lençóis enquanto eles corriam lâminas ao longo de seus corpos, retirando grandes fatias de banha. Às vezes, acordava de sonhos sobre esses dias com sua boca cheia de saliva. Faminto.

Tudo o mais pertencia à sua memória humana, a qual era tão falível e fraca como ele havia sido. Mas o vampiro nele aferrava-se à imagem de todo aquele sangue.

Em horas como aquela, perguntava-se quanto dele havia restado – o quanto a maldição e os truques da velha bruxa tinham se insinuado completamente para dentro dele e substituído o garoto que fora um marinheiro em Boston há mais de 140 anos atrás. Ele se perguntava se aquele garoto queria algo mais de sua vida ou se ele até mesmo se lembraria disso.

E, sempre, ele decidia que isso não importava. Aquele garoto estava morto.

Era apenas sua segunda viagem de pesca de baleias, ele contou para Zach. Tinha sido um ajudante de bordo – basicamente um marujo de convés – em sua primeira viagem, que durou quatro anos.

Ele era mais experiente quando assinou o contrato com um novo barco, o *Charlotte*, um baleeiro de 290 toneladas com uma tripulação de 30 homens, sem contar o capitão e o primeiro imediato. Mas não se iludiu. Sabia que o motivo de ter sido contratado fora seu amigo William.

Durante os quatro anos em que ele, Cade e outro garoto, chamado Jonas, serviram como ajudantes de bordo, William havia se tornado um rapaz maciço, carregado de músculos. Qualquer um que olhasse para ele saberia que seria útil. Cade era capaz de ficar o que pareciam ser dias a fio sem descanso, e Jonas era inteligente o bastante para consertar qualquer coisa que quebrasse em um barco. Mas esses não eram talentos óbvios. Foi William quem os colocou no barco.

A rota planejada para o *Charlotte* os levaria a contornar a ponta da América do Sul e então, dentro do Pacífico, às áreas de pesca de baleia ali. Mas a Guerra Entre Estados interferiu. Diversos baleeiros tinham sido explodidos na água pelos navios de guerra Confederados.

O capitão decidiu dirigir-se para as áreas de pesca no oceano Índico. Demoraria mais tempo, mas era melhor do que ser afundado. A partir daí, a viagem correu sem incidentes – de forma quase agradável. O tempo estava calmo. Os dias eram recheados com a usual rotina tediosa, de trabalho pesado e horas vazias.

Contornaram o Cabo da África seis meses após terem partido de Boston e alcançaram seu destino três meses depois disso. Então, nada mais havia além da urgência da caçada.

Os homens receavam que aquelas águas tivessem se esgotado, que as baleias tivessem partido. Mas encontraram mais baleias do que poderiam perseguir ou matar. Começaram a longa viagem de volta muitas semanas antes do programado, o navio repleto de óleo e marfim.

Tinham acabado de chegar ao Atlântico, ainda distantes milhares de milhas de casa. Não havia porto que pudessem alcançar. Nada em qualquer lado deles que não fosse água. Passariam semanas até verem terra novamente. Foi quando o primeiro homem sumiu.

Cade percebeu depois que isso não fora coincidência. Um navio nunca está silencioso, mesmo à noite. Cade tinha aprendido a dormir apesar do barulho das ondas e do vento, do ranger das madeiras, dos peidos, roncões e resmungos de vários dos marinheiros acima e abaixo dele no castelo de proa.

Mas juraria por sua vida que ouviu algo naquela noite. Um som como o de um machado penetrando em madeira, até mesmo através da grossura do casco. Meio dormindo, ele considerou sair de seu beliche para ver se alguma coisa havia atingido o casco do barco.

Então houve um barulho de água, como se uma onda tivesse atingido o convés. Achou que isso era normal. Nenhum dos outros homens se levantou. Ele não queria ser aquele a entrar em pânico, ser marcado como tolo e covarde ao mesmo tempo.

Além disso, Cade logo sairia para o convés – seu turno de vigília era o próximo. Continuou ouvindo atentamente, mas deve ter caído no sono mais uma vez. Porque a próxima coisa que percebeu foi que Adams, o primeiro imediato do navio, estava chacoalhando-o violentamente, gritando-lhe perguntas.

Ele mal tinha seus olhos abertos quando Adams esmurrou seu rosto. As palavras vindo da boca do imediato finalmente fizeram sentido a Cade.

– Onde está ele? – Adams exigia saber – Responda, desgraçado. Onde está ele?

Cade conseguiu gaguejar a verdade: ele nunca foi acordado para seu turno de vigília, devia ter dormido a noite inteira. Adams bateu nele mais algumas vezes e

depois o empurrou até o convés. Os outros marinheiros seguiram atrás.

A luz do dia estava apenas começando a romper o horizonte. O capitão estava sobre a amurada, seu rosto contorcido como se estivesse tentando manter a comida no estômago. Não havia ninguém mais no convés. Cade estava confuso. Então percebeu que era *aquilo* que eles queriam que visse. Não havia ninguém mais no convés.

O homem que ficara de vigília à noite tinha sumido. Desaparecido, como se tivesse simplesmente caído no mar.

Cade disse ao capitão e ao imediato tudo o que sabia, o que não era muito. Após algumas horas gritando com ele – e eventualmente batendo nele de novo – decidiram que ele estava falando a verdade.

Isso não era o suficiente para explicar aonde o homem – o nome dele era Talbot – tinha ido, no meio da noite, no meio do oceano.

Chamaram Talbot de suicida. Acontecia com mais frequência do que qualquer um gostaria de admitir. Afogar-se era considerada uma forma agradável de partir. Cade ouvira dizer que era como pegar no sono, assim que a água começasse a encher seus pulmões.

Então pararam de falar a respeito de Talbot, e a tripulação baixou para 29. Mas todos olhavam Cade de uma maneira um tanto estranha. Até mesmo seus dois amigos mais íntimos, Jonas e William.

O que quer que tivesse acontecido a Talbot, Cade tinha escapado por pouco. Ninguém tinha certeza se isso fazia dele um sortudo ou simplesmente o próximo na lista.

Os poucos dias seguintes foram silenciosos. O navio continuou com sua lenta viagem. Dentro de um mês, Talbot foi esquecido, e todos começaram a conversar novamente sobre como planejavam gastar seu pagamento quando retornassem a Boston.

Então, aconteceu novamente. Mais dois homens da tripulação desapareceram de noite. Long, o homem de vigília, e Ellery, um tanoeiro que preferira dormir no convés. Não havia como esconder isso, mas, por alguma razão, o capitão e Adams recusaram-se a falar a respeito.

Sem mais baleias para matar, a tripulação nada tinha além de tempo. E eles falavam. Rumores contaminaram o barco inteiro. Alguns dos homens disseram que o homem de vigília vinha agindo estranhamente com o tanoeiro, que era um assunto de dinheiro devido em um jogo de cartas.

Aquilo não satisfaz muitos homens da tripulação por muito tempo. Outro disse que talvez o capitão e Adams estivessem matando todos, para manter todos os lucros para si. Ninguém riu dele. Os marinheiros começaram a levar suas facas com eles para seus beliches. Até que o nome de Talbot surgiu novamente. E o de Cade.

Cade notou que os sussurros paravam sempre que ele se aproximava.

Mais duas semanas se passaram. O capitão permanecia em sua cabine com a porta trancada a maior parte do tempo. Adams carregava um porrete consigo para qualquer lugar que ia e o usava toda vez que ouvia alguém murmurar nem que fosse só uma palavra sobre os desaparecimentos.

A paz desconfortável persistiu até encontrarem o corpo no convés. Outro homem da vigília noturna. Owens, dessa vez. Mas em vez de ter desaparecido no ar ou nas profundezas do oceano azul, o que quer que o tivesse matado o tinha deixado ali como um troféu.

Cade conseguia se lembrar do grito de quando outro marinheiro encontrou Owens – um som alto, quase infantil. Ele e o restante da tripulação amontoaram-se em volta, apesar dos melhores esforços de Adams para empurrá-los para trás.

A garganta de Owens tinha sido dilacerada, sua cabeça estava presa ao corpo por uns poucos fios de cartilagem. Apesar do enorme ferimento, não havia uma única gota de sangue no convés. Nem em qualquer outro lugar.

O corpo de Owens estava pálido como se tivesse permanecido o último mês inteiro embaixo do mar. Cade não tinha certeza sobre quem dissera primeiro. Mas ouviu tão claramente quanto os outros homens: “vampiro”, alguém sussurrou.

E, em um instante, todos estavam repetindo aquilo, sem parar, em seus diferentes sotaques e vozes. Vampiro. Vampiro. Vampiro. E olhavam para Cade enquanto diziam isso.

Demorou apenas um segundo para a multidão transformar-se em turba enraivecida. Cade tinha sido poupado na primeira noite, então ele agora era o único suspeito, o único alvo. Adams gritava ordens, mas ninguém ouvia. Ele correu em direção à cabine do capitão, onde as únicas armas eram mantidas.

Seria tarde demais para ajudar Cade. Os homens eram uma parede em torno dele, se aproximando, determinados a fazer algo – qualquer coisa – para lidar com o horror que estava vivendo com eles no barco.

Uma mão forte pegou Cade pelo braço, e ele alcançou a sua faca. Ele ao menos cairia lutando. Mas então foi puxado para trás, em direção à parede do castelo de proa, e William e Jonas se colocaram na frente dele. William tinha um arpão e segurava-o estendido de forma que ele quase tocava o primeiro homem na multidão.

– Pare – William disse. Ele não era tão corajoso a ponto de sua voz não tremer. Mas o arpão ficou firme. – Este é Nathaniel, malditos sejam vocês. Ele é um de nós.

Os marinheiros encararam Cade, e ele devolveu-lhes o olhar fixo. E algo neles se rompeu. Eles o enxergaram e viram que William tinha razão. Cade estava tão apavorado e desorientado quanto eles. O homem com a ponta do arpão de William no peito baixou os olhos e deu um passo para trás. A suspeita dos outros homens desapareceu – como o sol por detrás de uma nuvem.

Adams e o capitão estavam ali por aquelas horas, apontando pistolas e gritando, mas a turba enraivecida havia partido, substituída pelos homens com os quais Cade tinha vivido e trabalhado por mais de um ano.

O corpo de Owens foi ao mar. Adams e o capitão ordenaram mais tarefas e trouxeram o chicote para qualquer um que hesitasse em cumprir suas obrigações mesmo que ligeiramente. O capitão começou a usar sua pistola no cinto, só como um lembrete.

Conseguiram colocar ordem no navio, pelo menos um pouco. William e Jonas permaneciam próximos a Cade após aquilo. Nunca disseram, mas temiam por ele. E, talvez, eles o temessem, apenas um pouco.

Após o quase motim, tudo ficou constante como um mecanismo de relógio. Os marinheiros tentavam permanecer acordados todas as noites, mas por fim a exaustão tomava conta deles. As tarefas extras não ajudavam, e Adams chicoteava a todos para conseguir cada fração de velocidade do vagaroso e velho baleeiro.

No entanto, quanto mais próximos estavam de chegar em casa, mais homens desapareciam. Dia após dia, o número de tripulantes diminuía. Se dois homens ficassem de vigília, ambos sumiam. Às vezes, um corpo era deixado para que todos vissem, na maior parte das vezes não havia um rastro sequer.

A palavra “vampiro” ainda estava circulando. Cade ouvia discussões sobre a criatura – desacordos sobre suas habilidades e poderes, dependendo do lugar de origem de cada homem. Stavros, um grego, chamava-o de *vrykolakas* e insistia que este tomava a forma de uma jovem mulher. O cozinheiro português dizia que ele podia voar e caçava-os vindo do alto, como uma águia. Supostamente teria uma força surpreendente e não precisava de ar ou água, contanto que tivesse sangue suficiente.

Ninguém sabia porque tinha escolhido o *Charlotte*, ou mesmo como teria se juntado a eles. Mas todos concordavam: estavam seguros apenas à luz do dia.

O capitão nunca saía de seus alojamentos agora, dia ou noite, e para todos os efeitos, Adams estava no comando. E eles aprenderam rapidamente a não usar a palavra “vampiro” perto dele. Ele respondia com um porrete ou uma chicotada. Tinha certeza de que seus homens estavam desertando, afogando a si mesmos para escapar dos espíritos e fantasmas de suas imaginações. Estava tentando parar isso, da única forma que sabia.

Olhando para trás, Cade quase conseguia entender a forma de pensar do imediato. Marinheiros eram extremamente supersticiosos, mesmo para a época. Se uma palavra chegasse à terra sobre o *Charlotte* sendo assombrado por algo sobrenatural, os dias de comandar um navio estariam acabados para o capitão e o imediato. Nenhum marinheiro jamais os seguiria de volta ao mar, e nenhuma empresa contrataria um capitão que não conseguisse montar uma tripulação.

Adams provavelmente não queria passar fome. Era um homem racional. Nunca chegou a acreditar no vampiro. Não até o último momento.

Estavam a menos de uma semana do porto quando Samuel, um marujo de convés – um menino, na realidade, não tinha mais que 16 anos –, enlouqueceu. Ele tinha passado o último dia encolhido em seu beliche, recusando comida, recusando água, recusando se mover até mesmo quando Adams baixara o porrete nele.

Cade, que se lembrava como era ser um ajudante de bordo, trouxe ao garoto uma xícara do barril de água fresca no convés. Samuel a pegou, agradecido, e então agarrou o braço de Cade quando este se virou para ir embora.

– Nathaniel – ele disse, a voz baixa e urgente. – Temos que sair deste barco, temos que sair.

Cade não soube o que fazer. A mão de Samuel parecia uma alga de ferro em volta de seu pulso.

– Estamos quase em casa – ele disse. – São apenas mais alguns dias.

– Não – Samuel disse. – Temos que sair deste barco imediatamente. Não há mais tempo.

– Estamos quase em casa – Cade disse de novo, tentando afastar-se dele.

Samuel sentou-se em seu beliche e puxou o rosto de Cade mais para perto.

– Não – ele sibilou. – Você não entende. Eu estava lá fora no convés na noite passada. Estava lá fora... E eu vi aquilo. – Seus olhos estavam cheios de pânico. – Ele estava lá – Samuel disse. – Como se fosse dono do navio inteiro, vigiando através da amurada. Parecia um homem, mas eu vi... Eu vi aquilo!

Cade afastou-se bruscamente do garoto, tentando encontrar algo reconfortante para dizer.

– Vamos contar ao Adams – ele disse. – Vamos dizer a ele e... – Ele não continuou. Com um grito esganiçado, Samuel derrubou-o e correu para o convés.

Cade seguiu atrás dele. Quando chegou à porta, viu Samuel já perto da amurada.

O resto da tripulação estava paralisado, observando-o com a mesma atenção que teriam dado a um tubarão.

– Temos que sair deste barco! – ele berrou para eles. – Todos vocês! Temos que fazer isso!

– Calma, garoto – um dos outros marinheiros, Quinn, Cade se lembrou, disse a Samuel.

– Vocês não entendem! – Sam gritava, lágrimas descendo por seu rosto agora. – Eu vi aquilo! *Eu vi aquilo!*

E depois ele pulou. Todos correram para a amurada, mas não havia traço dele na água abaixo.

Ele afundou como uma pedra. Cade, em pé junto aos outros, percebeu que estavam olhando para ele. Então, Adams rompeu o silêncio.

– O sol está baixando – ele disse. – Acho que temos que nos preparar.

Nunca houve escassez de lâminas afiadas em um baleeiro. Os que sobraram da tripulação armaram-se com pontas de arpão, lanças, facas e fateixas.

Foi dada uma lanterna ou uma tocha para cada homem. Dois barris de óleo de baleia foram despejados dentro dos fogões de tijolo no convés, usados normalmente para fazer o óleo. Agora estavam apenas sendo usados para fornecer a maior quantidade de luz possível. Fumaça grossa e oleosa encheu o ar.

Cade segurou sua tocha em uma mão e um ferro de ponta dupla na outra. A tripulação – reduzida a 16, com a saída abrupta de Samuel – parecia calma. Até mesmo confiante. A noite estava caindo rapidamente, mas agora eles estavam pegando em armas contra o invasor. Talvez fossem morrer. Mas, dessa forma, morreriam como homens, de pé, e não como gado selecionado do rebanho e abatido.

Então o capitão anunciou que estava partindo. Iria pegar uma das baleeiras à vela cheia em direção a Georges Island, no porto de Boston, e ao forte militar dali. Voltaria ao barco com soldados e armas. Estavam a menos de um dia de distância. Era o melhor plano, ele disse.

Os homens não disseram nada, porque o capitão estava com a arma na mão. Ele não a colocou de volta em seu cinto enquanto não estava bem longe do *Charlotte*. Da amurada do barco, todos o viram partir.

Adams decidiu que deveriam vasculhar o navio. Eles prenderam o timão na posição, no curso para Georges Island, e se dividiram.

Como homens mais novos da tripulação, William, Cade e Jonas frequentemente pegavam os piores trabalhos. Aqui não foi diferente. Foram enviados para o porão, para encontrar o que quer que se escondesse ali.

O porão nunca tinha parecido tão grande antes. Cade seria capaz de vasculhá-lo sozinho. Três deles deveriam ter sido capazes de encontrar qualquer coisa ali. Mas o silêncio se escancarava ao redor de Cade como um abismo e sua lanterna mal parecia tocar a escuridão. Agarrou com força o ferro do arpão em sua mão direita e deu outro passo para frente. Ouviu algo, como um suspiro, e deu a volta em uma pilha de barris.

A coisa ainda estava se alimentando de Jonas. Naquele meio segundo em que ela estava ocupada, Cade teve um vislumbre do que os estivera caçando há dias. Era mais alto do que Cade, mesmo com as costas curvadas. Seu corpo parecia distorcido, sua cabeça longa demais para o pescoço, seus cotovelos dobrados na posição errada.

Os olhos de Cade fixaram-se nas garras longas e pontiagudas no fim de seus braços, as que seguravam Jonas. Cade não tinha muita imaginação à época. Nunca tivera tempo para isso, com as horas de trabalho e a luta apenas para se manter alimentado.

Mas teve o primeiro e único lampejo de intuição em sua vida olhando para aquelas garras. Lembrou-se do som de algo se cravando no casco, como se usando garras para sair da água e subir ao barco.

Percebeu que aquilo era exatamente o que havia acontecido. A criatura nunca havia estado no barco. Mas onde mais uma coisa que odiava a luz do sol se esconderia? Uma coisa que não precisava respirar? Ela havia se agarrado à parte de baixo do navio, esperando que eles chegassem ao mar aberto. Até que fosse tarde demais para voltar. A cada nascer do sol, ela havia descido abaixo da linha-d'água, protegida do sol, ela até que ficasse com fome novamente.

Cade estava tremendo. As garras da criatura trabalhavam no peito de Jonas como em um fole, bombeando as últimas gotas de sangue pelo ferimento em seu pescoço. Foram os dentes que arrancaram Cade de sua paralisia – a repugnância diante daquelas presas longas e finas como agulhas. Reflexo puro tomou conta dele. Lembrou-se do ferro do arpão em sua mão e gritou enquanto se lançava contra o vampiro.

Nem viu mais Jonas após isso, o corpo de seu amigo pendendo como carne em uma prateleira daqueles braços estranhamente curvados. Apenas golpeou cegamente a coisa que o segurava.

O vampiro apanhou-o no ar e segurou-o com os braços estendidos enquanto terminava de sugar Jonas. Sabia que Cade estivera ali o tempo todo. Ele não era uma ameaça. Cade debateu-se. Atacou furiosamente com o ferro. A lâmina atingiu algo.

Então o vampiro havia sumido. Movera-se rápido demais para que ele pudesse ver. Jonas estava sentado no chão, uma grande cavidade entalhada onde seu pescoço antes unia-se a seus ombros. Seus olhos ainda pareciam implorar a Cade.

Cade não se importava mais. Sua mente finalmente alcançara seu corpo e ele não queria mais nada além de correr. Já era tarde demais. Houve um sussurro, e a seguir ele estava voando através do porão. Atingiu um barril com força suficiente para estourá-lo.

Outro leve sussurro no ar e ele estava voando novamente. Dessa vez, pousou nas pranchas do assoalho, o rosto primeiro.

A lâmina tinha desaparecido. Vagamente, percebeu que estava sangrando, dois talhos sangrentos acima e abaixo de seu peito. A coisa estava bem em cima dele agora. Sentiu-se levantado novamente, mas apenas até a boca da coisa. O hálito em seu pescoço era gelado e rançoso, o cheiro de um esgoto aberto durante a chuva.

Sua cabeça inclinou-se para trás o suficiente para ver que a coisa havia sido arranhada levemente, na lateral de sua face deformada. Uma pequena gota de sangue saiu do arranhado, pendeu na ponta de sua mandíbula... E caiu sobre Cade.

Ele nem ao menos havia ferido a coisa. Mas conseguia sentir sua fúria, como o

calor saindo de um fogão. De alguma forma, sabia que fora a afronta de ter sido tocada que detonou a raiva da criatura. Ela brincava com ele, em vez de simplesmente estripá-lo.

Todos aqueles pensamentos foram se recolhendo na distância, ficando mais e mais longe. Sabia que não havia passado muito tempo, mas suas pernas e seus braços estavam amortecidos. Sentia frio.

Duas coisas o salvaram.

Primeiro, outra luz: ao longe, talvez a milhões de quilômetros de distância. Alguma parte remanescente dele sabia que era William, voltando para ajudá-lo. Ele estava correndo o mais rápido que podia, mas tudo era muito lento para Cade. O vampiro teve que se voltar levemente para confrontar o ataque de William.

A segunda coisa: o barco encalhou nas pedras próximas a Georges Island. O porão inteiro sacudiu e estremeceu, e a coisa em seu pescoço foi jogada para longe com o impacto. Cade pousou em algum lugar em um canto, os sons do madeiramento do navio gemendo contra o insulto da colisão. Tentou ficar de pé novamente. Não conseguiu.

A escuridão tomou conta dele. Achou que estava morto. Alguma pequena parte de si estava feliz, porque isso significava que ele não teria de viver mais em um mundo onde coisas como aquela existiam. Jamais estivera tão enganado.

Tudo doía. O mundo inteiro era o gume de uma navalha, fatiando Cade, quando ele abriu seus olhos. Nunca havia sentido antes os milhões de fiapos minúsculos nos fios de suas roupas, mas agora eles rasgavam sua pele como espinhos. O chão de madeira do porão parecia tão pontiagudo quanto rochas, onde tocava seu rosto. Seus ossos estavam pesados demais, parecendo que romperiam sua pele, como se ela fosse de papel.

Tudo doía. O fedor do mar lá fora, como se preenchesse suas narinas com ácido. A luz, onde ela penetrava através da fenda no casco. O ar, um peso de chumbo em seu crânio, em seus pulmões. Mas tudo isso não era nada se comparado ao vazio no mais profundo de si.

As palavras “sede” e “fome” eram pequenas demais para o que Cade sentia. Humanas demais. Até mesmo palavras como “ânsia” ou “inanição” não poderiam começar a descrever o vazio, a furiosa necessidade, quando ele acordou. Tinha passado fome antes – sua família era pobre, o motivo pelo qual acabara se tornando aprendiz em um baleeiro aos 16 anos. E sentira sede, quando os suprimentos de água no barco reduziam-se ao fundo úmido do barril.

Nada disso nem ao menos chegava perto de como ele se sentia agora. Era como se estivesse murchando dentro de si mesmo – sucumbindo até um ponto mais ínfimo e duro que era de alguma forma também maior do que qualquer outra coisa no mundo.

Podia sentir a si mesmo desaparecendo dentro do vazio interior. Agarrava-se ao que tinha restado, mas seu corpo berrava de dor, e ele não tinha forças para aguentar.

Seu coração não mais batia – derramava. Lentamente movendo o sangue em seu corpo, pingando cada gota preciosa. Ele podia senti-lo.

Outros cheiros o atingiam. Seu sentido do olfato parecia tão afiado quanto sua visão agora. Vagamente, conseguia conectar os vários aromas e variedades de odores com memórias de pessoas que tinha conhecido. Parecia ter sido muito tempo atrás.

Havia Quinn, que mascava folhas de tabaco constantemente, até que isso aromatizasse todo seu corpo com um leve odor picante. Havia Avery, que já estava morrendo de sífilis, mas ainda não sabia, não sentia os pequenos animais mastigando seu cérebro, os quais se destacavam no seu cheiro como um verme em uma maçã. Adams, o imediato do navio, um almíscar, como carne seca salgada.

E, mais perto, mais familiar, William. Ele conhecia aquele nome. E Jonas. Imagens ao acaso. Sentando-se com eles, conversando, vagando pelas ruas de Boston procurando mulheres e bebida, com uma ânsia que parecia quase exótica, em comparação. Cenas curiosamente desprovidas de qualquer ressonância emocional.

Um novo e esmagador cheiro o atingiu. Um cheiro rico, de cobre no ar. Um cheiro delicioso. Todas as memórias desapareceram, lavadas pelo cheiro puro e claro do sangue deles.

Saltou através do porão, seus músculos pulsando com nova potência. Jonas e William estavam empilhados ali, como se fossem pacotes esperando que ele os abrisse. Jonas estava morto – seu sangue já levemente corrompido, levemente velho, começando a cheirar mal. Mas a coisa que havia se alimentado dele tinha deixado o suficiente para outra refeição. E ainda estava morno o suficiente.

Seus caninos abriram caminho para fora de sua boca, e ele dilacerou a carne de sua presa. Enterrou seu rosto no sangue. Tinha um gosto maravilhoso. Bebeu profundamente, e cada célula em seu corpo gritou com algo que era por demais frio, por demais escuro, para ser chamado de alegria. Jonas esvaziou-se rápido demais. Ele jogou o cadáver para o lado, virou-se para o outro corpo.

Então ouviu algo. Uma palpitação, fraca mas que ainda estava lá. Inclinou-se para a garganta de William. Viu os olhos de William se abrirem, ouviu-o dizer um nome com sua última reserva de força:

– Nathaniel...

Ele conhecia aquele nome de algum lugar. Simplesmente não se importava mais. Bebeu o sangue vivo, e este foi ainda melhor. Sentiu seus ferimentos se fecharem, sentiu estruturas se modificarem dentro de si e soube que estava dando os últimos passos para longe do que havia sido. Sabia disso. Apenas não se importava.

Houve um ruído acima dele. Ignorou aquilo também. Sentiu, mais do que ouviu, o couro de botas nas escadas do porão. Intrusos. Não sentiu medo. Eles eram lentos e

não eram uma ameaça verdadeira, seus novos sentidos diziam-lhe isso. Eram homens. Eram presas.

Percebeu seu erro quando ouviu a respiração ofegante. Eles já estavam sobre ele. Armas sacadas. Apavorados e prontos para atirar. Sentiu o cheiro do medo deles, juntamente com o ranço de suor, por sob a pólvora e o óleo de seus rifles. Largou o corpo, agora vazio, no chão do porão. Já tinha esquecido seu nome. Voltou-se para os homens.

Talvez, se ele fosse alguns minutos mais velho em sua nova vida, teria saltado sobre eles mais rápido. Talvez tivesse ido mais longe e os dilacerado, e teria começado sua nova vida livre de qualquer aparência de humanidade.

Mas eles estavam preparados, e Cade foi muito lento. Eles atiraram. Sentiu a pressão em seu peito – não dor, mas pressão – quando a saraivada de tiros jogou-o para trás. Viu seu próprio sangue, pulsando para fora de novos buracos em sua pele. Tentou levantar e não conseguiu.

Olhou para cima, para o homem na liderança dos intrusos. Viu o ódio e a repugnância em seus olhos. Viu a si mesmo ali. De repente, lembrou quem era. Misericordiosamente, foi quando o homem bateu nele com a coronha do rifle e tudo se tornou negro.

– Quando acordei novamente, estava em uma cela. Encontrei o presidente Andrew Johnson. Foi assim que minha segunda vida começou.

Zach estava sentado no chão, com suas costas para a parede. Na maior parte do tempo, não tinha nem mesmo olhado para Cade. Apenas ouvira.

– Cade – ele disse, a voz suave. – Sinto muito.

– Não sinta – Cade disse, agora irritado. – Você estava certo. A questão nesta história não é que eu seja uma boa pessoa por baixo de tudo. Eu fui uma pessoa. Mas agora não sou.

– Isso não é verdade. Você está lutando contra isso. Você está tentando...

– Sr. Barrows – Cade disse pacientemente. – Matei meu melhor amigo para me alimentar. E não senti nada. Sou um vampiro e um assassino. O que quer que eu faça neste mundo, não mudará isso. Posso lutar do lado dos anjos até o dia do Juízo Final, mas ainda assim estou condenado.

– Então por que fazer isso? Por que se importar?

O rosto de Cade estava agora totalmente nas sombras, então Zach não pôde ver sua expressão quando ele falou novamente.

– Porque – Cade disse – é algo pelo qual vale a pena lutar. Isso é tudo o que importa.

Zach pensou sobre isso por um longo tempo. Mas teve que admitir:

– Não consigo entender.

– Talvez entenda – Cade disse. – Algum dia.

TRINTA E NOVE

Nem Cade, nem Zach falaram por um longo tempo. Cade consultou seu relógio mais uma vez. A luz lá fora havia sumido.

– Pôr do sol – ele disse. – Vamos encontrar Konrad.

Zach hesitou quando chegaram ao carro. Cade estava no banco do motorista, mas Zach não entrou.

Cade saiu novamente e olhou para Zach por cima do teto.

– O que foi? – perguntou.

Zach parecia perturbado.

– Por que vamos atrás de Konrad?

– Nada mudou. Ele ainda é a prioridade.

– Tem certeza disso?

– Sim – Cade disse simplesmente.

Zach fechou a cara.

– Faça uma pergunta estúpida... – Ele se afastou da porta do carro.

Cade queria retomar a investigação. Voltar à caçada. Mas conteve sua impaciência.

– Sei que não está acostumado a falar diretamente. Mas precisa começar a fazer isso.

– Acho que talvez devêssemos voltar a D.C. Reagrupar. Consultar o presidente.

– Não há tempo – informou Cade.

– Alguém tentou nos explodir, Cade – Zach disse. – Você não acha que talvez devêssemos dar uma pausa e reconsiderar a estratégia?

– Não.

– Então é assim? Você simplesmente está certo, e eu simplesmente estou errado? Você já pensou que essa rixa que tem com Konrad está atrapalhando seu julgamento?

– Ele tem as respostas de que precisamos. É simples assim.

– Ele não colocou aquela bomba, Cade. Foi Holt. Você me disse isso. Então, por que a CIA está tentando nos matar?

Enquanto uma parte de seu cérebro falava com Zach, Cade sentiu-se forçado a parar e reconsiderar. Não seu curso de ação – Zach estava errado nisso –, mas ele vinha focando demais em sua presa. Não tinha considerado outra ameaça.

– Você está certo – Cade disse, interrompendo qualquer observação sarcástica que Zach estivesse fazendo. – Entre no carro.

Zach pareceu confuso.

– Estou? Espere, o quê?

Cade ligou o motor. Zach entrou do lado do passageiro.

Foram até o local do abrigo. Agora estava abandonado, isolado por uma fita da polícia. Nada além de escombros.

Cade saiu do carro e caminhou por ali. Zach o seguiu.

– O que estamos procurando?

– Não sei – admitiu Cade.

Como Holt tinha conseguido plantar a bomba? Não havia como alguém tê-los seguido até o abrigo. Ele teria notado. Vampiros vinham retornando a seus covis há séculos – nenhum deles teria sobrevivido se fosse possível humanos rastreá-los sem serem percebidos.

A única resposta: um traidor. E não um traidor qualquer. Alguém com acesso aos mais altos níveis da Casa Branca. Alguém que sabia da localização do abrigo, de todos os abrigos de Cade, alguém que conhecia todos os seus segredos.

Ele detestava admitir isso, mesmo que para si mesmo, mas Zach tinha razão. A caçada era muito mais complexa – e perigosa – do que ele havia permitido a si mesmo considerar.

Pior ainda, Cade não poderia proteger o garoto. Não até que soubesse o que estava enfrentando.

Havia apenas uma coisa a se fazer.

– Não preciso de você aqui – ele disse para Zach. – Vá para casa.

– O que disse?

Ele levou a mão para seu bolso e tirou o resto do dinheiro. Lançou o maço de notas para Zach.

– Pegue isso. Vá para o aeroporto. Vá para casa.

Zach apanhou o dinheiro com uma só mão. Mas ainda parecia perplexo.

– Espere, o que você vai fazer?

– Ainda tenho trabalho a fazer aqui.

– Então, eu também tenho.

– Sem choramingos – Cade disse.

Zach olhou para ele.

– Sem choramingos? O que isso quer dizer?

– Desculpe. É uma expressão antiga que significa...

– Não dou a mínima para o que é. Fale comigo, Cade. Você não pode simplesmente me dispensar como se eu fosse um menino de recados. Fui escolhido para ajudar você...

– Você não pode – Cade disse simplesmente. – Você estava certo. Você não está preparado para isso. Volte para Griff. Entregue-lhe o relatório. Diga que entrarei em contato assim que possível.

Zach pareceu magoado.

– Eu não estava tentando... Quero dizer, não significava que eu queria desistir...

Cade virou-se e se afastou.

– Vá para casa, Zach – ordenou.

Já estava preparando sua estratégia. Era um tipo diferente de presa. Uma nova caçada. Cade atravessou correndo a rua, deixando Zach parado ao lado do carro. Desapareceu em segundos. Precisava de informação. E tinha certeza que sabia onde poderia consegui-la.

QUARENTA

Tânia foi mantida em um átrio no centro da construção – teto alto, claraboia com cobertura retrátil e uma fonte interna decorativa. Konrad o chamava de seu jardim Zen, um lugar para meditação.

Poderia ter alcançado a claraboia com um único salto fácil, mas o alcance do colar se estendia ao telhado também. Ela estaria morta antes de sair a céu aberto.

A maior parte do tempo, mantinha-se sentada. Conseguia ficar muito, muito quieta e imóvel. Mas estava começando a ficar com fome. Estava acostumada com refeições regulares.

O barulho da água da fonte era suficiente para confundir sua audição a maior parte do tempo. (Honestamente, como alguém conseguia pensar com aquela barulheira? Não parecia muito meditativo.) Entretanto, ela captou algumas conversas aqui e ali. Konrad ao telefone, fazendo reservas para jantar. Konrad com uma paciente, assegurando-lhe que seus seios nunca pareceram tão bonitos. Ou mandando uma enfermeira injetar Botox.

Tânia ouviu tudo e armazenou em sua memória perfeita sem realmente prestar atenção. Estava morta de tédio.

Estava sentada como uma estátua quando a porta para o átrio estalou e abriu. Uma voz ecoou de alto-falantes colocados no teto.

“Abri um caminho do jardim até a primeira sala de operações” – Konrad disse ao interfone. – “Por favor, venha unir-se a mim.”

Um clique e depois a voz dele voltou.

“Tenho certeza de que não preciso dizer a você o que acontece se você se desviar do caminho.” – Outro clique, então silêncio.

Tânia pensou em desobedecer, mas isso somente provocaria um choque causado pelo colar. De maneira nenhuma Konrad iria tentar trazê-la de volta, ele mesmo.

Ela o tinha subestimado. Isso era óbvio pela nova joia que estava usando. Seu erro fora tratá-lo como se fosse humano. Deveria ter pensado melhor. Portanto, levantou-se e andou pelo corredor, diretamente até a primeira sala de operações, que estava acesa como um cassino de Las Vegas. Todas as luminárias do alto estavam a toda intensidade e diversas outras lâmpadas cirúrgicas tinham sido arrastadas para a sala. Não havia uma única sombra em um canto sequer.

Tânia estremeceu, ainda sensível pela queimadura por UV da noite anterior.

– Tem que estar assim tão malditamente claro aqui?

Konrad sentava-se em um banco ao lado da mesa de operações. Lançou um sorriso distraído.

– Sim.

Havia partes na mesa. Algumas pareciam orgânicas. Outras pareciam metálicas. E diversas pareciam uma horrenda fusão de ambas.

– Tenho pensado sobre você. E Cade. Bem, em sua espécie inteira, na realidade.

– Tenho certeza de que todos nós nos sentimos honrados.

– Há alguma coisa muito infantil sobre o vampiro – declarou Konrad. – A dieta líquida. O ato de sugar. Como um bebê. E a crença infantil de que a morte nunca virá. Isso os torna arrogantes. Um tanto descuidados. A imortalidade veio até vocês como um golpe de sorte. Vocês não fazem ideia de como essa dádiva é preciosa e, portanto, vocês a desperdiçam.

– Você não quer apenas plateia esta noite, não é? Porque, se for o caso, eu preferia que você apertasse esse botão.

Ele baixou seu bisturi e a sonda, então pegou o controle remoto.

– Vou presumir que você está sendo sarcástica, em vez de suicida.

– Você vai me matar de todo jeito.

– Verdade. Mas depois é melhor do que antes, não é? Não há motivos para querer apressar isso.

Tânia olhou para baixo.

– Não. Não há.

– Exatamente – Konrad disse. – De fato, tenho um servicinho para você. Preciso que você pegue alguns ossos humanos para mim. De solo consagrado. Um esqueleto completo, se possível. Eu próprio iria, mas você sabe como isso termina. Você rouba um túmulo, então, antes de se dar conta, uma turba está alinhada do lado de fora de sua casa com tochas...

A expressão de Tânia indicava que ela não o achava tão divertido como ele pensava. Ela aguardou que ele liberasse um caminho até a saída, mas Konrad não terminara sua palestra.

– Isso, na realidade, me leva de volta ao meu ponto. Você não precisa de nada além de sangue e mesmo assim ganha dinheiro. Muito. Acho isso curioso. Por que alguém como você se importaria com todos esses enfeites do ser humano? Você não precisa circular, de forma alguma, no mundo da luz do dia. Você sabe o que eu acho?

– Acho que você vai me dizer.

Ele sorriu distraído novamente.

– Acho que você ainda está apegada ao mundo humano. Porque Cade se movimenta nesse mundo. Você permanece ligada a ele. É fascinante, realmente – ele disse. – Nunca tinha visto um de vocês capaz desse nível de autoilusão. Nem mesmo Cade.

– O que quer dizer com isso? – Tânia estava de repente interessada.

– Tenho vivido há muito tempo – Konrad disse. – Tudo sempre acaba se

resumindo a três coisas. Amor e dinheiro são as duas primeiras. Mas você não quis meu dinheiro e não é na verdade capaz de amar. Isso deixa apenas a terceira.

– E qual é?

– Medo – Konrad disse. – Você tem medo dele. Está tentando acalmá-lo com sua falsa afeição. Mas uma parte de você espera que eu consiga matá-lo. Porque, algum dia, ele virá atrás de você, Tânia. Bem como do resto de sua espécie.

O rosto de Tânia não demonstrou emoção alguma.

– Talvez isso seja verdade – disse. – Talvez Cade vá me matar. Mas você não viverá para ver isso.

– Outra ameaça? Eu achei que por essas horas você já teria percebido que não vai vencer.

Tânia ignorou aquilo.

– Eu comi um terapeuta uma vez – ela disse. – Tinha um gosto amargo. Mas, antes de morrer, ele me disse coisas sobre projeção. É quando você imagina que outras pessoas tenham emoções que você está tendo. Você fala tanto sobre eu estar com medo de Cade. Acho que é você quem está com medo dele.

Konrad riu alto com desdém.

– Essa é uma clara tentativa de me insultar.

– Talvez. Mas se você é tão esperto e quer Cade morto, por que não faz isso você mesmo? Por que oferecer uma recompensa lá fora? Por que enviar seus amigos do Governo?

– Cade é um inseto. Não preciso sujar minhas mãos com esse tipo de trabalho.

– E, mesmo assim, você tinha toda aquela aparelhagem em sua casa. Luzes, este colar. Como se tivesse planejado para ele. Sabe o que eu acho? Acho que você é um covarde. Você o quer morto acima de tudo, mas está morrendo de medo dele.

O rosto de Konrad tornou-se sombrio. Ele pegou o controle remoto e, por um momento, Tânia achou que tinha ido longe demais.

Por um segundo, Tânia experimentou a sensação nova do pavor.

Ele lhe deu as costas, dispensando-a.

– Vá – ele disse. – Se não estiver de volta em uma hora, eu aperto o botão. Seja uma boa menina e ganhará meio litro de sangue quando voltar.

– Qual porta? – ela perguntou.

Konrad apontou uma porta nos fundos.

– Sinta-se livre para usar o beco. Você vai se sentir em casa.

Tânia andou em direção à porta. Mas Konrad tinha que dar a última palavra.

– A armadilha nunca foi destinada para Cade – revelou. – Para começo de conversa, ele jamais teria sido estúpido o bastante para deixar isso lhe acontecer.

Engolindo uma réplica, Tânia partiu. Konrad não iria simplesmente matá-la agora, iria revidar a afronta. Seria longo e doloroso. Ela considerou ultrapassar o prazo-

limite, só para sair daquilo da forma mais fácil.

No entanto, tinha que admitir que ele estava certo: não tinha razões para apressar aquilo.

QUARENTA E UM

A verdade é mais sinistra. Em 1978, uma equipe de engenheiros do governo estava perfurando através das rochas para expandir a gigantesca base subterrânea secreta em Dulce, Novo México, quando encontraram uma caverna contendo dúzias de Cinzentos. Um tiroteio se seguiu, com sessenta e seis agentes do Serviço Secreto e FBI mortos antes de um “agente secreto de alto nível do governo”, supostamente respondendo apenas ao próprio presidente, conseguir restaurar a ordem (de acordo com as minhas fontes). Alguns “especialistas em alienígenas” ou “investigadores paranormais” dirão a vocês que os Cinzentos, assim como os Reptilianos, são na realidade alienígenas, enviados aqui para colonizar e subjugar o planeta Terra. *Isso é desinformação.* Como sua presença no subterrâneo indica, eles são na realidade adversários antigos do homem, que têm nos importunado por gerações. O fato de o governo dos EUA ter alcançado um acordo com essas coisas nos diz tudo o que precisamos saber sobre quem realmente manda.

– Website anônimo

Zach estava sentado no carro em um estacionamento no Aeroporto Internacional de Los Angeles. A coisa mais inteligente a fazer seria seguir o conselho de Cade e ir para casa. Nunca quis esse trabalho. Não era o planejado. Tinha passado tanto tempo planejando e fazendo manobras, entrando exatamente na posição certa.

E não era como se estivesse fugindo. Cade tinha lhe *dito* para ir. Sabia que tinha feito o melhor possível. Suas costelas doíam desesperadamente. Ainda cheirava à fumaça e ao pó de concreto da explosão. Pessoas estavam tentando matá-lo. Isso definitivamente não era parte do plano.

Checou seu telefone. Ainda tinha bastante tempo antes de pegar o voo noturno para D.C.

Então, agora que ele tinha um motivo para a fuga, por que estava hesitante?

Talvez porque algo na forma como Cade o tinha dispensado o irritou. Zach nunca havia sido despedido de um emprego. Nunca tinha falhado em uma tarefa antes. Não gostava da ideia de que aquilo era demais para ele – apesar de se dolorosamente verdadeira.

Saiu do carro, uma mão agarrando o maço de dinheiro. Pela janela do carro, teve um vislumbre triste de si mesmo. Ele parecia uma porcaria martelada. Zach se concentrou no pensamento de uma ducha quente e um terno limpo. Até mesmo a ideia de esticar-se na poltrona da classe executiva com uma cerveja gelada soou como puro luxo. Aquilo ajudava a diminuir seus receios.

Com certeza iria atrair olhares estranhos dos seguranças do aeroporto, mas possuía uma identificação governamental. Poderia responder quaisquer perguntas. Andou em direção ao terminal. Então parou novamente.

E se isso realmente fosse parte do plano? E se esperassem que ele estivesse ali? E se conseguisse ajudar a prender Konrad, mesmo quando foi mandado desistir? Poderia provavelmente dizer qual trabalho queria na Casa Branca. Talvez Cade o estivesse testando, vendo se ele desiste quando as coisas se tornam difíceis. Por outro lado, talvez ele fosse apenas teimoso.

Voltou a entrar no carro e pegou seu telefone via satélite. Com um toque, acionou a tela de GPS. Foi fácil de encontrar o endereço de Konrad. O telefone até mesmo ofereceu a ele o caminho esquina após esquina.

Zach torceu os fios e ligou o carro novamente. Ainda não tinha terminado. Iria

mostrar para Cade, e para todos os demais, que ele não era apenas um mala nessa viagem. Pretendia provar que poderia ser um herói, no final das contas.

QUARENTA E DOIS

Helen largou suas chaves na mesa de entrada e entrou em seu apartamento. Era como uma sala de operações: limpo e esterilizado. Nada de fotos de família ou pilha de roupas sujas. Nada que o tornasse pessoal. Nesse sentido, era um reflexo perfeito dela.

Helen estendeu a mão para o painel do alarme e inseriu o código de segurança. Seu lar estava equipado com um sistema capaz de detectar movimento, mudanças de temperatura, até mesmo diferenças na composição do ar ambiente no aposento. A Companhia cuidava de seu capital humano.

Apesar disso tudo, foi cuidadosa. Alguma coisa devia estar fora de lugar. Algo lhe dava essa impressão. Ou ela estava apenas paranoica. Pegou a pistola escondida em sua bolsa de mão, segurando-a com as duas mãos em postura de tiro...

Nada. Balançou a cabeça reprovando a si mesma e baixou sua arma.

Helen cruzou a sala até seu sofá e ligou a televisão. A arma foi parar na mesa da ponta, onde o controle remoto tinha estado. Ela esfregou seus olhos. Bocejou.

Uma voz fria sussurrou em seu ouvido:

– Srta. Holt.

Para fazer-lhe justiça, ela não gritou. Buscou a arma.

Cade jogou-a sobre o balcão de café da manhã, dentro da cozinha. Ela trombou com a geladeira e caiu ao chão. Cade já estava sobre ela antes que pudesse recuperar o fôlego. Ela levantou o olhar para ele, incredulidade estampada em seus olhos.

– Você está morto – ela deixou escapar.

Cade a suspendeu até ficar em pé e empurrou-a de novo contra o balcão.

– Já faz algum tempo – ele disse.

– Como...?

– Posso encontrar qualquer pessoa – ele disse. – Cada um de vocês possui um cheiro único. Em uma cidade de dez milhões de pessoas, apenas leva um pouco mais de tempo.

Na realidade, Cade simplesmente a tinha seguido desde seu escritório. Não custava nada aumentar a reputação. Não que ela fosse ter a chance de contar a alguém.

Ele conseguiu ver o esforço que ela fez para disfarçar o choque em seu rosto. Ela se inclinou para trás, franzindo o rosto com dor, e cruzou os braços.

– Pelo menos matei aquele seu amiguinho irritante?

Cade aproximou-se novamente.

– Você deveria estar mais preocupada com suas próprias chances de

sobrevivência, Srta. Holt.

Ali. Ele viu o medo atávico, rastejando nas profundezas do cérebro dela, notificando-a do perigo. Cade tentou não se deleitar com isso, mas o predador nele amava a sensação. O medo puro da presa encurralada, sem nenhuma chance de lutar ou fugir.

Observou Helen tentando conter o pânico, lutando para respirar fundo. Ela olhou para a sala. O alarme mais próximo estava do outro lado da cozinha. O telefone também. Seu *pager* de emergência estava em sua bolsa, lá fora no *hall*. Ele tinha bloqueado efetivamente seu acesso a qualquer forma de pedir ajuda.

Ela notou as roupas dele.

– Você está ridículo – afirmou. – Andou fazendo compras no corredor de liquidações?

Ele olhou com admiração. Holt estava tentando ganhar tempo, fazendo Cade falar.

Cade deu mais um passo, e a postura dela desmoronou. Estava a apenas um passo dela agora.

– Quer viver, Srta. Holt?

Ela engoliu com força.

– Sim – ela disse, a voz rouca.

– Então, conte-me algo útil.

– Sou uma cidadã e uma agente do Governo dos Estados Unidos – ela sibilou. – Você não pode tocar em mim.

Aquilo o surpreendeu. Ela sabia sobre o juramento, mesmo que não soubesse exatamente como funcionava.

– Onde você ouviu isso?

Um sorriso de desdém, apesar do medo.

– Sabemos muito mais sobre você do que você sobre nós.

Ela tinha acertado ali, pelo menos. Mesmo assim, ele estendeu a mão e delicadamente cutucou-a com um dedo.

– Meu juramento de proteção não se estende a traidores. Você ficaria surpresa com o que posso fazer com pessoas desse tipo.

Aquilo causou uma reação. Os olhos dela brilharam com ódio.

– Não sou uma traidora – disparou.

– Claro que é. Você está protegendo Konrad. O que eu não sei é o motivo.

– Não faço política. O alto escalão disse para vigiá-lo. Estou apenas fazendo meu trabalho.

– Apenas seguindo ordens? Eu estava lá quando essa forma de defesa foi inventada. Não funcionou na época, também.

– Não se faça de santo comigo. Eu vi seu arquivo. Você fez coisas monstruosas em nome de Deus e do país. Somos exatamente como você, Cade. Sujamos nossas

mãos.

Cade sentiu-se tentado a rir na cara dela.

– Você acha que é como eu?

– Sei o que você fez.

– Não faz ideia do que fiz. Tenho estado neste planeta há 163 anos. Enchi de corpos cemitérios inteiros. Assisti o Inferno irromper na Terra uma dúzia de vezes. Matei seres mais velhos do que a raça humana. Você tem razão, fiz coisas monstruosas. Porque sou um monstro. Enquanto você... Você é meramente humana.

Ele deu mais um passo para perto. Agora estava a centímetros do rosto dela. Ela começou a tremer.

– Por que está protegendo Konrad? O que ele está oferecendo a você?

– Não posso dizer – respondeu. – Pode me chamar de traidora, pode me matar...

– Poderia, sim. Mas quero saber: por quê?

– Não posso, não posso.

Cade deixou sua voz cair a um sussurro.

– Então, não há nada mais a dizer, há?

Os olhos de Helen se dilataram quando ela percebeu o que aquilo significava. Ela tomou sua decisão rapidamente.

– Disse a você antes – ela falou. – Ele é um bem valioso. Você parece não entender, Cade, estamos enfrentando a mesma guerra. Nós apenas nos recusamos a lutá-la desarmados.

Cade sabia o que ela estava vendendo. Colocando-se como outro soldado. À mercê de forças maiores do que ela, tentando fazer o que era certo em um mundo insano.

Claro que ele também a viu pegar uma faca da gaveta que estava atrás dela.

– Ele pode nos dar ferramentas de que precisamos. Ele ainda é brilhante. Podemos usá-lo.

– Não foi isso o que eu perguntei – Cade disse. – O que quero saber é: o que ele está oferecendo a *você*?

Ela tentou parecer confusa. Falhou.

– Não compreendo.

– Você foi longe demais, Helen. Você tentou me matar. Seja quem for para que você trabalhe, não acho que isso foi ideia deles. Posso apenas pensar em uma pessoa para quem isso serviria: Konrad.

– Não, você está enganado, eu não estou...

Cade disse com a voz baixa como um rosnado.

– Não minta para mim novamente. Última chance: o que Konrad ofereceu a você?

Ela pareceu indecisa. Calculando. Por um segundo, ele achou que tinha visto o verdadeiro eu dela, por baixo de todas as fachadas cambiantes.

Abruptamente, ela estendeu a mão e arrancou o colar de sua garganta.

– Morda-me – gritou.

Cade ficou genuinamente surpreso. Deu um passo para trás.

– O quê?

– Faça-me como você. – A voz dela estava implorando. – Por favor. Faça. Farei tudo o que você quiser, conto tudo... Mas você tem que me dar isso.

– Não é... Nem sempre funciona – Cade disse, a verdade saindo aos tropeços de dentro dele.

A mudança não agia em todas as vítimas de uma mordida. A maioria das pessoas simplesmente morria. Algumas saravam. Ele não sabia a razão.

Os olhos dela estavam transtornados quando olhou para ele. Agora ela deu um passo mais para perto dele, e ele recuou novamente.

– Conheço as chances. Você acha que eu não sei? Eu quero isso. Eu quero.

– Não – ele disse, não mais com dúvidas. Era um fato simples, embutido nele como leito de rocha: ele nunca espalharia a doença.

– Posso forçá-lo a fazer isso – ela disse.

Ele não se incomodou em responder àquilo. Era simplesmente absurdo demais. Então, ouviu algo vindo da TV.

“... para Jennifer Espinoza em Culver City” – o âncora com o rosto esfoliado estava dizendo.

A tela mudou para uma tomada de uma atraente jovem em pé diante do que parecia ser um parque.

“Roger, estou aqui no Cemitério Holy Cross, onde alguém mostrou um senso de humor doentio ao roubar o túmulo do famoso ator de terror Bela Lugosi. A polícia diz que alguém levou todos os restos mortais de Lugosi, mais conhecido por fazer o papel de Drácula no clássico filme...”

Cade virou a cabeça, como um cão que fareja.

“Lugosi foi enterrado em uma das muitas capas de seu mais famoso papel. Portanto, a polícia está monitorando o eBay e outros sites de leilão no caso de alguém tentar...”

Cade ficou momentaneamente frustrado. Konrad nunca seria tão óbvio. Era quase como mandar a ele uma mensagem.

Helen achou que ele se distraíra. Puxou de repente a faca.

Cade não se importou. Ela não poderia feri-lo. Ela lhe deu um sorriso insensível.

Ele percebeu com um segundo de atraso. Ela já tinha a ponta serrilhada em sua própria garganta. Com um golpe rápido, ela abriu sua própria jugular. Jorrou sangue em sua blusa, e no chão da cozinha.

Cade gelou.

O sangue dela estava por toda parte. Em todo seu corpo. O cheiro dele, rico,

fresco e morno.

Ainda sorrindo, Helen dobrou-se no chão conforme a vida escorria para fora de si.

– Venha – ela sussurrou. – Faça.

Cade sentiu suas presas abrirem caminho para fora de sua boca, contra sua vontade.

Ele se virou e correu. Quase arrancou a porta de suas dobradiças ao sair do apartamento.

Sua audição inumana captou uma pequena zombaria vinda do fundo da garganta dela.

– Bicha – ela disse.

QUARENTA E TRÊS

Na Europa, durante a Idade Média e mesmo depois, as bruxas eram conhecidas como notórias ladras de sepulturas. A dissecação de corpos, em busca das partes que precisavam para suas “poções mágicas”, é famosa no folclore. Não faz muito tempo, a única forma de estudantes e faculdades de medicina conseguirem corpos para dissecação e estudo era contratar ladrões de túmulos. Às vezes, quando os alunos não conseguiam contratar outras pessoas para fazer o trabalho abominável, eram obrigados a fazê-lo eles mesmos.

– Cláudia De Lys, *Um Tesouro de Superstições Americanas*

Konrad ouviu a porta dos fundos da clínica abrir. Checou seu Patek Philippe. Bem na hora. Tânia entrou na sala com um saco de lixo sobre o ombro. Konrad não conseguiu deixar de sorrir. Ela parecia um duende, carregando presentes para um Papai Noel psicopata.

Ela deixou cair o saco na mesa de operações. Konrad estremeceu um pouco, apesar de a condição dos despojos não importar.

– Peguei o que você queria – ela disse.

– Bom trabalho – ele disse. – Você recebe sua parte no acordo. Está bem ali.

Ele apontou. Um saco com sangue tipo O estava no balcão.

Tânia, odiando-se por sua avidez, arremeteu em sua direção e o rasgou com seus dentes. O sangue desceu por sua garganta em dois goles macios.

Konrad estava ocupado tirando os restos mortais do saco. O corpo estava na maior parte decomposto, com longas tiras de tecido morto aqui e ali. O resto eram ossos.

– Você consegue usar isso? – Tânia perguntou.

– Oh, sim – ele disse. – Foi muito difícil, faz tanto tempo. Quando eu estava procurando pelo Elixir da Vida. Quando eu ainda era um mero alquimista.

Os olhos de Konrad se tornaram suaves e calorosos enquanto ele arrancava a carne remanescente do osso.

– Foi como se os céus se abrissem quando eu afinal descobri o segredo. A morte é, paradoxalmente, fundamental para a sobrevivência. Nossos corpos estão em um constante estado de mudança. Células devem morrer para serem substituídas. Deter esse processo, congelá-lo, é transformar tecido vivo em estado cadavérico.

Ele utilizou uma serra para cortar os membros em pequenos pedaços. Areia e pó voaram para o ar.

– A morte em si guardava o segredo da vida eterna. Logo aprendi o que sua raça sempre soube, a nível celular. O processo pode ser detido, mas somente se você estiver disposto a se tornar um cadáver vivo.

Tânia fez uma careta.

– Nós dois estamos em excelente forma para cadáveres.

Konrad começou a cavar o osso com uma cureta de metal, raspando alguma coisa.

– Porque bebemos regularmente da fonte da juventude, minha querida. Sabemos que imortalidade e rejuvenescimento não são a mesma coisa.

Konrad apertou um botão na parede, e sua máquina desceu do teto. Até mesmo Tânia achou aquela coisa perturbadora.

Konrad colocou as raspagens amorosamente em um dos braços coletores do equipamento. Então, ativou-o, e os pedaços de osso e medula entraram em um recipiente, onde começaram a ser imersos em algum tipo de fluido.

– Vida requer morte – Konrad disse, seu rosto extasiado. – E a morte consome a vida.

Konrad começou a raspar mais osso, Tânia foi aparentemente esquecida.

Ela se perguntou se conseguiria chegar à porta enquanto ele brincava com o corpo.

Ele olhou para ela novamente, parecendo acordar.

– Você não entende – ele disse. – Ela veio até você por acidente. Mas eu tive que persegui-la e caçá-la, fazê-la minha. É por isso que meu prêmio é muito mais puro do que o seu.

Tânia apenas olhou-o fixamente. Tinha visto todos os tipos de emoções humanas refletidas pelos olhos. Quem quer que tenha dito que eles eram a janela da alma, estava certo. Ela tinha visto suas presas a encararem com medo, ódio, fúria, descrença, até mesmo amor.

Mas havia algo que nunca havia visto, ali, nos olhos de Konrad. Ela se perguntou se estava vendo a insanidade verdadeira pela primeira vez.

Ele sacudiu a cabeça, como se sentindo pena dela.

– Você não entende. Não. Venha. Vamos colocar você de volta em sua gaiola.

Controle remoto na mão, ele a levou de volta ao átrio no centro do prédio.

Tânia estava nervosa. Tinha a sensação de que a ida ao cemitério era a última coisa de que ele precisava. Mas Konrad parecia tão feliz agora. Calmo por ter tocado a morte.

Talvez ele não fosse se vingar dela no final das contas.

Ela entrou no átrio e sentou-se ao lado da fonte. Ele aguardou ao lado da porta, sorrindo.

Algo foi desligado. Tânia percebeu isso imediatamente. Olhou para cima.

A tela sobre a claraboia havia sido recuada, de modo que conseguia ver as estrelas. Olhos escancarados devido à compreensão, ela voltou-os a Konrad.

– O nascer do sol será em umas poucas horas – ele disse. – Talvez você possa aprender algo novo sobre medo nesse espaço de tempo.

– Seu filho da puta – acusou, olhando em volta freneticamente atrás de algo que pudesse protegê-la da luz solar quando esta viesse.

Nada. O ambiente estava vazio como sempre.

– Não há nada que você possa fazer – Konrad confirmou. – Não deixei uma passagem secreta livre para você ou qualquer coisa para torturá-la com esperança.

Não sou realmente o tipo de vilão que torce o bigode, sinto dizer. Para mim é suficiente que você passe seus últimos momentos em completo desespero. Você vai morrer.

Ele fechou a porta.

Tânia ficou em pé ali, aguardando. Se sentisse que possuía o direito, rezaria para que Cade a encontrasse. Tinha chamado bastante atenção durante seu serviço para Konrad. Tinha que funcionar. Ele era sua única chance.

A porta abriu-se novamente, Konrad sorrindo.

– Achei que você deveria saber: Cade já está morto. Meus parceiros cuidaram disso essa manhã.

Tânia sentou-se, entorpecida. A fonte barulhenta parecia estar rindo dela.

QUARENTA E QUATRO

Konrad foi para casa. Começou a fazer as malas. O jogo estava quase terminado. Agora era o momento de cumprir com suas obrigações finais e partir dessa porcaria triste e esparramada de cidade.

Cade estava morto. Estranhamente, isso não parecia mais um triunfo para ele. Talvez porque, como dissera a vampira, não o fizera com suas próprias mãos. Mas isso era ridículo. Tinha planejado a morte de Cade. Tinha matado milhares ao longo dos anos. Supôs que sua falta de contentamento se devia simplesmente ao fato de Cade ter sido, afinal de contas, um obstáculo igual aos outros que se voltaram contra ele.

Colocou umas poucas de suas melhores roupas em uma mala, uma preciosa cópia de *Mein Kampf*²⁷ em sua maleta, juntamente com um maço de notas de dólares e euros. Tantas coisas ele teria que deixar para trás. Mas já fizera isso antes. E havia diversas lojas na Europa onde poderia reabastecer seu guarda-roupa e suas prateleiras de livros. Havia deixado outras casas com menos preparação. Ao menos, dessa vez, não havia camponeses ao portão.

Houve uma batida forte na porta da frente. Ele suspirou. Talvez tivesse falado cedo demais.

O jovem à porta não esperou ser convidado a entrar. Para nenhuma grande surpresa. Parecia um produto típico do sistema americano: musculoso e superalimentado, saudável e atraente apesar de sua óbvia estupidez suína. Vestia uma blusa de moletom com o nome de alguma universidade inferior, da mesma forma que crianças pequenas precisam de bilhetes presos em suas jaquetas.

– Onde ela está? – perguntou ao empurrar Konrad para abrir seu caminho.

– Onde está quem?

– Não. Não venha com essa merda – ele disse, apontando um dedo ameaçador para Konrad. – Onde está Nikki?

Nikki. Tão completamente previsível.

– E você seria...?

– Cara, sou o namorado dela.

– Vocês tinham uma relação aberta, suponho.

O jovem deu mais um passo para perto dele, entrando no espaço pessoal de Konrad.

– Está querendo um chute no traseiro, amigo?

Konrad sorriu.

– Estou simplesmente dizendo que ela nunca mencionou um namorado.

Ele sorriu com desdém.

– Oh, sim. Você achou que ela estava apaixonada por você? Que ela estava conseguindo tudo o que precisa aqui? Acorde, vovô. Você vem pagando nosso aluguel faz algum tempo.

– Ah! – Konrad disse. – Então, você é o cafetão dela.

O jovem o empurrou, com força.

– Falei para tomar cuidado com a sua boca, meu velho.

– Sim. Sim, você falou.

– Agora. Onde ela está?

– Gostaria de poder ajudá-lo. Mas não a tenho visto desde a última vez que comi ela.

O namorado/cafetão fechou o rosto diante daquilo. Empurrou Konrad com o ombro, dizendo:

– Fiz uma pergunta, cara. Onde ela está?

– E eu disse para você: eu não sei.

– Mentira. Você telefonou. Ela veio. Voltei ao apartamento hoje e ela não está lá.

– Talvez eu não seja o único cliente dela – um sorriso passou pelos lábios de Konrad. – Ou talvez ela não esteja, como você colocou, “conseguindo tudo o que precisa” em casa.

O cafetão levantou o punho, pronto para socar Konrad, então se deteve. Demorou um instante, mas sorriu abertamente quando percebeu.

– Você fez algo com ela, não fez?

– Não sei do que está falando – ele disse firmemente.

O homem ostentava presunção.

– Claro que não. E aposto que é isso que você diria aos policiais também.

– E é para onde você está indo, eu presumo – Konrad disse. – Porque está tão preocupado com a sua amada.

O cafetão assentiu com a cabeça.

– Receio que sim, cara. A menos que...

Ele deixou em suspenso. Konrad contraiu o rosto diante da deselegância, da grosseria da abordagem. Mas aquele pequeno calo no sapato tinha razão: ele não poderia permitir uma visita da polícia naquele momento.

– Quanto? – Konrad perguntou.

– Dez mil – desembuchou. Quando viu que Konrad não reagiu à quantia, acrescentou – Para começar. Então, veremos.

Amador, Konrad pensou. Tudo bem. Tudo o que fosse preciso para tirá-lo do caminho.

Konrad assentiu brevemente, dirigindo-se a seguir para a sala principal. Abriu um cofre de parede escondido atrás de uma aquarela original da Viena pré-guerra.

Retirou um envelope, fez questão de mostrar que conferia o dinheiro dentro e

estendeu-o ao cafetão.

– Aqui está – disse. – Espero que isso diminua sua ansiedade em relação a Nikki.
O cafetão agarrou o envelope.

– Veremos – ele disse, com o mesmo olhar presunçoso. Colocou a mão dentro do envelope e começou a contar o dinheiro.

Derrubou-o de repente, como se tivesse sido mordido.

– Ai! Maldição, cara, que diabos?

Trouxe os dedos, sangrando, até sua boca.

As notas tinham se espalhado pelo chão. Uma pequena lâmina de metal cintilava entre elas.

Konrad mostrou-se apropriadamente pesaroso.

– Oh, perdoe-me. Por favor. Aceite minhas desculpas

O cafetão já estava respirando pesadamente.

– Isso é algum tipo de piada doentia?

– Você está se sentindo bem? – Konrad perguntou.

O cafetão balançou a cabeça, inseguro. Colocou a mão por baixo de sua camisa e puxou uma arma. Apontou na direção de Konrad, mas seus olhos estavam embaçados e desfocados.

– Que diabos você fez comigo?

– Tente se acalmar – Konrad disse, a voz macia. – Posso ajudar, sou médico.

Havia, logicamente, agentes químicos de ação rápida que teriam impedido o sistema nervoso do homem de enviar ou receber quaisquer sinais, fazendo seu corpo entrar em convulsões e sua pele se desprender. Mas Konrad rejeitou-os. Havia algo sintético e deselegante neles. Como sempre, estava mais interessado em ver o que o corpo humano poderia fornecer.

Cade havia mencionado a variante da gripe feita durante a guerra. Agora ela parecia um brinquedo de criança para ele. O Führer tinha desejado encher bombas com isso e dispará-las na Inglaterra, mas Konrad rejeitara definitivamente a coisa toda. Ela se espalharia incontrolavelmente e poderia até mesmo virar-se contra seu criador. Inaceitável.

Ele não desmerecia seu próprio conhecimento, claro. Konrad vinha manipulando DNA décadas antes de Watson e Crick descobrirem a dupla hélice, mas os avanços nos equipamentos nos últimos cinquenta anos – microscópios de corrente de tunelamento, sequenciadores genéticos, computadores – propiciaram-lhe um novo nível de precisão e sutileza. Com essas ferramentas, poderia criar um cardápio de escolhas e inovações infinitas.

Para o cafetão, ele tinha decidido usar uma pequena e nova variante com a qual vinha se divertindo há algum tempo. Assistira a um programa de televisão, quem diria, sobre um defeito genético muito raro que não concedia, a quem sofresse dele,

imunidade alguma contra o vírus do papiloma humano. Um corte, até mesmo um arranhão, e a pele começava a acumular verrugas.

Era feio, mas não fatal. Konrad estudou a literatura. Decidiu que poderia consertar aquilo. Preparou um envelope de emergência, com uma lâmina afiada escondida em um maço de notas, para exigências como a do cafetão. O patogênico espalhado pela lâmina precisava apenas de um pequeno corte para entrar no corpo e, uma vez dentro, se espalhava rapidamente.

Ele verificou seu relógio. Contando trinta segundos.

O revólver do cafetão começou a chacoalhar. Ele tremia nas extremidades.

– Eu disse, que diabos você fez comigo, seu cretino? – o cafetão quis saber. Revirando os olhos agora. Suor escorrendo por sua testa. Konrad se perguntou se o homem teria controle muscular suficiente para apertar o gatilho.

O cafetão engasgou violentamente, derrubando o revólver. Não, aparentemente não. O pânico encheu seus olhos.

– O que você...?

Isso foi tudo que ele conseguiu dizer antes de as erupções começarem.

Agarrou sua garganta, tentando respirar. Konrad teve uma boa visão dos primeiros tumores no pescoço e no queixo do homem. Espalhavam-se como ninhos de aranhas, correndo por sua pele.

O cafetão não conseguia vê-los, mas os sentiu em suas mãos. Olhou-as fixamente como se pertencessem a outra pessoa, a boca aberta em um horror mudo.

Os tumores borbulhavam, um após o outro, preenchendo cada faixa de pele macia, trocando-a por escamas duras e parecidas com chifres. (Um aumento no conteúdo de queratina de cada célula, graças ao vírus.) Espirais de pele, contorcidas como cascas de caramujos, girando e crescendo para fora e para cima.

Quando tinham colonizado toda a superfície da pele, começaram a construir um por cima do outro, estendendo tubos de alimentação para baixo do nível subcutâneo. Músculos, intestinos e gordura – tudo seria mais combustível para os minúsculos motores virais, a todo vapor.

Konrad imaginou que aquilo deveria ser incrivelmente doloroso.

Não que o cafetão pudesse dizer algo a respeito. Sua boca estava repleta de estruturas em forma de raiz sendo cuspidas de sua garganta, conforme os tumores preenchiam qualquer espaço vazio que encontravam.

Então, ele caiu no carpete felpudo, ao lado de sua arma. Uma mão tentou alcançá-la. Seus dedos tinham mais ou menos desaparecido, no entanto, fundidos em algo como um casco de animal.

Um olho fixou-se em Konrad em meio a um poço de carne em motim. O outro estava já fechado.

O cabelo foi chupado de volta ao couro cabeludo conforme a multidão de vírus

consumia mais e mais células de pele, acumulando-se em camadas como uma casca de árvore. Em um instante, os últimos fios foram sugados para dentro da massa inchada. Os ouvidos agora eram apenas pequeninas fendas no lado de seu crânio.

Os sapatos do cafetão explodiram quando seus pés incharam como balões. Seu corpo estava quase todo consumido. Por dentro, seus ossos teriam sido atacados e convertidos em mais comida para os tumores.

Ele parou de estremecer. Os tumores desaceleraram, então pararam. Konrad esperou. Cinco segundos. A camiseta do cafetão explodiu, e as raízes pularam para fora da cavidade de seu peito, lançando-se em busca de alguma carne nova, uma última tentativa de sobreviver.

No entanto, nada estava sob alcance. As raízes ondularam debilmente por mais um segundo e a seguir caíram. Mortas. O que sobrou no chão parecia mais um fungo do que um homem. Konrad verificou seu relógio novamente. 5 minutos e 39 segundos.

Nada mal. Quase totalmente inútil como uma arma, logicamente. Requeria direta inserção na corrente sanguínea do indivíduo e não se espalhava além de um único portador. Mas o processo era fascinante, apesar disso. Completa conversão da biomassa humana em uma forma não viável, reconstruindo a estrutura genética inteira em poucos minutos.

Isso é o que seus patrões nunca entenderam, desde o Führer até os soviéticos, e agora os árabes. Eles sempre o aborreciam atrás de armas biológicas ou antraz, ou algum tipo de peste. O que Konrad fazia não era ciência. Era alquimia. E alquimia trabalhava com resultados não repetíveis. Era o que o tornava único – insubstituível. Não daria a ninguém uma arma que pudesse ser duplicada facilmente sem ele.

Konrad sorriu para si mesmo. E pensar que o chamavam de louco.

Zach viu tudo. As janelas da casa de Konrad emolduravam a cena como uma tela de TV de plasma. Não se incomodara em fechar as persianas – provavelmente nunca pensou que alguém estaria assistindo dos arbustos.

Mas Zach viu tudo. Quando a vítima de Konrad começou a mudar, a se transformar naquela coisa em forma de planta, ele quase gritou. Em vez disso, perdeu o apoio dos pés no declive íngreme e escorregou cerca de seis metros até a cerca de alambrado abaixo.

Aquele filho da mãe demente, pensou. Estava lutando para se levantar. O choque desaparecera. Tudo o que ele queria agora era punir Konrad. Faria com as próprias mãos se precisasse. *Aquele filho da mãe* não iria se safar daquilo.

Zach começou a escalar o aclave como se fosse um soldado correndo até as linhas inimigas.

Cinco minutos depois, conseguiu se agarrar a uma das escoras que apoiavam a

casa no morro, suando e ofegando. Tinha vencido cerca de três metros. Não estava em forma. Cade tinha razão. Não estava preparado para isso.

Mas Cade estava. E provavelmente ficaria radiante ao saber que o bom doutor tinha finalmente cometido um crime punível com a morte.

Zach retirou seu telefone da jaqueta e teclou o número de Cade na discagem rápida.

Demorou um segundo para conectar. Ele começou a falar imediatamente.

– Cade, ouça, estou na casa de Konrad...

Isso foi o máximo que conseguiu dizer quando percebeu duas coisas: a primeira era que tinha discado errado. Estava falando com a secretária eletrônica de Griff. Nem ao menos com seu celular. Tinha pegado o telefone da casa do agente por engano. A segunda é que alguém colocara um braço em volta de seu pescoço. Foi forte o suficiente para torcer sua cabeça bem acima de seu corpo. Ele não conseguia se mover.

Então, atrás dele, ouviu a voz do latino pesadão da noite anterior. Rindo dele.

– Você é hilário – Reyes disse. – Estava quase deixando você entrar só pelo prazer de rir.

Zach queria fazer algum tipo de comentário espirituoso para salvar sua dignidade, quando a mão de Reyes avançou e tirou seu telefone.

Mas ele não conseguia respirar. Nada saiu de sua boca conforme a pressão em volta de seu pescoço aumentava. A escuridão chamou-o então, e tudo o que ele sentiu foi frio.

QUARENTA E CINCO

Dylan esfregou seus olhos e bebeu mais café. Não ajudou. Estava caindo de sono na mesa do restaurante da parada de caminhões.

Tinha dirigido, o mais rápido que podia, mas apenas conseguiu uns tantos quilômetros por hora do caminhão. Não chegaria a tempo ao ponto de encontro. Tudo o que queria era enrolar-se feito um gatinho no banco de vinil e fechar seus olhos.

Não conseguiria chegar. Khaled o mataria. Pior ainda, ele não seria pago. Estava tão preocupado que não percebeu quando o homem sentou-se à sua frente na mesa.

– Você parece cansado – disse quando Dylan afinal o notou.

Dylan pulou em seu banco, embora o homem tivesse uma aparência bem inofensiva. Terno barato, camisa branca e gravata preta. Óculos com aros de metal.

– Sim. Estou bem esgotado – Dylan disse cautelosamente. Talvez fosse apenas algum contador procurando sexo anônimo em um banheiro de parada de caminhões. Dylan tinha ouvido certas histórias.

– Posso ajudá-lo com isso – o homem disse.

Definitivamente um perverso. O rosto de Dylan contorceu-se com nojo. O homem sorriu.

– Não estou dando em cima de você, Dylan. Ou deveria chamá-lo de Ayir al-Kelba?

O sujeito sabia seu nome. O sujeito sabia seu nome secreto. Agora Dylan sabia que deveria sair correndo. Mas o medo o manteve preso ao banco.

Antes de Dylan conseguir decidir o que fazer, o homem passou-lhe um envelope comum de papel.

– O que é isso?

– Abra.

Dylan ficou desconfiado. Se aquilo fosse um trote, não fazia sentido. Se o cara fosse do governo, já devia saber o suficiente para prendê-lo. Por que se incomodaria em armar para ele?

Os olhos do homem traíram um toque de impaciência por detrás de seus óculos.

– Não estou tentando fazê-lo cair em uma armadilha. Acho que você tem assistido TV demais. Apenas abra o envelope.

Dylan fez o que ele mandou.

Pílulas. Tabletes amarelos, sem marcas.

– O que são?

– Uma coisinha para ajudá-lo a ficar acordado. Continue dirigindo. – O homem se levantou. – Não se preocupe. Ninguém irá pará-lo. Apenas mantenha seus olhos na

estrada.

Dylan olhou para as pílulas, depois para o homem enquanto ele se encaminhava para a porta.

– Quem é você? – ele sussurrou, tentando não atrair a atenção dos outros clientes.

– Um amigo – o homem disse. – Dirija com cuidado.

Ele saiu, entrando na luz da falsa alvorada, o brilho refletido sobre o horizonte que aparece bem antes do sol realmente nascer. Dylan voltou a olhar para as pílulas em sua mão.

Oh, por que não?, ele pensou, já decidido. Engoliu todas elas com seu café.

Antes que soubesse, estava de volta à estrada, dirigindo com firmeza, sua exaustão uma memória distante. Sentia como se pudesse conquistar o mundo.

Não fazia ideia de quem o cara era, mas essa coisa era das boas. Gostaria de ter agradecido.

QUARENTA E SEIS

O telefonema da Casa Branca veio um pouco antes das 8 horas da manhã. O presidente queria ver Griff. Imediatamente.

Curtis parecia soturno quando ele chegou. Wyman parecia prestes a cantar de alegria.

Isso não é bom, Griff pensou. Temeu que talvez tivesse pegado muito pesado a respeito da conexão com o Kuwait. Talvez ultrapassado alguma fronteira diplomática. Mas Wyman... Wyman parecia contente demais.

– Onde estão Cade e Zach Barrows? – o presidente perguntou em voz baixa.

– Ainda não tive notícias deles hoje, senhor.

O presidente remoeu aquilo como a um pedaço de chiclete. Acenou com a cabeça para um dos homens do Serviço Secreto.

– Mostre a ele.

O agente virou a tela do vídeo em uma mesa rolante para que esta ficasse de frente para Griff. Ela mostrava uma construção bombardeada, concreto despedaçado e vidro estilhaçado espalhados por toda a área do estacionamento.

– O que é isso? – Griff perguntou.

– Isso – o presidente disse – é o que sobrou do abrigo de Los Angeles.

Griff conteve o pânico. Cade estava bem. Poderia sobreviver a coisas piores do que aquela. Mas se tinha acontecido durante o dia...

– Nós acobertamos o fato dizendo que foi uma explosão de gás – Wyman disse. – Não encontramos nenhum corpo.

O alívio inundou Griff. Então, algo mais fez seu trajeto até o centro de seus pensamentos.

– Por que não fui notificado disso?

– Imaginamos que você já soubesse – Wyman disse. Lançou uma grossa pasta para Griff. – Leia isso.

Griff leu.

Registros telefônicos. Ligações, feitas e recebidas. Todas entre Griff e a Clínica Prometeana em Los Angeles.

Depois a cópia de uma reserva eletrônica, feita em nome de Griff, para um voo em direção a L.A., na semana seguinte.

E, por fim, no fundo da pasta, seu histórico médico. Incluindo a última série de exames, os quais confirmavam a recorrência de seu câncer.

Griff sentiu algo cair feito chumbo no fundo de seu estômago. Olhou para o presidente Curtis. Havia piedade em seus olhos.

– Ninguém está acima da tentação – ele disse. – Especialmente quando se está

diante de uma sentença de morte.

– Nada disso é verdade. São falsificações.

– Claro que são – Wyman murmurou.

Tudo ficou claro para Griff naquele momento. Eles achavam que ele tinha se vendido para provar o gosto de algum milagre de cura que Konrad pudesse oferecer.

Griff tentou manter os pensamentos firmes. Mas era difícil, com a fúria cega extravasando através dele.

– Depois de tudo o que eu fiz...

– Como isso foi acontecer, Griff?

– ... Ainda consigo ver algumas das coisas, quando fecho meus olhos, as coisas que tive que encarar para manter este país a salvo...

– Griff, você tem que admitir que isso não parece nada bom...

– ... crianças aos pedaços, corpos empilhados em prateleiras em um supermercado, coisas que nem ao menos têm nomes e, depois disso tudo, a merda na qual caminhei, vocês têm a coragem de me acusar...

– Agente Griffin! – O presidente estava gritando agora.

Griff percebeu que estava de pé com seus pulsos cerrados. Respirou fundo e sentou-se novamente.

– Perdoe-me, senhor – ele disse.

O presidente franziu o cenho.

– Você diz que nada disso é verdade – disse, apontando para a pasta. – Você diz que não sabe onde Cade e Zach estão ou até mesmo o que aconteceu com eles. Não tenho certeza, mas quase preferia que você estivesse mentindo sobre isso.

– Senhor, eu vou encontrá-los. Cade provavelmente está operando em sigilo. É um procedimento padrão quando há quebra de segurança.

Wyman bufou.

– Você é a quebra na segurança, seu filho da mãe idiota. Acha que vamos permitir que você encubra seus rastros agora?

Griff cerrou sua mandíbula e tentou ignorá-lo.

– Senhor – ele disse, diretamente ao presidente – Não sou estúpido o bastante para deixar um rastro como esse. E se Cade e Zach estiverem correndo perigo...

– Estamos todos correndo perigo – o presidente disse. – Ainda temos uma ameaça lá fora e nossos esforços para encontrá-la literalmente explodiram em nossas caras. Talvez, na semana que vem, possamos sentar e resolver essa bagunça. Se ninguém estiver morto. Mas neste exato instante, tenho milhares, talvez milhões de pessoas correndo perigo. Neste exato instante, seu problema não deveria ser este que está em minha mesa. Você me entende?

Griff baixou a cabeça.

– Sim, senhor.

Curtis respirou profundamente.

– Preciso realmente dizer a você o que vem a seguir?

– Não, senhor.

O presidente parecia enjoado e irritado.

– Saia.

Griff ficou em pé e virou-se para a porta.

Não olhou para Wyman. Naquele momento, a cara do VP poderia ser mais do que ele conseguiria aguentar.

Griff estava quase fora da Casa Branca quando o pessoal da segurança no portão disse-lhe para aguardar. Ficou pensando se iriam prendê-lo afinal.

Alguns momentos depois, Wyman veio por uma saída lateral, três agentes do Serviço Secreto acompanhando-o atrás. *Que ótimo*, Griff pensou. *Ele quer cantar vitória.*

Ele foi até Griff e tentou parecer solene.

– Agente Griffin – disse. – Sinto que tenha chegado a isso.

Eles não tinham tirado sua arma. Griff pensou sobre isso. Ele provavelmente poderia tirá-la do coldre antes de o Serviço Secreto reagir. Poderia atirar pelo menos uma vez antes que eles o derrubassem.

Wyman esperava uma resposta.

– É só isso? – Griff perguntou.

Wyman pareceu em dúvida. Ele mostrava-se genuinamente curioso sobre alguma coisa.

– Você andaria comigo por alguns momentos, agente Griffin?

Griff considerou aquilo. Perguntou a si mesmo se Wyman precisava morrer. Se ele não seria apenas ganancioso, incompetente e corrupto. Se era verdadeiramente mau. Talvez alguém como ele não devesse estar tão próximo à presidência. Talvez isso devesse ser o último ato de Griff na Terra.

– Depende – Griff disse. – Você precisa da comitiva?

Wyman se virou para os agentes.

– Nos deem um pouco de espaço, por favor.

O agente líder assentiu, e o grupo de Wyman ficou a uns quatro metros atrás enquanto ele e Griff andavam em direção ao Rose Garden.

O dia estava esquentando. A primavera estava chegando cedo naquele ano. Griff queria ver as cerejeiras florindo. Teria tempo suficiente para fazer isso. Contanto que não morresse em uma rajada de balas bem ali. Ele e o vice-presidente andavam com tranquilidade incomum, um ao lado do outro. Nenhum deles disse nada até que Wyman falou em voz alta.

– Por que está fazendo isso? – perguntou.

Griff se voltou, surpreso.

– Fazendo o quê?

Os olhos de Wyman vasculharam os de Griff.

– Morrendo. Você não precisa morrer.

Griff riu.

– Todos nós temos que morrer.

Sua mão estava em seu bolso. A jaqueta de seu terno alargou-se, encobrindo seus movimentos. Poderia facilmente alcançar seu coldre.

– Não – Wyman insistiu. – Você não. Vamos cortar o papo furado, certo? Sei que não está envolvido com Konrad.

Ele sussurrou a última parte, no caso do Serviço Secreto estar prestando atenção à conversa.

Griff quase pegou a arma bem naquela hora.

– Mas o que não entendo é: por que não? Ele poderia curá-lo. Poderia salvá-lo. Diabos, ele poderia fazê-lo imortal.

Wyman tinha razão. Griff tinha lido os arquivos. Konrad poderia reajustar o relógio de seu corpo, poderia desaparecer com o câncer como faria com uma mancha sobre um balcão.

– Você realmente não entende droga nenhuma – Griff disse a Wyman.

– Não entendo porque você não usaria algo que poderia salvar sua vida.

Griff olhou-o – realmente tentando ver o homem por trás de tudo aquilo.

– Você não tem algo que não negociaria? Por nada?

Wyman devolveu o olhar sem expressão.

– Não entendo o que quer dizer.

Griff desistiu. Era como tentar ensinar álgebra a uma lesma. De repente, sentiu-se cansado. Não, mais do que cansado. Esgotado. Esgotado com tudo aquilo. Não tinha certeza se aquilo não era outro papel que Wyman estava encenando. O homem não fazia nada além de intrigas, na realidade. Na verdade, Griff não se importava mais.

Wyman podia acreditar no que quisesse. Não era mais trabalho de Griff convencê-lo do jeito real do mundo. Sua mão afastou-se de sua arma.

– Posso ir agora, Sr. Vice-Presidente?

Wyman ainda parecia confuso. Franziu o cenho, depois dispensou Griff como se lavasse suas mãos a respeito dele.

– Você é um tolo – disse, e se encaminhou de volta ao grupo de proteção.

Griff começou a ir para o portão. Calculou que poderia ter acertado pelo menos dois tiros quando teve Wyman sozinho por perto. Cabeça e coração, com certeza. Talvez até mesmo três, antes que os agentes o derrubassem.

Não estava convencido de que Wyman não merecesse isso. Era ainda possível que o vermezinho fosse perigoso e precisasse ser esmagado antes que pudesse causar danos reais. Mas a pior parte era que Griff não sentia mais que isso era

responsabilidade sua.

QUARENTA E SETE

Helen foi ao escritório após sair da sala de emergência, apesar de ainda não ser sequer 5 horas da manhã. Ken tentou ajudá-la a sentar-se em sua cadeira. Ela o repeliu com irritação. Não estava de bom humor. Apesar dos analgésicos e do litro de sangue bombeado para dentro dela, os pontos em seu pescoço doíam terrivelmente.

Cade deve ter disparado o alarme ao sair, porque Ken chegara ao seu apartamento antes que ela pudesse sangrar até a morte. Ele a levava ao hospital mais próximo bem a tempo. Infelizmente, não era a clínica controlada pela Companhia. Seu *status* de operações ilegais era inútil para lidar com burocracia. Passara seis horas presa atrás de uma cortina enquanto ferimentos à bala, *overdoses* de drogas e ataques cardíacos eram tratados à sua volta.

Por volta das três da manhã, policiais apareceram na sala de emergência para perguntar sobre sua possível “tentativa de suicídio”. Seu distintivo foi finalmente útil – ela conseguiu mostrá-lo aos policiais e foi liberada.

Ken a levou para casa, depois ao escritório. Ela não sabia o que iria fazer. Cade ainda estava vivo, o que significava que ela estava ferrada. Konrad nunca lhe entregaria o Elixir da Vida agora, nunca mais lhe confiaria a questão de Cade.

Seu telefone ficou tocando. Ken finalmente atendeu.

– Reyes – disse, após ter desligado. – Ele diz que tem boas notícias para nós.

– Isso não é bom pra cacete?

Ken fechou a boca depois disso.

Alguns minutos depois, Reyes entrou no escritório. Ele olhou para a gaze no pescoço dela, mas sabia que era melhor não dizer nada.

– Então? – ela perguntou.

– Estamos com o garoto – ele disse.

A mandíbula de Helen soltou-se. Talvez os analgésicos estivessem funcionando afinal. As coisas estavam melhorando.

Helen entrou na sala de interrogatório, onde Zach estava algemado a uma cadeira atrás de uma mesa, ambas aparafusadas ao chão. Tinha adormecido, o rosto contra a madeira, como um calouro varando sua primeira noite estudando.

– Bom dia – ela disse alegremente.

Ele endireitou-se rapidamente, piscando. Olhou para a bandagem no pescoço dela.

– Você de ter tido uma noite bem divertida.

Helen abriu ainda mais seu sorriso.

– Nada comparado com a diversão que vamos ter hoje. Café? – ela perguntou.

Estava com duas canecas de café nas mãos, vindas da cozinha no segundo andar.

Ela colocou a caneca em suas mãos algemadas. Ele tinha apenas o tanto de corrente suficiente para levá-la aos lábios. Então, ele se deteve. Olhou para ela e baixou a caneca.

– Não, obrigado – ele disse.

Então, não era tão estúpido quanto parecia. Ou como todas as suas ações até o momento indicavam.

Helen sentou-se à mesa e bebeu um gole, sem pressa.

– Não tenho direito a um telefonema? – perguntou.

– Zach – ela disse, um tom de repreensão em sua voz. – Você não está preso. Na verdade, você nem está aqui. Você não existe.

Ela se inclinou para trás, deixando a informação ser absorvida.

– E se você não existe... Bem, para quem você ligaria? Consegue ver a situação?

Zach deu-lhe um olhar fulminante.

– Você não pode fazer isso.

– Oh, pobre bebê. Nós já fizemos. Você é um combatente inimigo. Nenhuma das regras se aplica a você.

– Trabalho para o presidente dos Estados Unidos.

– Isso foi quando você existia.

Zach fechou a boca e olhou raivosamente para ela.

– Onde está Cade?

Ele deu de ombros.

– Como diabos eu deveria saber? Eu não existo.

– Você é adorável. Eu me divirto tanto falando com você.

– É, eu também. Pena que você tentou me matar.

– A bomba? Você está levando isso muito a sério.

– Sou esquisito assim.

– Você tem circulado com más companhias. Se não estivesse andando por aí com Cade, jamais estaria em perigo. Eu disse que você estava do lado errado.

– Oh, entendo. Você tentou me explodir para o meu próprio bem.

– Você está seguro agora.

Zach olhou para suas mãos algemadas, depois para a porta de aço trancada.

– Sim. Eu me sinto seguro.

– Não me chame de mentirosa, Zach – Helen disse, a voz sem expressão. – Não há nada que me impeça de lançar seus miolos naquela parede. Você está seguro enquanto eu disser que está.

Zach olhou-a profundamente como se tentando ver dentro de sua cabeça.

– De qualquer forma, quem são vocês?

– Mantemos todos seguros. É tudo o que você precisa saber. Mas para que

possamos fazer isso, precisamos que você nos diga onde Cade está. Precisamos de sua ajuda. Preciso de sua ajuda, Zach.

Zach deu de ombros, estava cedendo agora. Ela conseguia sentir isso.

Ele estendeu a mão para o café. Levou-o aos lábios.

Helen sorriu.

Ele jogou a caneca nela, mirando em seus olhos.

Ela foi mais rápida, logicamente. Estava fora da cadeira tão logo ele se movimentou bruscamente, e, de qualquer maneira, o café tinha esfriado. Tudo o que Zach conseguiu fazer foi manchar o colete de seu terninho. O colete de seu terninho *novo em folha*.

O belo rosto dela contorceu-se em um rosnado feroz.

– Seu merdinha – ela sibilou.

Então pegou seu revólver, a coronha para frente, pronta para agredi-lo no rosto. Porém, deteve-se. Lembrou-se das câmaras no teto. Pensou no Controle, em como ele poderia estar assistindo, naquele mesmo instante. Controlou sua fúria e considerou suas opções. Zach ainda estava vivo e ainda era uma ameaça se voltasse a D.C. E mais do que uma ameaça se alguém do alto escalão aparecesse para questioná-lo. Ela não podia deixá-lo ir, e não podia mantê-lo ali.

Cade ainda estava lá fora. Konrad nunca cumpriria sua parte do acordo se descobrisse. E ele acabaria descobrindo, porque Cade era um maldito cão raivoso, simplesmente não iria parar. Voltaria a perseguir Konrad ao cair da noite, se já não estivesse na casa do doutor.

A simples existência de Zach naquela sala, a sobrevivência persistente de Cade no mundo lá fora eram evidências de sua traição da Companhia. Ela não podia deixá-los vivos. Mas não podia matar Zach, não sem atrair a ira tanto da Companhia quanto da Casa Branca. E, sem os recursos da Companhia das Sombras, não tinha a menor esperança de destruir Cade.

Depois havia Reyes e Ken, e eles sabiam tudo o que ela andava fazendo. O Controle descobriria que ela detonara a bomba no abrigo, apesar de suas ordens. Muitas pontas soltas – o mais leve puxão em alguma delas e tudo se desmancharia. Não deveria ser assim. Ela deveria ser imortal por aquelas horas.

Em vez disso, estava encurralada. Então, veio até ela: a solução estava bem ali, naquele prédio. Uma espécie de sutura, para estancar a hemorragia por tempo suficiente para conseguir sua recompensa. Ia dar certo. Tinha que dar certo.

Abruptamente, recolocou o revólver no coldre e saiu da sala. Encontrou Reyes e Ken ainda sentados em seu escritório. Estalou os dedos para Reyes.

– Você está com o telefone dele.

Ele assentiu. Ela esperou meio segundo e estalou os dedos de novo.

– Bem, dê para mim.

Ele o pegou em sua jaqueta e passou para ela.

– Saíam – disse.

Ken hesitou.

– O que você vai fazer?

Ela começou a discar.

– Vou dar um fim nisso.

QUARENTA E OITO

Tânia verificou seu relógio. Pouco mais que 6 horas. O nascer do sol seria supostamente daqui a uma hora, mas o céu estava se tornando róseo. Em menos de 60 minutos, a luz do dia começaria a queimar sobre o horizonte.

A claraboia canalizaria aqueles raios para dentro da sala. Não haveria canto que não fosse atingido. Ela poderia ser capaz de adiar o inevitável, mas conforme o sol progredisse através do céu, todo o ambiente acabaria iluminado.

Ela morreria. O sangue em seu corpo se solidificaria. Sua pele iria murchar e rachar, prensando-se sobre ela como um torno. Seus olhos virariam pó, e seus ossos se partiriam como gravetos secos. Ela sentiria cada segundo disso. Iria morrer em agonia.

A porta do átrio voou de suas dobradiças. Cade estava em pé ali, perfeitamente calmo. Tânia sentiu uma vontade enorme de correr para ele, colocar seus braços em volta dele, quase como se fosse a garotinha tola que conhecera Cade pela primeira vez décadas atrás.

Então, lembrou-se do colar e ficou onde estava.

– Em boa hora – ela disse, apontando para a claraboia. – Achei que você associaria o roubo do túmulo a mim se eu escolhesse o corpo certo.

– De que você está falando? – Cade perguntou.

– Eu... Do túmulo de Bela Lugosi. Achei que você iria...

– Não vim aqui por você – Cade disse. – O que quer que tenha feito, não soube nada a respeito.

Tânia abriu a boca com espanto. A seguir, fechou-a rapidamente. Claro que não. Estúpida fora ela por esperar que ele viesse correndo salvá-la. Nunca fizera isso e não seria agora que o faria.

– Onde ele está? – Cade quis saber.

– Gostaria de saber – respondeu Tânia. – Ele me deixou aqui para queimar. Eu assistiria alegremente a você arrancar os intestinos dele.

– Por que não fez isso você mesma? Não é do seu costume ser tão relutante.

Ela correu uma unha pelo colar.

– Cento e setenta gramas de explosivo plástico. É realmente bem humilhante, mas ele...

Cade cruzou a sala antes que ela pudesse terminar. Estendeu suas mãos para o pescoço dela, e, enquanto Tânia ainda estava paralisada pelo choque, partiu o colar em dois. Tânia encolheu-se por um momento, esperando pela explosão.

Nada. Os dois pedaços do colar, perfeitamente quebrados na trava, estavam no chão. Inofensivos.

– Ele mentiu – ela disse, os olhos esbugalhados.

– É o que ele faz – Cade disse, já se afastando.

Ela o alcançou, sentindo a área livre em volta do seu pescoço.

– Como você sabia? – ela perguntou.

– Não sabia.

Ela parou.

– Você não sabia?

Ele percebeu que ela não estava se movendo, então voltou-se para ela, completamente calmo.

– Não havia alternativa. Ou teria morrido com o colar, ou morreria tirando-o. A melhor coisa a fazer era acabar logo com isso.

– E você teria tomado essa decisão se fosse o seu pescoço na reta?

– Lógico – Cade disse, ainda absurdamente calmo. – A alternativa seria tornar-me escravo de Konrad.

Tânia olhou-o raivosamente, enquanto ele, imperturbável, ia embora. Então considerou os fatos. Cade tinha razão, não estava mentindo. Teria arrancado o colar tão logo tivesse sido posto em volta de seu pescoço. Ela compreendeu, de repente, por que Konrad tinha dito que Cade nunca teria deixado aquilo acontecer com ele.

Cade já estava fora do prédio. Ela se apressou para alcançá-lo.

Fora da clínica, Cade olhou para o céu e percebeu que não tinha muito tempo. Só conseguiria chegar à casa de Konrad caso se apressasse.

Sua distração com Tânia tinha lhe custado um tempo valioso, mas justificou isso para si mesmo fingindo que havia uma chance de Konrad estar em sua clínica.

Risível. Tinha que admitir agora, mesmo que não pudesse contar a ela que tinha percebido sua mensagem. Holt jogara melhor do que ele. Agora ele estava reduzido a quebrar portas, procurando por Konrad como um porco cego fuçando a terra atrás de lavagem. Seu telefone tocou. A chamada era de Zach. O garoto devia estar de volta a D.C. por essas horas.

– Esta não é uma boa hora – ele disse.

– Alguém realmente devia ensiná-lo como atender uma ligação.

Era Holt. Viva. E um passo à frente dele, de novo. Cade não se deu ao trabalho de perguntar como ela tinha conseguido o telefone de Zach.

– Onde ele está?

– Estou bem, obrigada por perguntar – Holt disse. – Apesar de você ter fugido de mim. Uma garota poderia começar a se sentir rejeitada, Cade.

Cade não estava com espírito para a coisa. Ela tinha calculado a ligação com precisão. Faltava pouco tempo para o nascer do sol, logo não haveria chance de encontrá-la.

– Onde ele está?

Ela deixou de lado o tom de flerte.

– Nada é de graça. Queremos que você se entregue. Mansamente. Seu traseiro pelo dele.

– Onde?

– Temos um acordo?

– Podemos parar com as charadas? Diga-me onde ele está. E eu estarei lá. Sei que você vai tentar me matar. E você sabe que nada vai me impedir de ir atrás de você.

– Que mente mais desconfiada – comentou Holt.

Mas ela deu-lhe o endereço: o Edifício Federal na Wilshire.

– Esteja lá ao pôr do sol. Ou enviaremos seu garoto de volta à Casa Branca em um caixão.

Cade desligou. Não tinha mais tempo, pois precisava encontrar um lugar escuro.

Tânia falou por trás dele.

– Você está um horror, sabia?

Ele a encarou. Ela ficou ali, aguardando.

– Por que ainda está aqui?

Ela pensou sobre aquilo.

– Pergunte isso de novo mais tarde.

Cade começou a andar, tentando passar rapidamente por ela, ignorando-a.

– Estou trabalhando – ele disse.

Tânia estendeu uma mão, gentilmente, e o deteve.

– Para onde quer que esteja indo, você não vai conseguir chegar – Tânia disse. – O sol está quase nascendo.

Cade hesitou, incerto sobre o que fazer.

– E você está exausto – ela acrescentou. – Tem um lugar para ficar?

Cade deu de ombros.

– Encontrarei um lugar em alguma passagem subterrânea – ele disse. – Há um monte delas por aí.

Tânia lançou um olhar significativo.

– Acho que podemos fazer melhor do que isso.

QUARENTA E NOVE

Helen deu um sorriso satisfeito quando o telefone ficou mudo. Estava começando a pensar que Cade realmente não gostava dela. Pouco importava. Não seria problema seu daqui a pouco. Ela tocou a campainha para Ken e Reyes voltarem a entrar no escritório.

Konrad achava que Cade estava morto e não havia ninguém para contar-lhe o contrário. Ela ainda poderia ser capaz de se sair bem.

Quanto a Cade e Zach, Helen possuía suas próprias ferramentas grosseiras para resolver o problema, bem ali, sentando-se nas cadeiras a sua frente.

– Cade vai vir aqui – ela contou para Ken e Reyes. – Esta noite. Estou confiando em vocês para eliminá-lo.

Ken apenas assentiu. O rosto de Reyes não traiu sentimento algum, mas em seus olhos Helen pôde ver pânico. *Ele não era tão estúpido quanto parecia* – pensou.

– Temos as ferramentas – ela disse. – Vocês serão capazes de acabar com ele.

Mostrou as armas que tinha encomendado quando Konrad disse pela primeira vez que ela teria que eliminar Cade. O Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento disse que poderiam funcionar. Talvez. Durante o dia, com muita sorte. Mas Ken e Reyes não precisavam saber disso.

Ela passou-as pela mesa para os homens.

– É assim que vai ser – Helen disse. – Ken, você ataca Cade primeiro, com a água benta.

Apontou o revólver pulverizador, nas mãos de Ken agora. Ele atiraria um jato de água benta, tirada diretamente da fonte de uma igreja católica. Gás lacrimogêneo para vampiros.

– Enquanto ele estiver distraído e com dor, Reyes, você vai se aproximar por trás e atirar o furador nas costas de Cade, atravessando o coração.

A arma de Reyes era apenas um pouco mais sofisticada. Um cartucho sem bala dispararia um pino do cano. O pino tinha uma ponta endurecida de grafite – basicamente seria como apunhalar Cade com uma estaca de madeira movendo-se à velocidade do som.

Reyes olhou para a arma de pinos, então para Ken, depois para Helen.

– Dúvidas? – Helen perguntou.

– Sim – ele disse. – Você está querendo ferrar comigo? Você quer que nós nos lancemos contra aquela coisa com uma arma de jato e um bastão afiado?

– Você está questionando minhas ordens? – a voz de Helen era fria.

– Vamos, Helen, isso é simplesmente maluquice...

– Você está solicitando transferência, agente Reyes?

Aquilo o calou.

– Não. Não, agente Holt.

– Que bom. Vão descansar. Cade estará aqui ao pôr do sol. Vocês vão querer estar dispostos.

– Como vamos saber que ele chegou aqui? – Reyes perguntou, ainda de mau humor.

– Fiquem atentos às câmeras de segurança. Esperem os corpos se empilharem – Helen disse. – Cade não é particularmente sutil. – Ela se levantou.

– Espere, o que você vai fazer? – Reyes quis saber.

Aquilo passara dos limites, mas Helen pensou que já o tinha pressionado demais.

– Vou lidar com o problema na cela lá embaixo. Ken, venha comigo.

Reyes sentou-se em sua cadeira, emburrado. Mas Helen sabia que ele cumpriria as ordens. O que a Companhia poderia fazer com ele era mais assustador do que Cade, pelo menos por enquanto.

Ela e Ken foram até os elevadores, descendo até o subsolo.

Cade mataria Reyes e Ken naquela noite, ela não tinha dúvidas. Se, por algum milagre, eles tivessem sorte, e as armas realmente funcionassem, isso não importaria. Não para ela, pelo menos. Ou teria ido embora fazia tempo, ou seu plano estaria arruinado, de qualquer forma.

Isso deixava apenas Zach. O babaquinha irritante, ainda na sala de interrogatório, sob a câmera e nos registros da Companhia. Não havia como mudar aquilo.

Felizmente, ela possuía uma resposta muito mais simples para ele: Ken.

Ken era estranho. Até mesmo Helen conseguia ver isso – e ela conhecia bem as distorções em sua própria personalidade. Na superfície, ele era perfeito. Alto. Ombros largos. Olhos azuis. Cabelo bonito, dentes brancos, pele clara, o pacote completo. Porém, se passasse tempo suficiente com ele, juraria que conseguia ouvir um eco. Havia um vazio onde o resto de um ser humano deveria estar. Ele ria de piadas, mas você sempre se perguntava se aquilo era somente um reflexo aprendido.

No papel, Ken era igualmente perfeito. Família de classe média alta, notas decentes na faculdade, aceito na CIA em um piscar de olhos. Foi lá que ele conheceu Helen.

Ele fixou-se nela no primeiro dia de treinamento. Ela o notou também, mas admitia que fora apenas desejo animal por um espécime tão saudável. Ken era antiquado, como se tivesse aprendido a namorar assistindo filmes. Mandara flores para ela, pelo amor de Deus!

Por baixo daquilo, havia algo mais robótico. Parecia considerá-la um componente que faltava, sempre procurando-a em uma lista de tarefas.

Helen imaginou uma forma de usar aquilo, é claro. Passou a maior parte do curso de treinamento bem longe do alcance dele. Então, um pouco antes da graduação,

esgueirou-se para dentro do dormitório dele e transaram enlouquecedoramente.

Ele telefonou, mandou *e-mails*, até mesmo cartas. Ela não respondeu nenhum deles. Mas quando ela se uniu à Companhia das Sombras e foi dada a ela sua própria equipe, Ken foi sua primeira escolha. Mantinha com ele uma relação impessoal, nunca explicando ou mencionando o passado deles.

Ele a seguiria a qualquer lugar, faria quase tudo o que ela pedisse. Quando ficava muito frustrado, ela arranjava um pouco de consolo – mas só o suficiente para mantê-lo leal.

Helen quase o domesticara. Qualquer que fosse a deformidade emocional que ele possuía em seu interior, ela se encaixava com perfeição. Algum dia teria de pagar por aquilo, mas, por enquanto, ele era uma boa ferramenta.

Eles pararam do lado de fora da sala de interrogatório. Ela deu um olhar significativo para Ken.

– Isso é importante para mim – ela disse. – Você entende? Eu não o quero machucado de forma alguma. Ele é especial.

Ken assentiu, muito embora ela pudesse ver a confusão em seus olhos. Por fim, entraram na sala juntos.

Zach levantou sua cabeça da mesa, mas não falou. Enquanto Ken tomava posição perto da porta, Helen deu uma volta, parando atrás de Zach.

– Zach, eu tenho algumas coisinhas a fazer, então vou deixar você nas mãos do agente Blaylock. Ele vai fazer a você algumas perguntas. Quero que você colabore com ele.

– Vou ter que checar minha agenda – Zach disse.

Ela riu e deixou sua mão demorar-se sobre o ombro de Zach. Ken concentrou-se naquilo, depois seus olhos moveram-se dali. Bom.

– Sei que você vai fazer a coisa certa, Zach. Poderia até mesmo haver um lugar para você em nossa equipe.

Zach fulminou-a com o olhar.

– Estou realmente emocionado.

A raiva sombreou as feições esculturais de Ken. Helen apenas riu mais uma vez e despenteou o cabelo de Zach.

– Você é uma gracinha. – ela disse. – Seja esperto, Zach. Você vai querer estar do lado vencedor.

Ela andou de volta para a porta. Pelo canto dos olhos, viu que a atenção de Ken estava completamente em Zach agora. Inclinou-se e sussurrou no ouvido de Ken, alto o bastante para os microfones escondidos na sala pegarem.

– Lembre-se: não o machuque.

Ken deu a ela um leve aceno de cabeça. Helen saiu da sala e foi para a estação de segurança no final do corredor. Dentro havia monitores para todas as câmeras nas

celas de contenção. Verificou a número quatro, a sala de Zach. Chegou a tempo de ver Ken desconectar a câmera da parede. A tela ficou escura.

Helen sorriu enquanto saía do prédio. Ken faria exatamente o que ela esperava. Deus, que animal grande e burro. Infelizmente, Konrad não seria tão fácil de enganar. Ela só esperava que Cade não tivesse chegado a ele antes.

CINQUENTA

O quarto opulento era tão diferente daquele do motel barato que Cade e Zach usaram que parecia ser de outro planeta. O carregador viu que eles não tinham bagagem, notou a diferença entre as roupas de grife de Tânia e os trapos vestidos por Cade e deu-lhes uma piscadela cúmplice e um sorriso.

Tânia pagou por tudo com um cartão AmEx preto no nome de outra pessoa. O recepcionista foi perfeitamente solícito ao entregar suas chaves. Ela fechou as cortinas corta luz, selando o quarto completamente. Poderia ser meio-dia ou meia-noite lá fora. Não havia como dizer.

Cade sentiu-se instantaneamente melhor fora da luz. Tânia também, claramente. Uma camada de tensão e irritabilidade caiu de cima dela como um casaco barato. A proximidade da luz do dia tinha perturbado os dois.

Ela se estendeu de costas nos lençóis de 1.500 fios da cama, revelando uma pequena faixa de pele lisa e clara na altura do umbigo.

Havia uma inevitabilidade concentrando-se no ar, como fumaça. Suspensa entre eles.

Ela rolou para o lado, o cabelo pendendo levemente sobre seu rosto.

– Você quer dormir? Ou tomar uma ducha?

Cade pensou a respeito.

– Não – ele disse.

A maior parte dos vampiros não faz sexo. Eles consideram isso humano, portanto degradante. Mas Cade e Tânia não eram como a maioria dos vampiros, pois ainda se lembravam de algumas das boas coisas da vida.

Ele tirou sua camiseta barata e foi até ela, que tirou sua miniblusa e curvou suas costas para o alto. Ele prendeu os braços dela acima de sua cabeça.

Tânia trançou suas pernas em volta dele e mordeu-o, forte, no pescoço. Ele se soltou, seu sangue pingando sobre os seios dela. Ele o sorveu, lambendo o gosto salgado dos mamilos dela, de sua pele. Ela mordeu-o novamente, sugou com força, puxou mais sangue do ferimento, deixou-o escorrer pelos cantos de sua boca e por seu pescoço.

Ela o puxou para mais perto dela e, então, virou-o de repente de costas, arrancando suas calças. Em seguida, apertou suas pernas em torno dele novamente, os quadris movendo-se para a frente e para trás, cavalgando-o na cama.

O corpo de Cade ficou tenso e tremeu como se ele estivesse ligado em fios de alta tensão. Correu suas mãos pelo corpo dela, ávido por senti-la, por tocá-la. Os dedos dele fizeram seu caminho para baixo, começaram a tocá-la.

Ela cavalgou-o mais forte. Suas costas se arquearam. Lançou sua cabeça para frente, o cabelo voando.

A mão de Cade moveu-se mais rápido, estocando para cima, levantando-a da cama. Tânia sentou-se em cima dele, ainda melada com seu sangue, contorcendo-se como o sacrifício em um altar de alguma religião há muito morta.

Os nervos deles, apuradamente sintonizados, retesados e ardentes, para a frente e para trás entre eles, o momento se estendendo, parecendo que jamais iria acabar...

Até que ela cantou, como um bando de pássaros movendo-se velozmente em seu voo.

Cade estremeceu e encurvou-se, e então ambos pararam de se mover, repentinamente tão imóveis quanto no túmulo. Ficaram deitados ali, um sobre o outro, instantaneamente no estado comatoso que para eles fazia as vezes de sono, mortos para o mundo ensolarado lá fora.

CINQUENTA E UM

Zach nunca se considerou um cara durão – reclamaria se um restaurante deixasse seus ovos passarem do ponto –, mas sempre tivera uma convicção secreta de que aguentaria bem sob tortura. Tinha passado dias de pé, trabalhando sem dormir, comendo praticamente nada. Naquele lugar em sua mente, onde ele era o astro de seus próprios filmes de ação, achava que poderia aguentar, pelo menos um pouco. Porém, estava enganado.

Ken fez um telefonema. Reyes chegou alguns minutos depois. Juntos, eles tiraram a roupa de Zach, mal olhando para ele. Zach fez uma piada sobre como aquilo ia muito além de como ele normalmente se comportava em um primeiro encontro.

Reyes, com o mesmo ar entediado no rosto, deu-lhe um soco forte o suficiente para fazer seu nariz sangrar. E continuaram a arrancar suas roupas.

Acharam a fita adesiva que Cade tinha enrolado sobre as costelas de Zach e a cortaram fora, talhando sua pele.

Quando Zach estava nu, Ken algemou suas mãos atrás dele e levantou-as até o nível dos ombros de Zach, que se dobrou de dor. Ken puxou-o até a parede e enganchou as algemas em um pino. Reyes colocou um capuz sobre a cabeça de Zach.

Ficou ali, joelhos dobrados, traseiro de fora, braços atrás de si e mais altos do que a sua cabeça. Enquanto aguardava outro soco, ou algo pior, ouviu a porta bater. Eles tinham ido embora.

Não soube por quanto tempo eles o deixaram daquele jeito. Suas pernas começaram a ter câimbra imediatamente. Seus dedos ficaram entorpecidos. Seus joelhos vacilavam, mas toda vez que ele começava a inclinar-se para a frente, a dor em seus ombros o trazia de volta.

Tentou não emitir som algum. Realmente tentou. Porém, após um tempo, ouviu algo. Um som baixo, quase como um grunhido de um animal sentindo dor. Por um instante, pensou que poderiam ter colocado mais alguém ali na cela com ele.

Claro que era ele. Ele estava gritando de dor. A porta se abriu, e a luz inundou seus olhos quando o capuz foi tirado.

Zach piscou e olhou para Ken. Ken sorriu para ele.

– Isso não demorou muito – Ken disse.

Ele tirou as algemas do gancho – Zach achou que seus ombros se soltariam completamente – e então as deixou cair. Zach tombou no chão de concreto. Lágrimas de alívio brotaram de seus olhos.

Ken deu-lhe dez segundos inteiros deitado daquele jeito – o sangue voltando a seus membros, os nervos acordando com mensagens urgentes de dor – antes de

puxá-lo de volta a seus pés.

Ken olhou dentro de seus olhos. Zach piscou as lágrimas para fora dos olhos.

– Eu não vou falar – Zach disse.

Ken riu.

– Quem se importa?

Ele esbofeteou Zach com força, lançando-o de costas ao chão.

– Vamos começar a trabalhar – ele disse, enquanto chutava um lado da cabeça de Zach.

Ken em nenhum momento perguntou coisa alguma. Nem uma única vez.

Nem quando começou a usar a arma de choque em Zach, uma vez após a outra, sobre sua pele nua.

Nem quando bateu em Zach com o cassetete. Ou quando derramou uma Coca Diet – uma maldita *Coca Diet* – dentro do nariz de Zach, causando mais dor do que ele acharia ser possível, quase o afogando durante o processo. Ou quando trouxe o cachorro. Ou ao simplesmente socá-lo.

Ele nunca chegou a fazer uma única pergunta.

Zach ofereceu. Ofereceu tudo o que conseguiu pensar. O que não era muito, na realidade. Mas achou que, talvez, se conseguisse fazê-lo falar... E então pensou, *Jesus Cristo! Simplesmente faça essa merda parar.*

Não fez diferença. Zach não tinha nada que Ken quisesse saber, por isso, apenas continuou trabalhando, sem dizer coisa alguma. E, de vez em quando, assobiava.

O garoto tentou levantar sua cabeça. Ele socou-o com força, rompendo a pele dos nós de seus dedos.

Levou a mão à boca e provou o sangue. O sangramento parou. Ken atingiu o garoto de novo. Não achava que o rapaz tivesse qualquer informação, mas, mesmo que tivesse, isso não importava. Sabia que Helen queria que o garoto morresse na sala de interrogatório. Ela fizera sua pequena encenação de amor só para deixá-lo com o estado de espírito ideal. Ele não era tão estúpido assim.

Sabia que Helen o estava usando, mas não se importava. Toda sua vida tinha feito o que outras pessoas mandavam, e isso era irritante. Claro, era bem-sucedido, mas sempre tinha se mantido dentro dos limites apropriados.

Quando Helen o recrutou, achou que aquilo seria mais ou menos a mesma coisa. Então descobriu que, ao seguir as ordens dela, poderia fazer todo o tipo de coisas que antes eram proibidas. Isso abriu novas perspectivas para ele. Mudou as regras. Ele ficara livre para ser simplesmente o FDP maligno que queria ser e ainda podia considerar isso como parte de suas obrigações com o país.

Sentia que Helen entendia isso, em um nível profundo demais para se falar a respeito. Tinha certeza de que acabariam juntos algum dia e olhariam ternamente para esses anos passados, como um namoro prolongado.

Enquanto isso, mesmo sem ter Helen em sua cama, Ken sentia-se bem feliz. Gostava do trabalho, por isso não se apressou com Zach. Queria fazer aquilo durar.

CINQUENTA E DOIS

ASSASSINATOS PERTURBAM AS ÁGUAS CALMAS DE UMA CIDADE À BEIRA DO LAGO

BLAIRSTOWN, N.J. – Moradores esperavam algumas travessuras dos adolescentes e funcionários no acampamento de verão recentemente reinaugurado à beira da água. Na pior das hipóteses, o xerife local disse, as pessoas se preocupavam com vandalismo.

Em vez disso, sete assassinatos pavorosos abalaram a calma idílica da pequena cidade. Os motivos não estão claros. A única sobrevivente está em tratamento psiquiátrico, sua identidade resguardada. Uma fonte próxima à investigação disse que “A garota está fora de si, falando sobre algum bicho-papão que dilacerou todos os seus amigos”.

A polícia estadual encaminhou todas as investigações para as autoridades federais, que assumiram a jurisdição sobre o caso. O agente especial William H. Griffin recusou-se a fazer comentários, e o FBI negou-se a fornecer maiores detalhes.

– *Newark Star-Ledger*, 15 de junho de 1980.

Griff foi para casa e lá permaneceu. Não sabia que outra coisa poderia fazer. Sentou-se em sua poltrona reclinável Barcalounger na sala de estar e ligou a TV só pelo barulho. Olhou suas credenciais e seu distintivo. Da mesma forma que a arma, eles não tinham sido tirados dele. Poderiam ter sido. Não havia uma única coisa que pudesse fazer por Cade ou Zach. Ele fora posto na geladeira.

Olhou para a foto nas credenciais. Quase conseguia ver, em sua cabeça, passando quadro a quadro: uma série de fotos de todos os cartões de identificação governamental que fizeram parte de sua vida. Começando com a foto que o exército tirara quando ele tinha 20 anos e estava no Signal Corps, treinando na Inteligência. Um garoto com a cabeça raspada e um sorriso estúpido em seu rosto. Depois, seu primeiro distintivo do FBI – como estagiário e a seguir como agente especial. Cabelo mais comprido, costeletas. Olhando raivosamente para a câmera como se ela lhe tivesse feito algo. E depois, ano após ano com o genérico passe de prioridade da Casa Branca, aquele que não indicava qualquer departamento ou título, mas que o fazia passar por todas as portas trancadas. Ficando mais gordo, careca e grisalho em cada uma delas, até sua última identificação, a qual tinha o rosto de um homem velho acima de seu nome.

Largou o crachá e olhou em volta, para sua casa. Praticamente vazia. Não muito a se mostrar por uma vida. Sem esposa, sem filhos. Diante do que fazia, do que tinha visto, seria difícil arrumar uma justificativa para trazer outra pessoa para esse mundo.

Dane-se, ele decidiu. Levantou-se da poltrona e foi até o armário de bebidas. Seus dedos deixaram marcas na poeira da maçaneta. Ele tinha se mantido longe daquela coisa desde seu primeiro diagnóstico, há mais de três anos atrás.

Tirou uma garrafa de Bushmills – comprada com o salário do governo – e serviu-se de um copo alto. Entornou-o, sentindo a agradável queimação na garganta.

Seu médico não aprovaria. Ao inferno com ele também. Às vezes, tudo o que restava para fazer era encher a cara. Como diriam os jovens.

Notou a luz piscando na secretária eletrônica, mas não conseguiu se dar ao trabalho de ouvir. De qualquer forma, seria provavelmente apenas um operador de *telemarketing*. Ninguém ligava para ele em casa.

Sabia que estava ficando emburrado. Sabia que deveria levantar seu traseiro e

tentar algo – qualquer coisa – para resolver o problema. Consertar as coisas.

Mas estava velho e estava morrendo, e tinham conseguido desgraçá-lo em sua reta final. Esse morro era simplesmente íngreme demais para subir naquela noite.

Acomodou-se na cadeira, mantendo a garrafa com ele.

CINQUENTA E TRÊS

Konrad deu uma olhada em Helen quando ela apareceu e já soube. Viu o curativo no pescoço dela. Aquela vagabundinha estúpida não conseguia fazer nada direito.

Cade ainda estava vivo.

Estava pronto para despejar todo seu veneno em cima dela quando ela falou.

– Quero aquilo que você me deve – Helen disse.

Konrad tinha séculos de prática em ocultar seus verdadeiros pensamentos, mas, mesmo assim, quase riu alto. Ela estava tentando mentir para ocultar sua falha.

Inacreditável. Pensou em esbofeteá-la. Ou matá-la com suas próprias mãos. Todos seus esforços, para nada. Mas aquilo era irrelevante, na verdade. Ele não tinha mais tempo. Nem Helen. Ela só não sabia disso ainda.

Forçou um sorriso.

– Entre, minha querida.

Ela colocou os pés em sua sala de estar, sobre a mancha no chão onde o corpo do cafetão tinha estado. Mal era visível. Ken havia enviado os limpadores da Companhia, e eles tinham feito um bom trabalho. Mesmo com aquela porcaria para lá de estranha.

Helen sentou-se no desconfortável sofá baixo. Ele foi até o bar.

– Você quer uma bebida?

– Quero aquilo que você me deve – ela disse mais uma vez.

– O plano ainda não está completo – Konrad disse. – Não até depois do ataque. Nós concordamos que...

– Fiz tudo o que você pediu – Helen disse. – Não quero esperar até a operação estar terminada. Está na hora de você cumprir sua parte.

Ele se virou, um copo de champanhe em sua mão.

– Você tem razão.

Helen congelou.

– O quê?

– Você me ouviu – ele disse, estendendo-lhe o copo. – Vou dar a você o que lhe pertence. Está na hora.

Ela pegou o champanhe com os dedos tremendo.

– Isso é...?

Ele sorriu.

– Não. Achei que você estaria querendo celebrar.

Ela tomou a bebida em um gole e então atirou a taça do outro lado da sala. Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, ela caiu de joelhos diante dele, já desafiando

o cinto de suas calças.

Ele grunhiu de satisfação.

– Sabe, você poderia ter dito apenas obrigado.

Eles acabaram indo para o quarto. Helen acordou dolorida, e com hematomas, e com ressaca da única bebida que tomara. A perda de sangue havia baixado sua resistência ao álcool, e Konrad tinha sido tão exigente como sempre.

Nada disso parecia realmente afetá-la. Ela iria finalmente ficar livre. Livre do medo. Livre da preocupação de decair, tossir, mijar, cuspir sangue, todas aquelas funções biológicas lamentáveis que tomam conta de sua vida à medida em que você vai se tornando uma paródia enrugada de si mesmo.

Iria se libertar da própria morte. Já estava na hora.

Konrad bocejou e se esticou, estava acordado agora também. Ela verificou o relógio. O pôr do sol estava se aproximando. Hora de ir. Pegar o Elixir e depois ir embora.

Ela rolou sobre o seu lado para encará-lo.

– O que acontece agora?

Ele riu.

– Está um pouco impaciente?

– Já fui paciente demais.

– Sim – ele disse. – Foi.

Ele rolou-se na cama e estendeu a mão para a mesa de cabeceira, remexendo em uma gaveta ali.

– Agora mesmo? – Helen disse, a voz tremendo um pouco. – Agora?

– Eu mantenho minha palavra, Helen – ele se virou, a seringa em sua mão cheia de um fluido amarelo.

Ela começou a se levantar, mas ele fez um gesto para que ela voltasse a se deitar.

– Está tudo bem – ele disse. – Apenas relaxe.

Ela pareceu ficar preocupada. Talvez estivesse sendo fácil demais. A cobiça brigava com a confusão em seus olhos.

– E a missão? Você ainda vai deixar o país na semana que vem, certo?

– Oh, isso – Konrad disse. – Sim, bem. Sobre isso, eu menti. O ataque é hoje à noite.

Ele enterrou a agulha no pescoço dela.

Seus reflexos eram admiráveis. Ela jogou a seringa longe com um tapa, batendo seu punho no lado do rosto dele. Ela quase se levantou.

O soro atingiu sua corrente sanguínea. Seu corpo enrijeceu-se e caiu de volta nos lençóis.

Konrad assistiu enquanto a paralisia se espalhava. Os olhos dela correram para ele, em pânico, enquanto ela lutava para respirar.

– Não há nada com que se preocupar, realmente – ele disse.

Ele vestiu roupas limpas, indo a seguir para a mesa de cabeceira, pegando seu relógio. Helen o seguiu com os olhos, esforçando-se para dizer algo.

– Por quê? ... Voc... não precisava... fazeriss...

A fala dela saía mastigada. Konrad impressionou-se por ela conseguir falar o que fosse. A paralisia já deveria ter se instalado completamente.

– Por quê? Oh, não deveria ser tão difícil para você descobrir. Vingança. Não apenas contra Cade. Este país inteiro, arrogante, adolescente. Aquele que destruiu meu lar duas vezes no último século. Que colocou uma base militar sobre as ruínas do castelo de minha família. Quero ver alguém causar à América a mesma dor que ela trouxe ao Reich. Quero ver seus sonhos se transformarem em pesadelos, como os meus. Quero que acordem gritando.

Helen conseguiu balançar levemente a cabeça. Konrad entendeu o que ela realmente tinha perguntado.

– Oh, você quer dizer por que fiz isso com você? – Ele disse. – Isso é de fato bem mais simples. Eu não gosto de você, Helen.

Ela o olhou raivosamente. Era tudo o que restava a ela.

– Desssssgraç... Vvv... prmt...

Konrad sorriu.

– Mantive minha palavra. Você não irá envelhecer nem mais um dia. Você vai ver.

O Elixir da Vida. Ele tinha feito o soro a partir dos ossos que Tânia havia trazido. Era basicamente a mesma fórmula que ele descobrira séculos antes, que lhe permitiu dar o seu primeiro passo para a vida eterna.

Porém, como ele dissera à vampira, vida eterna e juventude eterna não eram a mesma coisa.

Em sua forma bruta, o Elixir era capaz de animar carne morta enquanto a tornava mais forte do que couro e madeira. Injetado em tecido vivo, ele congelava todos os movimentos celulares. Helen nunca envelheceria, de verdade. Ela também jamais se moveria novamente, seus processos metabólicos reduzidos a escalas de tempo geológicas.

Ele notou a agulha e a seringa quebradas no chão. Ela tinha conseguido acertá-las antes de todo o fluido ter entrado em sua corrente sanguínea.

Isso não importava. Devia ser suficiente, Konrad pensou. Ainda assim, era preciso dar-lhe o crédito de ter tentado.

Deu um tapinha na coxa de Helen, pegou sua mala e saiu pela porta.

CINQUENTA E QUATRO

Tânia estacionou na Wilshire, do lado oposto ao Edifício Federal. A rua estava vazia. Apenas o passar ocasional de um carro, e as luzes da rua cintilando brevemente em seus para-brisas.

– Você acha mesmo que ele está aqui? – ela perguntou. Foi a primeira coisa que disse desde que eles se levantaram juntos e deixaram o hotel.

– Se não estiver, alguém saberá onde ele está.

– Eles esperam por você.

Cade deu de ombros.

– Por quê? – ela perguntou.

– Eu tenho de fazer isso. Você sabe.

Ela fez uma careta.

– Suspeito que você faria isso de qualquer jeito. Mesmo sem seu precioso juramento.

– Nunca saberemos – Cade disse e abriu a porta do carro.

Tânia olhou por cima do banco enquanto ele saía.

– Não vou estar aqui quando você voltar.

– Não achei que estaria – Cade disse e saiu do carro.

Cade atravessou a Wilshire, caminhando reto em direção às portas da frente. Exatamente como faria um visitante comum.

Reyes estava sentado em seu escritório, monitorando as câmeras de segurança através de uma fonte transmissora oculta. Havia grampeado as linhas, por insistência de Helen, para que a equipe pudesse sempre ver a mesma coisa que a força de segurança do prédio visse.

O que, naquele exato momento, era um monte de nada. Mas Reyes não conseguia evitar a sensação de que aquela coisa toda tinha dado errado.

Reyes era muitas coisas, mas não idiota. É claro que você poderia argumentar que ele tinha feito más escolhas, mas nunca haviam sido escolhas tolas. E sempre sabia quando era hora de pular fora.

Quando tinha 12 anos de idade, unira-se a uma gangue. Quando estava com 16, viu o que acontecia a todos com mais de 30 na bandidagem: cadeia ou morte. Escolheu uma nova carreira: a de policial. Aos 19, deixou a academia de polícia e foi para as ruas usando um uniforme. Seus velhos companheiros não se incomodaram com isso, porque ele lhes fornecia informações. Aos 37, em roupas comuns, trabalhar para os dois lados finalmente causou-lhe problemas. Tinha sido um dentre algumas dezenas de policiais indiciados em um enorme escândalo.

Policiais extorquindo traficantes, plantando armas, mentindo no tribunal e assassinando qualquer um que descobrisse.

Estava diante de uma sentença de prisão pesada. Ou um tiro nos olhos se mudasse de lado e virasse evidência do Estado. Foi quando a Companhia aparecera.

A Companhia tinha uma rede de traficantes em L.A., vendendo drogas para financiar um punhado de guerrinhas sujas. Reyes recebeu várias vezes ordens para olhar para o outro lado, vindas de caras com credenciais do governo. Mas ele foi ainda mais longe, libertou prisioneiros, perdeu evidências e passando informações sempre que necessário.

Seu indiciamento foi rasgado. Ele conseguiu um novo distintivo e uma nova chefe: Helen Holt.

Isso acontecera há dois anos. Agora estava sentindo o comichão de novo, como um alvo em suas costas.

Helen estava sem fazer contato há horas. Lá embaixo na cela de detenção, Ken estava perdendo o controle com o pequeno *pendejo*²⁸ da Casa Branca.

E depois havia Cade. Reyes olhou para a arma de pinos que Helen tinha lhe dado. O Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento achou que isso pararia um vampiro? Não parecia provável. Helen poderia ter colocado um rifle calibre .50 com munição de urânio empobrecido em suas mãos – algo poderoso o suficiente para abrir um buraco na blindagem de um tanque. Ou lança-chamas. Ou granadas de fósforo branco. Qualquer um desses teria mais chances de matar Cade.

E Reyes sabia que se eles não o matassem na primeira chance, aquele filho da mãe iria derrubá-los um segundo depois. Sem hesitação. Ele tinha visto isso nos olhos de Cade.

Começou a se perguntar se a Companhia teria mesmo aprovado algo tão estúpido assim. Isso começou a cheirar como uma armação para ele. Quando olhou para o monitor de segurança e viu Cade encaminhando-se para a porta da frente, a decisão foi fácil.

Levantou-se e correu para a porta de saída dos fundos, sem se incomodar em tocar o alarme. *Sinto muito, Ken*, ele pensou. *Adeus, não gostaria de estar no seu lugar.*

Reyes não se preocupava com sua alma, mas se importava, sim, com seu traseiro. E decidiu que era hora de dar o fora dali.

Resumo dos eventos gravados em vídeo, Edifício Federal

- 23h 19min: A câmara do saguão mostra SUJEITO NÃO IDENTIFICADO na porta da frente. SUJEITO NÃO IDENTIFICADO é do sexo masculino, entre 20 e 30 anos de idade, vestindo uma camiseta, calças de agasalho e chinelos de dedo.
- 23h 20min: As portas da frente se estilhaçam, disparando o alarme. Não se sabe se o SUJEITO NÃO IDENTIFICADO usou alguma forma de explosivo para colocar as portas abaixo. As portas eram de vidro com camadas de Lexan, com esquadrias reforçadas com titânio.
- 23h 20min: SUJEITO NÃO IDENTIFICADO perde chinelos. Anda descalço por cima do vidro quebrado.
- 23h 21min: Primeiro-oficial de segurança em cena, W. ELLIS, enfrenta SUJEITO NÃO IDENTIFICADO, arma na mão. SUJEITO NÃO IDENTIFICADO pega ELLIS com as mãos e o arremessa contra a parede do saguão, quebrando seu esterno e quatro costelas (Ver RELATÓRIO DE BAIXAS anexo).
- 23h 22min: A Câmera Um do corredor mostra SUJEITO NÃO IDENTIFICADO entrando no corredor principal. Três outros oficiais da segurança – C. GAGE, D. COOKE, S. KURTZ – chegam, armas na mão. Nenhum homem consegue atirar antes de o SUJEITO NÃO IDENTIFICADO atacar fisicamente. Cada homem é deixado com diversos ossos quebrados e ferimentos.
- 23h 23min: Agente do DHS KENNETH BLAYLOCK entra vindo das escadas, carregando o que parece ser uma pistola de água.
- 23h 23min 30seg: O último oficial de segurança do turno, G. MORRISON, chega vindo da entrada oposta do corredor, arma na mão.
- 23h 23min 35seg: O oficial de segurança MORRISON dispara três tiros com sua arma. SUJEITO NÃO IDENTIFICADO é visivelmente atingido. Contudo, ele não cai. Assume-se que o SUJEITO NÃO IDENTIFICADO esteja usando um colete de proteção.
- 23h 23min 37seg: SUJEITO NÃO IDENTIFICADO deixa MORRISON inconsciente com um golpe em sua cabeça.
- 23h 23min 38seg: BLAYLOCK puxa o gatilho da pistola de água.
- 23h 23min 40seg: SUJEITO NÃO IDENTIFICADO reage com extrema dor. Fumaça sobe de seu braço (Nota: o DHS foi questionado sobre o produto químico usado por BLAYLOCK contra o SUJEITO NÃO IDENTIFICADO. Nenhuma resposta ainda).
- 23h 23min 50seg: BLAYLOCK aproxima-se do SUJEITO NÃO IDENTIFICADO com a pistola de água. SUJEITO NÃO IDENTIFICADO está de joelhos a essa hora.
- 23h 23min 51seg: Apesar de repetidas verificações, o que acontece neste ponto da

gravação não está claro. Em um quadro, o SUJEITO NÃO IDENTIFICADO está de joelhos no chão. No seguinte, ele simplesmente não está ali. Vários segundos devem estar faltando na gravação. Pedido de diagnóstico feito para o equipamento de câmera e dispositivo de gravação digital.

23h 23min 52seg: O SUJEITO NÃO IDENTIFICADO reaparece na vista, agora atrás de BLAYLOCK. Ele bate na pistola de água, tirando-a da mão de BLAYLOCK, e agarra fisicamente o agente.

23h 23min 53seg: SUJEITO NÃO IDENTIFICADO prende BLAYLOCK na parede, segurando-o com uma mão pelo pescoço (SUJEITO NÃO IDENTIFICADO pode ter usado PCP ou outras drogas, resultando em aumento de força e capacidade de ignorar dor).

23h 23min 57seg a 23h 25min 49seg: SUJEITO NÃO IDENTIFICADO e BLAYLOCK parecem conversar. O SUJEITO NÃO IDENTIFICADO segura BLAYLOCK contra a parede durante o tempo todo. Não há áudio disponível; a Câmara Um do corredor não está equipada com captação de áudio.

23h 26min: SUJEITO NÃO IDENTIFICADO e BLAYLOCK terminam de conversar. SUJEITO NÃO IDENTIFICADO puxa BLAYLOCK da parede e empurra-o em direção às escadas.

23h 26min 15seg: SUJEITO NÃO IDENTIFICADO e BLAYLOCK saem para as escadas. A cobertura de câmera termina neste ponto. O AGENTE DO DHS BLAYLOCK foi mais tarde encontrado no Nível Inferior 3 (Ver RELATÓRIO DO LEGISTA anexo).

Um cão de guarda estava parado em posição de atenção no corredor que levava à cela de contenção. Conforme Cade se aproximou, o cão começou a atacar e a latir, puxando sua coleira.

Cade conseguiu sentir cheiro de sangue no focinho dele. Sangue de Zach.

Cade gostava de cães quando era humano. Mas eles sabiam o que ele era, instintivamente. Empurrou o homem da Companhia para a frente, estava prestes a dizer-lhe que segurasse o cachorro, quando Ken mergulhou para a frente e soltou a coleira.

Ele agachou-se e gritou:

– *Töte! Töte!* – “Mate” em alemão.

O cão saltou na direção de Cade... E então passou correndo por ele, a cauda entre as pernas, um raio preto e castanho pelo corredor.

Cade agarrou Ken pelos cabelos e puxou-o de volta para seus pés. Já estava irritado por causa da água benta lá em cima. Aquilo queimou. Agora estava irado.

– Desculpe – Ken disse. – Desculpe, eu pensei que...

– Eu sei o que você pensou. Cães não são estúpidos – Cade disse, empurrando Ken em direção à cela novamente. – Mais alguma surpresa?

Ken negou enfaticamente com a cabeça.

– Não – ele disse. – Eu juro. Só lembre. Não tive nada a ver com o que fizeram com ele. Nada. Lembre disso.

– Abra a porta – Cade disse.

As mãos tremendo, Ken colocou a chave na fechadura e abriu a porta.

Cade viu Zach na penumbra, no chão. Seu peito e virilha estavam cobertos de arranhões feitos pelo cachorro, e a parte interna de sua coxa tinha uma mordida que ainda estava sangrando. Queimaduras em sua pele produzidas pela arma de choque a curta distância. Hematomas. Um capuz negro cobria sua cabeça.

Havia mais, mas Cade tinha visto o suficiente.

Estendeu a mão para Ken.

– Juro, não tive nada a ver com... – ele guinchou.

Cade quebrou seu pescoço com uma mão. Depois entrou na cela e retirou o capuz, enquanto o corpo de Ken caiu no chão como uma pilha de roupa suja.

A princípio, Zach não sabia que era ele. Seus olhos permaneceram firmemente fechados. Quando Cade tentou levantá-lo, ele se debateu, até Cade falar.

– Está tudo bem agora. Você está em segurança – Cade disse.

Zach olhou para ele, quase espreitando, como se estivesse com medo de ver se era verdade.

Ele olhou atrás de Cade, para o corpo de Ken no corredor, o pescoço torcido parcialmente.

– Você fez aquilo? – Zach perguntou enquanto Cade ajudava-o a se levantar.

– Sim – respondeu.

Zach continuou a olhar para o corpo.

– Que bom – disse.

Demorou um pouco para juntar as roupas de Zach – Cade as encontrou em um recipiente para queima de documentos confidenciais do lado de fora da cela. Zach vestiu-se vagarosamente, reunindo o máximo de dignidade de que foi capaz.

– E o que vem agora? – perguntou.

– Agora pegamos Konrad.

– Konrad? – Zach disse.

– Você tem uma ideia melhor?

– Sim – Zach disse, olhando para o cadáver de Ken novamente. – Gostaria de matar cada um deles.

– Um pouco sedento de sangue agora?

Zach olhou para ele com raiva nos olhos. Então cedeu e um sorriso torto apareceu.

– Esse seria o humor de vampiro? – perguntou.

– Só quero que você se lembre das prioridades.

Zach assentiu.

– Tudo bem. Vamos lá.

O rapaz levantou-se e seguiu adiante, mancando, afastando a mão de Cade, que se sentiu compelido a acrescentar alguma coisa.

– Não se preocupe – ele disse. – Se formos atrás de Konrad, tenho certeza de que os amigos dele estarão por perto.

Zach não respondeu de imediato. Conforme avançavam pelo corredor, passando pelo corpo de Ken, ele disse:

– Sedento de sangue... Isso foi engraçado, sabe. Vindo de você.

A boca de Cade se contraiu levemente.

– Tenho os meus momentos.

Tânia ainda estava esperando do lado de fora do edifício quando eles saíram. Estava encostada contra o carro.

Zach olhou-a de cima a baixo.

– Você trouxe uma namorada?

Tânia deu uma passada de olhos nele, e Zach sentiu um arrepio da mesma repulsa que o tinha dominado quando viu Cade pela primeira vez. Sabia o que ela era. Os olhos dela se voltaram para Cade, completamente desinteressados.

– Você tinha razão – ela disse para Cade. – Ele é engraçado.

Ela examinou Cade.

– Coloquei uma troca de roupa no banco da frente para você.

Cade viu a roupa, caprichosamente dobrada. Toda negra. Etiquetas de marca.

– Eu as comprei enquanto você estava dormindo no hotel. A loja de presentes tinha coisas muito boas.

– Por que está fazendo isso? – perguntou.

– Decidi que você ficou parecendo um idiota por tempo demais – ela disse. – Você tem tempo apenas de se trocar. Konrad está indo ao encontro de um navio de carga no porto hoje à noite, Doca 29. Eu o ouvi enquanto ele me manteve trancada.

Ela jogou as chaves e Cade as pegou no ar.

– Melhor se apressar – ela disse.

Zach ficou alerta.

– Cade, é o contêiner – ele disse. – Tem que ser. Konrad vai...

– Eu sei – interrompeu. Ele ficou onde estava. – Eu lhe fiz uma pergunta, Tânia. Por que você está me ajudando?

Ela olhou diretamente dentro dos olhos de Cade, então o agarrou e puxou-o para um profundo, profundo beijo.

Foi um gesto humano. Pegou-o de surpresa.

Ela o empurrou para trás e deu-lhe um olhar de desafio.

– Porque não tenho medo de você – ela disse.

Voltou-se e saiu correndo. Desapareceu em questão de segundos. Cade ficou ali observando.

– Cara, sua namorada é esquisita – Zach disse.

CINQUENTA E CINCO

Dylan aguardava. O cheiro estava começando a chegar até ele. Eles tinham pegado as partes dos cadáveres antes do embalsamamento. As fezes e a comida nos intestinos dos corpos fediam. O mau cheiro penetrava por sob sua pele, chegava até seu cérebro. Ficou pensando se algum dia conseguiria sentir o cheiro de qualquer outra coisa.

Tinha atingido seu destino algumas horas mais cedo. O efeito das pílulas havia acabado, mas agora puro terror mantinha-o acordado. Não havia maneira de fazê-lo cair no sono. Não com aquelas coisas ali dentro, na traseira do caminhão.

Os cadáveres. Homens feitos de retalhos, encaixados nas juntas com uma liga de metal que parecia um tipo brilhante de mofo. Seus músculos irrompiam de dentro da pele podre, empanturrados e grandes demais. Eles haviam se transformado em um arco-íris de cores oleosas conforme a decomposição se instalava.

Os soldados ainda estavam com as cabeças faltando – aquele era o serviço de Khaled, trazer as cabeças. Mas pareciam formidáveis o suficiente, mesmo decapitados.

Eles jaziam em *racks* de metal, fios e tubos saindo de seus corpos para cadeiras uma ao lado de cada soldado. Uma bancada de equipamentos preenchia o restante do caminhão, esperando que alguém ligasse o interruptor.

De acordo com Khaled, o fluido amarelo nos tanques atrás das cadeiras traria os soldados de volta – até mesmo mais fortes do que antes. Músculos fibrosos e mortos se transformariam em algo parecido com cabos de aço. Ossos se tornariam mais duros do que ferro fundido.

Dylan se perguntou como aquilo deveria funcionar. Então, controlou-se. Duvidou que aquilo realmente chegaria a funcionar.

Do princípio ao fim da coisa toda, tinha achado que tudo era um pouco maluco. Mas queria o dinheiro, portanto imaginou, *bem, se Khaled acredita que vai funcionar, deixe-o acreditar, contanto que o cheque do pagamento final não volte...*

Mas um pensamento ruim insistia em aparecer no fundo de seu cérebro. Sim, era maluco, com certeza – mas e se aquilo fosse real?

Não queria acreditar, mas havia um fedor na traseira do caminhão pior do que o dos corpos. A coisa toda fedia – não havia outra palavra para aquilo – a algo maligno. Ele conseguia sentir isso. Não se tratava de uma fraude. Havia poder ali. Algo pressionava e aguardava, como se estivesse bem ali fora do caminhão, pronto para o momento de poder entrar.

Khaled acreditava. Dylan tinha presumido que era só uma coisa do pessoal de cabeças enfaixadas do Jihad sobre o qual ele ficava falando. Mas e se houvesse

mais do que isso?

E se ele acreditasse em algo ainda pior.

E para que diabos eram aquelas cadeiras, de qualquer forma?

Dylan começou a ter esperança de que Khaled fosse detido na Alfândega, mesmo que isso significasse que ele não seria pago.

Os três homens, vestidos com macacões médicos e carregando um grande recipiente de refrigeração entre eles, saíram do jato fretado.

A Alfândega foi mais rápida do que o normal, devido aos grandes adesivos na lateral do recipiente: ORGÃO HUMANO PARA TRANSPLANTE – MANUSEAR COM CUIDADO.

O inspetor do TSA²⁹ trabalhando na segurança naquela noite chamava-se Scot, de acordo com o nome em seu crachá. Ele coçou atrás da orelha com a antena de seu rádio-transmissor quando parou os homens.

– Desculpe – ele murmurou –, preciso olhar aí dentro.

O homem de pele escura que liderava o grupo franziu o cenho, mas colocou o recipiente de refrigeração na mesa.

Scot abriu o recipiente e deu uma espiada por entre a névoa gerada pelos pacotes com gelo quando este atingiu o ar.

Saltou para trás, plenamente acordado.

– Jesus Cristo! – ele disse.

– Satisfeito? – o homem perguntou.

– Que tipo de operação vocês estão fazendo?

– Transplante de cérebro – o homem disse.

Scot olhou-o por um momento. *Que diabos!*, pensou. A papelada estava em ordem. Acenou para o homem sair da fila. Seus dois companheiros o seguiram. Uma ambulância alugada esperava por eles no meio-fio. A polícia do aeroporto foi bastante gentil em deixá-la parada ali até os homens saírem da Alfândega.

A ambulância deixou o aeroporto com as sirenes tocando.

Mais tarde, na sala de descanso, Scot sentou-se ao lado de um de seus colegas de trabalho, que estava tomando uma *Coca Diet*.

– Você não vai acreditar no que eu vi hoje à noite – Scot disse, com um sorriso tenso. – Sem brincadeira: uma cabeça humana no gelo.

Seu colega de trabalho grunhiu e bebeu o resto de seu refrigerante. Uma cabeça humana. Claro. Tudo bem.

CINQUENTA E SEIS

Foi fácil demais. Essa devia ter sido a primeira dica para Cade. Konrad tinha sido prestativo o suficiente para dirigir sua Ferrari até o porto e estacioná-la bem à vista. O navio no porto estava claramente assinalado com a bandeira do Kuwait e o logo da KSM Holdings, Inc.

Konrad estava em pé em frente a um contêiner de carga. Cade o viu claramente a 275 metros de distância. Ele estava conversando com vários árabes, todos vestindo jaquetas que não ajudavam muito a esconder as armas.

– Fique abaixado – disse a Zach e pisou até o fundo no acelerador da BMW.

Zach abaixou-se enquanto o carro executava um perfeito cavalo de pau, deslizando até parar a três metros e meio de Konrad e seus capangas.

Cade saiu do lado do motorista. Os árabes – quatro – ainda olhavam o carro sem entender. Cade moveu-se entre eles como uma máquina debulhadora. Somente o último conseguiu tocar sua arma antes de Cade atirá-lo do outro lado do navio.

Estavam no chão como troncos caídos quando Cade se voltou para Konrad. Este deu um sorriso afetado e levantou suas mãos.

– Eu me rendo.

Cade bateu nele de qualquer forma.

Konrad caiu, e Cade o levantou de novo segurando pelas lapelas de seu terno elegante.

– Onde eles estão?

Demorou um momento para Cade reconhecer o som vindo de Konrad, um tipo de fungada através do sangue correndo de seu nariz quebrado.

Ele estava rindo.

– Onde estão os *Unmenschsoldaten*? – Cade perguntou, chacoalhando-o. – Onde?

– *Sehen Sie für sich selbst*³⁰ – Konrad disse, sorrindo com ódio.

Cade jogou-o no chão e foi até o contêiner. Zach ficou em pé, espiando por cima do teto da BMW. Teve um momento de *déjà vu*, de volta ao pátio do porto de Baltimore, apenas algumas noites atrás.

– Volte para o carro – Cade ordenou. Zach voltou.

Cade puxou a alça da porta do contêiner. A corrente e o trinco romperam-se como papel.

Não havia corpos dentro. Não havia absolutamente nada dentro. A voz de Konrad caçoou dele por trás.

– Você realmente achou que eu teria planejado algo tão desleixado, tão amadorístico, para ter uma falha em um contêiner bem onde seu serviço de Alfândega poderia descobri-la?

Cade se voltou.

– Você queria que eu encontrasse o primeiro contêiner?

Konrad cuspiu.

– Você veio correndo, não veio? Como um bom cãozinho de caça.

Cade tentou encontrar um sentido nisso.

– Isso foi só uma isca? Um truque para me trazer aqui para que você tentasse me matar?

– Valeu a pena tentar. Helen parecia bem convencida de que conseguiria lidar com você. Jovem impetuosa.

Cade ainda não entendia.

– Nunca houve quaisquer *Unmenschsoldaten*? Isso tudo foi apenas por minha causa?

Konrad deu de ombros, sorrindo.

– Eu disse isso?

Cade entrou no contêiner. No fundo, parou, esquadrinhou a parede de metal... E encontrou algo.

Puxou uma alavanca, quase invisível na emenda do metal em que os cantos se uniam. O fundo do contêiner girou para a frente, revelando um compartimento escondido.

Parecia uma cabine de um luxuoso navio de cruzeiro – apertada, mas ainda assim exuberante. Havia uma cama compacta e, uma escrivaninha, luzes embutidas nas paredes, juntamente com passagens para ventilação e um toalete químico e uma minigeladeira, ligados a um conjunto de baterias.

Um perfeito módulo de fuga, feito para passar por Alfândega, detectores de metal ou câmeras.

Tudo se encaixou perfeitamente.

Oh, meu Senhor, perdoe-me mais uma vez pela minha arrogância, pensou. *Tenho sido tão cego. Tão estúpido.*

Durante todo esse tempo, pensou que os *Unmenschsoldaten* estavam chegando para Konrad. Não estavam. Já tinham estado aqui e partido.

Cade saiu do contêiner. Levantou Konrad do chão novamente.

– Onde? – ele exigiu.

Konrad parecia tão calmo como sempre.

– Onde você acha?

Por um instante, Cade quis arrancar seus pulmões fora. Isso deve ter transparecido, porque Konrad afinal pareceu assustado.

– Estão em Washington, D.C. agora mesmo. Planejam atacar a Casa Branca. Pode ser a qualquer momento.

Cade sabia que ele estava dizendo a verdade. Sabia, porque sentia em seus ossos,

sentiu seu juramento solicitando-o com urgência.

Por este sangue, você está preso...

Cade tinha que ir, sabia que não podia perder nem mais um segundo.

Konrad também sabia disso. Sorriu novamente.

– Deixe-me ir. Você tem coisas mais importantes a fazer.

...você está preso ao presidente dos Estados Unidos...

Cade derrubou Konrad, maldizendo-se.

... E às ordens dos oficiais apontados por ele...

Cade estava atrás do volante antes de Zach vê-lo mover-se.

Através do para-brisa, Cade viu Konrad levantar-se do concreto. O cientista estava sorrindo.

– Vamos simplesmente deixá-lo ir? – Zach guinchou.

Cade colocou a BMW em marcha à ré, então a rodou 180 graus tirando fumaça dos pneus.

– Cade, fale comigo. O que está acontecendo? – Apressou-se em colocar o cinto de segurança quando Cade pisou até o fundo.

O rosto de Cade estava sombrio.

– Konrad estava deixando o país. Os *Unmenschsoldaten* não estão aqui.

– Então, onde estão?

Cade olhou-o e afinal Zach entendeu também.

Era o contêiner que tinha que chegar até Konrad. Mas as partes avulsas – estavam exatamente onde deveriam estar: em Washington, D.C.

– A Casa Branca? – Zach perguntou.

Cade assentiu.

– Ligue para Griff. Diga-lhe para tirar o presidente dali. Fazer o que for preciso. Depois ligue para Edwards.

– Quem? – Zach perguntou, tentando disar enquanto o carro, com o motor gritando, guinava entre o tráfego da madrugada.

– A base da Força Aérea – Cade disse, rosnando cada palavra. – Precisamos voltar para Washington o mais rápido possível.

Zach olhou para seu relógio, passava de uma hora da manhã. O que significava que em D.C. seria logo após as quatro.

– Não há como conseguirmos, vai ser de manhã antes de pousarmos.

– Maldição, faça o que lhe foi dito – Cade gritou.

Zach percebeu, de repente, que estavam na contramão, indo diretamente para um utilitário esportivo.

Cade cortou de volta para a via oposta, centímetros à frente de um Ford indo devagar. Assim que estavam livres, Cade pisou fundo novamente, mandando o tacômetro de volta ao vermelho. Buzinas berraram atrás deles.

– Faça essas ligações, por favor – Cade disse, mais baixo agora.
Zach não fez mais perguntas. Fez o que lhe foi dito.

CINQUENTA E SETE

Konrad viu o carro de Cade desaparecer em uma curva do pátio do porto. Aquilo tinha na realidade chegado um pouco perto demais.

Olhou para os seguranças, espalhados na doca em volta dele. Tinham sido parte de seu acordo com os assim chamados terroristas: guarda-costas armados. Achara que eles poderiam ter sorte, talvez ferir Cade se tudo o mais falhasse.

Previsivelmente, tivesse esperado demais. Konrad suspeitava que o pequeno árabe presunçoso tivesse pagado preços de ocasião. O homem no chão mais próximo a Konrad grunhiu. Konrad cutucou-o com o dedão do pé, e os olhos do homem se abriram.

– Um de vocês ainda precisa carregar meu contêiner – Konrad disse. – O homem que fez isso com vocês... Ele quase certamente vai voltar. Não quero estar em qualquer lugar onde ele possa me encontrar.

A cabeça do homem pendeu para trás, e ele fechou os olhos novamente.

Konrad olhou para o céu. Era tão difícil encontrar bons ajudantes hoje em dia.

CINQUENTA E OITO

Dylan verificou seu relógio novamente. Khaled e os outros estavam atrasados. Talvez tivessem sido parados. Não sabia o que deveria esperar agora. Então, ouviu o som returbante de uma mão batendo na traseira do caminhão e abriu a porta.

Khaled estava em pé ali com dois de seus companheiros, Gamal e Tariq. Todos os três vestiam macacões médicos. Khaled carregava o recipiente de refrigeração. Ele o ergueu dentro do *trailer*, a seguir estendeu a mão.

Dylan puxou-o para cima. Olhou fixamente para o recipiente de refrigeração.

– Isso não pode ser elas.

Khaled deu um sorriso.

– São. Deus quer mesmo que este país caia.

Dylan não conseguia acreditar. Abriu a tampa do recipiente, então praguejou para si mesmo.

Gelo-seco soltava fumaça em volta de quatro cabeças cortadas. Elas não pareciam com nada humano, não realmente. Estavam cinza, enrugadas e inchadas, a pele caindo delas como pacotes de compras mal-embalados. Um olho o encarava, morto como mármore. Dylan deu um passo para trás. A tampa caiu e fechou-se.

Khaled, enquanto isso, analisava o interior do caminhão. Assentiu. Estava tudo ali, como Konrad prometera. Os tubos e as máquinas, que jaziam como insetos aguardando, prontos para zumbirem de volta à vida.

Ele voltou o olhar para Dylan.

– Você se saiu muito bem. Será recompensado.

Dylan afinal começou a entender. Não havia um dia de pagamento chegando.

– Dê-me isso aí – Khaled exigiu, referindo-se às cabeças.

Dylan quase vomitou, tocando a pele morta ao passá-las a Khaled, que as colocou no encaixe de metal vago no pescoço de cada corpo.

Qualquer esperança que Dylan tinha de que aquilo fosse apenas uma fantasia maluca tinha se evaporado. Sabia disso, com tanta certeza como a de estar segurando cabeças de corpos enquanto Khaled apertava os parafusos. Enquanto isso, Gamal e Tariq estavam amarrando a si mesmos nas cadeiras, prendendo os eletrodos em suas peles.

Algo começou a ocorrer a Dylan, uma coisa que ele tinha ouvido há muito tempo em uma daquelas aulas de ciência em que fora reprovado: você não pode obter algo de nada... O que quer que fosse animar aqueles cadáveres tinha que ser iniciado de alguma forma.

Ele sabia como agora isso era real. Tudo aquilo era real e iria funcionar. Tinha ajudado a colocar aquelas coisas sobre a Terra. E iria morrer.

Khaled aguardou, imóvel, de alguma forma comunicando sua impaciência apenas com um olhar. Gamal e Tariq estavam amarrados, rostos constrictos em antecipação. Khaled apertou o parafuso no pescoço da última criatura. Tinha terminado.

Dylan deu uma olhada para a porta traseira do caminhão, o caminho estava livre até lá. Agora ou nunca. Correr ou morrer. Então correu, arrancando para a porta. Saltou e decolou para fora, mergulhando como um nadador no pavimento. Bateu com força e rolou. Conseguiu ouvir Khaled xingando-o enquanto se levantava.

Dylan continuou correndo. Não sabia para onde estava indo e não se importava. Estava farto daquele pesadelo. Estava fora.

CINQUENTA E NOVE

Griff quase não acordou com o telefone. Entre o uísque e seus medicamentos, ele estava bem fora de si. Estendeu a mão, derrubou o telefone, xingou e então trouxe-o ao seu rosto. Zach estava do outro lado da linha, falando muito rápido. O alívio de Griff ao ouvir a voz do garoto não durou muito.

Apenas ouviu. Depois desligou, colocou a jaqueta de seu terno e correu o mais rápido que pôde para a porta. Engoliu de volta a náusea, a bebedeira e a vergonha que subiam por sua garganta ao mesmo tempo. Poderia sentir aquilo mais tarde, se houvesse tempo, pois, naquele exato instante, tinha que ir à Casa Branca.

Quarenta apavorantes minutos depois de arrancarem – Zach olhara para o velocímetro uma vez e depois disso mantivera seus olhos bem fechados –, o carro cantou pneus ao parar na pista de decolagem em Edwards.

Zach saiu do carro com as pernas levemente bambas. Não havia uma aeronave, ou uma pessoa, em qualquer lugar que ele visse.

– Mova-se – Cade rosnou, e Zach não tinha certeza de onde devia ir.

Então, ele viu o avião. Era completamente preto, sem luzes acesas, quase invisível contra o céu noturno e o asfalto. Parecia um triângulo plano. Mas era difícil ver – fisicamente, era difícil para ele focalizá-lo. Seus olhos pareciam deslizar para fora de seus cantos arredondados.

Uma porta se abriu em sua barriga, e Zach de repente percebeu como ele era grande – eles ainda estavam a mais de 90 metros de distância.

Um homem alto e desengonçado em um uniforme de voo acenou impientemente para eles – um cara de aparência comum cercado por tecnologia de disco voador.

– Vamos – ele chamou. – O taxímetro está correndo.

Cade voltou-se para Zach.

– Fique aqui – ordenou. – Você ficará mais seguro.

– Que diabos você disse?

– Eu disse...

– Ouvi o que você disse – Zach disparou. – Você acha que eu vou pular fora agora?

– Não vou poder cuidar de você e não tenho tempo para discutir – Cade disse, a impaciência deixando sua voz cortante.

– Mesmo? Bem, que bom, porque isso não vai demorar – Zach disse.

Ele não tinha certeza de onde estava tirando coragem para isso, mas foi em frente do mesmo jeito.

– Eu vou com você, Cade, e se não gostar disso, grande merda. Porque isso é uma

ordem.

Não houve mudança no tom ou na expressão facial de Cade. Mas, de alguma forma, Zach teve a sensação inconfundível de que o vampiro estava orgulhoso dele.

– Muito bem – Cade disse.

Dentro de uns poucos minutos, Zach estava amarrado com correias em um assento semioval, recheado de espuma que se ajustava em seu corpo. O piloto – o nome que estava em seu uniforme dizia AHREN – estendeu-lhe uma máscara e um capacete.

– Coloque isso – disse. – Tente não vomitar nele.

O copiloto virou-se e verificou Cade, que já estava amarrado ao banco. Cade obviamente tinha feito esse passeio antes.

– Não temos tempo para colocá-lo na caixa, senhor – revelou o copiloto.

Seu crachá dizia GRAHAM. Nenhum deles portava patente alguma, mas ambos usavam insígnias idênticas. Um círculo negro, contornado por letras vermelhas, alguma forma de latim: *Si Ego Certiorem Faciam... Mihi Tu Delendus Eris.*³¹

– Vamos pegar um pouco de luz solar quando atingirmos o apogeu – o copiloto disse, como um comandante de linha aérea apontando o Grand Canyon aos passageiros.

– Vou ficar bem – Cade disse. – Vamos.

Os pilotos sentaram-se em suas próprias poltronas, que pareciam cadeiras reclináveis com uma série de fios e tubos. Zach poderia jurar que viu um deles inserir um cabo de computador diretamente em um encaixe em seu maxilar, mas aquilo tinha que ser uma ilusão de ótica. Ambos os pilotos fecharam os zíperes e colocaram grandes capacetes com visores parecidos com olhos de insetos, depois começaram a acionar controles.

Quase não havia som – apenas um persistente zumbido que Zach sentia em seus ossos. Ele demorou um minuto para perceber que estavam se movendo. Estavam se movendo muito rápido.

Os pilotos não tiveram a usual conversa pré-voo ou falaram em seus rádios.

Zach, posicionado exatamente atrás deles, conseguiu apenas ver as bordas do que estava acontecendo lá fora através das janelas da cabine. A nave em forma de asa estava nos limites da pista de decolagem em uma fração de segundo, e então o estômago de Zach contorceu-se quando eles subiram em um ângulo de 90 graus.

– Aproximando-se de delta – um dos pilotos disse. Zach ouviu isso através de seu capacete. Teve um pouco de ânsia de vômito, uma vez que suas entranhas continuavam se remexendo.

Um dos pilotos deve tê-lo ouvido.

– Não se preocupe – falou. – Esta é a pior parte.

– Bem, a não ser que acabemos explodindo – o outro disse.

– Explodindo?

Os dois pilotos riram.

Zach não tinha tempo para se preocupar. A sua frente, o céu mudou de negro para púrpura e para um outro negro mais profundo – mas mais aceso, como se por lâmpadas de halogênio.

A aeronave parou no meio do ar, e Zach teve uma visão livre do lado de fora das janelas conforme eles giraram de ponta-cabeça. Zach viu azul novamente, uma ampla curva no canto da janela frontal e percebeu para o que estava olhando.

Estavam acima da Terra – em órbita.

– Estamos no apogeu – o copiloto disse. – Trinta segundos e contando.

A aeronave permaneceu ali na borda do espaço enquanto a Terra rodava abaixo deles. Logo acima da curva azul, um clarão ofuscante surgiu. Era o amanhecer, no outro extremo do mundo.

– Meu Deus, o que é essa coisa? – Zach perguntou.

Ele percebeu que estava flutuando contra seus cintos. Mesmo dentro do avião, conseguia sentir o frio do espaço aderindo a ele, sugando o calor.

– Avião de reconhecimento de órbita próxima à Terra – o piloto disse, um pouco de orgulho em sua voz. – TR-3B Black Manta. Modificado para passageiros, claro.

– Inacreditável. Não sabia que tínhamos alguma coisa assim tão rápida...

– Não rápido o suficiente – Cade disse. Zach não conseguia vê-lo atrás do capacete, mas conseguiu ouvir a dor em sua voz.

A luz do sol, pura e sem filtros, espetava os olhos de Zach, que percebeu o que isso devia estar fazendo a Cade.

– Agente firme, senhor – o copiloto disse. – Quase prontos para reentrar.

Cade não respondeu, os dedos em um aperto agoniado no descanso de braço.

– Cade, estamos quase fora deste...

– Não foi o que eu quis dizer – Cade disse. – Eu não fui rápido o suficiente. Devia ter entendido tudo. Agora estamos a três horas do nascer do sol quando pousarmos. E eles já estão lá embaixo. Estamos sem tempo. Porque eu fui muito lento.

Silêncio.

– São 3h44min da manhã, horário local, senhor – o copiloto disse. – Começando a descida.

– Vamos conseguir, Cade – Zach disse sem pensar. Estava tentando tranquilizar um vampiro.

Mais uma vez, Cade não respondeu. O avião mergulhou, e todo o peso de Zach retornou. Encontraram velocidade e gravidade de novo, e cada músculo do corpo de Zach retesou-se contra os cintos quando o avião atingiu a atmosfera.

Caíram abaixo da ardente luz do sol e entraram estridentemente de volta à escuridão.

SESSENTA

O fanático é incorruptível: se ele mata por uma ideia, pode simplesmente também morrer por uma; de uma forma ou de outra, tirano ou mártir, ele é um monstro.
– E. M. Cioran

Khaled, da traseira do caminhão, assistiu Dylan correr para dentro da noite. Pensou em persegui-lo. Tivera a intenção de usar o corpo do americano para fornecer combustível bruto para o quarto corpo. Mas o idiota tinha alguns instintos de autopreservação, afinal.

Baixou as portas do caminhão antes que alguém visse o que havia dentro. Talvez o quarto corpo não fosse levantar. Talvez nenhum deles fosse. Ainda assim prosseguiria com o planejado. Como em todas as coisas, Khaled sabia que estava nas mãos de Deus.

O Deus de Khaled não era misericordioso, era cruel e perverso, e era poderoso. Distribuíra dor, ódio e destruição. O mundo estava cheio dessas coisas, o que significava que Deus estava vencendo.

Era por isso que Khaled o venerava. Esse era o Deus que ele queria do seu lado.

No meio do caminhão, no centro do console do equipamento de Konrad, havia um grande interruptor. Estava ao alcance da cadeira que Khaled havia escolhido. Assim que estivessem todos sentados, ele teria apenas que puxar aquilo, e suas vidas seriam drenadas para dentro das criaturas.

A vida requer morte, Konrad tinha dito a Khaled muito tempo atrás quando se encontraram pela primeira vez. E a morte consumirá a vida.

Ele se amarrou em sua própria cadeira, deixando apenas uma mão livre. Deu um último olhar a Gamal e Tariq. Gamal assentiu. Os olhos de Tariq estavam fechados, seus lábios movendo-se em oração. Khaled puxou o interruptor. Sua vida toda destilou-se neste único momento. Ele estava em paz. A dor começou um segundo depois, mas seu sorriso jamais desapareceu.

Os filmes erram, toda vez. Não há raios, nenhum estrondo de trovão. O *flash* acontece entre os neurônios, a vida retornando aos corpos que deveriam estar embaixo da terra.

Vagarosamente, três *Unmenschsoldaten* começaram a se mover. As amarras que os seguravam romperam-se como papel de seda quando eles se levantaram.

O quarto corpo levantou-se por último. Moveu-se lentamente, mas moveu-se.

Os *Unmenschsoldaten* alinharam-se e começaram a andar. Assim que deixaram suas plataformas, um sensor ativado por pressão abriu novamente a porta traseira. Konrad tinha pensado em tudo. A traseira do caminhão dirigia os *Unmenschsoldaten* diretamente a seu objetivo. Enquadrada pela porta, brilhando branca na escuridão, estava a única coisa que seus sentidos limitados conseguiam detectar.

A Casa Branca. Brilhando como um farol do outro lado da planura verde do Gramado Sul, como se os convocando.

Os mortos começaram a andar.

SESSENTA E UM

Não são homemnemulher
Não são feras nemhumanos
São *Ghouls*.
– Edgar Allan Poe, Os Sinos

O presidente vestia uma camisa aberta no colarinho e calça cáqui com pregas nas pernas. Foi o máximo de desalinho que Griff já vira nele. Ainda assim, ele não parecia satisfeito por estar em pé àquela hora.

Wyman também estava lá, uma camisa de pijama enfiada dentro de seus *jeans* por baixo de um *blazer*. Em seus pés, aqueles malditos mocassins novamente. Tinha vindo correndo de sua residência no Observatório Naval quando recebeu a convocação do presidente. Realmente parecia feliz por Griff estar encrencado.

A ID e a reputação de Griff foram suficientes para deixá-lo entrar na Casa Branca, apesar da nuvem pairando sobre ele. Não foram suficientes, no entanto, para fazer ninguém se apressar. Quase uma hora foi perdida enquanto Griff contava sua história ao Serviço Secreto, que acordou o presidente, e depois mais uma vez ao homem em pessoa.

Entretanto, mesmo agora, os agentes na sala – dois da escolta de Wyman e três do presidente – olhavam-no desconfiados.

– Senhor – Griff disse ao presidente –, tem que sair daqui. Agora! Estamos perdendo tempo...

– Agente Griffin – o presidente disse, seu tom cortante –, você terá de fazer melhor do que isso. Preciso de fatos, preciso de informação. Se houver uma ameaça, não posso simplesmente...

– Sim, pode, maldição, se quiser viver! – Griff gritou, derrubando sua cadeira ao levantar.

Dois homens do Serviço Secreto, Patterson e Haney, eram veteranos. Conheciam Griff de três administrações. Mesmo assim se colocaram entre ele e o presidente, mãos em suas armas.

Griff inspirou fundo, lutando para controlar-se. Então expirou. O nariz de Patterson franziu-se.

– Griff – ele disse –, você andou bebendo?

Magnífico, Griff pensou.

Wyman sorriu como se a única coisa da qual ele estivesse sentindo falta fosse de um balde de pipoca.

– Senhor – Griff disse mais uma vez.

O presidente levantou uma mão, e Patterson e Haney se afastaram. Ele parecia estar invocando sua última reserva de paciência.

– Griff – falou –, tenho confiado em você e Cade em muitas coisas. Coisas nas quais jamais teria acreditado. Mas essa ameaça, seja o que for, não está endereçada somente a mim. Se algo estiver vindo em direção a D.C., não posso partir a menos que saiba que fiz todo o possível para...

– Esqueça – Griff interrompeu.

Todos na sala pareceram perplexos. Acharam que Griff estava cometendo suicídio profissional bem diante deles.

– É tarde demais agora – Griff disse. Apontou.

Todos se voltaram e olharam pelas janelas em direção ao Rose Garden.

Pensando bem, Griff não poderia culpá-los por ficarem paralisados.

Ninguém está preparado para seu primeiro contato com o Outro Lado quando este irrompe. Não importa quantos filmes de zumbis você tenha visto, em algum lugar profundo dentro de si mesmo você sabe que são apenas atores e maquiagem. Lá fora, no mundo real, sua mente se rebela. E diz: isso não pode existir. Mesmo assim, lá está, andando em sua direção.

Homens mortos, alguns ainda portando os ferimentos que os mataram. Absoluta e irrevogavelmente mortos.

E, no entanto, se movendo. Andando para o Salão Oval, através do Rose Garden, um passo por vez.

Quatro deles. Olhos nebulosos olhando fixamente pelas janelas para os homens na sala. Um deles pisou em uma roseira com seu pé em decomposição e deixou um naco de carne para trás.

Até o presidente ficou espantado. Horrorizado. Esse é o problema com o horror. Ele paralisa você. Deixa-o entorpecido. Transforma-o em presa. Felizmente, Griff tinha muito mais experiência com isso.

Empurrou os agentes para o lado e encontrou o botão no console na escrivaninha do presidente. Aquele acrescentado após o 11 de Setembro. Apertou-o. Telas de segurança reforçadas compostas de blindagem homogênea de aço laminado fecharam-se rapidamente sobre as janelas. Aguentariam até um ataque direto de um míssil Hellfire. Griff esperava que fossem suficientes.

Os agentes na sala olharam para Haney, o homem mais experiente no turno. Estavam ansiosos, confusos... e apavorados. Havia sido treinados para lidar com todas as possíveis ameaças ao presidente e ainda assim estavam apavorados.

Fora do Salão Oval, um alarme começou a soar. A Casa Branca nunca era deixada desprotegida. Uma Unidade de Contraofensiva estava a postos a todo momento. Carregavam artilharia suficiente para repelir um ataque terrorista em larga escala.

Griff sabia que eles não tinham a mínima chance. Os homens mortos continuariam vindo. Estava embutido em sua constituição. Encontrariam uma entrada, procurariam vida dentro do prédio e a dizimariam. Era tudo o que eles sabiam fazer.

Tiros ecoaram pelo prédio. As paredes do Salão Oval estremeceram como se alguém tivesse disparado um lançador de granadas. No outro lado da sala, Haney estava falando ao microfone em seu punho. Tentava falar baixo, mas Griff conseguia ouvi-lo muito bem. Pânico puro.

Então, algo veio através do fone de ouvido de Haney, alto o bastante para o agente ter de arrancá-lo de seu ouvido. Os outros agentes, todos sintonizados no mesmo canal, fizeram o mesmo.

Um grito muito fraco soou através do fone de Haney, que pendia de seu colarinho. Depois se extinguiu completamente.

Haney pegou o telefone, tentando acessar alguém do lado de fora para conseguir uma informação.

Balançou a cabeça. Nenhuma resposta. O som de madeira estilhaçando e metal torcido veio até eles vindo do andar de baixo. Eles tinham entrado.

Tanto Haney quanto Griff olharam para a porta do Salão Oval, que não possuía as venezianas de aço. O raciocínio era que, se alguém chegasse tão longe, o presidente já teria ido embora há muito tempo. Possuía pesadas trancas para mantê-la fechada. Mas não durariam contra as criaturas.

Haney virou-se para Griff.

– Qual é o plano?

Griff notou que ele se transformara de lunático em profeta em menos de cinco minutos. E Wyman não parecia mais feliz, de forma alguma.

– Fiquem aqui. Esperem por Cade – Griff disse.

O agente Haney olhou para o presidente.

– Senhor?

Curtis demorou um longo tempo. Griff conseguia ver o conflito em seu rosto. Sabia, como todos na sala, que sair para encarar aquelas coisas era praticamente suicídio.

Mas a família dele estava do outro lado das telas de proteção.

Ele se dirigiu a Griff.

– Tem que haver uma forma de detê-los.

– Não por nós, senhor. Isso está muito acima de nossa capacidade.

Curtis pensou por um instante. Olhou para Haney.

– Bob – ele disse –, vou pedir-lhe algo. Não é uma ordem. É um pedido.

– O senhor não vai deixar esta sala – Haney disse.

– Preciso ter certeza de que minha família está bem.

– Não, senhor. O senhor não irá.

– Maldição, Bob...

– Mas eu irei.

Eles ouviram mais vidro e madeira quebrando. Acima deles, o teto tremeu como

se o prédio tivesse sido atingido por um terremoto.

Haney apontou para os outros agentes.

– Patterson, Roy, Spencer, vocês ficam comigo. Vamos correr até o depósito de armas, então até a Residência – Haney disse. Olhou para Griff. – Você não é rápido o bastante. Sem ofensa.

O teto tremeu de novo, e pó de reboco choveu em cima deles.

– Não fiquei ofendido.

– Você fica aqui com Terrill – Haney virou-se para Terrill, o homem mais novo na sala, um agente novato. – Terrill, a vida do presidente está em suas mãos.

Haney pegou sua arma reserva de um coldre em seu tornozelo, bem como seus pentes de balas sobressalentes, e passou tudo para Griff.

Patterson e os outros agentes aproximaram-se de Haney e prepararam-se para sair porta afora.

Wyman notou.

– O que vocês estão fazendo? Não vão nos deixar aqui.

– Sr. Vice-Presidente, o senhor estará mais seguro aqui – Haney disse.

– Vocês não podem nos deixar – Wyman disse. – Vocês têm que nos proteger!

– Vocês têm o agente Griffin e o agente Terrill – Haney respondeu.

Wyman não estava ouvindo. Agarrou o braço de Haney quando o agente se virou para sair. Haney olhou para a mão dele. O presidente Curtis o fez soltar.

– Bob – ele disse novamente com uma força serena –, não posso pedir que você faça isso.

Griff conseguia praticamente sentir o peso do olhar do presidente.

– Não precisa, senhor – Haney disse. Apertou a mão do presidente. – Tem sido um prazer e um privilégio.

A seguir, correu para o corredor junto com os outros agentes. Griff bateu a porta e na sequência trancou-a com as travas de segurança.

Não seria o suficiente. Griff pegou uma pesada cadeira e deitou-a contra a porta. Então uma mesa, depois outra cadeira.

– Me dê uma mão – disse ao novato. – Minhas costas já não aguentam o que costumavam aguentar.

Terrill correu e pegou a outra ponta do sofá, que fora um dos favoritos de Lady Bird Johnson. Ele e Griff arrastaram-no para o topo da barricada improvisada

– Você acha que isso irá detê-los?

– Diabos, não – Griff disse. – Ficarei feliz se isso os atrasar.

A expressão no rosto do novato disse a Griff que aquela não era a resposta que ele queria.

O *marine* parecia desconfortável.

– Senhor, sinto muito. Não recebi nenhuma liberação da Casa Branca.

Ele se mantinha em pé diante do Marine One, o helicóptero presidencial, em sua plataforma na Base da Força Aérea de Andrews. Tanques cheios, preparado para sair ao primeiro aviso. No momento não indo a lugar algum, porque o guarda impediu Cade e Zach de entrarem nele.

– Olhe, você sabe quem somos, apenas nos tire do chão e chame pelo rádio pedindo permissão – Zach disse. – Sou diretor-adjunto da Casa Branca...

Zach estendeu a mão para pegar suas credenciais na jaqueta de seu terno – e então lembrou que elas provavelmente estavam em uma bolsa com zíper perto da cela de contenção na Califórnia.

– Tenho ordens de mantê-los aqui, senhor. Desculpe.

– Ordens? De quem?

– Wyman – Cade murmurou. O *marine* não ouviu, ou não se incomodou se ouviu.

– Tenho minhas ordens, senhor. Por favor, para trás.

O rosto do *marine* era uma parede em branco. Zach não tinha ideia de como contornar aquilo.

O rádio do *marine* subitamente voltou à vida.

– Temos uma chamada da Casa Branca, alguma coisa está acontecendo por lá, prepare o helicóptero...

Zach ia dizer alguma coisa ao *marine* quando Cade encerrou o debate, estendeu a mão na frente de Zach, agarrou o *marine* pelo cinto e arremessou-o para trás.

Cade já estava no assento do piloto quando o *marine* aterrissou a uns dez metros de distância.

– Entre – ordenou a Zach.

Cade acionou os controles, e os motores do Marine One começaram a acelerar a rotação. Distante, o guarda lutava para se pôr em pé, tateando atrás de sua arma na cintura.

– Cade, ele está se levantando.

– Os *marines* são durões – comentou.

– Cade...

Cade o ignorou, ainda lidando com os controles.

– Cade, você sabe como pilotar esta coisa?

A resposta recebida por Zach foi uma guinada de decolagem bem quando o *marine* começou a atirar.

Se ele atingiu algo, Zach não conseguiu ouvir, por causa dos motores e do rotor.

O *marine* ainda estava atirando quando eles partiram dentro da noite, ganhando velocidade.

SESSENTA E DOIS

Eram somente 20 quilômetros de Andrews até a Casa Branca, portanto Zach sabia que a viagem de helicóptero não poderia estar demorando tanto quanto parecia. Vozes no rádio gritavam com eles. Então outras vozes gritaram junto àquelas.

– Quatro, repito, temos *quatro* intrusos confirmados na Casa Branca, estamos tentando... Minha nossa! Não pode ser... minha *nossa*...

Um grito, então estática. Cade o desligou.

Zach viu a Casa Branca através do vidro frontal, brilhante e em camadas como um bolo de casamento nas luzes. Parecia estranhamente calma. Cade pôs o helicóptero para descer abruptamente.

Zach deu uma olhada para ele. Os lábios de Cade estavam repuxados, seus dentes expostos. Seus olhos estavam brilhantes. Demorou um décimo de segundo para Zach reconhecer o que estava vendo.

A culpa dele desaparecera. É para isso que ele havia sido feito, Zach de repente percebeu. Na caçada, contra algo que poderia representar um desafio. Fora da coleira. Matar ou ser morto. Cade estava feliz.

Os agentes chegaram ao andar inferior e dentro da sala do Serviço Secreto. Mais tiros irromperam, dessa vez mais perto. Gritos e depois sons que eram nauseantemente molhados.

Haney e Patterson viraram um arquivo de pastas e abriram um painel escondido na parede, revelando uma porta de aço por trás da madeira completamente branca. As mãos de Haney tremiam enquanto ele inseria a combinação no teclado.

Somente depois de duas tentativas as travas se abriram com um pesado baque. Os agentes começaram a dividir as armas no compartimento. Coletes de Kevlar... não havia tempo. E aquelas coisas não tinham armas. Armas automáticas... M16s. Uma para cada um. E duas AT4s. Foguetes antitanques disparados no ombro. Estes eram as versões CS, especificamente projetados para curta distância, guerra urbana. Vinham com um disparo apenas. Teria que servir.

Haney pegou a bomba incendiária e seu tubo de lançamento, um cilindro enganosamente pequeno e leve. Estendeu a outra a Patterson.

– Vou para a Residência – ele disse.

Patterson franziu o cenho, mas assentiu. Não havia tempo para discutir. Os outros agentes estavam verificando suas balas, guardando munição extra.

Patterson e os outros dois agentes se dirigiram para o West Lobby. Haney, sozinho, passou correndo pela sala de imprensa em direção à residência principal.

Pousaram com força suficiente para mandar Zach a meio caminho do teto do helicóptero. O cinto de segurança puxou-o de volta. Suas costelas e outros ferimentos berraram de dor. Cade estava se movendo, soltando-se.

– Cade – Zach disse.

– A família do presidente. – Vá. Eu não tenho tempo.

Ele estava fora do helicóptero, correndo para os prédios.

Zach se movimentou muito mais vagarosamente, soltando-se das correias e saindo, pulando os vários centímetros até o chão. Seu corpo lembrou-o de cada ferimento quando ele atingiu a grama bem tratada.

Cade já estava na Ala Oeste, sem olhar para trás.

Zach pensou na família do presidente. E pensou em Candace.

Esqueceu sua dor. Voltou-se e correu o mais rápido que conseguiu para a Casa Branca.

SESSENTA E TRÊS

Cade despedaçou a porta de trás do andar térreo da Ala Oeste, passando diretamente para dentro do escritório do Serviço Secreto.

A Casa Branca fedia a carne rançosa, o que perturbou seus sentidos, confundindo tudo como se uma névoa escondesse uma paisagem. Mortes demais, sangue fresco demais. Precisou contar com seus ouvidos. Conseguia ouvir passadas no carpete, apesar dos outros sons.

O saguão. Cade chegou lá em segundos. Os guardas *marines* que normalmente vigiavam a porta já estavam mortos, seus uniformes em frangalhos, seu sangue pintando o chão e as paredes.

Três agentes do Serviço Secreto estavam fazendo tudo o que podiam contra a coisa que tinha matado os guardas. Estavam com suas armas apontadas, disparando um tiro após o outro.

Tudo parecia acontecer debaixo d'água para Cade. Suas percepções estavam trabalhando o mais rápido possível. As balas pareciam abelhas preguiçosas, flutuando no ar.

As balas nem chegavam a perfurar a pele das criaturas, elas continuavam vindo, os agentes atirando loucamente, até que, uma a uma, suas armas deram um clique vazio.

A criatura, que ainda se encontrava em pé, moveu seus membros descombinados e o torso hipertrofiado, avançando sobre eles. Olhos mortos fixos nos agentes.

Estava a pouco mais de três metros da escadaria para o Salão Oval. Cade saltou, passando por cima das cabeças dos agentes em um único movimento, atingindo a criatura tão fortemente quanto conseguiu. Ela foi lançada para trás, mas não muito. Depois balançou em sua direção, quase o acertando.

Ele conseguiu escapar por pouco. O pulso dela deixou uma cratera no chão. Konrad tinha instalado atualizações.

Os agentes estavam atrás dele agora, olhos fixos, congelados no lugar.

– Humanos, *fora!* – Cade rugiu.

O líder deles – Cade sabia seu nome, era Patterson – pareceu acordar. Gritou a ordem de retirada.

– Saiam! – ele berrou. – Vão! São apenas os monstros agora.

Cade quase sorriu diante daquilo, fortificou-se e a seguir se jogou de volta contra a criatura.

SESSENTA E QUATRO

Zach colidiu com o homem do Serviço Secreto ao entrar na Residência.

O agente apontou uma arma para o rosto de Zach, mas não atirou. Os olhos dele se arregalaram em reconhecimento.

– Barrows? Que diabos você está fazendo...

Isso foi o máximo que ele conseguiu dizer antes de as portas atrás deles explodirem. Outra daquelas coisas. Pele morta pendendo de músculos supertensionados, o corpo mal capaz de conter toda a sua força.

Moviam-se bem mais devagar nos filmes, Zach pensou com azedume. Ele e o agente – Haney, este era seu nome – correram.

Zach fechou com estrondo as portas da Sala de Recepções Diplomáticas.

– Onde diabos estão as unidades de contraofensiva? – berrou.

Então ambos olharam em volta e viram a resposta.

Corpos. Mas estes não iriam se levantar novamente. Pareciam ter sido esfaqueados. O *hall* onde o presidente cumprimentava líderes estrangeiros tinha sido transformado em um abatedouro. Pedacos de carne humana e sangue se espalhavam pelo papel de parede selecionado por Jackie Kennedy.

– Temos que sair daqui – Zach disse, puxando o braço de Haney.

– Vá você – Haney disse, tirando uma faixa com um tubo de metal de seu ombro.

– Preciso pegar a família do presidente.

– Não, ouça...

– Vá em frente e corra, Barrows! – Haney gritou para ele.

Zach queria gritar de volta: *Não é isso que eu quis dizer...*

E então, era tarde demais, pois tinha razão. A criatura atrás deles não poderia ter feito tudo aquilo. Estava na direção oposta. Havia outra. E estava na sala com eles.

SESSENTA E CINCO

O cabo Ryan Garcia se perguntava preguiçosamente se estava no Inferno. Sua última memória clara era estar ajoelhado em frente a uma câmera de vídeo enquanto algum cretino do Jihad berrava com ele. Sabia o que estava para acontecer. Sabia desde que ele e outros membros de sua patrulha foram tirados de seu veículo após a explosão de um dispositivo explosivo improvisado na cidade de Sadr.

Mais gritos. Garcia tinha sido fortemente sedado para garantir que ele não iria arruinar o vídeo caseiro do terrorista. Tudo o que sentia era irritação. Queria apenas que o cara calasse a boca.

A gritaria estava crescendo. Ele entendeu as palavras.

– Morte à América!

Então: nada.

Agora ele parecia flutuar para dentro e para fora da consciência, como se acordasse com a barulheira do rádio-relógio somente para apertar o botão soneca de novo. Algo assim.

Seu corpo – bem, não parecia ser *seu* corpo, mas parecia carregá-lo – estava se movendo. Havia dor. Muita dor, que somente melhorava quando seus braços e pernas açoitavam as imprecisas figuras em seu caminho.

Mais uma vez, não sentia que era ele quem estava fazendo isso. Como um sonho, estava simplesmente acontecendo. Conseguia sentir a dor conforme ela passava através de sua cabeça, mas tudo o mais era como agarrar sombras.

Sabia, de uma forma um tanto abstrata, que havia uma grande construção branca diante dele, e estava indo em sua direção. Era como se ele estivesse sobre trilhos. Nada daquilo parecia ter algo a ver com ele. Não realmente. As sombras insistiam em entrar em seu caminho, mas elas não o retardavam. Estava um tanto curioso sobre o que acontecia com elas. Foi tudo o que sentiu antes de afundar de volta na escuridão.

Na Ala Oeste, Cade observou a criatura se mover em sua direção. Ainda se dirigindo às escadas.

Ele já a tinha atingido o mais rápido e forte que conseguiu. Ela mal tinha cambaleado.

Arma, Cade decidiu. Preciso de uma arma.

Nada próximo serviria. A criatura era resistente demais à artilharia leve. Qualquer coisa que pudesse arrancar das paredes não produziria resultado algum. Então, algo lhe ocorreu e se perguntou porque demorara tanto para pensar nisso.

Cade preparou-se para o golpe. A criatura, que estava a uns poucos metros de

distância, disparou um de seus punhos, mirando a coisa irritante que não quebrava tão facilmente como as outras.

Cade pegou o braço da criatura, virou e torceu-o, em um movimento que lembrava judô. Só que, em vez de girar a criatura, o movimento arrancou o braço na altura do ombro, arrancando-o na junta.

A criatura parou. Cade se perguntou se eles sentiam dor. Se assim fosse, isso iria doer. Muito.

Balançou o braço como um taco de beisebol. Impregnado com alguma poção milagrosa que Konrad tinha feito, era tão forte quanto a criatura. Atingiu o crânio do *Unmenschsoldat*, torcendo-o em um ângulo estranho. Incapaz de ver corretamente, começou a andar em um pequeno círculo. Cade atacou de novo. E de novo. E de novo. E de novo.

Eles conseguiam ouvir o estrondo terrível vindo do andar abaixo de seus pés. Sons de tiros, e uma barulheira que Griff imaginava que dinossauros deveriam ter feito enquanto lutavam.

Durante tudo aquilo, os homens no Salão Oval permaneceram silenciosos.

O jovem agente – Terrill, Griff lembrou a si mesmo, o nome do rapaz era Terrill – ficou em pé, em pânico, ao lado do presidente. Como se ele pudesse proteger Curtis somente com seu corpo.

Curtis estava sentado em sua cadeira, perdido em pensamentos. Supostamente o homem mais poderoso do mundo, ele não podia fazer nada para salvar a si mesmo ou à sua família.

Wyman sentou-se em um dos sofás, murmurando para si mesmo, tremendo violentamente. Griff se perguntou se ele estava tendo um ataque. Caminhou até o vice-presidente.

Alguns passos mais próximos, conseguiu ouvir o que Wyman ficava dizendo sem parar.

– Isso não deveria estar acontecendo ainda... Isso não deveria estar acontecendo ainda... Eu deveria saber... Não deveria ter começado...

Wyman olhou para cima e parou de balbuciar. Um novo tipo de medo surgiu em seu rosto quando viu Griff.

– O que foi isso? – Griff disse em voz baixa.

Wyman engoliu em seco. Uma expressão cruzou o rosto dele, a qual Griff havia visto antes apenas em desenhos animados.

– Eu... Eu só... Coisas assim não podem acontecer – ele disse. – Foi isso o que eu quis dizer. Não é possível.

Houve som de mais tiros vindos de alguma outra parte da Casa Branca. Todos olharam para cima. Mais próximo da Residência. Curtis olhou para a janela, como se pudesse ver através dos escudos de metal por força de vontade.

Griff voltou a olhar para Wyman, que tinha, através de algum grande esforço físico, controlado a si mesmo. Griff sabia que aquela não era a hora.

Apontou um dedo para o rosto de Wyman.

– Depois – ele disse –, você e eu vamos ter uma conversa.

Um pouco da velha arrogância de Wyman surgiu novamente.

– Isso presumindo-se que vai haver um depois, agente Griffin.

Griff voltou a andar para a porta. O homem tinha razão.

SESSENTA E SEIS

As coisas eram fortes, rápidas e aparentemente impossíveis de serem feridas, Zach pensou.

Mas, graças a Deus, não eram muito inteligentes.

Os dois soldados-cadáveres ficaram encarando um ao outro sobre os corpos da unidade de contraofensiva. Pareciam confusos.

Zach puxou Haney para dentro da Sala Chinesa, bem ali saindo da Sala de Recepções, enquanto eles ficaram ali, confusos um com o outro.

– Jesus Cristo! – Haney sibilou.

– Fique quieto – Zach repreendeu.

Ele não sabia como os *Unmenschsoldaten* encontravam suas vítimas – suspeitava que eles tropeçavam em cima do que quer que se movesse e em seguida o matavam –, mas não queria arriscar.

Zach olhou para a outra porta da Sala Chinesa. Eles poderiam passar por ali para dentro do Corredor Central e dali subirem as escadas para os aposentos do presidente. Talvez pegar a família dele, tirá-los dali.

Haney estava olhando na mesma direção. E assentiu. Cuidadosamente, esgueiraram-se para o corredor.

Então Patterson e os outros dois agentes apareceram.

– *Ei!* – Patterson gritou quando os viu.

Os agentes correram na direção de Haney e Zach, que balançou seus braços freneticamente, mas não era muita distância pra cobrir. Eles logo estavam na porta da área de recepções.

Faziam barulho. Sapatos de couro batendo no chão. Armas e munição tilintando.

A primeira criatura apareceu assim que o primeiro agente passou. Com uma mão, ela o arrancou do chão como a uma flor. O homem não teve tempo de gritar. Um segundo e havia apenas sangue e ossos quebrados onde costumava estar seu crânio. Patterson e o outro agente derraparam até parar. Haney correu na direção deles, atirando com seu revólver na cabeça da criatura. Ela nem ao menos se voltou. O agente morto caiu no chão. Seu coração ainda pulsava.

O segundo agente escorregou no sangue. Caiu sobre um joelho. Com um tapa com as costas da mão, a criatura quebrou o pescoço do homem como se fosse um graveto seco. Patterson mirou sua M16 e atirou. Haney continuou atirando, repondo os pentes de bala um após o outro.

A criatura ficou mais lenta, as balas batendo em seu crânio e caindo. Patterson deixou cair seu rifle e pegou o AT4 em seu ombro. Estendeu o tubo e alinhou as miras.

Esperou um seguido a mais. A outra criatura emergiu da Sala de Recepções e agarrou-o na altura do peito. Ele lutou. Deveria ter sido fácil se livrar, mas não conseguiu. Os dedos da criatura encravaram-se nele. Patterson gritou, mas perdeu o fôlego imediatamente.

A criatura apertou, puxando mais e mais do peito do homem em sua mão, como se estivesse amassando um pedaço de papel. A camisa branca do agente vertia sangue. A mão da criatura irrompeu através da caixa torácica, através da carne de seus órgãos e dentro da espinha. O agente parou de se debater. A parte superior de seu corpo era agora apenas uma ruína no punho da criatura.

Alguém ainda estava gritando. Zach percebeu que era Haney, disparando suas balas em ambas as criaturas, berrando de impotência e raiva. A primeira criatura se virou e arrancou de suas dobradiças as grandes portas de carvalho que levavam à Sala de Recepções, balançando-as como mata-moscas.

Haney conseguiu abaixar-se, quase a tempo de se livrar. A porta apenas bateu nele. Mandou-o deslizando pelo corredor, direto até Zach, que conseguiu agará-lo e puxá-lo para dentro da Sala Chinesa. Os ossos do homem pareciam ter desaparecido – era como se suas partes internas tivessem virado gelatina.

O agente rilhou os dentes quando Zach encostou-o contra a parede.

– Está tudo bem – Zach disse estupidamente. – Vamos tirar você daqui.

Haney riu daquilo. Sangue fresco borbulhou em seus lábios.

– Claro – foi tudo o que ele disse.

Zach sentiu vontade de esbofetear o homem.

– Que diabos você quer que eu faça?

– Pegue – ele disse, a voz áspera, empurrando o tubo para Zach. – O exército fez essas coisas à prova de idiotas. Alinhe pelas miras. Solte as travas de segurança. Levante a lingueta. Aperte o botão.

Zach tinha segurado uma arma exatamente uma vez em sua vida. Um punhado de caras da NRA – Associação Nacional de Rifles – tinham-no levado para tomar uns drinques e terminaram todos em um campo de tiro 24 horas. Agora Haney queria que ele disparasse um lança-granadas.

Deixou sair a primeira coisa que lhe veio à mente:

– Você deve estar brincando.

Outra tossida.

– Você vê mais alguém aqui, Barrows?

Não deve ter gostado da resposta que viu no rosto do outro. Agarrou a mão de Zach.

– Faça, Barrows. Mate aquelas malditas coisas.

Zach afinal assentiu e pegou o tubo. Haney pareceu relaxar contra a parede. A luta deixou seus olhos. Zach saiu pela porta que levava ao Corredor Central. Respirou

fundo.

– Barrows – Haney disse.

Soava como se estivesse fazendo um gargarejo, sua garganta enchendo-se com o que quer que se rompera e quebrara dentro dele.

Zach parou e olhou para Haney.

– Não vá estragar tudo.

É, Zach pensou. *Sem pressão.*

Cade continuou batendo na criatura mesmo após ela ter parado de se mover. Mesmo após o corpo ter se reduzido a escória e carne moída. Se não estava morta, ao menos não iria a lugar algum. Então, olhou para as escadas. Não havia caminho para o Salão Oval por ali.

Ouviu algo vindo da Residência. O som estridente de carne morta se movendo. Mais dois deles. Seu porrete não mais servia, destruído e inútil, tão estilhaçado quanto a porcaria no chão.

Ele o deixou cair. Correu na direção do Corredor Central da Casa Branca. Teria de improvisar.

Zach entrou no Corredor Central cautelosamente. Parte dele esperava que uma das coisas estivesse esperando por ele pronta para matá-lo tão logo enfiasse a cabeça pela porta. Mas elas estavam ambas se movendo para longe dele, em direção às escadas.

Estavam indo atrás da família do presidente. Zach se perguntou como fazer para deter a coisa na qual ele não conseguisse atirar. Ou se errasse totalmente.

Sua cabeça pulava de um lado ao outro como se estivesse assistindo a uma partida de tênis. Qual delas? Uni, duni, tê...

Dane-se – pensou e colocou o tubo sobre o ombro, a granada cônica apontada para a coisa mais próxima. De alguma forma, ela soube. Sentiu a ameaça. Virou-se para ele e começou a andar.

Zach alinhou as miras. Exatamente como Haney havia dito.

As portas da outra ponta do Corredor Central se abriram e Zach quase derrubou o AT4.

Cade. O outro *Unmenschsoldat* parou a meio passo e voltou-se para ele.

Cade ficou ali, lidando com a situação tão calmamente como se estivesse aguardando em uma faixa de pedestres.

Zach trouxe o AT4 a seu ombro novamente. Cade estava ali. Conseguiria lidar com o outro. Outro profundo inspirar. Miras na criatura.

Desengatar a primeira trava de segurança. Feito. Desengatar a segunda. Feito. Levantar a lingueta. Manter a mira. Pressionar o botão.

– Espere! – Cade gritou para Zach. – Não atire ainda.

Zach sentiu uma explosão absurda de irritação.

– Você está de brincadeira comigo? – gritou. A coisa estava se aproximando rapidamente dele.

– Faça o que estou dizendo, Sr. Barrows.

Certo. Apenas deixe o monstro bonzinho transformá-lo em uma pasta. Mas ele esperou. Cade dançou na frente de seu *Unmenschsoldat*. A criatura deu um passo para a esquerda para barrá-lo. Cade moveu-se novamente. A criatura deu outro passo.

Com uns poucos movimentos, Cade conseguiu que os dois *Unmenschsoldaten* ficassem alinhados, uma única fila. E ficou preso entre eles.

– Atire – ele disse a Zach.

– Mas você está...

– Mire na cabeça.

Zach rilhou seus dentes. Sempre mais uma coisa para fazer.

– Faça. *Agora!*

O *Unmenschsoldat* estava bem em cima dele agora. A cara da coisa bem no centro das miras. Olhos horripelantemente fixos, sem pele nas bochechas, o resto morto de um sorriso. Agora ou nunca, ele decidiu. Apertou o botão.

Cade ouviu o clique do botão disparador. Esquivou-se do balanço carnudo do braço da criatura e pulou fora. Engatinhou o mais rápido que conseguia, para longe das duas criaturas.

Por um instante impossivelmente longo, nada aconteceu. Então Zach ouviu um som sibilante que cresceu até um rugido, o tubo saltou em suas mãos, e o foguete disparou em direção à criatura.

Em um momento de puro espanto, viu-o arrancar a cabeça da criatura. Um tiro certo.

O foguete explodiu um instante após. Zach pegou um vislumbre dos dois *Unmenschsoldaten*, queimados em suas retinas em um brilho de bola de fogo. Foi lançado para trás enquanto a onda de choque quebrava todos os espelhos e mobílias no corredor.

Ouvidos zunindo, Zach ficou sobre seus pés.

O Corredor Central estava em ruínas, metade do teto caído, revelando a estrutura de aço por detrás. As paredes queimadas em alguns lugares. Fumaça por todos os lados. Os esguichos contra incêndio fazendo o melhor possível para encharcar tudo.

Apesar da destruição, conseguia ver os despojos dos *Unmenschsoldaten*. Explodidos em grandes pedaços. Cabeças desaparecidas. Zach nunca se sentiu tão orgulhoso em sua vida. Até mesmo suas malditas costelas pararam de doer.

Cade atravessou os escombros, coberto de pó de reboque do teto, pingando água.

– Bom trabalho – ele disse.

Zach mantinha-se firmemente agarrado ao AT4. Ainda não acreditava que tinha conseguido.

– A cabeça é como um painel de controle para eles – explicou Cade. – Destrua ela e eles não se levantarão novamente.

Zach assentiu silenciosamente. Percebeu que Cade o estava puxando.

– Para onde estamos indo?

– Falta um. Tenho que encontrá-lo.

– Opa! – Zach disse. – Espere um segundo.

Por baixo dos escombros, algo se moveu.

Um torso e um braço se levantaram dos destroços, sem cabeça, meio queimados, como se estivessem fazendo uma flexão. A coisa esticou seu único braço e pegou rapidamente um membro amputado da outra criatura.

Cade voltou-se, viu isso também.

– Pensei que você tinha dito que aquilo o mataria – Zach disse.

Cade fez um som.

O membro, uma perna esfarrapada, foi encaixar-se no soquete vazio do braço com um firme “túm”. A coisa tateou novamente com seu braço, apareceu com uma junta de cotovelo. Outra mão. Ambas foram para espaços vagos no torso.

– Cade, *you* disse...

A criatura elevou-se. Cega, dedos dobrando-se debilmente da cavidade do quadril. Apoiava-se como um tripé no coto de um braço, uma perna e outro braço.

– Atualizações – foi tudo o que Cade disse.

Ela começou a arrastar-se para longe deles, como uma barata gigante em direção às escadas do fundo. Então pegou velocidade e desapareceu ao virar a esquina.

Cade se voltou para Zach.

– Corra – ele disse.

Zach não precisou ser mandado duas vezes. Correu para a escadaria, em direção da residência familiar.

SESSENTA E SETE

O *soldat*-barata acabou ficando muito mais rápido em três pernas do que fora sobre duas, Cade observou. Estava saltando sobre os degraus, subindo para a residência familiar, pulando dois e três deles por vez.

Passou pelo primeiro andar e continuou indo. Cade, que vinha atrás, atravessou em seu caminho. Saltou, passando por cima da balaustrada superior, e encontrou-o no patamar do segundo andar.

A coisa parou, de repente cautelosa. Cade não tinha ideia de como ela estava se orientando sem olhos. Mas devia saber que ele estava bloqueando seu caminho. Ficaram ali, um diante do outro. Um esperando o outro se mover.

Zach alcançou o patamar do segundo andar um instante depois, ofegando. O *soldat*-barata direcionou-se para Zach, como se procurando um oponente mais fácil.

Cade voltou-se para ele.

– Dê o fora daqui.

A criatura retesou-se, preparada para saltar.

Zach entrou afobado no corredor de entrada do segundo andar, para longe dos dois. A criatura pulou como uma aranha, alçando-se ao ar, tentando passar por cima de Cade e pegar Zach.

Cade saltou e agarrou-a em pleno ar. Bateram no chão com força suficiente para quebrar as placas por baixo do carpete com Cade embaixo. Ele ficou atordado por instantes.

A mão fora de lugar agarrou sua garganta. Os outros membros agitaram-se e bateram nele. Por trás, um dos braços agarrou seu pescoço. Estava preso. A coisa não era tão forte como havia sido antes quando inteira. Mas era forte o suficiente.

O *soldat*-barata agarrou a cabeça de Cade firmemente e começou a girá-la.

Zach mergulhou tão longe quanto possível dentro do corredor de entrada. Algum instinto disse-lhe para ficar abaixado. Nada aconteceu. Deu uma espiada abaixado no chão, não viu ninguém em volta.

Atrás dele, ainda nas escadas, conseguia ouvir os sons de Cade debatendo-se com as partes sobressalentes.

Bem quando Zach estava começando a se levantar, passos soaram atrás dele. Um chute forte atingiu-o na altura do joelho e o fez cair novamente, com o rosto à frente.

Estava prestes a protestar, mas alguém colocou uma arma em seu ouvido.

– Diga-me porque eu não deveria puxar este gatilho – uma voz baixa perguntou.

Quatro dias atrás, Zach teria sujado suas calças de medo. Agora ele estava simplesmente irritado – aquilo nem ao menos estava entre as cinco maiores ameaças

recentes à sua vida.

– Há alguma boa resposta para essa pergunta? – tentou saber.

Outra voz, acima e atrás daquela com a arma.

– Deixem-no levantar, seus babacas, eu o conheço.

Candace.

– Srta. Curtis, você precisa realmente voltar, estamos lidando com esse...

– Danem-se – Candace disse e empurrou para o lado os homens do Serviço Secreto que mantinham Zach no chão.

Eles pareciam não saber o que fazer enquanto ela o ajudava a se levantar.

– Zach – disse. – Que diabos está acontecendo?

Outro estrondo vindo do patamar. Cade não havia vencido ainda, aparentemente.

– É uma longa história – afirmou. – Sua mãe, seu irmão, eles estão bem?

– Estão bem – o primeiro homem do Serviço Secreto disse friamente. – Estão no quarto do pânico, onde a Srta. Curtis deveria estar.

– E você teria atirado em alguém do pessoal de meu pai se eu não estivesse aqui.

– Ele poderia estar envolvido – o outro homem do Serviço Secreto disse.

– Candace, ele tem razão – Zach disse. Todos o olharam como se ele fosse totalmente estúpido. – Não sobre eu estar envolvido – ele corrigiu rapidamente –, mas sobre você estar aqui fora. Há algo realmente esquisito e perigoso acontecendo lá embaixo...

– E meu pai? – ela disse, e nesse momento sua pose de durona, a fachada de garota despachada produzida para a imprensa, caiu. Parecia apavorada e perdida.

– Estamos tentando ajudá-lo. Mas você realmente tem que sair daqui...

Como para enfatizar o ponto de Zach, um berro inumano de dor veio do patamar, como se arrancado da garganta de algum animal há muito extinto.

Somente Zach reconheceu a voz. Era de Cade.

Ele pegou a arma da mão do agente do Serviço Secreto mais próximo – o homem ainda estava em choque devido ao som – e correu para o patamar.

– Fiquem aqui! – disse. Eles não demonstraram nenhuma disposição em segui-lo.

Não podia culpá-los.

O *soldat*-barata ia torcer a cabeça de Cade até arrancá-la. Estava gradualmente aumentando a pressão e a tensão no pescoço de Cade. Ele debatia-se, mas cada movimento apenas proporcionava à criatura um pouco mais de apoio.

Tentou erguer-se do chão, mas tudo o que conseguiu foi dar à criatura a chance de cravar seus dedos em forma de garra na pele de seu rosto.

Ele se virou, mas era tarde demais. O *soldat*-barata puxou com força e metade da bochecha de Cade soltou-se de seu crânio.

Ele berrou. Não tinha sido ferido assim há anos. Os dois membros em seu pescoço apertaram ainda mais. Era isso. Decapitação.

Ele debateu-se e chutou, as palavras do juramento queimando em seu cérebro, a necessidade de proteger o presidente atingindo-o como uma vara para tanger gado. Chegou até mesmo a morder, usando suas presas para arrancar nacos de carne decomposta onde quer que pudesse.

Nada disso adiantou. O único sangue que espirrava era o dele. Cade ia morrer. Para sempre, dessa vez.

Zach viu Cade emaranhado em uma massa de membros, como em uma luta livre com uma tela de Dalí. Não parecia que ele estava ganhando.

Zach pegou o revólver do agente e colocou uma bala na agulha. O que imediatamente fez a arma ejetar o tiro que já estava na agulha.

Parabéns, Zach. Ele tentou se lembrar de tudo o que tinha aprendido com os rapazes da NRA. Nada lhe vinha. Não sabia se balas funcionariam com essa coisa, que já tinha levado um foguete na cara e saído andando.

Então viu um ferimento aberto nas costas da coisa, mostrando tendões e sangue coagulado embaixo. Danos anteriores. Ele teria que chegar perto. Bem perto.

Ah, que diabos! Ele tinha disparado um lança-mísseis. Isso não poderia ser tão mais difícil. Zach foi até a criatura e colocou o cano da arma no ferimento. Não deixou tempo algum para pensar.

Simplesmente apertou o gatilho, uma vez após a outra, o mais rápido que conseguiu.

O *soldat*-barata saiu de cima de Cade. A pressão diminuiu sobre seu pescoço. Vagamente Cade conectou isso ao som de uma arma disparando, mas não se preocupou. Tinha uma chance agora.

Levantou uma de suas pernas, colocou suas mãos entre os membros da criatura e seu pescoço e chutou o mais forte que pôde.

O *soldat*-barata voou pelos ares, colidiu contra uma parede e caiu dentro da Sala do Tratado. Cade voltou a tocar no solo, esticou seu pescoço de um lado ao outro, ouviu as vértebras estalarem de volta a seus lugares. Empurrou a ponta solta em sua bochecha sobre seu rosto novamente.

Zach estava ali parecendo espantado como sempre, uma arma fumegante em suas mãos.

Cade também estava um pouco surpreso.

– Obrigado, Zach – ele disse.

Venceu as escadas em um salto apenas e entrou na Sala do Tratado atrás do *soldat*-barata.

Zach ficou ali, estupidamente, vendo Cade ir atrás da coisa, que não estava morta apesar da dúzia ou mais de balas que ele tinha disparado nela.

Mas não foi isso que o surpreendeu.

Cade tinha dito “Obrigado”. Ainda mais impressionante: ele o tinha chamado de “Zach”.

Diretamente abaixo de Cade e Zach, o *Unmenschsoldat* carregando a cabeça do cabo Garcia deixou para trás com passos firmes o teatro da Casa Branca e o saguão de visitantes vazio.

Com o Serviço Secreto e a Unidade de Contraofensiva mortos, não havia nada para atrair os sentidos rudimentares do *Unmenschsoldat*. Os gabinetes estavam todos fechados à noite. Era tarde o suficiente para que até mesmo os mais persistentes funcionários tivessem ido para casa.

Garcia conseguia sentir, mais do que ver ou ouvir, a comoção acima dele. Mas isso não o atraía da mesma forma como a luz brilhante no outro lado da construção o chamava.

Luz era vida. Ele conseguia se lembrar disso. Não tomou nenhuma decisão consciente de ir naquela direção, mas o corpo do *Unmenschsoldat* foi para lá de qualquer maneira. Como se chamado.

Garcia ia mais ou menos levado pela maré.

O *soldat*-barata estava ferido. Encolheu-se em um canto da Sala do Tratado, tentando loucamente subir pela parede.

Cade não iria se arriscar.

Vasculhou a sala com os olhos e encontrou o que precisava.

A Mesa do *Resolute*. Uma autêntica peça histórica. Feita com as madeiras da fragata britânica HMS *Resolute*, um presente da rainha Victória aos Estados Unidos. Tinha estado no Salão Oval de uma dúzia de presidentes. Roosevelt mandou modificá-la para esconder sua cadeira de rodas. As crianças de Kennedy brincaram sob aquele móvel. Reagan mandou elevá-la para que acomodasse sua cadeira favorita. Mas Curtis tinha escolhido uma mesa diferente, então ela voltara à Sala do Tratado.

De todos os fatos acerca da Mesa do *Resolute*, contudo, Cade se importava apenas com um: ela pesava mais de 450 quilos.

Cade elevou-a, o mais alto que conseguiu equilibrá-la. Chutou um sofá para fora do caminho. O *soldat*-barata voltou-se, membros agitando-se, tentando escapar ou contra-atacar, Cade não sabia.

Ele bateu violentamente com a mesa, tão forte quanto pôde. A criatura ficou achatada, com um oco som de trituração quando seus ossos se estilhaçaram.

A Mesa do *Resolute* ficou em pedaços. Sobrara ainda superfície suficiente para Cade amassar o *soldat*-barata novamente. Dessa vez, o tampo se estilhaçou completamente. A criatura torceu uma perna – e parou de se mover para sempre.

Cade emergiu da Sala do Tratado ofegando. Percebeu, de uma forma distante, que

estava exausto. Não deveria estar assim tão cansado. Nem mesmo após todo o padecimento dos últimos dias. Tudo o que ele queria fazer era dormir.

Olhou para cima. Viu a resposta na luz do céu. A noite acima estava dando lugar a um cinza claro. O sol estava surgindo.

Zach estava no corredor, a arma em sua mão.

– Por favor, diga-me que terminamos.

Cade balançou a cabeça negativamente.

– Esse foi o terceiro. Ainda está faltando um.

Cade lembrou que estava segurando um pedaço da Mesa do *Resolute*. Ele o deixou cair, colocou as mãos em seus joelhos e lutou contra o desejo de dormir por uma semana.

– Cade, você não parece tão bem.

Não deu resposta. Estava ficando sem tempo, ficando sem força. Tinha usado todos os truques que conhecia e ainda havia mais um *Unmenschsoldat* lá fora.

Estava ficando difícil pensar. Ele se forçou a concentrar-se.

– Cade?

De repente, teve uma resposta.

– Voltarei em um instante – disse.

Estava na metade do corredor quando Zach gritou para ele.

– O quê? Aonde você está indo?

– Vá para o Salão Oval – Cade gritou – Estarei lá o mais rápido que puder.

– O que eu devo fazer?

– Improvise – Cade gritou e então desapareceu escada abaixo.

Zach ficou ali por outro momento, olhando para o espaço onde Cade tinha estado.

– Oh, *pare com isso!* – gritou quando percebeu que Cade não iria voltar.

Ouviu algo. Acima dele, no *hall* de entrada, os dois agentes olhavam fixamente para ele. Candace estava mais atrás.

– Zach – ela disse. – Você está bem?

Zach assentiu.

– Super – olhou para os agentes. – Preciso de mais balas.

Eles olharam um para o outro, então um deu de ombros e atirou um pente de balas.

Zach o pegou, ejetou o pente vazio e recarregou. Quase como se soubesse o que fazia. Os rapazes da NRA ficariam orgulhosos.

– Levem-na de volta para o quarto do pânico.

Os agentes não disseram para que fosse se danar. Zach supôs que lutar contra um horror de vários membros trouxera-lhe um pouco de respeito.

Eles pegaram os braços de Candace, delicadamente, e começaram a puxá-la de volta.

– Zach – ela disse –, o que você vai fazer?

– Tudo bem, Candace – respondeu. – Vou ver como está o presidente.

Ela ainda parecia insegura. Mas deixou que os dois agentes a levassem embora.

Zach ficou feliz que ela tivesse ido antes de os tremores de adrenalina começarem. Então, correu como louco para a Ala Oeste, com 99% de seu cérebro totalmente convencido de que ele iria morrer.

Mesmo assim, o 1% remanescente – a sua parte idiota, provavelmente – sabia que, se quisesse, poderia ter Candace novamente no Quarto Lincoln a qualquer hora. Só precisava sobreviver antes.

SESSENTA E OITO

Há horas em que a defesa da liberdade requer a liberação de monstros.
– Presidente Andrew Johnson, diário particular

Tinha estado silencioso dentro do Salão Oval por vários minutos agora. Ouviram a explosão, abafada pelos pesados painéis de aço. Então, nada.

Griff ficou em pé junto à porta, ouvindo, arma na mão. Não tinha certeza do que estava acontecendo. Poderia ser que a luta já estivesse terminada. Poderia ser que Cade tivesse perdido. Definitivamente, não sabia.

Wyman, no entanto, parecia ter chegado a uma decisão.

Ele ficou de pé, tentando desamassar seu blazer e a camisa do pijama o melhor que pôde. Caminhou até Griff.

– Agente Griffin – falou. – Abra a porta. Estou saindo.

Griff não achou que algo pudesse fazê-lo rir àquela altura. Como de costume, ele tinha subestimado Wyman.

– Você não está falando sério.

Wyman assentiu. Claro que estava. Griff pôde ver agora que o queixo dele estava tremendo. Wyman mal conseguia manter-se sob controle. De alguma maneira, tinha decidido que aquele era o plano. Ele iria simplesmente sair.

– Sr. Vice-Presidente...

Wyman o interrompeu.

– Estou lhe dando uma ordem, agente Griffin. Você vai obedecê-la. Você vai obedecer minha ordem e abrir essa porta.

O presidente olhou, confuso.

– Les – ele disse. – Sente-se.

Wyman o ignorou.

– Agente Griffin, eu não deveria estar aqui. Não deveria estar aqui, e você vai abrir essa porta.

A voz dele atingiu um tom estridente no final.

– Nenhum de nós deveria estar aqui, Les – o presidente disse, a voz calma. – Apenas sente-se.

– Você não entende, eu não deveria estar aqui! Agora abra a droga dessa porta!

Ele avançou para Griff. Griff parou-o facilmente, mesmo fraco como se sentia. Esticou o braço na direção do vice-presidente, mantendo-o à distância. Wyman lutou tão fortemente quanto conseguiu. Griff manteve-o para trás.

– *Abra a porta!* – gritou.

Griff estava farto dele. Empurrou-o de volta à sua cadeira. Com força.

– Sente-se, Lester – ordenou.

Os olhos de Wyman brilhavam com lágrimas, mas ele permaneceu onde estava. Foi quando sentiram o impacto das primeiras pancadas na porta.

Pelas escadas abaixo, dentro do P-OCK e através do túnel. No subterrâneo, a velocidade total de Cade retornou. O ferimento em sua bochecha sarou enquanto ele percorreu o quilômetro e meio de volta ao Smithsonian em tempo recorde.

Cade abriu o cofre onde Griff tinha guardado a caixa de metal do Kosovo. Abriu as linguetas, tremendo levemente.

Na escuridão do Relicário, o objeto brilhava suavemente com uma delicada luz branca.

Este não era um objeto do Outro Lado. Os Vukodlak tinham-no pego da embaixada dos EUA, onde ele tinha estado desde que fora resgatado de um monastério ortodoxo bombardeado durante o conflito no Kosovo.

Tratava-se de uma mão humana, perfeitamente preservada, envolvida por uma manopla de metal. A manopla datava pelo menos do século XIV. A mão era muito mais antiga.

Era a mão de João Batista. Supostamente. A mão que teria sido tocada por um anjo e depois tocado a cabeça de Cristo. Acreditava-se que a relíquia possuía a habilidade de curar, até mesmo de fazer mortos retornarem à vida. Supostamente.

Tudo o que Cade sabia era que aquilo o feria, muito mais do que a cruz em seu pescoço. Ela tinha poder. Ele apenas esperava que possuísse o suficiente. Bateu a tampa da caixa, fechando-a, e correu de volta ao túnel que levava à Casa Branca.

Zach sentiu as paredes sacudirem. Virou a esquina e viu o último *Unmenschsoldat* socando a porta do Salão Oval. Então parou.

A porta começou a rachar, a sair de seu batente. A coisa continuava batendo. Zach mirou a arma e atirou.

Estúpido. Sem um ferimento convenientemente aberto, as balas não tinham efeito. Esvaziou o pente todo e nada aconteceu.

Zach gritou de frustração. Atirou a arma vazia na cabeça da criatura. Ela ricocheteou de volta, sem nenhum efeito.

Na realidade, houve algum efeito.

A cabeça da criatura deu um giro de 180 graus e encarou Zach. Parou de socar a porta. Seu corpo girou para a mesma posição da cabeça.

Começou a andar na direção de Zach.

Oh, que bom, Zach pensou. Consegui deixá-la puta da vida.

O cabo Garcia não sabia porque estava tentando entrar pela porta trancada. Parecia muito urgente, mas não dependia dele. Era o corpo, movendo-se sozinho. E o corpo odiava o que fosse que estivesse do outro lado daquela porta. Era como se houvesse um assobio de altíssimo tom, como o que os cães ouviam, ali dentro, e o

corpo abaixo dele faria qualquer coisa para silenciá-lo.

Houve uma sensação vaga na parte de trás de sua cabeça. Garcia se voltou, a primeira coisa que fazia por si mesmo naquele pesadelo. Viu um sujeito novo usando terno. O tipo de cretino de que ele nunca gostara no colegial, na realidade. O babaca rico, arrogante, destinado à universidade, representante de classe.

Decidiu não se mover. O corpo deu a volta e começou a ir até o imbecilzinho. Garcia conseguia senti-lo agora, o assobio de altíssimo tom. Estava vindo do cara de terno. Irritava como o diabo. E ele entendeu, de repente, o impulso de exterminá-lo completamente.

Dentro do Salão Oval, o silêncio repentino foi mais enervante do que o constante socar ou o som da porta se estilhaçando.

O presidente Curtis ficou de pé. O agente Terrill colocou-se entre ele e a porta, mas o presidente empurrou o jovem para o lado – queria ver por si mesmo.

Griff não sabia o que aquilo significava. Ouvira tiros, mas não havia como balas terem derrubado a criatura.

Wyman foi muito mais otimista.

– Foi embora – disse, um sorriso surgindo em seu rosto. – Podemos dar o fora daqui.

– Não é uma boa ideia – Griff disse.

Wyman voltou-se para o presidente, um ar petulante em seu rosto.

– Sam, temos que ir agora. Temos que sair. Essa pode ser nossa única chance.

O presidente olhou para Griff.

– Agente Griffin, há alguma forma de dizer o que aconteceu?

Wyman correu para o presidente, bloqueado no último instante por Terrill.

– Maldição, ouça-me – implorou. – Não perca mais tempo, abra a porta.

O presidente olhou para ele, então de volta para Griff.

– Não faça isso – Griff disse. – Temos que ficar aqui, sentados, até...

Wyman desviou-se de Griff e puxou a trava. Os trincos de aço deslizaram para trás.

Griff perdeu um segundo precioso por puro choque. Wyman tinha aberto a porta.

Zach ficou ali, tentando decidir o que fazer. Talvez, se a coisa o perseguisse, não entraria no Salão Oval. Talvez, ele pudesse se sacrificar para salvar o presidente.

Tinha que haver um plano melhor do que aquele.

Mas não conseguia pensar em um, e o *Unmenschsoldat* continuava vindo em sua direção.

Ouviu um baque. A porta do Salão Oval se abriu de repente. Os golpes da criatura haviam arrebatado um trinco de aço, então emperrou no batente, mas havia uns bons 30 centímetros mais ou menos de abertura.

Wyman debateu-se para sair. Zach quase não conseguia crer em seus olhos.

Wyman estava contorcendo-se com força, pressionando seu corpo para achatá-lo o máximo possível, de maneira que conseguisse sair pela porta emperrada. Estava tão frenético que nem ao menos viu a criatura.

Mas ela o viu. Girou sua cabeça novamente, fixando-a no furioso movimento do vice-presidente.

A coisa hesitou. Zach sabia que ela conseguiria entrar no Salão Oval agora. A porta abriria voando com um único golpe.

Não lhe agradava a ideia de morrer para salvar Wyman, mas supunha que tinha de ser feito.

Pegou um pedaço de madeira quebrada do chão, correu até a criatura e golpeou-a com toda a sua força.

Cade entrou no corredor da Ala Oeste a tempo de ver a coisa toda, congelada, em perspectiva. Primeiro Zach, com sua arma improvisada. Depois o *Unmenschsoldat*, já se virando de novo para o Salão Oval. Então Wyman, entalado na porta, contorcendo-se, olhos arregalados de pavor.

Cade não tinha tempo para abrir a caixa. Deixou-a cair, agarrou Zach pelo colarinho e jogou-o para longe do perigo. A seguir, saltou ele próprio sobre a criatura.

Griff agarrou a jaqueta de Wyman e começou a puxá-lo de volta à sala. Wyman chutava e escorava-se contra a mobília empilhada na barricada. Teria sido cômico, pura comédia pastelão, se Wyman não tivesse quase causado a morte de todos eles. Griff puxou com mais força. Pelo canto do olho, viu Terrill mover-se para ajudá-lo.

– Fique com o presidente – ordenou, e o garoto parou rápido. Finalmente alguém faz o que é mandado, Griff pensou.

De repente, Wyman parou de puxar e começou a empurrar de volta. Estava preso, tentando voltar para dentro do salão.

Griff deu uma olhada pelo vãoda porta. Viu Cade atracando-se com a criatura. E os dois cambaleando e abrindo caminho aos trancos pelo corredor, bem em direção à porta. Conseguiu soltar Wyman bem a tempo.

Cade e o monstro colidiram contra a porta, o trinco remanescente rompendo-se totalmente.

Arrebentaram a barricada improvisada de Griff, a madeira quebrando como palitos de dente, e atingiram o chão do gabinete, bem no meio do selo presidencial tecido no tapete.

O agente Terrill empurrou o presidente para fora do caminho. Para Cade, ele olhou como se congelado ali, preso no tempo. O pulso da criatura lançou-se para trás para socar Cade, e seu cotovelo colidiu com a cabeça do jovem. O pescoço de Terrill quebrou com um estalo oco. Seus braços e pernas estavam frouxos quando

caiu ao chão.

Outra morte sem sentido. Por um momento, Cade não sentiu nada além de ódio, mesmo quando se desviou do punho da criatura.

Arreganhou os dentes e levantou ambas as mãos acima de sua cabeça, pulando, descendo seus braços, usando cada pedacinho de força, tudo o que ele e a gravidade conseguiam reunir, e atingiu violentamente o crânio da criatura.

Ela parou, levantou os ombros, então continuou a vir para ele. Cade pôde ver a primeira luz do amanhecer. Tinha apenas uns poucos minutos sobrando.

Uma chance.

– Zach – gritou Cade –, jogue-me a caixa.

Zach tinha acabado de se levantar do chão onde Cade o havia jogado. Consequia ver muito bem o corredor para dentro do Salão Oval.

Ouviu o comando de Cade e viu a caixa caída no corredor, a apenas alguns metros. Avançou, pegou-a e arremessou-a pela porta. A caixa rodopiou pelo ar na direção da mão estendida de Cade.

Griff sabia: Cade não iria conseguir. No momento em que o vampiro se virou e chamou Zach, naquele segundo em que Cade tinha suas costas viradas, ele abriu sua guarda. Era tudo de que a criatura precisava. Já estendia a mão na direção de Cade, preparada para arrancar sua cabeça com a mão inumanamente forte.

Griff sabia que a vida do presidente dependia de Cade. Não era uma decisão difícil de se tomar, assim que se chegasse a ela.

Colocou cada resquício de força em suas pernas e enfiou-se entre Cade e a criatura.

Cade agarrou a caixa no ar. Virou-se a tempo de ver a criatura atravessar sua mão pelo peito de Griff, cujo rosto delineou-se em dor, seus olhos cheios de choque.

A criatura fez um movimento com seu pulso, como se estivesse tirando algo desagradável de seus dedos, e Griff saiu voando pela sala.

Pela primeira vez em décadas, Cade hesitou. Gastou o momento que Griff lhe dera em tristeza. A criatura virou-se para o presidente.

O cabo Garcia estava de volta. Não sabia para onde havia ido, mas estava cansado disso. Cansado desse estranho pesadelo, cansado da dor. Estava em pé acima de um homem – um homem que parecia familiar, alguém que ele tinha visto na TV –, e suas mãos estavam se movendo de novo, preparadas para agarrar aquele homem e fazer algo terrível com ele.

Estava cansado de fazer aquelas coisas, mas não era realmente ele. Não conseguia parar, pois não estava no comando.

Tudo estava confuso. Tudo doía ainda mais. O som de altíssima frequência estava berrando agora e parecia vir bem ali daquele homem. Queria muito que aquilo

acabasse, e a única forma de fazer isso era parar aquele ruído.

Então, reconheceu o homem. Era o presidente. O que o presidente estava fazendo em seu sonho?

Parou. Custou-lhe algum esforço consciente, como acordar de um sonho profundo, mas ele deteve o movimento do corpo também. Ficou ali, sem saber o que fazer a seguir.

Isso era errado. Não sabia o que estava acontecendo, mas sabia que isso era simplesmente *errado*.

A criatura parou. Cade sussurrou uma pequena prece. Tinha tempo. Colocou-se entre o monstro e o presidente, lançando Curtis de volta à parede. Enquanto se preparava para destravar a caixa, notou algo.

Olhou dentro dos olhos da criatura. Viu dor e confusão, e a crescente consciência de algo – *alguém* – desesperadamente procurando respostas.

Cade viu algo humano ali. Ao abrir a caixa, o brilho da mão de Batista banhou a criatura com sua luz.

O efeito foi instantâneo. A centelha nos olhos do cabo Ryan Garcia sumiu quando sua ressurreição não natural abruptamente acabou. Seus membros a seguir se afrouxaram, tombando e caindo. O corpo atingiu o chão.

Membros mortos novamente. Voltaram àquilo que deveriam ter sido, que deveriam ter permanecido: as partes vazias de homens que há muito haviam partido desta vida.

O Salão Oval ficou de repente tão quieto quanto uma tumba.

SESSENTA E NOVE

Cade ouviu um fraco resfolegar. Fechou a caixa e foi até Griff.

O homem mais velho estava caído como um pedaço de papel jogado fora do cesto de lixo. Sangue bombeava do ferimento em sua cintura, mas vagarosamente. Não lhe restava muito mais tempo.

Cade inclinou-se, apesar de não precisar chegar mais perto para ouvi-lo.

– O presidente? – sussurrou.

– Seguro – Cade disse. – Você agiu bem.

Espuma cor-de-rosa vertia do nariz e da boca de Griff.

– Está ruim.

– Não sei como você está respirando agora.

Griff tossiu, o mais próximo que conseguiu de uma risada.

– Obrigado – mais espuma cor-de-rosa.

Cade segurou a caixa diante dos olhos embaçados de Griff.

– Isso poderia salvar você.

Griff pareceu sentir dor, e não era a agonia de estar morrendo. Era desapontamento. Balançou a cabeça, o máximo de que foi capaz.

– Não é certo – ele disse. – Você sabe. Chegou a hora.

– Não tem que ser.

Griff convulsionou uma vez, começando a tremer. Levou alguns segundos para falar novamente.

– Cade... Adeus...

Cade colocou a caixa no chão. Pegou a mão de Griff entre as suas, apertou-a formalmente.

– Cansado – Griff disse. Então seu corpo se descontraiu quando a vida o deixou.

Zach entrou na sala, viu os restos da criatura no chão esparramados sobre o selo presidencial. Viu Cade, ajoelhado próximo a Griff.

– Vencemos?

Cade estendeu a mão e fechou os olhos de Griff.

– Não perdemos – comentou. – Isso é o bastante.

Zach olhou para Griff e percebeu o que tinha acontecido. Sua respiração ficou presa na garganta.

Por detrás da mesa, o presidente levantou-se do chão. Balançou a cabeça, como para clareá-la.

Cade foi até ele e ajudou-o a ficar em pé. O presidente olhou para Zach, então viu o corpo de Griff.

– Sinto muito – o presidente disse. – Ele era um bom homem.

Cade assentiu.

O intercomunicador tocou, um som surpreendentemente mundano. Curtis respondeu.

– Aqui é o presidente.

Do outro lado da linha, um novo agente do Serviço Secreto balbuciou de alívio. As linhas de comunicação estavam de volta. Reforços estavam ali, juntamente com o exército.

Curtis o cortou, sua voz suave e fácil, em tom de comando.

– Mantenha livre o espaço aéreo em volta da Casa Branca. Estabeleça um perímetro na rua. E traga atenção médica. Temos feridos.

– Sim, senhor presidente. O senhor está bem?

Ele soltou o botão do intercomunicador por um instante e olhou para Cade e Zach.

– Minha família?

– Acabamos de deixá-los – contou Zach. – Estão no quarto do pânico. Nenhum arranhão.

O presidente deu um grande suspiro. Pressionou o botão novamente.

– Estou bem – ele disse ao agente.

Houve um ruído de mobília se movendo. Cade assumiu uma postura de luta, depois relaxou. Um segundo depois, Wyman apareceu saindo de sob um sofá quebrado. Correu os olhos pelo gabinete como se estivesse tirando as medidas para as cortinas. Olhou para a destruição em volta. Os corpos. O sangue no chão.

Alisou seu cabelo. Olhou para Cade e Zach, e então para o corpo de Griff.

– Suponho que vocês gostariam de dizer “Eu avisei” – desabafou.

Cade estava proibido, por seu juramento, de fazer com o vice-presidente o que tanto desejava.

Porém Zach não estava, então lançou seu punho fechado no rosto do homem, derrubando-o sobre seu traseiro.

Wyman ficou ali, espantado, no carpete do Salão Oval, piscando lágrimas.

– Nem uma palavra – Zach o alertou, seu pulso para trás para golpear novamente.

– Nem mais uma palavra. *Senhor.*

Cade, apesar de si mesmo, sentiu um pequeno sorriso em seu rosto. Para o vampiro, isso era equivalente a cair no chão gargalhando.

A luz do sol começou a se derramar pelas janelas. Já conseguiam ouvir os soldados e os homens do Serviço Secreto no andar de baixo, os sons de vozes em pânico e ordens gritadas. Sirenes do lado de fora. A mídia não estaria muito atrás.

Cade se virou e dirigiu-se ao elevador, de volta ao P-OCK e ao túnel para fora. Enquanto Zach olhou para o presidente, que assentiu. Hora de ir.

Ele seguiu Cade até o elevador. Wyman ainda estava gritando com eles quando as

portas se fecharam.

EPÍLOGO

Escritório Central da CIA, Langley, Virgínia

– Não, senhor – o homem de óculos disse ao telefone. – A Casa Branca conseguiu conter a coisa toda. Estão chamando o fato de uma tentativa de bombardeio suicida. Nenhuma evidência dos *Unmenschsoldaten* chegará ao público geral. Os níveis de aprovação de Curtis até mesmo subiram.

A CNN, sem som ao fundo, mostrava a mesma animação uma vez após a outra: um gráfico que dizia ATAQUE À CASA BRANCA, que então explodia em uma chama de luz que preenchia a tela.

Palavras irritadas vieram do telefone.

– Sim, senhor – ele disse. – Eu sei que isso não é engraçado.

Mais palavras cortantes. Ele ouviu.

– Em minha defesa, senhor, a agente Holt comportou-se exatamente como esperado. Fez tudo o que pôde para ajudar Konrad e acreditou que foi ideia sua.

Aquilo não caiu bem. Ele ouviu insultos novamente. Poderia ser eliminado por conta desse fracasso, mas tinha aprendido a conviver com aquilo. Não que eles fossem dizer que isso estava vindo, de qualquer forma.

– Sim, senhor – respondeu. – Peço desculpas. Eu estava enganado.

Seu superior desligou, deixando-o a ouvir o repentino silêncio no escritório. Vagamente, percebeu que passava da meia-noite e era o único agente trabalhando naquela seção. Todos os outros tinham ido para casa horas atrás. Novamente. Sua esposa iria matá-lo.

Suspirou. Era demais pedir um pouquinho de gratidão? Ele tinha feito seu trabalho. Nada poderia ser rastreado até a Companhia. Holt nunca descobriu o plano real ou como ele a tinha manipulado para que o executasse. Usando o medo obsessivo que ela tinha de envelhecer e designando-a a Konrad, ele quase tinha conseguido realizar uma das Profecias.

A coisa realmente irritante era que poderia ter funcionado. E teria, se Konrad não tivesse envolvido Cade. Era possível que o vampiro se tornasse uma ameaça séria. Teria de conduzir uma avaliação de custo e benefício depois.

O homem de óculos suspirou e voltou-se para seu computador. Com um clique de seu *mouse*, abriu uma lista de afazeres. Moveu “Mortos Levantando de Seus Túmulos” de volta para a coluna de itens a serem realizadas, logo antes de “O Céu Torna-se Negro” e “A Lua Torna-se Vermelha Como Sangue”.

Perguntou-se quem havia matado Holt – Cade ou Konrad? Não fazia realmente muita diferença.

Ah, tudo bem, pensou. De volta à velha mesa de desenho. Afinal, o Armagedon não iria acontecer sozinho.

Edifício do Gabinete Executivo, Washington, D.C.

O presidente Curtis sentou-se atrás da mesa de Wyman. O ataque à Casa Branca deixou-o sem um gabinete, mas não sem trabalho. Wyman entrou sem bater. Curtis lançou-lhe um olhar cortante.

– Desculpe – Wyman disse. – Ainda estou acostumado a pensar nele como meu gabinete. Esqueci algo. Vou sair em um minuto.

O olho esquerdo de Wyman parecia até mesmo pior agora, inchado com um roxo verdadeiramente magnífico. Eles culpavam o ataque terrorista, parte da história de cobertura, mas Curtis conteve um sorriso ao lembrar-se do soco. Quem diria que Zach possuía uma mão direita tão pesada?

– Tudo bem – Curtis disse. – Aproveitando que você está aqui, há algo que gostaria de perguntar.

Wyman parou à porta. Curtis estava imaginando coisas ou o homem pareceu ficar nervoso?

– O que Griffin disse a você? Quando ele o puxou de lado?

O rosto de Wyman ficou inexpressivo. Então ele pareceu lembrar.

– Oh, aquilo? Ele apenas me disse para me acalmar. Não entrar em pânico. Acho que as palavras dele foram: “Mostre que tem culhões”.

Curtis olhou para o vice-presidente por instantes.

– Nada sobre o traidor?

Wyman hesitou, depois franziu o cenho.

– Traidor?

– Alguém entregou a localização do abrigo – esclareceu Curtis. – Acho que podemos concordar que não foi Griffin. Esperava que ele talvez tivesse dito algo a você.

– Oh – Wyman disse. Deu de ombros. – Não. Nada do gênero.

– Infelizmente – Curtis disse.

– Sim – concordou Wyman. – Trágico.

Curtis voltou aos papéis diante dele. Wyman virou-se para ir embora.

– Isso significa que teremos que continuar procurando por ele – Curtis disse.

Wyman parou.

– O traidor, quero dizer – o presidente continuou. – Claro, agora que sabemos de sua existência, ele teria que ser bem estúpido para tentar algo novamente.

Wyman assentiu.

– Ou muito determinado – completou.

Curtis olhou-o fixamente – não viu nada além de uma expressão perfeitamente neutra.

– Boa-noite, Les – disse após um momento.

– Boa-noite, Sr. Presidente – Wyman disse e saiu.

Redondezas de Islamabad, Paquistão

O guia de Konrad, um jovem taciturno com barba densa e usando túnica, mostrou-lhe a cabana onde trabalharia.

Era a mais avançada instalação em todo o acampamento. Não tinha banheiro ou água corrente. Uma mesa de cozinha, severamente arranhada e surrada, ficava no meio da sala sobre um piso de linóleo coberto de sujeira.

O primeiro laboratório de Konrad, em um castelo medieval, era mais higiênico do que isso.

Esse não era o acordo, mas no momento Konrad tinha pouca escolha. As instalações que lhe haviam prometido em Dubai – a uma caminhada de distância de lojas luxuosas, correios e um hotel cinco estrelas – eram agora públicas demais. Após o ataque à Casa Branca, as forças armadas americanas estavam perseguindo todas as pistas possíveis que levassem a Khaled e seu grupo. Bancos congelaram suas contas. Os associados de Khaled foram forçados a se retirar ao último abrigo seguro – Paquistão. E Konrad foi forçado a se unir a eles.

Bem, Konrad conseguiria fazer aquilo funcionar. Já tinha feito mais com menos.

Konrad analisou a sala e voltou-se para seu guia.

– Então, este é o laboratório. E onde é que eu fico?

O jovem olhou para ele sem expressão. Konrad não falava pachto, e o inglês de seu guia era limitado.

– Dormir – Konrad disse secamente. – Onde eu vou dormir?

O jovem assentiu e apontou sua AK-47 para o canto da cabana. Um catre com um velho cobertor em cima.

– Lógico – Konrad disse. – Absolutamente encantador.

Ele deixou sua mala cair no catre. Piolhos começaram a rastejar no cobertor.

Oh, Cade iria pagar por aquilo. Iria mesmo.

Los Angeles, Califórnia

Reyes sabia que tinha feito a coisa certa, especialmente depois que viu o noticiário. Quase soterrada no pânico gerado pelo ataque à Casa Branca, havia uma notícia sobre a morte de um funcionário federal: Ken. Algo sobre um assalto a quilômetros de distância do Edifício Federal. Sim, claro. Ele viu a Companhia trabalhando ali.

Bem, que droga, companheiro – Reyes pensou. – *Você devia ter saído fora enquanto podia.*

Estava fazendo uma mala. A sensação de comichão entre suas omoplatas não tinha desaparecido. Tinha apenas piorado. Estava na hora de visitar o México. Talvez explorar suas raízes. Ou ir até mais para o Sul. Algum lugar sem tratado de extradição, onde até mesmo a Companhia teria problemas para encontrá-lo. Tinha ouvido coisas boas sobre a Venezuela.

Parou de dobrar suas camisas. Achou que tinha ouvido algo. Reyes não iria se arriscar. Tirou sua pistola, virou-se e esgueirou-se em direção à porta de seu apartamento. Viu alguém ali. Atirou.

A bala não acertou em cheio mas atravessou o braço do intruso. Este nem ao menos se encolheu.

Viu a arma. Estava com silenciador, o largo cano com o supressor de ruído, um buraco negro diante dele. Derrubou sua própria arma e levantou suas mãos.

Somente então notou quem estava segurando a arma.

Helen Holt. Mas algo havia acontecido com ela. Segurava a arma em sua mão esquerda, não sua postura usual de tiro. O lado oposto de seu rosto estava paralisado, sem expressão. Na realidade, todo o lado direito dela parecia... Bem, morto.

Talvez ela tenha sofrido um derrame, Reyes pensou.

– O que aconteceu com você?

Apenas metade do rosto dela se contraiu. Disparou um tiro, que o atingiu no pé, arrancando um dedo fora.

Ele caiu em uma cadeira atrás, a boca aberta para gritar, enquanto ela enfiava o cano entre seus dentes. Conseguiu entender a mensagem e ficou tão quieto quanto conseguiu.

– Essa é uma pergunta que você vai aprender a não fazer – ela disse, palavras levemente indistintas.

Ele sentou-se. Tentou não olhar para o lado direito do rosto dela.

– A Companhia mandou você?

– Não trabalho mais para a Companhia – sibilou. – E nem você. Você está trabalhando para mim agora.

Reyes ficou confuso.

– Então, o que vamos fazer?

Metade do rosto de Helen sorriu. A outra metade permaneceu sem expressão. Fria.

– Oh, temos muito que fazer – declarou. – Mais do que você imagina.

Reyes notou que o ferimento que tinha acabado de fazer no braço direito de Helen, seu lado paralisado, parecia um talho em uma peça de mobília. Não estava sangrando.

Mais uma vez, Reyes teve que admitir: ele tinha mais pavor de Helen Holt do que de tudo o mais.

O Relicário, Washington, D.C.

– Com o que você alimenta essa coisa?

Zach estava apontando para o Allghoi Khorkoi, em seu compartimento de vidro.

– Ele prefere carne humana – afirmou Cade. – Griff conseguiu fazê-lo comer cachorros-quentes.

Após o ataque, Zach tirou o sangue de si com um banho, levou pontos em seus ferimentos e ligou para sua mãe, que estava desesperada, assistindo ao noticiário sobre o ataque terrorista. Ele disse que estava bem e desligou, foi para casa e dormiu durante 20 horas.

Quando acordou, passou o dia na cama, assistindo a cobertura sem pausa da CNN. Um milagre que o presidente e o vice-presidente não tenham sido mortos – é o que os locutores ficavam dizendo.

Por baixo da tagarelice constante, a legenda móvel corria uma lista do pessoal do Serviço Secreto e da Casa Branca mortos no ataque. A cada dois minutos mais ou menos, Zach via passar na tela: agente William Hawley Griffin.

Algum tipo de milagre, Zach pensou.

Ao pôr do sol, seu fone tocou. Cade, dizendo-lhe que viesse ao Smithsonian, com instruções de como abrir a porta secreta.

Ele pegou outro terno, colocou sua gravata favorita e dirigiu até o museu.

Agora Cade estava olhando para ele, seus olhos avaliando Zach.

– Então, qual é a sua resposta? – Cade perguntou. – Vai pegar o serviço ou não?

Zach ficou levemente surpreso com a pergunta.

– Achei que eu não tinha escolha.

– Há sempre uma escolha. Ninguém jamais é um escravo.

– Griff disse que eu ficaria neste trabalho até me aposentar ou morrer. Ele disse que recusar não era uma opção.

– Não foi isso que ele disse a você – Cade falou. – Ele perguntou se você achava que seria capaz de ir embora. A pergunta fica: você consegue?

Zach sabia a resposta sem pensar:

– Não.

– Ótimo. O treinamento acabou. Temos trabalho a fazer.

Ele se afastou, indo até o computador. Zach tinha outra pergunta, no entanto.

– Vou acabar como Griff? – quis saber. – É assim que termina?

Cade parou.

– Há formas piores de partir – ele disse. – Isso muda sua resposta?

– Não – Zach disse.

– Então por que ainda estamos falando nisso?

– O funeral de Griff é amanhã em Arlington. Eu apenas pensei...

– Griff está morto.

Zach sentiu um acesso de irritação.

– Desculpe, você tinha planejado algo mais para nós?

– Sim – Cade disse. – Temos uma ponta solta.

– E aposto que vamos amarrá-la.

– Não – assegurou Cade. – Vamos cortá-la fora.

Uma Semana Depois, Acapulco, México

Dylan estava sentado no apartamento de condomínio de sua família e bebia cerveja.

Tudo fora perdoado. Tinha ido até seu pai e pedido desculpas. Contara ao velho sobre sua viagem ao Kuwait, onde trabalhou para o exército. O pai de Dylan realmente pareceu sentir orgulho dele. Ficou muito feliz por Dylan não ter sido ferido, dissera-lhe.

Após um ano como aquele, Dylan precisava de umas férias, disse seu pai. Deu-lhe uma passagem de avião e as chaves do apartamento no condomínio de Acapulco.

Dylan voltou ao sol, à areia, às gatinhas e à cerveja, mas não parecia a mesma coisa. Ele assistira a cobertura televisiva sobre o ataque à Casa Branca e vira os rostos dos homens e mulheres que haviam sido mortos. Khaled tinha quase conseguido. Ele tinha quase acabado com o presidente. Dylan não conseguia acreditar que tinha saído limpo.

Nas manhãs, quando acordava de ressaca e encarava a brilhante luz do dia no México sem quaisquer substâncias químicas em seu sistema, Dylan pensava sobre o que tinha feito. Tentava dizer a si mesmo que era a verdadeira vítima ali. Fora levado pelas circunstâncias. Khaled é que fora o sujeito malvado. Se Dylan não o tivesse ajudado, teria sido outra pessoa, certo?

E ele também não tinha sido pago.

Normalmente demorava várias cervejas para algo naquilo soar convincente, até mesmo para ele.

Estava cansado de ficar o dia todo na praia. Sol demais. Decidiu ficar em casa e assistir TV. Mesmo assim, não conseguia deixar de sentir que algo estava errado.

Talvez fosse o cara. Havia um cara, algum babaca arrogante vestindo terno, perambulando pelo balneário durante toda a semana. Parecia um funcionário do governo, de certa forma. Fazendo perguntas. Mas depois tinha ido embora e jamais chegou a falar com Dylan.

Então, por que ele ainda estava tão apreensivo? Bebeu mais cerveja. Passou pelos canais.

A tela deu uma piscada e ficou negra quando todas as luzes do apartamento se apagaram. Dylan derrubou sua cerveja. A energia tinha sido cortada.

Isso não era muito incomum no México. De qualquer maneira, levantou-se. Seu coração estava batendo forte contra sua caixa torácica. Suas mãos e pernas tremiam.

Ouviu algo no terraço. Quando foi checar, a porta estava aberta. Ele sabia que a fechara. Isso foi o suficiente. Tinha assistido vários filmes de terror e as vítimas sempre cometiam o mesmo erro: esperavam no local para descobrir o que estava acontecendo. Bem, dane-se aquilo. Correu para a porta do apartamento. Tropeçou.

Topou com a mesa de café. Então, bateu contra a parede, porém não era uma parede.

Alguém mais estava na sala, diante dele, bloqueando seu caminho, todo vestido de negro. Dylan tentou empurrá-lo para passar. O homem reagiu, jogando-o no sofá.

– Você não devia estar aqui – gaguejou. – Esta é a casa da minha família, você está em uma grande encrenca...

O homem falou, a voz mais gélida do que qualquer outra coisa.

– Dylan Weeks – ele disse. – Meu nome é Nathaniel Cade. Você é culpado de traição.

– Não – Dylan disse, lutando para ficar de pé. – Você pegou o cara errado, eu nunca...

– Você violou os corpos dos mortos. Traiu a confiança deles. E você traiu seu país.

Cade estava de repente bem em frente a ele novamente. Nada humano poderia se mover tão rápido. Dylan foi socado de novo ao chão.

– Não estou aqui para discutir – sentenciou Cade.

Dylan não gostou de como aquilo soou. Ficou de joelhos.

– Por favor. Eu não sabia. Sinto muito.

Cade pareceu achar graça.

– Sente muito? – Cade disse. – Você sente muito?

Dylan assentiu.

– Juro. Não fazia ideia.

– Isso muda tudo.

Por um décimo de segundo, Dylan achou que poderia se safar daquela encrenca. Perdoado. Então viu Cade sorrir e viu as presas. Ainda tentou gritar. Cade não permitiu que fizesse isso.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.



¹ No original em inglês. Forma russa para “ máfia” (N.T).

² Menção ao grupo norte-americano Halliburton, uma das maiores empresas do mundo em serviços para campos petrolíferos, que obteve, de maneira polêmica, contratos fundamentais para a economia iraquiana (N.T).

³ Marca da faca padrão usada pelas Forças Armadas dos Estados Unidos (N.T).

[4](#) Vice-chefe da Casa Civil na administração de George W. Bush (N.T).

[5](#) Série de jogos de computador e videogame cuja premissa é o roubo de carros, além da liberdade para matar e agredir (N.T.).

[6](#) Coquetel de vodka e suco de maçã, cidra ou licor de maçã (N.T.).

[7](#) “Escola” em árabe, termo atualmente mais usado no Ocidente para se referir a escolas religiosas islâmicas (N.T.).

[8](#) Soldado de Primeira Classe (N.T.).

[9](#) Sigla em inglês para Dispositivos Explosivos Improvisados (N.T.).

¹⁰ *Centers for Disease Control and Prevention*, órgão sanitário americano. Centro de Controle e Prevenção de doenças (N.T.).

¹¹ *Oilcan* – gíria antiga em inglês: pessoa interesseira e bajuladora, cheia de lisonja (*oil*) (N.T.).

¹² Termo usado para designar os mestiços da Louisiana (N.T.).

¹³ Feiticeiros vudus que teriam poderes para criar zumbis (N.T.).

[14](#) “Lung up” em inglês, expressão que pode significar tanto “pendurado” quanto “desligado”, se referindo a telefones. No caso, Cade fez um trocadilho.

[15](#) Departamento de Segurança Nacional dos EUA (N.T.).

[16](#) Personagem do seriado norte-americano *24 Horas* (N.T.).

[17](#) Na ordem: Franklin Delano Roosevelt, Works Progress Administration, John Fitzgerald Kennedy, Lyndon Baines Johnson (N.T).

[18](#) Aviões de patrulha e ataque pilotados por controle remoto (N.T).

[19](#) Gíria norte-americana do começo do século XX, equivalente a “pé na tábua”, apressar-se (N.T.).

[20](#) Grandpa Monster, personagem da antiga série americana *Os Monstros*, vampiro de bom temperamento (N.T.).

[21](#) Alfabeto coreano (N.T.).

[22](#) Dia da Vitória na Europa (N.T.).

[23](#) Grupo de oito universidades privadas dos EUA de prestígio internacional (N.T).

[24](#) Inventário Multi-fásico de Personalidade de Minissota, teste aplicado para detectar atributos da personalidade (N.T).

[25](#) Teaching Assistance – Auxiliar de Ensino (N.T).

[26](#) Trocadilho com Mata Hari, dançarina e cortesã condenada e executada por suposta espionagem durante a Primeira Guerra Mundial (N.T).

[27](#) *Minha Luta*, livro de Adolf Hitler no qual ele expressa ideias antissemitas, racistas e nacionalistas, adotadas pelo Partido Nazista (N.T.).

[31](#) “Se eu contar a você, terei que matá-lo”. Em latim no original (N.T.).

Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Agradecimentos](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[DOZE](#)

[TREZE](#)

[CATORZE](#)

[QUINZE](#)

[DEZESSEIS](#)

[DEZESSETE](#)

[DEZOITO](#)

[DEZENOVE](#)

[VINTE](#)

[VINTE E UM](#)

[VINTE E DOIS](#)

[VINTE E TRÊS](#)

[VINTE E QUATRO](#)

[VINTE E CINCO](#)

[VINTE E SEIS](#)

[VINTE E SETE](#)

[VINTE E OITO](#)

[VINTE E NOVE](#)

[TRINTA](#)

[TRINTA E UM](#)

[TRINTA E DOIS](#)

[TRINTA E TRÊS](#)

[TRINTA E QUATRO](#)

[TRINTA E CINCO](#)

[TRINTA E SEIS](#)

[TRINTA E SETE](#)

[TRINTA E OITO](#)

[TRINTA E NOVE](#)

[QUARENTA](#)

[QUARENTA E UM](#)

[QUARENTA E DOIS](#)

[QUARENTA E TRÊS](#)

[QUARENTA E QUATRO](#)

[QUARENTA E CINCO](#)

[QUARENTA E SEIS](#)

[QUARENTA E SETE](#)

[QUARENTA E OITO](#)

[QUARENTA E NOVE](#)

[CINQUENTA](#)

[CINQUENTA E UM](#)

[CINQUENTA E DOIS](#)

[CINQUENTA E TRÊS](#)

[CINQUENTA E QUATRO](#)

[CINQUENTA E CINCO](#)

[CINQUENTA E SEIS](#)

[CINQUENTA E SETE](#)

[CINQUENTA E OITO](#)

[CINQUENTA E NOVE](#)

[SESSENTA](#)

[SESSENTA E UM](#)

[SESSENTA E DOIS](#)

[SESSENTA E TRÊS](#)

[SESSENTA E QUATRO](#)

[SESSENTA E CINCO](#)

[SESSENTA E SEIS](#)

[SESSENTA E SETE](#)

[SESSENTA E OITO](#)

[SESSENTA E NOVE](#)

[EPÍLOGO](#)

[Informações](#)